



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**AMANDA GONÇALVES SERAFIM**

**“ABRAÇOS DO VELHO”: ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A  
CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE ANTROPOLOGIA**

**CAMPINAS**

**2021**

**AMANDA GONÇALVES SERAFIM**

**“ABRAÇOS DO VELHO”: ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A  
CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE ANTROPOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção o título de Mestra em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELA ALUNA AMANDA  
GONÇALVES SERAFIM E ORIENTADA  
PELO PROFESSOR DOUTOR CHRISTIANO  
KEY TAMBASCIA

**CAMPINAS**

**2021**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Se65a Serafim, Amanda Gonçalves, 1992-  
"Abraços do Velho" : Roberto Cardoso de Oliveira e a construção de um projeto de antropologia / Amanda Gonçalves Serafim. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Christiano Key Tambascia.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cardoso de Oliveira, Roberto, 1928-2006. 2. Antropologia - Brasil - História. 3. Arquivos. 4. Antropologia - América Latina. I. Tambascia, Christiano Key, 1976-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** "Abraços do velho" : Roberto Cardoso de Oliveira and the construction of an anthropology project

**Palavras-chave em inglês:**

Anthropology - Brazil - History

Archives

Anthropology - Latin America

**Área de concentração:** Antropologia Social

**Titulação:** Mestra em Antropologia Social

**Banca examinadora:**

Christiano Key Tambascia [Orientador]

Luís Felipe Bueno Sobral

Luísa Valentini

**Data de defesa:** 22-02-2021

**Programa de Pós-Graduação:** Antropologia Social

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3020-5993>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6532828834048281>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 22 de fevereiro de 2021, considerou a candidata Amanda Gonçalves Serafim aprovada.

Prof. Dr. Christiano Key Tambascia – Presidente da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Luís Felipe Bueno Sobral.

Profa. Dra. Luísa Valentini.

*A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*

*Dedico este trabalho aos meus pais,*

*Mara e Milton*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº 2017/26452-6) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (código de financiamento 001) – Convênio FAPESP/CAPES – pelo suporte financeiro para a realização do mestrado. À FAPESP agradeço ainda o financiamento de meu período de pesquisa na Cidade no México (processo nº 2019/11151-6). Sem esses investimentos a pesquisa que apresento aqui não teria sido possível.

Se já era claro para mim que sem uma rede de apoio e de afetos eu não teria chegado até aqui, essa pesquisa me fez vivenciar ainda mais essa questão. Agradeço a oportunidade de através da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira e de algumas de suas relações pessoais ter aprendido tanto, para além do que fui capaz de produzir nessa dissertação. Se para os interlocutores dessa pesquisa falar sobre seu colega, pai, professor e/ou orientador era também falar sobre suas próprias trajetórias, refletir sobre a história da antropologia é também compreender um pouco melhor o caminho que me faz chegar até aqui e das pessoas que vieram antes de mim.

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e ao Departamento de Antropologia por esses nove anos de formação. Agradeço especialmente a John Manuel Monteiro (*in memoriam*) e Heloísa Pontes por terem contribuído com meu encantamento pela antropologia desde meu primeiro ano de graduação. Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, às professoras Nashieli Rangel Loera, Isadora Lins França, Suely Kofes, Fabiana Bruno, e ao professor, José Maurício Arruti, pelas disciplinas ministradas no mestrado, assim como todo apoio acadêmico e institucional. Agradeço também a Tatiana Yoshida e Márcia Goulart por todo auxílio nas questões mais burocráticas do PPGAS.

A Luís Felipe Sobral, Luísa Valentini, Gustavo Rossi e Fernanda Arêas Peixoto agradeço terem aceitado compor a banca de defesa de minha dissertação. Ao Felipe e ao Gustavo agradeço ainda todos os comentários generosos e instigantes durante a minha qualificação.

A todas e todos os funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth que tão generosamente me receberam em 2016 quando eu comecei a trabalhar com os arquivos e que continuam me abrindo as portas desde então. Um especial agradecimento ao setor de

processamento técnico que tanto me ensinou nessa trajetória, a Sílvia Rosana Modena Martini, Livia Cristina Corrêa, Tainá Guimarães Paschoal e Maria da Conceição dos Santos.

A Luís Roberto Cardoso de Oliveira, Carlos Rodrigues Brandão, Roque de Barros Laraia, Julio Cezar Melatti, Roberto DaMatta, Teresa Rojas Rabiela, Miguel Alberto Bartolomé, Virgínia Garcia Acosta, Myriam Jimeno e Gustavo Lins Ribeiro por terem aceitado abrir suas casas e seus escritórios para que eu pudesse ouvir um pouco sobre suas histórias junto ao Roberto, assim como sobre suas vidas e sobre a história da antropologia no Brasil e na América Latina. Serei eternamente grata por ter podido vivenciar essas experiências.

Ao *Centro de Investigaciones y Estudios en Antropología Social* (CIESAS) por ter me aceitado como estudante hóspede e ter me oferecido o acesso às suas instalações no México. Assim como às funcionárias do Arquivo Histórico da instituição, Elizbel Morales Martínez e Luisa Carlota Morales Ortiz, por terem me recebido diariamente por quase dois meses. Agradeço especialmente ao Mariano Báez Landa por ter aceitado ser meu supervisor, assim como me apoiar antes, durante e depois de minha estadia no México e ter também concedido uma entrevista para a pesquisa. Não poderia deixar de mencionar Maurício Sánchez Alvarez por ter me emprestado a câmera que usei em quase todas as entrevistas no país, assim como pela escuta sempre atenta à minha pesquisa.

Aos amigos queridos que fiz durante esses nove anos em Campinas. A Gabriela Goulart, Natália Schimidt, Ingrid Possari, Marina Negri, Nai Ian Medeiros e Laura Nice por terem compartilhado e dado muito apoio em nossos anos de graduação. Ao Silvio Rogerio do Santos, amigo que ganhei na graduação e que segue firme na parceria até os dias de hoje.

À Thais Lassali que começou como colega de trabalho no AEL, mas que passou a ser vizinha, parceira de orientação e amiga. Meu caminho cruzou com duas Anas Carolinas de Piracicaba enquanto eu me preparava para o processo seletivo do mestrado, sorte a minha que fomos aprovadas no mesmo ano e que nossos caminhos seguem juntos até hoje: além de todos os momentos da pós-graduação, agradeço à Ana Carolina Saviolo por ter também compartilhado comigo muitos momentos fora dos espaços acadêmicos; à Ana Carolina Rodegher por se fazer sempre presente mesmo quando a gente esteve mais distante geograficamente (eu no México, ela na França), além de ter lido grande parte dos textos que escrevi ao longo dessa pesquisa.

Aos meus grandes amigos, com quem compartilhei também a casa, Lilian Cardoso e Douglas Silva: à Lilha por trazer mais leveza e felicidade nesses anos; e ao Dodo por ter sido

o melhor amigo e companheiro de casa (por oito anos!), além de ter me permitido viver junto com o Margô e com o Rabisco.

Não posso deixar de agradecer também à Daniele Guedes, que foi a minha primeira amiga na graduação, mas decidiu seguir outros rumos, sorte a minha que essa breve vivência em Campinas permitiu que seguíssemos juntas, ainda que em cidades diferentes. À Andressa Pita agradeço a nossa amizade de mais de vinte anos e a sempre me ensinar o quanto podemos aprender com quem é diferente da gente.

Agradeço ao Christiano Tambascia, meu orientador, por todos os anos de colaboração. Conheci o Chris no meu segundo ano de graduação, quando ele foi meu professor de “Antropologia III” e eu ainda estava em busca de meus interesses de pesquisa. Desde então participei dos grupos de estudo e de orientação, fiz mais três disciplinas, fui bolsista em um projeto de trabalho técnico da FAPESP e produzi essa pesquisa, todos organizados ou orientados por ele. Com o Chris, além de aprender antropologia, eu aprendi como a academia por ser muito generosa (e espero poder passar esse aprendizado adiante).

Agradeço aos colegas também orientandos do Chris por todas as leituras e contribuições com minha dissertação e projetos de pesquisa. Agradeço também aos colegas do Laboratório de Etnografias, História e Documentos (LEHDOC), ainda que eu não tenha conseguido participar tanto quanto eu desejava dos encontros, as discussões e bibliografias ajudaram muito na escrita da dissertação.

Ao Clerbe Martins de Souza agradeço todo o companheirismo e acolhimento da nossa relação, a todas as revisões e leituras do meu trabalho, e a todo o apoio, afeto e incentivo. Agradeço muito os nossos caminhos terem se cruzado de verdade em 2018 e espero que sigam juntos por muito tempo.

Agradeço ao meu avô Euclides Gonçalves e à minha avó Aparecida June Dezotti Gonçalves (*in memoriam*) por terem acreditado desde sempre na importância da educação, mesmo que eles não tenham tido essa oportunidade; ao meu avô José Serafim Filho e à minha avó Josefa Eunice Almeida Serafim (*in memoriam*) por terem me dado uma segunda casa na minha infância. À Darcy Sousa agradeço por todo acolhimento, reza e proteção.

Eu não tenho palavras para agradecer aos meus pais, Milton Almeida Serafim e June Mara Dezotti Gonçalves Serafim, o suficiente por todo o apoio que eles me deram e dão nessa vida. Agradeço pelo ambiente acolhedor e de diálogo com que eu cresci, por me deixarem fazer as minhas escolhas e apoiá-las, por me deixarem ir com a certeza que eu sempre tenho um

lugar para voltar e por terem sempre acreditado na importância e no incentivo à educação. Se hoje eu estou aqui é porque eu recebi tudo isso de vocês. À minha irmã, Mariana Gonçalves Serafim, eu agradeço por toda a inspiração, acolhimento e por me ensinar, desde pequena, a olhar para as diferenças com generosidade.

Eu não poderia terminar essas palavras sem agradecer ao próprio Roberto Cardoso de Oliveira (*in memoriam*). Ainda eu não tenha conhecido o Roberto, foi através de seu trabalho e de sua vida que eu me debrucei por esses três anos. Agradeço a tudo o que eu aprendi junto a ele nesse processo e a todas as contribuições que ele deixou para a história da antropologia no Brasil.

Verão ou inverno, é sempre gelado; os dedos se entorpecem ao decifrá-lo ao mesmo tempo que se tingem de poeira fria no contato com seu papel pergaminho ou *chiffon*. É pouco legível a olhos mal exercitados ainda que às vezes venha revestido de uma escrita minuciosa e regular.

Arlette Farge

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem como objetivo refletir sobre a trajetória intelectual de Roberto Cardoso de Oliveira e seu projeto de antropologia, que aglutinou a criação de programas de pós-graduação em mais de uma instituição e uma reflexão sobre a forte imbricação entre ensino e pesquisa de campo. Além disso, busca analisar o escopo de seus esforços para a constituição de associações científicas de antropólogos e para a consolidação de parcerias internacionais. Viso com isso contribuir com a historiografia produzida acerca da antropologia no Brasil, especificamente em sua fase de profissionalização nas últimas décadas do século passado, mas também a elucidar um capítulo menos lembrado da história da disciplina, dado que Cardoso de Oliveira é um dos mais conhecidos e celebrados antropólogos no país: trata-se também de investigar sobre suas relações com outros intelectuais e outros projetos de antropologia na América Latina. Para isso, a pesquisa foi realizada por meio de análise documental em três arquivos distintos: o fundo de Roberto Cardoso de Oliveira, depositado no Arquivo Edgard Leuenroth; o fundo de Guillermo Bonfil Batalla, localizado no Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social*; e o acervo da Associação Latino-americana de Antropologia. Foram também realizadas entrevistas com antropólogos brasileiros e latino-americanos que atuaram junto a Cardoso de Oliveira nas diferentes esferas desse seu projeto para a disciplina. Espera-se, assim, desenvolver uma dupla reflexão: primeiro, apresentar uma nova perspectiva, com a análise de correspondências e outros documentos pessoais e institucionais, de um dos principais responsáveis pela institucionalização da antropologia no Brasil (participando da criação dos programas de pós-graduação no Museu Nacional, na Universidade de Brasília e na Universidade Estadual de Campinas) e proponente de uma história da disciplina no país; segundo, como avaliar as possibilidades heurísticas de uma etnografia dos arquivos que contribua com novas informações deste antropólogo e de sua obra. Além disso, pretende-se somar à discussão as parcerias estabelecidas entre diversos sujeitos desde suas atuações nas antropologias no Brasil, no México e também no contexto mais amplo da América Latina, a partir do empenho em recuperar o trabalho que Cardoso de Oliveira desenvolveu nesses lugares.

**Palavras-chave:** Cardoso de Oliveira, Roberto; Antropologia – Brasil – História; Arquivos; Antropologia – América Latina.

## ABSTRACT

This master's thesis aims to reflect on the intellectual trajectory of Roberto Cardoso de Oliveira and his anthropology project, which brought together the creation of graduate programs in more than one institution, and a reflection on the strong overlap between teaching and research. It also aims to analyze the scope of his efforts to establish scientific associations of anthropologists and to consolidate international partnerships. I aim to contribute to the historiography produced about anthropology in Brazil, specifically in its professionalization period in the last decades of the last century, but also to elucidate a less remembered chapter in the history of the discipline, given that Cardoso de Oliveira is one of the best known and celebrated anthropologists in the country: it is also about investigating their relations with other intellectuals and other anthropology projects in Latin America. In order to do so, the research was carried out by means of analysis of documents in three distinct archives: the Roberto Cardoso de Oliveira fund, deposited in the Edgard Leuenroth Archive; the Guillermo Bonfil Batalla fund, located in the Archives of the *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social*; and the collection of the Latin American Association of Anthropology. Interviews were also conducted with Brazilian and Latin American anthropologists who worked with Cardoso de Oliveira within the different spheres of his project for the discipline. The objective is, therefore, to develop a twofold reflection: first, to present a new perspective, with the analysis of correspondences and other personal and institutional documents, of one of the people most responsible for the institutionalization of anthropology in Brazil (participating in the creation of graduate programs at the National Museum, at the University of Brasília and at the State University of Campinas) and proponent of a history of the discipline in the country; and second, to evaluate the heuristic possibilities of an ethnography of the archives that contributes with new information concerning this anthropologist and his work. In addition, the intention is to add to the discussion the partnerships established between different subjects and their work in anthropologies in Brazil, Mexico and also in the wider context of Latin America, based on the effort to recover the work that Cardoso de Oliveira developed in these places.

**Keywords:** Cardoso de Oliveira, Roberto; Anthropology – Brazil – History; Archives; Anthropology – Latin America.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Alcida Rita Ramos – 30 de abril de 1988	68
<b>Imagem 2:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Darcy Ribeiro – 20 de março de 1978	82
<b>Imagem 3:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a David Maybury-Lewis – 12 de janeiro de 1987	90
<b>Imagem 4:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a David Maybury-Lewis – 14 de fevereiro de 1986	107
<b>Imagem 5:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Mariza Peirano – 24 de julho de 1990	113
<b>Imagem 6:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Carlos Rodrigues Brandão – 21 de março de 1990	118
<b>Imagem 7:</b> Anuncio oficial da EAFORD – Prêmio Internacional pela Promoção do Entendimento Humano – 4 de abril de 1979	130
<b>Imagem 8:</b> Contato fotográfico 11 – “1961 – Mariana – Reunião da ABA” – 1961	141
<b>Imagem 9:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Roque de Barros Laraia – 17 de dezembro de 1990	144
<b>Imagem 10:</b> Carta de Guillermo Bonfil Batalla a Roberto Cardoso de Oliveira – 6 de dezembro de 1969	164
<b>Imagem 11:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Rodolfo Stavenhagen – 21 de março de 1968	171
<b>Imagem 12:</b> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Guillermo Bonfil Batalla – 2 de março de 1971	174
<b>Imagem 13:</b> Carta de Guillermo Bonfil Batalla a Roberto Cardoso de Oliveira – 29 de abril de 1980	178

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	16
Caminhos da pesquisa	16
“Abraços do velho”	21
Considerações metodológicas	29
Estrutura da dissertação	37
<b>Capítulo 1: A fricção interétnica e os primeiros programas de pós-graduação</b>	40
1.1. O caminhar da filosofia às sociedades indígenas	41
1.1.1. Iluminando a face escura da lua e o Museu do Índio	41
1.1.2. Fricção interétnica e o Museu Nacional	50
1.1.3. O Anuário Antropológico e a UnB	64
1.2. A indissociabilidade das relações	77
1.2.1. Outras trajetórias antropológicas	77
1.2.1.1 Darcy Ribeiro	80
1.2.2. As relações profissionais e pessoais na construção da antropologia no Brasil	88
1.3. Lista de pessoas e instituições	100
<b>Capítulo 2: As antropologias periféricas e a consolidação da disciplina</b>	105
2.1. O encontro da epistemologia com a antropologia	106
2.1.1. Estilos de antropologia e a Unicamp	106
2.1.2. O (retorno do) trabalho do antropólogo (e) a UnB	127
2.2. Um projeto de consolidação da antropologia no Brasil e da constituição de uma memória	131

2.2.1. A chegada do fundo Roberto Cardoso de Oliveira (ou fundo de História da Antropologia no Brasil) na Unicamp	131
2.2.1.1. Apresentando os documentos	142
2.2.2. A multiplicidade de uma memória	147
2.3. Lista de pessoas e instituições	153
<b>Capítulo 3: As relações com a América Latina e a união de dois projetos acadêmicos</b>	<b>156</b>
3.1. Caminhos de um projeto latino-americano de antropologia	157
3.2. A união de dois projetos pessoais	187
3.2.1. As relações interétnicas e a antropologia mexicana no final do século XX	187
3.2.2. Rede latino-americana e antropologias periféricas	199
3.3. Lista de pessoas e instituições	206
<b>Considerações finais: uma trajetória singular?</b>	<b>210</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>217</b>
Arquivos consultados	217
Entrevistas	217
Entrevistas realizadas por terceiros	218
Livros e Artigos	219
<b>Anexos</b>	<b>229</b>
Cronologia de Roberto Cardoso de Oliveira	229
Produção bibliográfica de Roberto Cardoso de Oliveira	232

## Introdução

Nós, seus primeiros alunos, o chamávamos escondido de “RCO”. Era um segredo de polichinelo porque ele sabia e gostava, já que a redução do nome às iniciais era uma forma de institucionalização; uma admissão precoce da perenidade que ele, naquela época jovem, tanto almejava. Nas aulas e nos seminários, discutíamos com o “Roberto”, que nas suas intervenções jamais dispensava a moldura filosoficamente inspirada, disciplina que o havia formado e com a qual teve uma ligação profunda até a sua morte nesta última sexta, dia 21. Mas o tratamento sem formalismo e a saudável camaradagem brasileira não significa nenhuma ultrapassagem de sua autoridade de mentor intelectual que constituía o seu modo de ser. Aquilo era algo que fazia parte natural de sua vida, como as asas são parte de um passarinho. Sendo eu também um “Roberto”, mas aluno, logo descobri que o nome não era exclusivo. Contentei-me então em ser conhecido como “Matta”, nome de guerra mais do que perfeito (ainda que exagerado!) porque, entre outras funções, não deixava dúvidas sobre quem era o “Roberto” naquele grupo (Roberto DaMatta).<sup>1</sup>

## Caminhos da pesquisa

---

<sup>1</sup> DAMATTA, 2009, p. 55. Escolhi utilizar trechos da crônica de Roberto DaMatta (1936-) em todos os capítulos dessa dissertação, porque ela permite destacar as várias faces da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira que são descritas ao longo do texto. Mas principalmente porque ela também já antecipa um ponto central que permeou toda a pesquisa: a imbricação entre as relações pessoais e institucionais que estiveram presentes na forma como a antropologia se constituiu, nas correspondências que consultei e nas entrevistas que realizei. Esse trecho escolhido para a introdução traz justamente o início da crônica e traz também elementos que compuseram o começo da carreira de DaMatta, mas também de seu professor (a mudança para o Museu do Nacional e onde de fato inicia a construção de seu projeto de antropologia). Além disso, a questão da nomeação apresentada aqui leva também as reflexões do título dessa dissertação, “Abraços do velho”, assinatura usada em várias das cartas enviadas por Cardoso de Oliveira – e que são também objeto de análise dessa seção.

Eu não consigo lembrar da sensação que tive ao visitar o prédio do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) pela primeira vez. Sei que, apesar de passar por ele algumas vezes para chegar às aulas do Instituto de Economia, uma vez que encontra-se ao lado deste, apenas do outro lado da rua, decorreram-se quatro anos do curso de Ciências Sociais para que eu entrasse naquele prédio branco pertencente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), o mesmo que frequentei durante a graduação. Durante a minha primeira visita, em 2015, fui guiada por Maria Dutra, funcionária antiga do Arquivo que conhece muito bem boa parte da história contida naqueles papéis, e pelo meu orientador Christiano Key Tambascia, que, à época, era o diretor adjunto do AEL. Lembro-me de circular por grande parte do prédio e ver os outros funcionários, que, até então, eu não conhecia. Recordo também da sala de pesquisa vazia, a temperatura do acervo, as estantes deslizantes, a abundante documentação sobre história da antropologia, as pastas acondicionadas, a sala de fotografia. Ainda não me esqueço das orientações em relação ao uso do material: não consumir água em cima dos documentos, sempre usar as luvas e as máscaras que eram disponibilizadas, que é proibido o uso de canetas, que é preciso o preenchimento de fichas para consultar as pastas, que podiam ser solicitadas até três ao mesmo tempo (mas era recomendável consultar apenas uma por vez). Lembro a primeira vez que vi o catálogo do fundo Roberto Cardoso de Oliveira, que me dei conta da quantidade de pastas, mas lembro também a forma de descrição dos documentos que eu não conhecia, a correspondência ativa, passiva e de terceiros, documentação institucional, pessoal, siglas de instituições, títulos de projetos, etc. Lembro a primeira vez que abri uma pasta do AEL (coincidentalmente era a primeira vez que eu abria uma pasta de documentos de um arquivo), a sensação de não saber muito bem o que fazer, o que era importante anotar, bem como recordo do cansaço de um trabalho com que seu corpo e sua cabeça ainda não estão acostumados. Após o primeiro dia de contato, vieram alguns outros, mas ainda sentia-me buscando aprender como orientar-me neste espaço, ainda de forma inicial; uma tentativa de conhecer o material para uma futura pesquisa.

O AEL foi criado em 1974, com a chegada de documentos reunidos por Edgard Leuenroth (1881-1968), jornalista anarquista que fundou e contribuiu com diversos jornais e periódicos no país<sup>2</sup>. Atualmente abriga documentos relacionados à história social, política e cultural do Brasil e da América Latina, além de documentos relacionados às diversas pesquisas

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis na página do arquivo. Disponível em: <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/historico>> & <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

realizadas no instituto, bem como de história intelectual – explorarei com mais detalhes o trabalho desenvolvido no arquivo no segundo capítulo.

O plano, a princípio, era realizar um trabalho com este material logo em seguida a esse primeiro contato, mas este acabou sendo interrompido por um tempo. Ainda assim, a partir dessa experiência, não me afastei mais dos arquivos desde então. O contato com o acervo do AEL seria retomado apenas algum tempo depois. Antes, realizei intercâmbio acadêmico no Chile<sup>3</sup>, onde cursei uma disciplina sobre arquivos e história. Conheci outros arquivos, escolares, públicos, privados, e realizei minha primeira experiência mais intensa com eles, por meio de um trabalho semanal que visava a leitura e descrição de documentos, para propor uma organização dos mesmos. Essa primeira experiência ocorreu no arquivo da *Vicaría de la Solidaridad*, uma organização que pertenceu à Igreja Católica no Chile e que serviu como apoio às vítimas da ditadura militar do país. O trabalho consistiu na organização de alguns documentos relacionados à repressão nas universidades e nas escolas nesse período. Esta pesquisa não foi feita individualmente, mas junto com dois colegas, hoje historiadores formados pela Universidade Católica do Chile.

Ao regressar para o Brasil, retornei ao AEL e comecei um trabalho de organização junto a alguns arquivos de história da antropologia, atividade financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), com uma bolsa de Treinamento Técnico<sup>4</sup>. Trabalhei descrevendo, organizando e digitalizando parte dos documentos institucionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e os documentos de Peter Fry<sup>5</sup> (1941-)<sup>6</sup>, um dos fundadores do departamento de antropologia da Unicamp.

Esse projeto, que durou quase dois anos, me proporcionou, primeiramente, uma experiência maior no trato com os documentos, na forma como eu os lia individualmente e em

---

<sup>3</sup> Intercâmbio realizado na *Pontificia Universidad Católica de Chile* no segundo semestre de 2015, com financiamento do programa “Humanas Sem Fronteiras” da Unicamp. Além de disciplinas da graduação em antropologia, cursei também uma aula como ouvinte do curso de história da instituição.

<sup>4</sup> Processo nº 2016/09884-7, com vigência de junho de 2016 a fevereiro de 2018.

<sup>5</sup> Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pesquisas nas áreas de religião, sexualidade e relações raciais.

<sup>6</sup> Esses projetos eram vinculados à pesquisa realizada pelo professor Christiano Key Tambascia intitulada *Constituindo arquivos: a produção da memória para a história da antropologia através do colecionismo de Nimuendajú e Fagg*. Três projetos vinculados foram aprovados pela Fapesp: *Memória da Antropologia no Brasil: o acervo institucional da Associação Brasileira de Antropologia*, *A institucionalização das ciências sociais no Brasil: raça e internacionalização da ciência através da análise do acervo de Donald Pierson* e *A antropologia produzida na Unicamp: 40 anos*. Além de mim, participaram também outros dois bolsistas: Marcos Pedro Magalhães Rosa e Thais Farias Lassali. Parte dos resultados desse trabalho pode ser encontrado em um artigo sobre as potencialidades de pesquisa no arquivo da ABA e sua forma de organização (LASSALI; SERAFIM; TAMBASCIA, 2018).

conjunto, além da maneira como eu acabei sistematizando-os em minha pesquisa. Um segundo ponto a ser destacado sobre esta experiência mais prolongada com os acervos da história da antropologia do AEL é o maior contato com a disciplina, tal como feita no Brasil, que fui adquirindo nesse período: tomei conhecimento de projetos desenvolvidos pela ABA e por alguns dos principais antropólogos e antropólogas que trabalharam no país, além de conhecer essas pessoas e as redes formadas pelas mesmas, algumas das principais instituições de ensino e pesquisa em antropologia, bem como a história desses processos. Um terceiro desdobramento desta pesquisa está relacionado com o meu vínculo com a instituição: a partir da bolsa de treinamento técnico, eu passei a trabalhar não mais na sala de pesquisa e sim dentro de uma das salas do setor de processamento técnico do arquivo, passei a ter acesso direto ao acervo, local onde as pastas estão acondicionadas, a ter uma relação mais direta com as funcionárias e funcionários do arquivo e, inclusive, a participar das atividades de confraternização que ocorriam periodicamente no AEL (todo mês comemora-se os aniversariantes daquele período, com salgados e doces trazidos pelas pessoas para serem compartilhados). Dessa maneira, meu vínculo com o espaço e com as pessoas deixou de ser de uma pesquisadora que apenas utiliza esse espaço público, para alguém que estava de fato dentro da instituição.

Com o início do meu mestrado, em 2018, eu passei a realizar essa pesquisa utilizando como material de análise os documentos pessoais e institucionais de Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), acervo que eu já conhecia, mas com o qual ainda não havia trabalhado detidamente até então. A partir dessa relação anterior, ficou acordado que eu continuaria usando a sala do processamento técnico e tendo o mesmo livre acesso ao acervo. Em contrapartida, me dispus a conferir e a atualizar a listagem que já existia no fundo e a disponibilizar os materiais produzidos através do meu trabalho com os documentos: por exemplo, as várias tabelas de descrição que passei a criar. No decorrer da pesquisa, o fundo passou por uma reorganização interna, de modo a inserir e organizar no arquivo os documentos que chegaram em tempos recentes (conto a história da chegada deste acervo, que aconteceu ao longo de vários anos, no capítulo 2), o que acabou impactando, de alguma maneira, a referência que eu tinha de localização, ou seja, as pastas em que eles se encontravam fisicamente, embora o livre acesso tenha me permitido continuar trabalhando com os documentos mesmo nessa fase, de maneira a reduzir os impactos dessa reorganização no desenvolvimento da dissertação. É importante reforçar que a política do AEL permite o acesso público e gratuito aos documentos sob sua guarda a qualquer interessado no material, inclusive aos que ainda estão aguardando o

processamento técnico<sup>7</sup>. Dessa forma, a questão sobre o meu acesso é explorada ao longo dessa dissertação como uma perspectiva distinta, que relaciona uma mediação mais direta a esses documentos, como a minha participação na produção de um material que auxiliou na nova classificação do fundo documental. Com isso quero dizer que essa experiência também possibilitou me debruçar mais sobre os ordenamentos internos da própria instituição e das minhas próprias relações desenvolvidas nesse espaço. Como buscarei desenvolver mais adiante, trago em alguns momentos registros mais descritivos da minha pesquisa, seja ela com os documentos ou com as entrevistas, por acreditar que a forma como eu conduzi esse trabalho tem um impacto direto na construção da minha perspectiva sobre a trajetória e o trabalho de Cardoso de Oliveira.

Entre 2019 e 2020, realizei um estágio na Cidade do México, por meio de uma Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE)<sup>8</sup> da Fapesp. Durante esse período da pesquisa, passei a ter contato com outros dois novos arquivos, de alguma forma associados à figura que eu havia elegido como eixo central da minha dissertação, Roberto Cardoso de Oliveira: o Fondo Guillermo Bonfil Batalla, pertencente ao arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS), e o arquivo particular da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA). Esse novo material despertou, à luz de minha investigação, questões que aglutinam vários esforços de pesquisa de Cardoso de Oliveira – além de terem propiciado o contato com esses outros fundos e arquivos, particulares e públicos.

De volta ao Brasil, analisando os cinco anos desde a minha primeira visita ao AEL, enquanto começava finalizar a escrita da dissertação, percebo que o prédio branco já não é mais apenas branco, recebeu algumas intervenções artísticas em seus muros. O número de fundos aumentou, tanto de história da antropologia, como relativos a outros temas. Alguns funcionários e alguns pesquisadores não trabalhavam mais no Arquivo e havia outros tanto novos. Por outro lado, as orientações básicas continuavam as mesmas, apesar das normas de organização estarem em contínua discussão e atualização. As pastas documentais relativas à história da antropologia continuavam na mesma sala, nas mesmas duas estantes deslizantes, e o espaço era basicamente o mesmo, exceto por algumas mesas e estantes em posições diferentes. Percebo, entretanto, que mesmo com as muitas ou poucas mudanças em diversos setores do funcionamento do AEL, a

---

<sup>7</sup> Dados disponíveis na página do arquivo. Disponível em: <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/atendimento>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

<sup>8</sup> Processo nº 2019/11151-6, com vigência de novembro de 2019 a março de 2020, vinculado à bolsa de mestrado que financiou a execução da pesquisa realizada no Brasil (processo nº 2017/26452-6, com vigência de novembro de 2018 a novembro de 2020).

minha relação com o espaço e com os documentos mudara bastante com o passar dos anos: através dos vínculos e dos conhecimentos construídos, a pesquisa que poderia ter iniciado em 2015 (se os caminhos tivessem sido outros) não é a mesma pesquisa que construo hoje e sobre a qual apresento os resultados a seguir.

### **“Abraços do velho”**

A pesquisa está centrada na trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira e na constituição de seu projeto de antropologia. Chamo dessa forma as diversas iniciativas que o intelectual desenvolveu ao longo de seu trabalho, como uma preocupação em criar espaços de profissionalização para os antropólogos no país (através do desenvolvimento de novos programas de pós-graduação) com a expansão de um modelo de dedicação integral ao ensino e à pesquisa (atrelada à defesa sobre a importância da pesquisa de campo), desenvolvendo novos fluxos de parcerias de pesquisa e espaços de cooperação entre os praticantes da disciplina (com o investimento na criação de novas associações e no desenvolvimento de algumas já existentes), além do estímulo à excelência da produção teórica. Para isso, trago como material etnográfico as correspondências que trocou com diversos pesquisadores nacionais e internacional, bem como outros documentos institucionais que Cardoso de Oliveira reuniu e preservou ao longo de sua vida, e que foi doado ainda na década de 1980, através do Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB), coordenado pela professora Mariza Corrêa (1945-2016) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)<sup>9</sup>.

Junto ao trabalho documental realizado no fundo Roberto Cardoso de Oliveira<sup>10</sup>, realizei também pesquisa com fundo de Guillermo Bonfil Batalla<sup>11</sup>, depositado no arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS)*, e o acervo da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA)<sup>12</sup> cedido pela antropóloga Teresa Rojas Rabiela, que foi secretária da associação na década de 1990. Consultei essa multiplicidade de documentos para compreender também as relações e os esforços de cooperação desenvolvidos por Cardoso de Oliveira com o México e com a América Latina,

---

<sup>9</sup> O PHAB e o AEL serão apresentados com mais detalhes no segundo capítulo.

<sup>10</sup> O fundo Roberto Cardoso de Oliveira contém 601 pastas de documentação textual.

<sup>11</sup> O fundo Guillermo Bonfil Batalla contém 122 pastas de documentação textual.

<sup>12</sup> O acervo da ALA contém 19 pastas.

lugares onde seu trabalho gerou ecos significativos e, ao mesmo tempo, nem sempre referenciados quando se fala de sua trajetória.

Além da pesquisa com os documentos, foram produzidos depoimentos com antropólogos brasileiros e latino-americanos que constituíram uma parceria pessoal e profissional com Cardoso de Oliveira (é por esta razão, apontando para a importância das redes de interlocução produzidas e mantidas pelo antropólogo, que os entrevistados aparecem também no material documental consultado). As entrevistas foram feitas com Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1953-), seu filho mais velho e com quem trabalhou na UnB ao final de sua vida; Carlos Rodrigues Brandão (1940-), que foi seu orientando de mestrado na UnB e com quem trabalhou na Unicamp; Roque de Barros Laraia (1932-), que foi seu aluno do curso de especialização do Museu Nacional e depois foi estagiário da mesma instituição, chegando a trabalhar com Cardoso de Oliveira posteriormente na UnB; Julio Cezar Melatti (1938-), que também foi aluno do curso de especialização do Museu e trabalhou na UnB; Roberto Augusto DaMatta, outro aluno do curso de especialização do Museu, além de ser estagiário da mesma instituição; Teresa Rojas Rabiela, que foi secretária da ALA na gestão de Cardoso de Oliveira, além de ter sido diretora do CIESAS; Miguel Alberto Bartolomé, que é um discípulo antigo de Cardoso de Oliveira, com quem estabeleceu um forte diálogo no México; Virginia García Acosta (1952-), que foi sua aluna no CIESAS e participou do intercâmbio de pesquisadores mexicanos no Brasil impulsionados por ele; Myriam Jimeno (1948-), que foi vice-presidente da região Andina na ALA durante a gestão de Oliveira e foi sua orientanda de doutorado na UnB; Gustavo Lins Ribeiro que foi seu aluno e orientando<sup>13</sup> de mestrado na UnB; e Mariano Báez Landa, que seu aluno no doutorado na Unicamp e atual responsável mexicano pela Cátedra Internacional Roberto Cardoso de Oliveira.

Ao longo da dissertação irei trazer trechos mais descritivos, sobre minha experiência de pesquisa, de forma a situar as entrevistas feitas por mim. São textos de teor mais reflexivo, extraídos de minhas anotações de campo e fundamentados no suposto que uma análise econômica sobre aspectos subjetivos do trabalho etnográfico, que ajudam a situar o contexto em que foram feitas estas entrevistas, tornando-as mais concretas para o leitor. Acredito que, tal como farei com os documentos, as entrevistas me forneceram mais do que informações objetivas sobre Cardoso de Oliveira e foram importantes para o próprio

---

<sup>13</sup> Devido ao período em que Roberto Cardoso de Oliveira atuou como professor visitante no México, no final do mestrado de Lins Ribeiro, a antropóloga Lygia Sigaud (1945-2009) terminou o processo de orientação. Mas Cardoso de Oliveira fez parte da banca da dissertação e foi influência decisiva na formação de Lins Ribeiro.

desenvolvimento da pesquisa. A minha experiência, conversando com amigos, ex-alunos e colegas, em determinadas situações, foi fundamental para a maneira como minha análise foi sendo produzida, o que me permitiu passar a entender a dimensão da amizade de formas bem específicas. Afinal, como mostrarei nesta dissertação, esta dimensão intersubjetiva foi importante para a constituição das relações estabelecidas pelo antropólogo ao longo de sua trajetória. Além disso, acredito que esse contato me permitiu estar atenta para alguns aspectos delicados da pesquisa, que envolvem informações de caráter íntimo, bem como possibilitou ter um cuidado e um respeito ainda maior com as trajetórias de todas as pessoas envolvidas e citadas. Para facilitar a leitura, adotarei uma formatação diferente nestes casos, utilizando a fonte em itálico, de forma a marcar uma quebra do desenvolvimento do argumento para apresentar essa reflexão. É importante frisar ainda que esses trechos mais descritivos ocorrem apenas em momentos pontuais da dissertação.

Em relação ao Fundo Roberto Cardoso de Oliveira, desde o início de meu contato com os documentos, ainda antes de iniciar de fato a pesquisa de mestrado, já me chamava a atenção o grande volume de material que o antropólogo doou para o projeto coordenado por Mariza Corrêa. A questão intensificou-se quando comecei a conhecer e a entender mais a classificação do fundo e os conteúdos de algumas das pastas. Escolho apresentar com mais detalhes os documentos depositados no AEL, primeiro porque estes foram o acervo sobre o qual eu me debrucei por mais tempo durante a pesquisa, detendo um espaço mais privilegiado em minhas análises ao longo da dissertação; mas também porque, e é essa a razão desse maior contato com esse arquivo, tais documentos, tornados arquivos públicos, são resultantes da tentativa do antropólogo em contribuir com a história da antropologia e perpetuar (e produzir, como argumentarei nesta dissertação) parte de sua memória. Dessa forma, destacando alguns dos documentos contidos no fundo, há muitas cartas de recomendação a antropólogos que foram seus alunos, bem como mensagens endereçadas a diversas universidades do Brasil, principalmente a fim de realizar pesquisas fora do país. Há um vasto material que conta a história dos projetos de pós-graduação e sua implementação, bem como há também um material epistolar que ajuda a percorrer os caminhos que seus livros e artigos tomaram, como se tivessem também uma vida, como os comentários e críticas referentes às versões anteriores de suas publicações sugerem, mas também como percebo que as relações sociais que estabeleceu durante sua trajetória foram forjadas e materializadas na produção antropológica que empreendeu e que incentivou. A partir disso, por exemplo, é possível realizar uma espécie de cartografia social que indicaria quem eram as pessoas com as quais o antropólogo empreendia

uma interlocução profissional ou com quem ele estabelecia uma relação através de sua produção acadêmica e até mesmo aqueles com quem ele se relacionava a fim de promover intercâmbios entre universidades nacionais e internacionais. Sem nem precisar mencionar, por exemplo, as possibilidades de reflexão sobre as trocas de ideias e influências teóricas possibilitadas, como também irei atentar nesta dissertação.

A rede que Cardoso de Oliveira constituiu, envolvendo alunos e antropólogos, no Brasil e no exterior, demonstra o alcance de suas atividades e o peso de sua contribuição para o estabelecimento de interlocuções com figuras-chave do campo intelectual da segunda metade do século passado. Vale destacar uma carta enviada por Claude Lévi-Strauss (1908-2009) sobre a leitura do livro *Sobre o Pensamento Antropológico* (1988), e cartas recebidas de Pierre Bourdieu (1930-2002), referentes a estadia de alunos que realizaram parte de suas pesquisas no *Collège de France*, onde o sociólogo francês atuava, para termos uma ideia do peso dessa rede de comunicação. Há também no arquivo um rico material referente às disciplinas ministradas por Cardoso de Oliveira nas universidades pelas quais passou, que registram desde quem eram os alunos matriculados e as suas frequências, até o programa de cada disciplina, sua bibliografia e provas aplicadas. Existem também editais dos programas de pós-graduação pelos quais passou, de vários anos distintos. Mas há também boletins de trabalhos em andamento no departamento de antropologia da Unicamp, notas de alunos e esquemas de aulas sobre temas diversos. Além de comprovantes financeiros e outros documentos de projetos vinculados à Fundação Ford, instituição com a qual colaborou ao longo de sua carreira. Um acervo que, ao longo da pesquisa, percebi contarem uma vida.

Fica claro que não é apenas o volume que chama a atenção, mas também o tipo de material preservado pelo antropólogo. É preciso, além disso, lembrar que os documentos foram guardados e doados ainda em vida, em um período em que o antropólogo estava muito ativo academicamente. Assim, é possível perceber pistas da construção de um projeto, a constituição de uma memória que entrelaça tanto a trajetória de Cardoso de Oliveira, como também a história da antropologia que ele ajudou a construir como professor, pesquisador e fundador de programas de pós-graduação. Fios de uma meada que procurei analisar ao longo de minha dissertação.

Dentre os vários tipos documentais que são encontrados no fundo, as cartas têm um maior destaque nessa pesquisa devido a algumas características que merecem ser assinaladas aqui: primeiro por seu caráter intersubjetivo, e por serem uma comunicação mais direta, curta e por vezes contínua, elas permitem o contato com uma série de assuntos variados e possibilitam

também (ao menos em alguns casos) o acompanhamento e desdobramentos desses eventos. Além disso, as cartas do acervo de Roberto Cardoso de Oliveira possibilitam entender como se articulava a rede de contatos, além de ajudar a elucidar algumas questões que não aparecem publicadas posteriormente nos textos finais – seus ou de seus alunos e interlocutores. O material epistolar permite refletir sobre uma esfera do trabalho de Cardoso de Oliveira de difícil e fundamental compreensão: a experiência social do antropólogo é constituída e constituinte desses processos que nos interessa investigar e que, em uma descrição técnica<sup>14</sup>, tornaram invisíveis os investimentos pessoais e as relações subjetivas que se tornaram mecanismos indissociáveis dos sucessos teóricos e do desenvolvimento de projetos institucionais.

Como salienta Vianna (1995), as correspondências têm a capacidade de criar ou de manter relações sociais entre as partes envolvidas e permitem ao pesquisador observar o caráter destas pela análise dos cumprimentos empregados, dos assuntos abordados e das perguntas de cunho mais pessoal, como referentes a família, por exemplo. Além disso, é possível perceber, sob um viés analítico denso, a imagem que as pessoas e as instituições querem imprimir de si mesmas para os outros. Ou seja, a forma como certas narrativas são objetivações dessas redes, sendo que é preciso cuidado ao estudá-las, uma vez que orientaram a própria formação do arquivo e das avaliações daqueles que produzem uma literatura historiográfica sobre Cardoso de Oliveira e sua obra. Basta lembrar como é fácil tomar a organização do arquivo e a própria produção da história como signos que expressam os processos que de fato aconteceram e podem ser objetivamente decantados em passados congelados e alheios a qualquer interpretação. São questões que tratarei em uma reflexão sobre a pesquisa feita nos arquivos.

É importante reforçar ainda que essa pesquisa corresponde a minha narrativa sobre a trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, a partir dos documentos consultados, das entrevistas realizadas, mas também de uma série de outras publicações e homenagens produzidas por outros antropólogos. Com essa extensa gama de materiais já disponíveis, por vezes foi difícil me descolar e me emancipar dessas narrativas já estabelecidas, porém é justamente a partir dos diálogos e confrontos oriundos dos novos materiais e da minha experiência de pesquisa que reside a perspectiva dessa dissertação sobre o trabalho de Cardoso de Oliveira. Dentre algumas questões que são levantadas ao longo dos capítulos é possível destacar a relação com Darcy Ribeiro: no primeiro, trato dos esforços de Cardoso de Oliveira narrar a sua própria história; no segundo, busco recuperar as controvérsias sobre a importância

---

<sup>14</sup> Como datas, lugares e ideias, de certa maneira descarnadas em uma linguagem desatenta às inflexões de amizade, disputa e afeto.

do trabalho do antropólogo paulista no México; no terceiro, reflito sobre alguns pontos de rupturas e de lacunas a essas narrativas hegemônicas.

\*\*\*\*\*

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1963

Meu caro Bob “Dual” Matta

Recebi suas três cartas, todas com notícias as melhores possíveis. E se não respondi antes foi porque estou sofrendo a “delivrance” do artigo “Totemismo Tukúna”, minha modesta homenagem ao velho mestre Baldus. Esperava termina-lo para depois, sossegadamente, responder a você com prolixidade e exaustivo nos detalhes. Mas sua terceira carta, imerecidamente, elogiosa a mim (tomo mais com referência a intelligentzia universitária paulista...), exigiu de mim rápido pronunciamento.

Relendo, sua segunda carta – como você recomendou – nada vejo de contraditório com relação a última. Ao contrário. Você demonstra um gradual ajustamento ao ambiente de Harvard e procura entende-lo sem nenhum parti pris, ou, pelo menos, esforça-se para isso. Creio, contudo, que ainda é cedo para um juízo definitivo sobre Harvard e, principalmente, sobre o que Harvard pode dar a você. Eu, de meu lado, creio que Harvard marcará, de modo mais positivo, sua carreira e sua formação científica. Distingo a carreira da formação: em primeiro lugar, para mostrar que se “o ter estado em Harvard” será um título de grande valor em qualquer lugar do mundo ocidental, marcando um ponto favorável em sua carreira; sua experiência acadêmica em Harvard é que lhe será da maior utilidade para sua formação e se constituirá em algo que você jamais poderá avaliar, exatamente, o quanto terá ela contribuído para sua maturidade intelectual. Uma coisa eu estou convencido: a participação nas atividades de uma grande universidade (e incluo São Paulo, apesar de tudo...) é indispensável se não a formação, pelo menos a vida intelectual de qualquer “ouvrier d’espirit”, seja cientista ou filósofo.

Vamos de notícias breves. Darcy Ribeiro me telegrafou anunciando que a sua licença para ausentar-se do país foi publicada no dia 9 do corrente. – O Melatti já está no campo, o Roque em férias, em quarentena para o “himeneu”, o casal Terence Turner descansando em Copacabana, num apartamento enorme cedido (sic) por seus eternos amigos da Embaixada Americana. – De política, temos o frustrado “sítio”, o Lacerda acusando o Governo de ter tentado raptá-lo ou assassiná-lo por tropas de paraquedistas, e o Governo acusando (e com provas) o Lacerda de haver, nas antevésperas do pedido de “sítio”, armazenado armas (10 metralhadoras de guerra, bombas, rádio, etc.) numa chácara de Jacarepaguá, a 270 metros de uma chácara de Jango, onde passaria o fim de semana com a família. Como você vê, o negócio está pegando fogo. E dizem que o Congresso Nacional transformou-se numa grande Inquisição, tal é a quantidade de comissões parlamentares de Inquérito! – Para finalizar as notícias, conto-lhe mais uma, de caráter político-intelectual: por ocasião de uma mesa-redonda Africanos-América Latina, patrocinada pelo IBECC, e realizada no Itamarati, tivemos a oportunidade de convidar alguns de seus participantes, para uma reunião na casa de Maurício Vinhas (a eterna missão de recepções); além de alguns brasileiros, entre os quais meu querido cunhado, F. Henrique, compareceram o Stavenhagen, o Pablo Casanova (México), Isaac Ganon (Uruguai) e os representantes de Madagascar, Nova Guiné, Haiti, São Domingos, e outros que não me recordo no momento. Foi extremamente interessante a reunião, pois cada convidado falava durante uns 15 minutos, discorrendo sobre a situação política de seu País e avaliando as possibilidades de “revolução”, i.e. de sua vitória sobre o subdesenvolvimento. Os resultados foram excelentes: todos acreditavam que somente por um socialismo, ainda moderado, sua emancipação teria lugar; e nada

mais curioso do que cotejar as várias concepções de socialismo, inclusive um “socialismo sem Marx”...

Um grande e saudoso abraço, a você e a “família de procreação”, do velho amigo.

P.S. 1) Procure saber, junto ao David, em que pé que está a autorização para o envio dos meus dólares. Tá? Abraços para ele e Pia.

2) Não tenho notícias de Alcida. Se escrever a ela, diga-lhe isto.

3) Recebi carta de Lúcia Câmara. Está em Washington 10, D.C., ap. 3, 3401 16 th Street, N.Y., e irá cursar antropologia na Catholic University of America. Escreva-lhe se puder. [sublinhado no original] (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira enviada a Roberto DaMatta – 15 de outubro de 1963 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 14)<sup>15</sup>.

O fragmento inicial do título desta dissertação, “Abraços do velho”, remete à forma como Cardoso de Oliveira termina várias de suas cartas, quando endereçada a amigos próximos, como também “Aqui fica o velho amigo”, entre outras. Assim como na carta transcrita acima, em que além de trazer essa despedida, é possível perceber outros elementos apontados anteriormente, como a manutenção das relações pessoais e profissionais iniciadas no Museu Nacional e mantidas com a ida de Roberto DaMatta para Harvard, nesse período vinculado como pesquisador do Projeto *Harvard Central Brazil Research*<sup>16</sup>. Essa experiência inicial de DaMatta nos EUA é uma das motivações para a escrita da correspondência, mas para além desse vínculo mais direto entre destinatário e remetente, conseguimos localizar outras pessoas que também fazem parte dessa rede, como Alcida Rita Ramos, Roque de Barros Laraia, Julio Cezar Melatti (antropólogos, como DaMatta, que também fizeram parte do Curso de Especialização em Antropologia Social na instituição carioca, ministrado por Cardoso de Oliveira, na época não muito mais velho do que seus colegas).<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Cardoso de Oliveira se refere na carta a vários antropólogos brasileiros e de outros países, além de outros intelectuais, dentre eles: Herbert Baldus (1899-1970) – sociólogo norte-americano e professor da Escola de Sociologia e Política nas décadas de 1940 e 1950; Darcy Ribeiro (1922-1997) – à época ministro da Casa Civil da presidência de João Goulart (1919-1976); Roque de Barros Laraia, Julio Cezar Melatti, Alcida Rita Ramos (1937-) e Lúcia Câmara (alunos do curso de especialização em Antropologia Social do Museu Nacional); Terence Turner (1935-2015) e Joan Bamberger – casados naquele período e participantes do Projeto *Harvard Central Brazil Research*; Carlos Lacerda (1914-1977) – jornalista e político brasileiro; Maurício Vinhas Queiroz (1921-1996) – sociólogo que viajou junto com Cardoso de Oliveira aos Ticuna; Fernando Henrique Cardoso (1931) – cunhado de Cardoso de Oliveira e sociólogo; Rodolfo Stavenhagen (1932-2016) e Pablo González Casanova (1922-) – antropólogo e sociólogo mexicanos; Isaac Ganon (1916-1975) – sociólogo uruguaio; e David Maybury-Lewis (1929-2007) – antropólogo britânico e um dos principais interlocutores de Cardoso de Oliveira.

<sup>16</sup> Trata-se de uma parceria entre o Museu Nacional e a Universidade de Harvard, sobre a qual tecerei uma reflexão, a ser desenvolvida no primeiro capítulo. Essa primeira experiência levaria o antropólogo carioca a obter posteriormente seu mestrado e doutorado na instituição estadunidense.

<sup>17</sup> Cardoso de Oliveira informa ainda DaMatta sobre os acontecimentos recentes no Brasil, no caso, poucos meses antes da instituição do golpe militar no Brasil (que como será apresentado no primeiro capítulo, traz questões complexas para o desenvolvimento da antropologia no país); e da participação de uma confraternização com antropólogos de países latino-americanos e Africanos, onde alguns nomes destacados fazem parte da rede de relações internacionais de Cardoso de Oliveira no México (que será apresentada no terceiro capítulo). Além disso,

Essa forma de se referir a si mesmo, além de indicar traços da relação estabelecida com o destinatário da carta, também permite pensar sobre características marcantes da personalidade do antropólogo, muitas vezes retratado por sua seriedade e rigidez, mas que podem indicar também “um envelhecimento precoce”. Com isso quero dizer que, ao se definir como “velho” desde um momento em que ainda era jovem, Cardoso de Oliveira parecia fazer mais do que uma espécie de chiste, ou uma ironia afetuosa para finalizar alguma missiva. Creio que a expressão fornece pistas importantes para pensar sobre a forma como o antropólogo percebia os espaços que pretendia ocupar em sua trajetória profissional. Esse envelhecimento auto-atribuído poderia também marcar sua posição institucional (como professor do Curso de Especialização do Museu Nacional, como diretor da Divisão de Antropologia da mesma instituição, como coordenador de projetos financiados pela Fundação Ford, etc.). Isso foi apontado por DaMatta também em um outro momento:

Não [a diferença de idade não era grande]. Mas na época era. Ele [Cardoso de Oliveira] parecia muito mais velho, mas depois ficou como eu. Outro dia eu encontrei o Fernando Henrique [Cardoso] lá em São Paulo, no Instituto, ele com seus 80 anos e eu 74. Nessa fase, a diferença desaparece, o tempo não conta mais. Mas, na faixa dos 20, dos 30 anos ... Quando o Roberto tinha 26 e eu tinha 20, eu era um menino. Ele estava publicando um livro sobre o processo de assimilação dos Terena que era uma coisa importante. Ele era professor, conhecia o Florestan [Fernandes], conhecia um monte de autores (DAMATTA, 2011, p. 18).

Essa distinção tem uma dupla referência: de um lado, como uma diferenciação quanto aos alunos da instituição que eram apenas alguns anos mais jovens que ele – o que não é um indício do estabelecimento de uma crença sobre alguma superioridade, mas de uma marcação de posições, as quais poderiam ser – e foram – alteradas em períodos subsequentes, conforme seus alunos se tornavam também colegas de trabalho; por outro lado, essa mesma distinção aproxima-o de uma geração anterior à sua, ou seja, como uma aproximação a antropólogos já consagrados nesse período da década de 1960 (ainda que, como veremos ao longo da dissertação, muitas vezes sua contribuição é lembrada como uma inovação ao campo, como é o caso, justamente, de sua passagem pelo Museu Nacional na década de 1960). Assim, semelhante ao que foi relatado por Roberto DaMatta no trecho de sua crônica que abre essa seção, alguns indícios sobre as formas como são expressas e materializadas as relações estabelecidas por Cardoso de Oliveira são reveladores e importantes para refletir sobre as

---

menção seu artigo sobre o Totemismo Ticuna, escrito em homenagem a Baldus, e que posteriormente foi incorporado em sua tese subsidiária em lógica realizada na Universidade de São Paulo (essa questão será desenvolvida no primeiro capítulo).

marcações de posição no campo acadêmico, como a institucionalização de uma forma de nomeação trazia uma consolidação de uma carreira ainda em desenvolvimento naquele período. É importante ressaltar ainda, por fim, que essa forma de se despedir nas correspondências se manteve em seu período de atuação da Universidade de Brasília, na década de 1970, mas era circunscrita aos antropólogos com os quais mantinha uma relação desde o Museu Nacional, como seus alunos e seu colega David Maybury-Lewis – um interlocutor, e uma amizade, importante, que será apresentado no próximo capítulo.

### **Considerações metodológicas**

Abordar os arquivos pessoais sob um olhar antropológico sugere deslocar a atenção dos documentos para os processos de constituição desses acervos. Nessa mirada, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio-históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outra (HEYMANN, 2013, p. 67).

Entre as questões metodológicas que nortearam o desenvolvimento dessa pesquisa, os debates sobre uma etnografia nos arquivos foram fundamentais para pensar sobre o fazer etnográfico através de uma pesquisa com os documentos e sobre as próprias instituições que os detêm. Desta forma, entender o contexto de produção, de doação e de organização desses materiais contribuiu também para a análise de seu conteúdo, bem como para compreender a importância das redes de relações constituídas e refletir sobre a construção da própria história da disciplina.

A partir das ideias apresentadas por Heymann (2013) e Dirks (2015), parto aqui do suposto que a relação da antropologia com os arquivos sugere ser possível realizar uma reflexão para além do conteúdo destes arquivos. Ou seja, que é crucial pensar também sobre a própria construção dos acervos e das instituições de guarda. Ao menos no caso de Roberto Cardoso de Oliveira, como é comum no caso de acervos pessoais, é importante destacar que a constituição dos arquivos passa por um processo primário, por parte do titular, de produção, seleção, arquivamento e também de doação. Em um segundo momento este acervo passa pela organização da instituição de guarda, seja esta um arquivo público ou privado, momento em

que são inseridos novos atores<sup>18</sup> no processo, e que corresponde a momentos históricos precisos, já que os arquivos têm seus próprios critérios e sistemas de classificação, que apenas em parte acomodam as lógicas de formação e organização do acervo originalmente doado. A partir dessa ideia, é possível afirmar que o que é acessado no arquivo é esse cruzamento entre a produção e doação do material e seu arquivamento institucional, e os efeitos narrativos que produz.

Dessa forma, a história do fundo Roberto Cardoso de Oliveira é devedora do cruzamento entre o que foi produzido, selecionado e guardado pelo antropólogo, as razões que o fizeram doar os documentos, que se relacionam ao seu próprio projeto de memória e de constituição de uma história da antropologia. Mas esta trajetória do acervo também é constituída pelas organizações subseqüentes realizadas pelo próprio Projeto História da Antropologia no Brasil e pelo Arquivo Edgard Leuenroth.

Quanto à ordenação inicial, é importante ressaltar que Cardoso de Oliveira doou seus documentos ainda em vida e em um período de intensa produção acadêmica, sendo que a organização parece ter sido realizada pelo próprio antropólogo ao longo de seus trinta anos de carreira na disciplina (a questão da doação será melhor apresentada no segundo capítulo). Já em relação à ordenação do arquivo, o fundo passou por pelo menos dois momentos de trabalho técnico por parte da instituição: a primeira, pouco tempo depois da doação no acervo ainda na década de 1980 (momento em que o antropólogo atuou como professor na Universidade Estadual de Campinas, onde está localizado o AEL), e a segunda pelos menos trinta anos depois, para incorporar (e integrar as divisões anteriores) os documentos doados na década de 1990, quando Cardoso de Oliveira já havia se mudado novamente para Brasília, de volta à UnB, e enviava periodicamente os documentos, à medida em que reunia uma quantidade significativa dos mesmos (mesmo após a morte do antropólogo esses documentos que foram enviados em outros períodos permaneceram sem ser incorporados ao fundo já constituído, depositados na reserva técnica do AEL, e foram devidamente integrados apenas a partir de 2015). Esses dois movimentos implicam em uma sobreposição interconectada de investimentos na ordenação narrativa sob esses documentos. Algo que certamente torna mais complexa a ideia de Cardoso

---

<sup>18</sup> Compartilho das definições adotadas por Michel-Rolph Trouillot (2016) sobre as distinções e também as convergências analíticas implicadas no emprego de termos-chave na forma de me referir aos meus interlocutores de pesquisa ou as pessoas que fazem parte das histórias aqui analisadas, a exemplo dos conceitos de “ator”, de “agente” e de “sujeito”. Trouillot afirma que “A história, como processo social, envolve pessoas em três posições distintas: 1) como *agentes* ou ocupantes de posições estruturais; 2) como *atores*, em constante contato com o contexto; e 3) como *sujeitos*, ou seja, como vozes conscientes de sua vocalidade” (TROUILLOT, 2016, p. 52).

de Oliveira como sujeito único responsável pelo controle do seu arquivo e das narrativas que se desenvolvem a partir do mesmo.

É importante ressaltar que essas outras etapas de organização por parte da instituição de guarda foram pautadas em protocolos arquivísticos em vigor, relacionados com uma compreensão ao menos preliminar da trajetória do antropólogo, mas também a especificidades do tipo de material que foi preservado (nesse caso, documentos textuais, fotografias, mapas e livros). Mas também foram realizadas em um grande intervalo temporal (o que acarreta em mudanças nas regras tomadas como base na organização técnica) e por funcionários diferentes – já que apesar de existência de normas arquivísticas, elas são interpretadas e decididas pela pessoa responsável pela organização, “imprimindo a sua subjetividade na configuração do arquivo” (HEYMANN, 1997, p. 46). Esses fatores são importantes para uma compreensão sobre as narrativas que os próprios documentos constroem.

Em relação à forma de trabalho com o arquivo, sobretudo para assinalar a perspectiva crítica aqui adota, é preciso identificar a força do pressuposto que possibilitou que os documentos por muito tempo fossem tratados como um depósito de provas que nos permitia conhecer uma modalidade irreduzível e objetiva de uma verdade histórica. Segundo Heymann (2013), partindo dos estudos de Michel Foucault (1926-1984) e de Jacques Derrida (1930-2004), entre outros autores que buscaram refletir acerca dos desdobramentos da crítica pós-colonial e os mecanismos de produção do conhecimento, os arquivos passaram a ser vistos como instituições nas quais são produzidos discursos sobre verdades; um cruzamento entre memória, saber e poder que controla o acesso à informação. Além disso, os próprios mecanismos de classificação e de guarda são pautados a partir dos imaginários sociais e das discussões em voga no período em questão, o que justifica a inclusão da análise sobre a história do próprio acervo no rol de preocupações centrais desta dissertação. Como é possível perceber, o debate não é novo e recai na crítica sobre a concepção de realidade nos documentos, desconsiderando os mecanismos de mediação historiográfica. Assim, uma série de autores vão se deter na construção desse imaginário de um certo suposto de um realismo não mediado e guardado nos arquivos (Cf. COOK, 2018; DIRKS, 2015; FARGE, 2017; STOLER, 2018).

Stoler (2018) alerta, ainda, que o uso desse tipo de material pela antropologia não pode mais ser realizado segundo uma perspectiva que ela denomina de extrativista. Em vez disso, devemos nos debruçar sobre esse material de forma etnográfica, focalizando a análise em seu processo de arquivamento, bem como em seu conteúdo, tomados como processos de produção de conhecimento e não de simples recuperação de um passado. Como afirma a autora,

“ao passarmos de um projeto extrativo para outro mais etnográfico, nossas leituras dos arquivos devem seguir novos rumos, buscando tanto as falhas em uma leitura linear quanto uma leitura a contrapelo” (STOLER, 2018, p. 231). Ao longo da dissertação, posso dizer que há a constante tentativa de ir além de um uso “apenas” do conteúdo do documento em si para não cair nas armadilhas de vincula-lo a um exemplo de uma história já constituída, como uma comprovação de uma realidade do período em questão. Desta forma, busco trazer elementos da constituição desse acervo que me auxiliam a refletir sobre a maneira que Cardoso de Oliveira conduziu o arquivamento de seus documentos, como também sobre a forma que a minha própria inserção ocorreu nas diferentes instituições pelas quais passei para acessar estes arquivos, assim como sobre as entrevistas que realizei ao longo desses três anos de pesquisa.

Quanto ao processo de constituição da memória, Bourdieu (1996), ao discorrer sobre a disputa da construção de sentidos de uma vida contada, nos lembra que a história de vida é concebida como linear, um todo coerente que percorremos ao longo da história. Porém, para o autor, tratar a narrativa da vida como história seria uma espécie de ilusão retórica, já que a própria realidade não é contínua ou coerente – garantida, por exemplo, pela constância nominal e pela ordenação retrospectiva que biografado e biógrafo parecem produzir conjuntamente. O argumento de Bourdieu fica claro em sua proposta de uma metáfora: a do metrô, em que não podemos analisar a razão de seu trajeto sem levar em consideração a estrutura da rede, ou seja, as relações entre as estações e, assim:

Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado [...] [N]ão podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 1996, p. 190).

Kofes (2001), entretanto, ao retomar o argumento de Bourdieu, considera que mesmo que o autor tente enfrentar a oposição entre objetividade e subjetividade, resolve a questão afastando-se de um dos polos. Desta forma, a autora ressalta que as pesquisas que se utilizam da história de vida para análise podem adotar uma reflexão metodológica sobre trajetória, como assinalado por Bourdieu, mas com a condição de que também levem em consideração a perspectiva do sujeito em questão – tema que a crítica de Bourdieu não considera

da maneira como propõe Kofes. Como afirma a antropóloga: “o deslocamento objetivo implicaria sentidos subjetivos naquele que se desloca, naqueles relacionados a este deslocamento e naqueles que já foram inscritos no próprio deslocamento” (KOFES, 2001, p. 25). Considero, seguindo as pistas abertas pela crítica da antropóloga, que é preciso refletir, nesta pesquisa, sobre as formas objetivadas de relações subjetivas narrativamente constituídas em uma etnografia do arquivo pessoal de um autor importante para compreender o campo antropológico brasileiro.

É possível relacionar a análise de Bourdieu sobre a ilusão de uma vida linear com a história e com os discursos já estabelecidos da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, história essa que segue a linearidade contada por pessoas que conviveram com o antropólogo e pelo próprio autor, mas também marcadas por diversos indícios de um ordenamento produzido em relações subjetivas marcadas por amizade e interlocução teórica. Ao nos determos em seus documentos, podemos entrar em contato com outros tipos de narrativas, envolvendo diferentes agentes, conformando uma maior possibilidade de relações e de aspectos da trajetória do antropólogo. Entretanto, ao propor incorporar na análise a crítica de Kofes, posso ficar atenta ao fato de que estou lidando com um fundo produzido e construído por Cardoso de Oliveira (e outros sujeitos, arquivistas profissionais ou não), o que, evidentemente, não o deixa de lado enquanto sujeito ativo de sua própria história de vida, mas que também controla apenas em parte a forma como são acessadas as informações que estão contidas nos documentos. É preciso lembrar também sobre os desafios ao lidar com este tipo de material, rico de indícios sobre as tentativas de produzir projetos colaborativos em antropologia, que são os arquivos e as narrativas e memórias dos sujeitos entrevistados. Desta forma, foi importante seguir o que posso denominar, ao menos de forma provisória, de resultados destas redes de relações: os livros e artigos produzidos, os projetos efetivados, os fóruns realizados. Digo de forma provisória porque este material, cujos rascunhos, versões iniciais, podem ser encontrados nas cartas e outros documentos, também produz, por sua vez, as mesmas redes, constantemente sendo ativadas e reforçadas por Cardoso de Oliveira e seus interlocutores. Assim, a pesquisa ainda inclui uma análise sobre outras publicações de Cardoso de Oliveira, na medida que são materializações almejadas destes esforços. Da mesma forma, estive atenta às narrativas de colegas de disciplina que atuaram junto a ele, de modo a tentar recuperar a ausência física do antropólogo no desenvolvimento da pesquisa. Não busco com isso propor uma leitura definitiva sobre certos períodos cruciais da trajetória do antropólogo, que corroborem ou questionem certas interpretações de sua obra. Mas estas análises cruzadas são importantes para cotejar uma

história que é contada por estas fontes permeadas de desejos, amizade e afeto, mas também de projetos de colaboração antropológica voltada para uma reflexividade que nem sempre esteve voltada para aspectos de natureza pessoal.

Em relação aos arquivos pessoais, Cunha (2004) ressalta que estes, assim como os arquivos etnográficos, são construções que nos auxiliam a entender como a narrativa de certas trajetórias profissionais foram produzidas “e como sua *invenção* resulta de um intenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual” (CUNHA, 2004, p. 296). Assim, a partir da investigação dos arquivos pessoais, é possível encontrar não só informações que não estão apresentadas nos textos publicados de um autor, como também identificar sua trajetória profissional sob uma outra perspectiva, com novas informações e com novas chaves de análise. Com esse percurso analítico podemos encontrar o processo de objetivação relacionado ao de escrita acadêmica, e o de subjetivação relacionado ao seu próprio material de campo e a outros tipos de memória.

Vale lembrar que o termo “pessoal” aqui se contrapõe ao termo “institucional”, ou seja, a um marcador de classificação que define que esse arquivo trata de uma pessoa específica e não de uma instituição; dessa maneira, o pessoal engloba tanto aspectos profissionais, como outros fora desse campo de vivência, como as relações sociais do âmbito privado desses sujeitos. O que torna imprescindível um outro esforço de pesquisa: o de considerar os usos deste material, buscando respeitar a privacidade e os desejos de que algumas coisas permanecessem no fórum privado (mesmo que nem sempre fosse fácil concluir sobre estes desejos). Se tudo o que foi arquivado é significativo (sobretudo porque foi considerado relevante para ser preservado), nem tudo interessa à história da antropologia aqui delineada. Busquei ser respeitosa, em relação à memória de Roberto Cardoso de Oliveira e os seus vários interlocutores, amigos e familiares.

Ainda sobre o uso dos arquivos pessoais, Heymann (2013) reflete que em geral estes são associados a uma memória individual e por isso “ocupam um lugar periférico nas análises interessadas na construção social dos arquivos” (HEYMANN, 2013, p. 69), já que nesse caso há uma falsa impressão que o que prevalece é uma personalidade particular e circunscrita, o que poderia atrapalhar principalmente investigações que têm por objetivo ir além de uma análise de trajetória. Dessa forma, tais pesquisas acabariam por ignorar possíveis contribuições para uma história social através desses tipos de acervos, que podem estar relacionadas à produção intelectual de seus produtores, aos seus projetos e trabalhos institucionais. Considero ser um desafio justamente refletir sobre as particularidades destes acervos, mas

também o que revelam sobre processos mais amplos em que estes sujeitos estiveram inseridos. Se pensar sobre a trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira é fascinante, como seriam outras trajetórias, acredito que sua análise revela algo importante sobre a produção de uma certa história da disciplina à qual dedicou-se até o fim da vida.

Os debates apresentados até aqui fazem parte de algumas questões, mais gerais, que nortearam essa pesquisa. Os arquivos e a constituição da memória, além de integrarem uma preocupação metodológica, são também debates teóricos que dialogam com a pesquisa e são parte constituinte das proposições que serão apresentadas. Quanto à memória, ressalto que não entendo o arquivo como um seu sinônimo, já que, como alerta Heymann (1997; 2005), não podemos associar o arquivo e a memória de forma automática. Como ressaltai anteriormente, pensar sobre o cruzamento de atuações de outras pessoas, na construção e organização dos acervos, torna possível lembrar que os documentos podem não representar a totalidade da trajetória de seus titulares. No caso do fundo de Cardoso de Oliveira, ainda que ele tenha organizado seus próprios papéis e que a totalidade do acervo corresponda à grande parte de sua trajetória, estes documentos ainda passaram pela ordenação da instituição de guarda e são apenas um dos aspectos do conjunto de esforços do antropólogo de perpetuar sua memória na história da disciplina. Como irei discorrer no segundo capítulo, além do arquivo, o antropólogo discorreu em várias ocasiões sobre a sua própria trajetória (Cf. SAMAIN & MENDONÇA, 2000), situou seu trabalho no campo científico a partir das reflexões sobre a produção da antropologia no Brasil (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988; 1998) e publicou seus primeiros diários de campo pouco antes de sua morte (incorporando nessa publicação um diálogo entre um jovem Roberto Cardoso de Oliveira e um antropólogo já consagrado em sua carreira cinquenta anos depois – Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002). Dessa forma, olhar para todas essas instâncias de trabalho foi fundamental para o desenvolvimento da análise nesta dissertação.

Ressalto, ainda, que a pesquisa buscou partir de uma diversidade de materiais para pensar sobre a trajetória do antropólogo e sobre a maneira como esses elementos contribuem para reflexões sobre um período importante de institucionalização da antropologia e de outros momentos da história da disciplina no Brasil e na América Latina. Dentre esses vários acervos para análise, os documentos do fundo de Cardoso de Oliveira e de Guillermo Bonfil Batalla (1935-1991), juntamente com as entrevistas feitas, são as principais fontes de material da pesquisa. Com isso quero afirmar que a proposta dessa dissertação é olhar para a trajetória do antropólogo a partir de diferentes movimentos e perspectivas, mas principalmente levando em

conta o que ele buscou construir, em relação à sua imagem e ao seu legado, mas também sobre a disciplina que escolheu como profissão, ao mesmo tempo que faço uma reflexão de sua participação ativa e consciente nesse processo. Ainda que minha análise aqui recaia principalmente na constituição do fundo Roberto Cardoso de Oliveira, por ser o principal arquivo consultado, as preocupações apresentadas também foram partilhadas no trabalho com esses outros documentos, de outros arquivos, de outros sujeitos.

Por fim, cabe realizar algumas explicações sobre o uso de alguns termos que serão utilizados ao longo dessa dissertação: como consolidação e história da antropologia no Brasil. Apesar de empregar, na maior parte das vezes, o conceito de institucionalização, que remete especificamente a um momento mais preciso dos movimentos de consolidação da disciplina, por vezes, por questões textuais, o utilizo de maneira mais geral. Com isso quero dizer que entendo que o processo de consolidação da disciplina não ocorre apenas com a criação dos programas de pós-graduação: este é um processo anterior e contribuiu para a efetiva institucionalização propriamente dita. Dessa forma, evito empregar o termo isoladamente, sem que esteja acompanhado de outros elementos que qualifiquem o processo ao qual estou me referindo.

Quanto à noção de história da antropologia no Brasil, compreendo que um conceito único dessa narrativa não é consensual. Afinal, essa construção perpassa uma série de marcadores que tendem a priorizar uma memória sobre o eixo Distrito Federal - Rio de Janeiro - São Paulo, em detrimento da produção da disciplina que se faz em outras regiões do país. A própria trajetória de Cardoso de Oliveira, que será apresentada mais adiante, reforça esses mesmos lugares, apesar de seus esforços, não insignificantes, em formar laços internacionalmente, tanto com os países periféricos, como com os centrais – para usar os conceitos empregados em sua própria produção (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988), ou mesmo em realizar fóruns de discussão em outras regiões do Brasil (à exemplo de sua intensa atuação na Associação Brasileira de Antropologia e suas reuniões, mas também outras formas de integração regional em antropologia). A sua relação com a América Latina, especialmente com o México, e seus projetos de cooperação, neste país e com vários antropólogos latino-americanos, são laços menos explorados pelos historiadores da disciplina no país, bem como são também menos contados em sua trajetória. Entretanto, creio que uma investigação sobre alguns destes projetos de cooperação pode ser rentável para uma análise crítica da história da antropologia praticada no final do século passado no contexto latino-americano, bem como reconduzir um estudo sobre a epistemologia do fazer antropológico que o próprio Cardoso de

Oliveira buscou empreender, justamente destacando diferenças importantes na história da disciplina em contextos centrais e periféricos. Desta forma, o que pretendo, ao utilizar o termo “antropologia no Brasil” para falar de suas contribuições, é reforçar a importância da análise de seu trabalho em criar os primeiros programas de pós-graduação em antropologia no Brasil e expandir o acesso à formação de antropólogos no país, e, mais do que isso, reforçar a importância de seu empenho na construção de processos formativos de antropólogos e antropólogos cientes da necessidade de uma reflexividade sobre sua própria disciplina – um dos tripés de sua atuação.

### **Estrutura da dissertação**

A dissertação está dividida em três capítulos que correspondem a períodos da trajetória de Cardoso de Oliveira, mas também a três momentos específicos de sua carreira e do desenvolvimento de suas pesquisas. No primeiro capítulo, “A fricção interétnica e os primeiros programas de pós-graduação”, escrevo sobre o período de trabalho em que Cardoso de Oliveira voltou-se para a etnologia indígena e alguns debates acadêmicos do campo antropológico que emergem desse momento em que o intelectual exerceu um protagonismo em projetos de institucionalização da disciplina e no desenvolvimento de grandes projetos internacionais. Assim, na primeira seção, intitulada “O caminhar da filosofia às sociedades indígenas”, traço seu percurso de estudante de filosofia na Universidade de São Paulo (USP) até o desenvolvimento de suas pesquisas sobre fricção interétnica. O segundo debate do capítulo, “A indissociabilidade das relações”, traz à tona dois tipos de discussões: a primeira a respeito de outras trajetórias de antropólogos que atuavam principalmente nesse primeiro momento de sua carreira, e que ajudam a pensar o contexto da disciplina nesse período e o debate e o embate frente a outras propostas para a antropologia. Aqui a figura de Darcy Ribeiro é importante de ser lembrada pelas aproximações e distanciamentos dos dois intelectuais no tocante aos seus projetos de institucionalização da antropologia no Brasil, mas também como forma de entender como essa relação pode contribuir para pensar o trabalho desenvolvido especificamente por Cardoso de Oliveira. A segunda discussão gira em torno de uma reflexão do o papel que as imbricações das parcerias profissionais e pessoais tiveram no trabalho de Cardoso de Oliveira e no desenvolvimento da disciplina.

Já no segundo capítulo, “As antropologias periféricas e a consolidação da disciplina”, o foco está em seu trabalho sobre o fazer antropológico e a construção de sua memória. Na primeira parte, intitulada “O encontro da epistemologia com a antropologia”, traço o desenvolvimento de seu antigo interesse em observar a epistemologia das ciências sociais, que culminou em suas pesquisas dos estilos e das antropologias periféricas, como denominou as tradições de debate fora dos principais centros em que a disciplina inicialmente foi constituída. Na segunda seção, “Um projeto de consolidação da antropologia no Brasil e da constituição de uma memória”, trato da construção da memória de Cardoso de Oliveira, primeiro a partir da guarda e doação de seus documentos ainda em vida e de uma análise mais detida das correspondências trocadas com colegas, ex-alunos, ou com representantes de instituições acadêmicas no Brasil e no exterior, que foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa; depois, refletindo sobre a construção desse legado pelo próprio antropólogo e as narrativas acerca da importância de sua obra e de sua trajetória para a história da antropologia, bem como de seu arquivo para tanto.

No terceiro capítulo, “As relações com a América Latina e a união de dois projetos acadêmicos”, parto do argumento de que sua relação com algumas instituições estrangeiras, suas interlocuções e debates fora do Brasil, e seus interesses de cooperação nessa região, sintetizam a união de seus projetos profissionais, apresentados nos capítulos anteriores. Assim, na primeira seção, “Caminhos de um projeto latino-americano de antropologia”, parto de uma retomada de como se estabeleceram esses diálogos e seus desdobramentos. Aqui a figura de Guillermo Bonfil Batalla e de Darcy Ribeiro são importantes chaves para esse entendimento. Já na segunda parte, intitulada “A união de dois projetos pessoais”, abordo de que forma o trabalho sobre as relações étnicas e as antropologias periféricas, discutido com mais detalhe no capítulo dois, impactou as formas como o seu interesse em projetos latino-americanos converteu-se em colaborações de pesquisa transnacionais. A importância das discussões referentes à fricção interétnica na academia mexicana, por exemplo, ilumina a força dessas interlocuções e seu potencial reflexivo em antropologia.

Termino a dissertação com minhas considerações finais sobre a pesquisa a partir de um questionamento da singularidade de trajetória de Cardoso de Oliveira, o que isso poderia significar na reflexão de uma história da antropologia no Brasil das últimas décadas, e como a análise do contexto de institucionalização e profissionalização da disciplina é fundamental para a compreensão do complexo entrecruzamento entre a conformação de seus interesses e os trabalhos desenvolvidos pelo autor. Desta forma, creio ser possível pensar o seu papel como

um articulador de instituições, projetos, políticas e do desenvolvimento de agendas teóricas e de pesquisa em antropologia, principalmente na fase de criação dos programas de pós-graduação após a reforma universitária ocorrida na década de 1960 e que formou a atual estrutura de ensino universitário no país. Por fim, apresento nos anexos dois materiais que contribuem com a recapitulação da trajetória de Cardoso de Oliveira apresentada ao longo do texto: o primeiro anexo corresponde a uma cronologia breve de seu trabalho, apontando os principais acontecimentos de sua trajetória; no segundo anexo apresento uma bibliografia dos trabalhos publicados ao longo de sua vida. O leitor poderá recorrer a estes anexos sempre que for preciso situar algum evento, trabalho ou interlocução em questão no texto. Cardoso de Oliveira produziu uma obra expressiva, bem como teceu uma rede extensa de colaboração institucional ou intersubjetiva. Mesmo que não seja objetivo desta dissertação dar conta da totalidade desta trajetória intelectual, uma espécie de breve cartografia biográfica ajuda a situar os aspectos do trabalho do antropólogo que são mais analisados nesta dissertação.

Espero, com isso, não evidentemente dar conta da totalidade da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, nem propor uma reflexão exaustiva sobre o conjunto de sua obra, bastante extensa e também teoricamente densa. Tampouco lanço mão, nesta dissertação, de uma análise de toda a documentação que encontrei nos arquivos consultados durante minha pesquisa – tarefa que certamente envolveria uma equipe grande de outros interessados nestas histórias sobre este personagem central da antropologia brasileira, sobretudo considerando tudo o que sequer pude estudar, dado o tamanho de seu arquivo. Entretanto, busquei explorar as potencialidades de uma investigação atenta ao processo de produção de uma memória sobre a história da antropologia, bem como sobre os ganhos de uma reflexão sobre uma rede de relações marcada por companheirismo, amizade e projetos de colaboração para o desenvolvimento de debates acadêmicos em diversas universidades e centros de pesquisa. De certa maneira, pude encontrar a história da institucionalização da disciplina à qual também faço parte, da qual sou também sujeito, ator e agente. No processo, também passei a compreender um pouco mais a dimensão da atuação de Roberto Cardoso de Oliveira, velho desde muito tempo, mas responsável por renovar debates fundamentais em antropologia, e crucial na formação de profissionais que tornaram-se, por sua vez, os professores e as professoras das gerações futuras de estudantes da disciplina, incluindo a minha.

## Capítulo 1: A fricção interétnica e os primeiros programas de pós-graduação

Desde que o conheci, quando tinha meus 20 anos, nele encontrei o professor-pesquisador que pretendia ser.

Na primeira visita que fiz ao seu apartamento recheado de livros no Leme, vendo-o ao lado de sua esposa, Gilda, e dos filhos, descobri nele o futuro que haveria de também ter. Finda a visita, percebi que Roberto me havia dado mais do que conselhos profissionais e um par de ensaios como dedicatória – os primeiros que recebi, pois, naquele encontro, sabendo ou não, ele havia alicerçado minha vida

(Roberto DaMatta)<sup>19</sup>

Roberto Cardoso de Oliveira, formado em filosofia pela Universidade de São Paulo em 1953, encontrou na antropologia um campo fértil para crescer profissionalmente e para criar seus projetos acadêmicos, que unem o desenvolvimento teórico comprometido e o fortalecimento de redes de relações pessoais e institucionais para a constituição de parcerias intelectuais e centros de pesquisa e ensino, fundamentais para a consolidação da disciplina que escolheu como profissão. Neste capítulo, procurarei mostrar como o autor iniciou-se em antropologia, especialmente em etnologia indígena, através de seu trabalho no Museu do Índio. Como apresentarei em mais detalhes adiante, sobretudo no item 1.1.1 “Iluminando a face escura da lua e o Museu do Índio”, o início de suas pesquisas sobre as sociedades indígenas e sua produção sobre fricção interétnica, além de sua parceira com a Fundação Ford (analisada no item 1.1.2 “Fricção interétnica e o Museu Nacional”) e o começo de sua transição de pesquisa para as reflexões da produção da antropologia (apresentado no item 1.1.3 “O Anuário Antropológico e a UnB”), refletir sobre sua trajetória acadêmica é fundamental para compreender o impacto de suas contribuições para a consolidação de um campo antropológico

---

<sup>19</sup> DAMATTA, 2009, p. 56. O trecho dessa crônica traz à tona alguns importantes aspectos que serão analisados ao longo desse capítulo: o início da carreira de Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional e a importância das relações pessoais e profissionais para o desenvolvimento da antropologia no Brasil. Como afirma DaMatta, a experiência de conhecer a casa e encontrar com a família de Cardoso de Oliveira mostrou um modelo de vida pessoal e profissional que o antropólogo carioca se inspirou para construir sua trajetória. Essas palavras, além de ajudarem a compreender a intensidade dessa relação, permite vislumbrar também que o projeto de antropologia desenvolvido por Cardoso de Oliveira ao longo de sua carreira foi transmitido também em sua atuação como professor. Os aspectos que envolvem esse projeto serão melhor apresentados ao longo da dissertação.

institucionalizado, bem como para analisar as narrativas deste mesmo impacto na história da antropologia no Brasil. A primeira parte deste capítulo, intitulada “O caminhar da filosofia às sociedades indígenas”, aglutina alguns aspectos a respeito da trajetória do autor que são importantes para compreender os desdobramentos que vêm em seguida, apresentados no texto sob o subtítulo “A indissociabilidade das relações”, que trata as relações de Cardoso de Oliveira com outros antropólogos que atuaram no país.

É importante desde já alertar para algumas precauções de ordem analítica nesta dissertação. Olhar para o trabalho de Cardoso de Oliveira pode causar a falsa sensação de uma ausência de outros projetos concorrentes para a disciplina ou da atuação de outras importantes trajetórias, assunto discutido na seção 1.2.1. “Outras trajetórias antropológicas”. Esse é o caso de Darcy Ribeiro (cuja relação com Cardoso de Oliveira será melhor debatida no item 1.2.1.1. “Darcy Ribeiro”), que, além de ter um papel atuante na formação de seu colega como antropólogo, tem em sua trajetória um contraponto importante para fins de comparação entre a construção dos projetos pessoais de ambos os intelectuais. Por fim, analiso a indissociabilidade das relações pessoais e profissionais que marcaram profundamente o trabalho desenvolvido por Cardoso de Oliveira, mas também a produção da disciplina no país, que desenvolvo com maior atenção na seção 1.2.2. “As relações profissionais e pessoais na construção da antropologia no Brasil”. Ao final do capítulo, no item 1.3 trago uma lista para auxiliar na sistematização das informações que foram apresentadas ao longo do texto, de forma a contribuir, de uma maneira mais sistemática, na recuperação de alguns aspectos da trajetória dos outros sujeitos citados e envolvidos de alguma forma no trabalho de Cardoso de Oliveira.

## **1.1. O caminhar da filosofia às sociedades indígenas**

### **1.1.1. Iluminando a face escura da lua e o Museu do Índio**

Roberto Oliveira Mattos Cardoso de Oliveira, mais conhecido apenas como Roberto Cardoso de Oliveira, nasceu e foi criado em São Paulo. Como informa Amorim (2001), era filho de Jahy Cardoso de Oliveira, um exportador de café que morreu quando o antropólogo ainda era criança, e Marina Mattos Cardoso de Oliveira, oriunda de uma família de origem

portuguesa, obrigada a vir ao Brasil por questões políticas<sup>20</sup>, detentora de títulos promulgados pela monarquia brasileira e ligada à cafeicultura, que à época ocupava um lugar central no desenvolvimento da economia paulista. Desde o ensino secundário, Roberto Cardoso de Oliveira se interessou pelas leituras filosóficas, que o levaram a escolher cursar o bacharelado e a licenciatura em filosofia na Universidade de São Paulo (USP) no final da década de 1940. É na universidade que conhece Gilda Cardoso de Oliveira (1932-), também aluna de filosofia na então jovem universidade, e que seria sua companheira durante toda a vida.

Os principais interesses de Cardoso de Oliveira naquele momento eram relacionados à lógica da ciência, mais especificamente sobre a epistemologia das ciências sociais a partir da influência de Gilles Gaston Granger (1920-2016)<sup>21</sup>, seu professor na universidade. Ambos acreditavam que era necessária uma experiência concreta e aprofundada na ciência a ser estudada através da epistemologia. Por isso, começa a cursar disciplinas nas ciências sociais, curso escolhido para fazer sua análise através da filosofia, com Florestan Fernandes (1920-1995)<sup>22</sup> e com Roger Bastide (1898-1974)<sup>23</sup>. Foi com Fernandes que o contato com a sociologia e com a antropologia foi mais intenso. Segundo Cardoso de Oliveira em entrevista aos organizadores da IX Jornada de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Marília (Roberto Cardoso de Oliveira, 2004), ele foi o único aluno matriculado em uma das disciplinas que realizou com Fernandes. Por esta razão, e pelo fato dos dois morarem na mesma rua na cidade de São Paulo, as aulas foram ministradas na casa do próprio professor, que nessa época estava escrevendo sua tese *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1951). As aulas duravam muitas horas mais do que o previsto e giravam em torno da discussão da tese de Fernandes e do debate do método funcionalista em sociologia e antropologia.

Ao final da graduação, Cardoso de Oliveira conheceu Darcy Ribeiro por intermédio de um amigo, Og Francisco Leme (1922-2004)<sup>24</sup>, durante uma conferência proferida na

---

<sup>20</sup> Como lembra o próprio antropólogo, a mudança para o Brasil pode ser bem precisada na história de Portugal: “Meu tetravô, o professor de retórica Estanislau José de Oliveira, exilado de Portugal no século XVIII, sob acusação de ser ‘livre pensador’, pertencia aos seguidores do Marquês de Pombal” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 50).

<sup>21</sup> Filósofo francês, foi professor da USP entre 1947 e 1953, atuando no início da criação do departamento de filosofia da universidade, com pesquisas na área de epistemologia da ciência.

<sup>22</sup> Sociólogo brasileiro, realizou pesquisas no início de sua carreira sobre a sociedade tupinambá e posteriormente sobre a formação da sociedade brasileira. Foi também uma grande influência para Cardoso de Oliveira (como apresentarei mais adiante) e seu orientador de doutorado; para uma análise sobre Fernandes, ver ARRUDA, 2020.

<sup>23</sup> Sociólogo francês, fez parte da missão francesa na USP tendo chegado no Brasil no final da década de 1930, dentre seus interesses de pesquisa se destacou as religiões afro-brasileiras. Para uma análise sobre Bastide, ver PEIXOTO, 2000.

<sup>24</sup> Com formação em ciências sociais, direito e economia, Leme foi professor de economia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Biblioteca Municipal de São Paulo em 1953. Os comentários de Cardoso de Oliveira em relação à questão indígena, tema da fala de Ribeiro neste evento, levaram este último a convidá-lo pouco tempo depois a trabalhar no Museu do Índio como seu assistente. Começava ali uma relação de admiração mútua e colaboração que perdurou pelas décadas seguintes. Uma admiração intelectual que, é preciso dizer, parecia ser especial e ambos faziam questão de afirmar publicamente, nos dando pistas para começar a compreender a rede de interlocução formada naquele período no campo antropológico, bastante restrita e pequena. Vale lembrar que anos depois Ribeiro afirmou que, apesar de não ser formado em antropologia, Cardoso de Oliveira era uma das únicas pessoas inteligentes e que realmente estava disposto a aprender no período (Darcy Ribeiro, 1978<sup>25</sup>).

É importante lembrar que o Museu foi fundado por Ribeiro e era vinculado ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI)<sup>26</sup>, o que foi fundamental para entender a mudança de Cardoso de Oliveira para o Rio de Janeiro, bem como para compreender as formas como posteriormente, mais experiente, tomou a antropologia e a prática antropológica, que conhecia mais de perto através dos debates etnológicos deste período, como tema de estudo, para desenvolver seu projeto reflexivo sobre a produção do conhecimento científico.

Na época, Cardoso de Oliveira trabalhava como redator nos Diários Associados<sup>27</sup> e não via perspectivas profissionais no departamento de filosofia da USP devido ao que considerava questões políticas locais, já que durante a graduação em filosofia foi membro do Partido Comunista de São Paulo, o que angariou muitas desconfianças e mesmo inimizades nos círculos intelectuais paulistanos de então, sobretudo para um jovem recém-formado que ainda não havia conseguido estabelecer-se profissionalmente. Fernandes, seu orientador na USP, ainda tentou uma contratação de seu aluno pela universidade, mas essa foi negada. Sobre isto, Cardoso de Oliveira afirmou em entrevista para Mariza Peirano<sup>28</sup>:

Eu tive um período de fim de universidade extremamente radical, digamos. Então a universidade, que sempre foi conservadora, ela nunca ia deixar um jovem radical; e, sobretudo, uma pessoa que era anômala, quer dizer, formado em filosofia e

---

<sup>25</sup> Entrevista realizada em 13 de dezembro de 1978 por Mariza Peirano (1942-) e transcrita por Maria Izabel Cruz Bitar em 3 de maio de 2012. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy\\_ribeiro.html](http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy_ribeiro.html)>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

<sup>26</sup> Atualmente, Fundação Nacional do Índio (Funai).

<sup>27</sup> Os Diários Associados é uma empresa de comunicação fundada por Assis Chateaubriand (1892-1968) composta por diferentes jornais e emissoras de televisão no Brasil. Em São Paulo detinha os jornais “Diário da Noite” e “Diário de S. Paulo”, que existiram entre as décadas de 1920 e 1980.

<sup>28</sup> Entrevista realizada em 6 de dezembro de 1978 e transcrita por Lia Carneiro da Cunha em 24 de junho de 2012. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/roberto\\_cardoso\\_de\\_oliveira.html](http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/roberto_cardoso_de_oliveira.html)>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

interessado em sociologia [...] O Florestan queria me contratar para o Departamento de Ciências Sociais, mas o colégio universitário não aceitou, alegando isso (Roberto Cardoso de Oliveira, 1978).

Recém-formado, a subsistência era uma questão fundamental, já que a essa altura ele era casado com Gilda e tinha seu primeiro filho, Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1953-), que viria também a seguir a profissão do pai, em antropologia. Além de Luís Roberto, os dois tiveram mais três filhos: Rodolfo, Maria Fernanda e Lúcia. Além da questão financeira, nada banal, Cardoso de Oliveira considerava que essa era a única oportunidade que tinha de continuar estudando. Dessa forma, ele relatou anos depois, que aceitou a oferta de trabalho de Ribeiro e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1954.

O trabalho no Museu do Índio acabou se estendendo até 1958. Nesses quatro anos, além de se dedicar ao estudo de teoria antropológica, trabalhar com os relatórios do SPI sobre a política indigenista e ajudar a formar o Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC) – em colaboração com a então denominada “Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior”<sup>29</sup> (CAPES, criada poucos anos antes) –, também iniciou a pesquisa com os Terena<sup>30</sup>, povo indígena de língua Aruak, pertencentes ao subgrupo dos Guaná, e localizados no estado do Mato Grosso do Sul<sup>31</sup>. Esse contato inicia-se quando ele conhece os postos indígenas distribuídos no país como assistente de Ribeiro. Assim começa a pesquisa junto aos Terena, interessado no contato entre a sociedade nacional e a sociedade indígena – tema que continuará marcando seu trabalho posteriormente. Como lembra o antropólogo sobre esse período:

De certo modo, o SPI foi uma espécie de escola que complementou a minha formação universitária, na medida em que me expôs uma dimensão da realidade brasileira até então sequer imaginada por mim, jovem estudante de filosofia [...] O Brasil indígena constituía para mim (e certamente para muitos outros) o lado escuro da lua. O lado desconhecido da própria sociedade nacional em seu impacto com os povos indígenas. E minha experiência indigenista [...] dera-me o tema principal sobre o qual faria a

<sup>29</sup> Atualmente, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>30</sup> Opto por utilizar no texto a grafia utilizada nos dias atuais segundo as informações do Instituto Socioambiental, quando utilizo as minhas palavras ou transcrições de entrevistas realizadas no âmbito dessa pesquisa. No caso dos documentos de Cardoso de Oliveira, citações ou títulos de publicações mantenho o nome como no original (Terêna). Dados disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

<sup>31</sup> Segundo Cardoso de Oliveira (1957), na década de 1950 os Terena eram a população indígena mais numerosa da região e uma das mais “estáveis” do país, mesmo após dois séculos de contato com a sociedade nacional. Além do desenvolvimento da pesquisa de campo na região, o trabalho do antropólogo partiu das informações sobre os contatos interétnicos e “intertribais” da região feitos por cronistas do século XVIII e XIX, por registros da ocupação do território no século XIX, do trabalho de etnólogos produzidos no século XX, como Kalervo Oberg (década de 1940), Fernando Altenfelder (década de 1940) e Herbert Baldus (décadas de 1930 e 1950), e dos relatórios do Serviço de Proteção aos Índios.

minha formação profissional na antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p 338).

Apesar das experiências possibilitadas pelo trabalho no Museu do Índio, esse vínculo fazia com que Cardoso de Oliveira estivesse a todo momento em campo, alternando entre ser pesquisador e agente do Estado. Essa era uma questão importante para o antropólogo, já que por vezes era inserido em demandas e posicionamentos que implicavam em uma presença mais atuante do que gostaria como antropólogo.

No primeiro ano do CAAC, em 1955, Cardoso de Oliveira acompanhou os debates como aluno, mas já a partir do ano seguinte foi auxiliar de Ribeiro – o trabalho consistia em discutir com os outros alunos o conteúdo das aulas dos antropólogos convidados e a bibliografia indicada. Segundo Julio Cezar Melatti em entrevista, os dois primeiros anos do CAAC ocorreram no Museu e os dois anos seguintes no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) no Rio de Janeiro. Acredito que é importante recuperar algumas reflexões que fiz sobre a entrevista que conduzi com Melatti<sup>32</sup>.

*Brasília, 17 de junho de 2019.*

*Depois de uma manhã entrevistando Roque de Barros Laraia na UnB, fiz uma pausa e fui em direção da casa de Julio Cezar Melatti, que me esperava às 14h30. Fui recebida na ampla sala de sua casa em uma região de Brasília ainda desconhecida por mim. Nos sentamos em um dos sofás e conversamos por 1 hora e meia.*

*Em meio a isso tomamos um café e o antropólogo me mostrou dois materiais que guardava de seu período como aluno do Curso de Especialização do Museu Nacional. O primeiro uma caixa de metal onde guarda fichas com anotações de textos do curso; enquanto me mostrava seu conteúdo destacou alguns autores que apareciam naqueles papeis: Marion Levi Jr., Florestan Fernandes, Raymond Firth, Max Gluckman, Marcel Mauss, Robert Merton e Curt Nimuendajú.*

*O segundo material era a foto de um desenho feito por Maria Andrea Loyola (também aluna da segunda turma do curso de especialização) que retratava uma festa realizada na casa de Cardoso de Oliveira. O desenho de Loyola mostrava através de uma sátira*

---

<sup>32</sup> Como já foi mencionado na introdução, trago trechos ao longo da dissertação que situam às entrevistas feitas por mim, baseados em minhas anotações de campo. Para facilitar a leitura e a identificação dessa “quebra” no desenvolvimento do argumento, adotarei uma formatação diferente nestes casos, utilizando a fonte em itálico.

*algumas características dos convidados da festa – Melatti foi me indicando quem eram as pessoas retratadas e contando todos os significados que recordava daquela foto. Em seu caso, por exemplo, estava em pé com um copo em uma mão e uma mala na outra, com os dizeres Marília (uma referência a sua atuação como professor na Universidade Estadual Paulista – Unesp, apesar de Melatti afirmar que nesse momento ele já não estava mais lecionando na instituição e que na verdade estaria indo para São Paulo assistir a defesa de tese de um colega). A reprodução da foto pode ser encontrada no livro de Corrêa (2013b, p. 130), porém sem a riqueza de detalhes que me foi compartilhada nessa tarde.*

*Ao final nos despedimos e esse encontro representou minha última ida à Brasília ao longo da pesquisa.*

Nessa fase da trajetória profissional de Roberto Cardoso de Oliveira, Darcy Ribeiro já havia saído da instituição por discordar da nova diretoria do órgão, bem como parte de sua política indigenista, fazendo com que o primeiro assumisse, informalmente, a direção em seu lugar – algo que já ocorria durante as ausências de Ribeiro, antes mesmo de seu desligamento definitivo da instituição. Porém, em 1958, Cardoso de Oliveira também se demite do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) por razões semelhantes à de seu colega mais velho.

Entretanto, é possível afirmar que a experiência no Museu do Índio marcou a sua efetiva entrada na antropologia, caminho esse que decidiu seguir por toda a vida, e foi um momento importante para o início de dois grandes projetos que desenvolveu em seguida: a criação de cursos de pós-graduação em antropologia e as pesquisas sobre fricção interétnica, diretamente relacionadas à sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de Florestan Fernandes, sobre a “assimilação” dos Terena na sociedade nacional. Não obstante seu afastamento do SPI, motivado pela forma como encarava a política do órgão, dada sua própria experiência etnográfica, obtida em seu trabalho de campo, Cardoso de Oliveira fez parte do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e participou da criação do estatuto original da Funai na década de 1960, nunca tendo se desligado completamente dos debates da política indigenista.

\*\*\*\*\*

No período em que esteve no Museu do Índio, Cardoso de Oliveira participou também da primeira direção da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) como tesoureiro, ao lado de Luiz de Castro Faria (1913-2004) como presidente e de Ribeiro como secretário geral, entre os anos de 1955 e 1957. A ABA foi justamente criada em 1955, durante a II Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) realizada em Salvador, mas a primeira reunião aconteceu em 1953, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Depois dessa primeira experiência institucional, fundamental para a criação da mais antiga associação científica de ciências sociais ainda em atividade no Brasil, Cardoso de Oliveira foi ainda secretário geral (1963-1966) da ABA, na presidência de Eduardo Galvão (1921-1976), com Roberto DaMatta como tesoureiro; e, finalmente, foi também presidente (durante o biênio 1984-1986), em diretoria formada com Pedro Manuel Agostinho da Silva, então professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ex-aluno de Galvão, bem como com Mariza Veloso, que à época desenvolvia seu doutorado sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira na Universidade de Brasília (UnB).

As primeiras duas gestões ocorreram ainda no início de sua carreira na antropologia e foram compartilhadas com antropólogos que foram fundamentais no início de sua atuação: é o caso de Ribeiro e Galvão no Museu do Índio e Castro Faria no Museu Nacional – relações essas que serão analisadas com mais minúcia mais adiante. Isso de certa maneira ilustra a forma como a ABA foi criada em uma colaboração (nem sempre livre de tensões) entre duas gerações muito bem demarcadas, que representavam duas fases também bem distintas do desenvolvimento da antropologia no Brasil neste período: uma representando uma antropologia de cunho culturalista mais pronunciado, e outra que representava a renovação dos debates teóricos, que o próprio autor iria analisar em seu livro *Sobre o Pensamento Antropológico* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) – esse debate será detalhada mais adiante.

Segundo o anteprojeto do primeiro estatuto da Associação<sup>33</sup>, ela foi criada para congregar os especialistas em antropologia atuantes no ensino e na pesquisa do país à discussão de ideias e para debater problemas de interesse comum. É interessante notar que ainda constavam como debates antropológicos algumas áreas do conhecimento que em pouco tempo viriam a desaparecer dos fóruns de discussão da disciplina, a exemplo dos estudos de antropologia física, mas que tinham um lugar central nos debates realizados no Museu Nacional até meados do século XX. Uma análise da trajetória desta associação permite refinar a reflexão sobre a obra de Cardoso de Oliveira e entender com mais clareza o campo em que estava

---

<sup>33</sup> Estatutos – Associação Brasileira de Antropologia – Setembro de 1955 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 234.

inserido e que ajudou a formar. Segundo Corrêa (2013), apesar da ABA ser criada em meados da década de 1950, o início da ditadura militar brasileira, em 1964, acabou enfraquecendo seu desenvolvimento, que só retomou a frequência de seus encontros e debates, bem como o crescimento de suas estruturas acadêmicas, durante a década de 1970, inclusive como uma das consequências dos novos programas de pós-graduação da disciplina que estavam sendo formados neste período e a reconfiguração dos espaços de encontro e interlocução do campo antropológico no país. Como lembra a antropóloga:

Apesar da primeira Reunião Brasileira de Antropologia ter sido realizada em 1953, 15 anos antes da formalização dos programas de pós-graduação, seria ilusório considerar o conjunto dos antropólogos desses programas como uma “comunidade”: eles eram de início centros isolados, com comunicações esporádicas [...] É essa participação individualizada que será aos poucos substituída por representantes dos programas que, com seus projetos de pesquisa integrados, explícita ou implicitamente, ao lado da ampliação da participação de antropólogos no mercado editorial e da constituição de um léxico próprio à disciplina, criarão um novo modo de fazer antropologia no país (CORRÊA, 2013, p. 114-115).

As mudanças sentidas na década de 1970 são resultado de alguns fatores iniciados na década anterior, com a reformulação da estrutura dos programas de pós-graduação no país e a criação de novos programas pautados nesse modelo. No caso da antropologia, a mudança de Cardoso de Oliveira para uma nova instituição, as relações e os projetos desenvolvidos, serão fundamentais para essa nova etapa de sua trajetória.

\*\*\*\*\*

Como já foi mencionado, Gilda Cardoso de Oliveira foi também aluna do curso de filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, é também irmã de Fernando Henrique Cardoso, que naquele momento era aluno de ciências sociais da mesma universidade – o que a insere também próxima a um círculo de relações de sociólogos relacionados a Fernandes, que orientou o futuro presidente da república. Durante a graduação, ela participou, junto a Cardoso de Oliveira, de uma pesquisa coordenada por Fernandes:

Florestan nos dirigia – a mim e Gilda – numa investigação sobre preconceito racial em São Paulo, observável nas relações entre empresas e empregadores de cor (quando trabalhamos alguns meses na coleta de dados nos arquivos da Secretaria do Trabalho, verificando o quanto a exigência de fotografia pelos empregadores poderia estar servindo para discriminá-los) (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 67-68).

Depois da faculdade, Gilda não exerceu uma atividade profissional formal, porém, por sua facilidade e conhecimento de outras línguas, como o francês e latim, auxiliava Cardoso de Oliveira com a tradução e escrita nesses idiomas. Sua proficiência em línguas estrangeiras, na realidade, mostra outra esfera de atuação acadêmica: ela é a responsável pela tradução do livro *A antropologia de Rivers* (1991) organizado por Cardoso de Oliveira. Além disso, ela esteve presente em uma de suas viagens de campo aos Terena, junto a Luís Roberto ainda pequeno e grávida de Rodolfo.

Gilda e Roberto Cardoso de Oliveira foram casados por mais de 50 anos, até a morte do antropólogo. Ela sempre o acompanhou em viagens e eventos, e sua presença é lembrada em muitas das cartas com saudações de carinho, frequentes entre colegas e orientandos<sup>34</sup>, além de estar presente também em várias das entrevistas concedidas – muitas vezes como uma personagem importante para o acolhimento dos alunos e professores estrangeiros convidados por seu marido para estudar ou mesmo participar de algum projeto no Brasil. É importante mencionar sua presença constante e seu trabalho cuidadoso, muitas vezes imprescindível para a própria carreira de seu marido, mas nem sempre lembrados ou reconhecidos nas histórias da antropologia. Mesmo que Gilda não tenha participado diretamente das pesquisas desenvolvidas por Cardoso de Oliveira, é possível afirmar que ela exerceu um papel fundamental na construção de suas redes de relações e na manutenção de uma estrutura familiar (não restrita ao núcleo mais íntimo dos Cardoso de Oliveira), cuja forma mais pessoal e íntima, veremos adiante na dissertação, foi replicada e serviu de modelo para as maneiras com que o antropólogo desenvolvia certas parcerias intelectuais, frequentemente marcadas por afetos e investimentos de ordem não exclusivamente profissional. O caso de Gilda Cardoso de Oliveira, assim como de outras “esposas de antropólogos” que aparecem em muitas das cartas do Fundo Roberto Cardoso de Oliveira, permitem a compreensão da importância das parcerias amorosas muitas vezes invisibilizadas, o que fundamenta a forma como suas próprias trajetórias foram lembradas ou esquecidas na historiografia da antropologia (Cf. CORRÊA, 2003a). Além de Gilda, vale destacar a constante presença de Pia Maybury-Lewis (1926-2015)<sup>35</sup>, e em menor frequência de

---

<sup>34</sup> Em quase todas as cartas de cunho pessoal e profissional do antropólogo, ela era mencionada por seus remetentes (ou por ele), que frequentemente perguntavam por ela e seus filhos.

<sup>35</sup> Elsebet Helga Maybury-Lewis, mais conhecida como Pia, foi aluna da Escola de Sociologia e Política de São Paulo – ainda que ao que tudo indica não tenha cursado formalmente a pós-graduação na instituição –, atuou junto a David Maybury-Lewis (com quem foi casada) em pesquisas junto ao Xavante e os Xerente no Brasil e foi cofundadora da *Cultural Survival*, uma organização que tinha como objetivos a defesa de direitos de sociedades indígenas ao redor do mundo (Cf. CORRÊA, 2013; LARAIA, 2008b).

Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997)<sup>36</sup>, que cada uma a seu modo desempenhou um papel significativo de colaboração junto ao trabalho de seus maridos.

### 1.1.2. Fricção interétnica e o Museu Nacional

Ao sair do SPI, Cardoso de Oliveira ingressou na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, então parte da Universidade do Brasil (posteriormente Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), em 1958, a convite de Luiz de Castro Faria, antropólogo, chefe desta divisão e então professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ), que viria a ser conhecida como Universidade Federal Fluminense (UFF). Aliás, foi através de Castro Faria que Roberto DaMatta e Alcida Rita Ramos, respectivamente alunos de história e geografia da UFERJ, chegaram até o Museu Nacional e a Cardoso de Oliveira; indícios que nos possibilitam perceber a rede de relações que ia se constituindo naquele período e que seria fundamental para a consolidação de uma antropologia considerada renovada e moderna no Rio de Janeiro (e no Brasil). No mesmo período, Cardoso de Oliveira publicou seu primeiro livro, *O Processo de Assimilação dos Terêna* (1960), oriundo das pesquisas iniciadas enquanto funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), fundamentais também para o desenvolvimento de sua tese de doutorado na USP. Sobre essa publicação, que marcou o início de sua carreira acadêmica na disciplina, afirmou: “foi muito importante esse livro para mim, não só intelectualmente, como todo primeiro livro, que para mim era importante porque era um desafio[:] eu não sabia se eu, com minha formação em filosofia, era capaz de escrever um livro em etnologia” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1978).

Já com essa experiência, o antropólogo decide continuar no Museu Nacional com a proposta de formação que Darcy Ribeiro havia iniciado no SPI, com os cursos de aperfeiçoamento do Museu do Índio, mas repensando os problemas que havia diagnosticado, como o que considerava ser uma superficialidade dos conteúdos do antigo curso, mas também já procurando estimular a obrigatoriedade da formação superior, e a necessidade de dedicação integral ao curso – tanto por parte dos alunos, como dos professores, algo que já acontecia na

---

<sup>36</sup> Antropóloga, foi estagiária e professora do Museu Nacional, desenvolveu pesquisas sobre cultura material indígena, algumas delas em parceria com Darcy Ribeiro (com quem foi casada até meados da década de 1970); também auxiliou Darcy Ribeiro na organização de seus documentos, correspondências e no desenvolvimento de projetos. Além disso, a atuação de Berta Ribeiro foi fundamental na manutenção de redes e na comunicação com outros parceiros (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002; HEYMANN, 2012).

USP. Desta forma, organizou no Museu Nacional, de 1960 a 1962, cursos de especialização *latu sensu* em antropologia social. O curso durava um ano, exigia dedicação exclusiva e para isso fornecia uma bolsa de estudos aos alunos, constituindo três momentos diferentes: nos primeiros meses ocorriam as aulas e leituras, com seminários semanais dos alunos ao redor de uma extensa bibliografia fornecida por Cardoso de Oliveira e em grande medida novidade no contexto do Museu Nacional, além da preparação para a pesquisa de campo; em seguida, os alunos iam efetivamente ao campo acompanhados de Cardoso de Oliveira ou de um estagiário do Museu que já tivesse se formado neste curso de especialização. Por fim, eram realizadas uma avaliação e a elaboração escrita do trabalho desenvolvido em campo<sup>37</sup>.

Sobre a experiência de pesquisa, que era sempre realizada em duplas, os alunos colhiam informação que auxiliavam nos trabalhos desenvolvidos por Cardoso de Oliveira, ou para as pesquisas individuais realizadas no âmbito do Convênio com a Fundação Ford – questão que será aprofundada mais adiante. O resultado de parte dessas incursões foi registrado em cadernos e compartilhados com o professor ao final da viagem – que ele também julgou importante preservar. Dessa forma, o arquivo de Cardoso de Oliveira no AEL abriga também essa documentação produzida por seus alunos do curso de especialização do Museu Nacional.

As três turmas da Especialização formaram ao todo 13 antropólogos: Alcida Rita Ramos, Roberto DaMatta, Roque de Barros Laraia, Hortência Caminha, Onídia Benvenuti, Edson Soares Diniz (1934-2012), – da primeira turma – Julio Cezar Melatti, Marcos Magalhães Rubinger (1966-1975), Maria Andrea Loyola, Lucia Câmara – da segunda – Silvio Coelho dos Santos (1938-2008), Cecília Maria Vieira Helm (1937-) e Maria Stella Amorim – da terceira. Ressalto seus nomes por duas questões: a primeira, porque grande parte desses alunos se tornaram professores da disciplina em distintas universidades do país, participando da criação de outros cursos e programas de pós-graduação. Mas também porque estes ex-alunos e alunas dos cursos propostos por Cardoso de Oliveira, em sua maioria, estabeleceram um forte vínculo pessoal com o antropólogo. Vínculo que também era profissional, imprimindo as marcas dessa formação em suas atuações futuras e que, já é possível notar, conjugava uma espécie de estilo de trabalho de Cardoso de Oliveira: institucional, mas também bastante pessoal. É importante destacar as formas como os cursos foram ministrados neste período, uma vez que a atenção ao investimento feito pelo intelectual nas redes de colaboração e parceria seria fundamental para o sucesso de seus projetos acadêmicos.

---

<sup>37</sup> A experiência do curso de especialização foi recuperada pelos alunos em diversas ocasiões (Cf. AMORIM, 2001; DAMATTA, 2011; LARAIA, 1992; MELATTI, 2002a; 2002b; RAMOS, 1994; 2010).

Um dos apontamentos que aparecerem nas entrevistas que realizei com parte dos alunos do Curso de Especialização do Museu Nacional<sup>38</sup>, assim como com Luís Roberto Cardoso de Oliveira, foi a questão da mudança do nome desta disciplina, em relação à experiência anterior do Museu do Índio: ao invés de ser um Curso de Aprimoramento em Antropologia Cultural, que indicaria o escopo de debates feitos na instituição à época e que corresponderia à ênfase de ensino defendida por Castro Faria, o título passa a ser de Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Social. O que mais chama a atenção de todos os entrevistados é a mudança do termo antropologia cultural para antropologia social. Essa mudança marcava a filiação teórica com a qual Cardoso de Oliveira estava se inserindo, ou seja, uma nomenclatura geralmente associada ao paradigma estrutural funcionalista próprio da antropologia britânica, ao invés de uma referente à antropologia norte-americana, que de certa forma ainda era central na estrutura curricular e de pesquisa do Museu Nacional neste período, ainda resultante dos projetos de cooperação estreita com instituições norte-americanas durante a década de 1930, mas que já ganhava ares de ultrapassada à época em que Roberto Cardoso de Oliveira ingressou na instituição. Ao mesmo tempo, a mudança da orientação teórica e da bibliografia discutida nos seminários estabelece também sua ligação com uma antropologia aprendida ainda na USP com Fernandes, seu antigo orientador, que defendeu o uso destes debates estrutural-funcionalistas em sua tese sobre a função social da guerra Tupinambá (*A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1951)):

O trabalho do Florestan em etnologia é um trabalho britânico, inclusive, no estilo do Radcliffe Brown. Então eu recebi a influência inglesa, enfim, européia, quer dizer essa... Durkheim, Radcliffe Brown e a do Florestan, que era um homem que pensava a antropologia dentro dos termos ingleses daquela época. Então eu tinha... Eu não conhecia quase nada da antropologia americana. Isso eu fui aprender em contato com o Darcy, durante, pelo menos, dois anos, em que nós ficamos muito ligados” (Roberto Cardoso de Oliveira, 1998).

Além dessa entrevista, o antropólogo assinalou em algumas ocasiões que o seu referencial teórico tinha uma maior influência de Fernandes do que de Ribeiro (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002). Essa oposição a uma antropologia compartilhada por Ribeiro e Galvão, comumente praticada no país nas décadas anteriores e que, ainda em vigor no Rio de Janeiro, conjugava clivagens regionais de uma geopolítica do conhecimento antropológico no Brasil com uma percepção de que haviam debates inovadores e outros, próprios de uma geração mais

---

<sup>38</sup> Laraia, Melatti e DaMatta.

antiga, que pareciam caducar<sup>39</sup>. Com isso não quero dizer que há um afastamento total dessas figuras identificadas com uma geração anterior, mas há uma direção dos caminhos que a disciplina, no Rio de Janeiro, mas também em outros centros de ensino e pesquisa no país, passa a seguir a partir desse momento. Além disso, ao adicionar os termos teoria e pesquisa, já eram apresentadas de antemão quais eram as questões centrais de sua proposta: a formação de antropólogos que unisse uma densidade teórica na disciplina, mas que também proporcionasse a mesma importância para a pesquisa de campo que era defendida por antropólogos da geração anterior.

A partir do segundo ano, o curso passou a se chamar “Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Cultural” e foi lecionado também por Castro Faria. Segundo Melatti em entrevista, a presença de Castro Faria pode ter influenciado na alteração do nome. Outro ponto que deve ser levado em conta, é a estrutura do Museu Nacional: Cardoso de Oliveira era chefe da Seção de Antropologia Cultural, o que mostra que o próprio modelo de antropologia ainda estava em disputa na instituição, bem como a construção do que consistiria a disciplina no futuro.

O interesse formativo de Cardoso de Oliveira, intensificado por essas experiências anteriores, recebeu um incentivo em um contexto de transformação da educação superior no país. O Parecer 977/65 do Conselho Federal de Educação (CFE), mais conhecido como Parecer Sucupira, definiu as bases já apontadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, e foi “de importância fundamental para a construção conceitual dos cursos de pós-graduação e para a própria configuração acadêmica desse nível de ensino no país” (MARTINS, 2005, p. 19). O Parecer e, mais tarde, a Reforma Universitária em 1968, reestruturou e abriu novas possibilidades para a criação dos programas de pós-graduação. Essa configuração marcava a passagem de uma pós-graduação mais individualizada, ou seja, centrada em figuras dos catedráticos como ocorria na USP, para a conformação de departamentos e de uma estrutura institucional, onde o foco não recaía para determinados indivíduos, mas sim para um grupo de professores pesquisadores, cuja forma pode ser observada ainda hoje nas universidades do país (Cf. RUBIN, 1997).

Assim, é a partir desse novo cenário que devemos compreender um capítulo importante da trajetória intelectual de Cardoso de Oliveira, exemplificado nas discussões travadas com David Maybury-Lewis, e entrevistado na análise do incentivo da Fundação Ford

---

<sup>39</sup> Segundo DaMatta (2010), o novo nome do curso provocou “reações nas gerações mais velhas” (DAMATTA, 2010, p. 210) ao indicar uma mudança teórica.

naquele período, elementos que podem ser considerados fundamentais para a organização do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1968. Os planos de Cardoso de Oliveira de aprofundar a profissionalização de antropólogos no país, iniciada com o curso de especialização, encontraram em Maybury-Lewis um parceiro de projetos e de pesquisa. O antropólogo inglês<sup>40</sup> já havia feito pesquisas no Brasil entre os Xerente (localizados à época no estado de Goiás, atual Tocantins) durante seu mestrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo – sob orientação de Hebert Baldus – e entre os Xavante (localizados no Mato Grosso) em seu doutorado na Universidade de Oxford. No período em que começou a colaborar de forma mais próxima com o antropólogo brasileiro, Maybury-Lewis atuava como professor da Universidade de Harvard e tinha o interesse de fazer uma análise dos sistemas de classificação e de organização social confrontando a importância da organização dualista proposta por Lévi-Strauss e realizar uma pesquisa comparativa dos grupos indígenas Jê (Cf. DEMARCHI & MORAIS, 2016). O reencontro dos dois antropólogos no início da década de 1960 fez com que se unissem os interesses dessa agenda antropológica concretizada com o financiamento da Ford.

A inserção da Fundação nesse projeto não é uma narrativa clara. De um lado, algumas histórias (Cf. LARAIA, 2008a;) apontam para o início da articulação via EUA (o que não foi possível e levou, posteriormente, Cardoso de Oliveira a solicitar o financiamento pelo escritório da Fundação no Rio de Janeiro). Por outro lado, Luís Roberto Cardoso de Oliveira contou-me, em entrevista, de uma articulação que partia da própria Ford (em decorrência de uma experiência similar a ser realizada na Argentina, mas que acabou não sendo concretizada por questões políticas) - a qual buscarei analisar aqui.

*Brasília, 15 de fevereiro de 2019*

*Era a primeira entrevista de minha pesquisa (e da minha vida), a primeira vez que eu entrava na Universidade de Brasília – UnB e a segunda vez que eu pisava naquela cidade. A entrevista com Luís Roberto Cardoso de Oliveira estava marcada para as 14h15 de uma sexta-feira em sua sala no Instituto de Ciências Sociais (ICS) na UnB. Na insegurança de não conhecer a universidade, cheguei com bastante antecedência e me sentei em um banco na porta do ICS. Eu já havia conhecido ele no final de 2017 durante um evento que ocorreu na*

---

<sup>40</sup> Segundo Laraia (2008a), Maybury-Lewis nasceu no território que hoje é considerado o Paquistão, em virtude do trabalho de seu pai que estava na região a serviço do Império Britânico. O antropólogo mudou-se de fato para a Inglaterra aos sete anos de idade.

*Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), momento que eu já havia sido aprovada no processo seletivo no mestrado e iria iniciar de fato no início do ano seguinte. Em nosso primeiro encontro contei sobre a pesquisa e perguntei se eu poderia futuramente entrevistá-lo. Ele prontamente respondeu que me receberia, além de afirmar que uma entrevista para um jornalista poderia ser complicada, mas para uma antropóloga era diferente.*

*Algum tempo depois de minha chegada ao ICS, Luís Roberto chegou à instituição – conversamos brevemente, confirmando nosso encontro e ele me indicou como chegar a sua sala – me contou que ia resolver algumas pendências e que nos encontrávamos em breve. As 14h me dirigi então ao local da entrevista, onde o antropólogo já estava à minha espera. A sala que é ocupada apenas por ele e por seus objetos: uma mesa de trabalho ao fundo da sala com seu computador e três cadeiras – uma para o antropólogo e duas extras, sinalizando que aquele é um espaço de trabalho individual, mas que também receber outros interlocutores. Sob a mesa, papéis, livros, água e outros objetos pessoais de Luís Roberto compartilharam também o espaço com minha câmera filmadora e gravador. Ao nosso redor havia estantes de livros por todos os lados, alguns outros armários fechados, impressora e algumas caixas. Dentro de uma destas saiu um exemplar da tradução ao espanhol do livro “O índio e o mundo dos brancos”, com o qual fui presenteadada ao final do encontro. Além disso, dentro de um dos armários havia também documentos de seu pai, mas que naquele momento era incerto a localização precisa desses papéis.*

*A entrevista fluiu pelas próximas três horas. Ao final, quando já havíamos conversados sobre todos os pontos que eu havia preparado (além de muitos outros caminhos), Luís Roberto Cardoso de Oliveira informou que precisava ir. Nos despedimos com a intenção de um possível reencontro, dessa vez na companhia também de sua mãe, Gilda Cardoso de Oliveira, e de possivelmente esses documentos de seu pai que ainda estão sob sua guarda. Apesar desse novo encontro não ter se concretizado, eu ainda visitaria novamente o ICS para encontrar com outro professor da instituição quatro meses depois.*

Sobre essa questão, afirmou:

Um pouco antes da criação do programa no Museu, esse antropólogo, que não estou lembrando o nome, tinha sido, não sei se enviado é o termo, tinha ido passar um período na Argentina, articulando pesquisa e projetos institucionais também, e a Ford queria que ele viabilizasse a criação de um programa de pós-graduação em antropologia na Argentina. Mas na Argentina deram muito pouco espaço para ele, porque ele era interpretado como agente da CIA. Por causa da ligação com a Ford não

teve nenhum espaço. Ele foi visitar o Rio algumas vezes e ficou muito impressionado e, digamos, animado com a perspectiva do Museu Nacional, a partir do contato com o meu pai. Isso eu nunca soube através dele, isso eu soube através da Beatriz Heredia<sup>41</sup> [...] O apoio da Ford tinha sido planejado inicialmente por essa documentação para servir para a Argentina, mas lá eles tiveram dificuldade de fazer [...] Ele teve esse contato no Rio, no Museu, e ficou bem impressionado com o que estava sendo gestado lá (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019)<sup>42</sup>.

Independente de como tenha iniciado esse contato, é evidente que essa experiência fez com que os laços entre a Divisão de Antropologia do Museu Nacional e a Fundação Ford estreitassem com a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da instituição brasileira, mas se prolongaram para além dela.

A Fundação Ford inicia suas atividades no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, em 1962<sup>43</sup>, com o objetivo de combater problemas sociais, de apoiar a modernização de instituições de educação e de promover a democracia, no âmbito de uma política de atuação na América Latina no período da Guerra Fria, durante o governo do presidente John F. Kennedy (1917-1963). Além disso, no âmbito acadêmico das ciências sociais a Fundação possibilitou um maior diálogo de pesquisadores brasileiros com intelectuais norte-americanos, com a vinda desses profissionais ao país, resultando em um enfraquecimento da influência de paradigmas europeus até então, exemplificados na importância da missão francesa dos anos anteriores, em instituições como a USP por exemplo (Cf. CANEDO, 2017; PEIXOTO, 1989; ROCHA, 2016). Através dos vultosos recursos que colocava à disposição, a Fundação financiou pesquisas e pesquisadores no Brasil, bem como possibilitou a continuidade da formação destes últimos nos EUA. Além disso, é importante assinalar que a Ford investiu na infraestrutura de instituições científicas no Brasil (como em bibliotecas e laboratórios) e na contratação temporária de professores de universidades norte-americanas que colaboravam para o intercâmbio acadêmico. O impacto desta atuação não pode ser desprezada: até o início da década de 1970, a Fundação foi a principal investidora das Ciências Sociais no país. É importante ressaltar algumas questões

---

<sup>41</sup> Beatriz Maria Alasia Heredia, argentina, veio ao Brasil em decorrência da ditadura militar em seu país na década de 1970. Foi aluna de pós-graduação do Museu Nacional e professora da UFRJ, com pesquisas sobre campesinato, movimentos sociais e política.

<sup>42</sup> É importante mencionar que o contexto sobre a relação com a Fundação Ford foi mencionado apenas por Luís Roberto Cardoso de Oliveira. Eu não encontrei mais nenhuma referência ou mais informações entre os documentos ou com outros interlocutores da pesquisa, e com a morte de Beatriz Heredia em 2018, uma conversa com a antropóloga não seria mais possível. Mas para além de um esclarecimento sobre a forma como a relação de Cardoso de Oliveira e da Fundação se estabeleceu, esse caso permite ainda ter algumas pistas da diferença de relação estabelecida entre o Brasil e os EUA, e a Argentina e o país norte-americano. Isto é, ao menos na área de antropologia. Com isso não quero dizer que não houve no país nenhuma crítica à atuação da Ford, mas que sua atuação não foi impedida por essa questão.

<sup>43</sup> A Fundação se instala em outros países da América Latina no mesmo período.

sobre esses financiamentos, pois ajudam a compreender o contexto institucional com o qual Cardoso de Oliveira lidava e ajudou também a constituir: por exemplo, o investimento massivo em educação superior feito pela Ford, que correspondeu a mais de 70% do total dos recursos da fundação investidos no país na década de 1960, começou a ser substituído a partir de 1970. Isto deveu-se a incentivos de outras agências de fomento nacionais (como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Financiadora de Estudos e Projetos – Finep), e por uma política da Ford em distribuir entre mais instituições suas doações e em mudar seu foco de atuação, em outros setores, como em Organizações Não-Governamentais (Cf. BROOKE, 2002; FIGUEIREDO, 1988).

Além disso, é preciso pontuar uma segunda questão, sobre as áreas que eram consideradas prioridade na alocação desses investimentos iniciais: a antropologia não era vista a princípio como uma área de pesquisa com foco central (o que não acontecia com a economia e a ciência política, por exemplo). É justamente nesse entrave que a atuação de Cardoso de Oliveira e de Maybury-Lewis se tornam centrais para o investimento desses recursos no Museu Nacional e nos projetos desenvolvidos pelo *Harvard-Central Brazil Research Project* (cuja análise, nesta dissertação, será desenvolvida com mais detalhes mais adiante). Ainda que a Ford tenha feitos grandes investimentos no Brasil no período, foi a mobilização e negociação de Cardoso de Oliveira e de Maybury-Lewis, juntamente com os trabalhos já desenvolvidos por ambos, que faz com que essas doações cheguem à instituição carioca e que eles tivessem uma margem de liberdade para empregar esses recursos, como sinaliza Garcia Júnior (2009). Como afirma o antropólogo:

A criação do PPGAS/MN supôs, conseqüentemente, a mobilização de toda a autoridade científica e institucional acumulada pelos “pais fundadores” [Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis] quando de suas experiências precedentes e de seus conhecimentos dos mundos acadêmicos brasileiro e internacional, para tornar possível a continuidade das pesquisas sobre os grupos Gê e o estabelecimento de uma pós-graduação que pudesse dar seqüência aos projetos pedagógicos precedentes (GARCIA JR, 2009, p. 429).

Vale ressaltar que no caso específico de Cardoso de Oliveira, esta estreita relação resultou em diversos projetos intelectuais, interinstitucionais e internacionais de grande expressão, como o seu pós-doutorado realizado na década de 1970. Com isso, creio que fica claro a importância da atuação do antropólogo para reunir esses investimentos, principalmente em um período em que havia pouco financiamento oriundo de agências nacionais para as

ciências humanas; ainda mais quando analisamos o montante obtido junto à Fundação Ford e que possibilitou o desenvolvimento de ambiciosos projetos de pesquisa.

O PPGAS do Museu Nacional neste período inaugura duas questões que marcaram os programas de pós-graduação que o sucederam: o uso da nomenclatura Antropologia Social e o sistema de trabalho acadêmico que vigora até hoje. Primeiro, como foi apontado por Luís Roberto Cardoso de Oliveira ainda em entrevista, apesar de ser uma instituição americana – o que poderia levar ao uso de um conceito de antropologia entendida como cultural –, naquele período a Universidade de Harvard era a única instituição no país que utilizava o termo antropologia social. Além disso, Maybury-Lewis, o outro fundador do Programa, certamente promovia debates em vigor em seu país de origem, a Inglaterra, o que explica também a nomenclatura empregada. Como já foi dito anteriormente, o próprio Cardoso de Oliveira já estava familiarizado com uma discussão proveniente da antropologia britânica. Quanto à segunda questão, a criação do PPGAS do Museu Nacional ajudou a implementar o sistema de trabalho de dedicação exclusiva tanto ao ensino como à pesquisa, algo que já existia na Universidade de São Paulo e que já fazia parte também do curso de especialização acima referido.

É importante destacar que Maybury-Lewis foi um dos principais interlocutores de Cardoso de Oliveira em suas correspondências depositadas no AEL. Entre os alunos que atuaram no Museu Nacional à época, e que foram fortemente influenciados pelos dois antropólogos, destaco que DaMatta foi uma das pessoas que nutriu uma relação mais íntima com ambos, algo que é notado tanto em sua fala durante a entrevista, mas também em uma rápida investigação das prateleiras do seu escritório: é possível logo ver, como um dos pontos centrais de sua enorme estante de livros, o espaço reservado às fotografias de Cardoso de Oliveira e de Maybury-Lewis, ao lado da foto de seu filho mais velho, Rodrigo Augusto DaMatta, falecido em 2006. Essa amizade, assim como os desdobramentos que são possíveis a partir dela, serão abordados na seção seguinte deste capítulo. Por hora, basta assinalar a natureza da relação entre eles no processo de institucionalização do primeiro programa de pós-graduação em antropologia no Brasil.

Um dessas iniciativas foi o convênio *Harvard-Central Brazil Research Project*, uma parceria entre a Universidade de Harvard, local onde Maybury-Lewis lecionou nos EUA, e o Museu Nacional. Vale ressaltar que apesar do nome oficial do projeto ser o acima mencionado, Cardoso de Oliveira costumava chamá-lo de Projeto Harvard-Museu Nacional, destacando o protagonismo da instituição nacional nas pesquisas. Segundo Eduardo Viveiros

de Castro<sup>44</sup>, esse projeto inicia a fase moderna da etnologia feita no país. Nesse projeto participaram alunos do doutorado em antropologia da universidade americana, como Terence Turner, Joan Bamberger (ambos pesquisando entre os Kayapó), Jon Christopher Crocker (1938-2003) (junto aos Bororo), Jean Carter Lave, Dolores Newton (ambas entre os Krikrafí); e alunos da instituição brasileira formados pelo curso de especialização, como Laraia (que fez pesquisa entre os Suruí e os Akuáwa-Asurini), DaMatta (que realizou trabalho de campo entre os Gaviões e os Apinayé), Melatti (que conduziu pesquisa entre os Krahô) e Rubinger (que trabalhou com os Makaxali) (Cf. LARAIA, 2008a). O Projeto Harvard-Museu Nacional foi amplamente debatido na disciplina em virtude de seus integrantes terem coberto grande parte da etnologia dos grupos Jê naquele momento, bem como por terem feito estudos comparativos de povos indígenas localizados na área Tocantins-Xingu – denominação dada por Galvão (Cf. DEMARCHI & MORAIS, 2016; GIRALDIN & DEMARCHI, 2019; LIMA; SMILJANIC & FERNANDES, 2008<sup>45</sup>; MELATTI, 1981; 2002a; 2017).

Além disso, foi através do convênio, que contava com o financiamento da Fundação Ford e da Fundação *Wenner-Gren*, que dois projetos fundamentais na trajetória do antropólogo brasileiro se intersectaram: “Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” e o “Estudo Comparativo da Organização Social dos Índios do Brasil”. É nesse momento que o conceito e as pesquisas sobre relações interétnicas começam a ser desenvolvidas pelo antropólogo, bem como por parte dos alunos que estavam sendo formados pela instituição carioca. Os desdobramentos dos projetos foram publicados através das teses de doutorado dos alunos participantes, bem como em alguns textos individuais, mas teve como seu maior resultado o livro organizado por Maybury-Lewis, *Dialectical Societies* (1979), com foco das pesquisas realizadas entre os Jê no âmbito do projeto, com textos do antropólogo britânico, de Jean Lave, Julio Cezar Melatti, Roberto DaMatta, Joan Bamberger, Terence Turner e Christopher Crocker.

No período que permaneceu no Museu Nacional, Cardoso de Oliveira continuou pesquisando junto aos Terena, realizando parte de seu trabalho de campo junto com os alunos da primeira turma do Curso de Especialização, mas também iniciou uma nova pesquisa. Os Ticuna<sup>46</sup>, autodenominação Maguta, estão localizados no Alto Solimões, na Amazônia

---

<sup>44</sup> Em entrevista concedida à Rafael José de Menezes Bastos e Carmen Rial em 1999 (Cf. MENEZES BASTOS & RIAL, 2002).

<sup>45</sup> Este texto é resultado de entrevista realizada com Terence Turner em 2007 em Curitiba.

<sup>46</sup> Assim como no caso da nomenclatura dos Terena, opto por utilizar no texto a grafia utilizada nos dias atuais segundo as informações do Instituto Socioambiental. No caso dos documentos de Cardoso de Oliveira, citações ou títulos de publicações mantenho o nome como no original (Tükuna). Dados disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

brasileira, que foi o destino escolhido pelo antropólogo para um novo trabalho de campo<sup>47</sup>. Essa pesquisa só foi possibilitada pela parceria junto a Luiz Emygdio de Mello Filho (1913-2002), botânico e naturalista do Museu Nacional, que estava interessado em estudar um veneno produzido por este povo indígena, o curare, e que havia obtido financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para tanto. É importante destacar que neste período a instituição não financiava pesquisas na área de ciências humanas. Daí a importância do apoio de Mello Filho. Depois do aporte inicial obtido junto à agência de fomento brasileira, as viagens de campo subsequentes foram possibilitadas pelo Convênio com a Fundação Ford. Além disso, foi através do trabalho de campo junto aos Ticuna que primeiro buscou desenvolver o conceito de fricção interétnica, fundamental em sua obra.

Paralelamente ao seu trabalho no Museu Nacional, Cardoso de Oliveira realizou doutorado em sociologia na Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 1962 e 1966<sup>48</sup>, sob a orientação de Florestan Fernandes, que resultou na tese intitulada *Urbanização e Tribalismo: A integração dos Terêna numa sociedade de classes*. Apesar da importância do período de trabalho no Serviço de Proteção aos Índios para sua formação prática em etnologia, Cardoso de Oliveira afirmou diversas vezes que reconhecia a importância de Darcy Ribeiro em sua formação, mas que sua influência teórica mais profunda derivava de Fernandes. A tese de Cardoso de Oliveira recebeu influência direta do trabalho desenvolvido por este sociólogo, que também refletia sobre o tema da integração nacional, adicionando um viés de raça e classe à análise. Além disso, a influência direta pode ser rapidamente notada no título de um dos principais livros de seu professor na USP, *A integração do negro na sociedade de classes* (FERNANDES, 1965). É interessante notar, ainda, que apesar das contribuições de Cardoso de Oliveira na reformulação da pós-graduação no país, seu doutorado foi realizado em um período anterior ao Parecer Sucupira e a Reforma Universitária, momento em que os programas da USP ainda seguiam o modelo dos catedráticos.

A estrutura do programa da USP nesse período seguia o modelo francês, não havendo oferta de disciplinas e o processo de ingresso consistia em ser convidado ou aceito por

---

<sup>47</sup> A população Ticuna está próxima a fronteira do Brasil com o Peru e com a Colômbia e está dividida no território dos três países. Segundo Cardoso de Oliveira (1961), os Ticuna foram fortemente impactados pela indústria da borracha, especialmente no final do século XIX. Apesar de um crescimento populacional, observado entre a pesquisa realizada por Curt Nimuendajú na década de 1940 e aquela conduzida por Cardoso de Oliveira na década de 1960, sua história foi marcada por muitos conflitos em decorrência de sucessivas invasões de suas terras.

<sup>48</sup> Esse foi o tempo em que esteve formalmente desenvolvendo o doutorado na USP, porém o antropólogo afirmou (Roberto Cardoso de Oliveira, 1978) que levou 13 anos no desenvolvimento de sua tese (entre pesquisas e escrita). Cardoso de Oliveira tinha como referência o padrão anterior de carreira acadêmica, em que o doutoramento era uma consagração de uma trajetória já estabelecida na disciplina. Algo que se transforma com a institucionalização da antropologia nas décadas seguintes.

um dos professores responsáveis pelas cadeiras disciplinares. Para os alunos que não haviam realizado o mestrado, era preciso também apresentar duas teses subsidiárias em outras áreas. No caso de Cardoso de Oliveira, ele desenvolveu sua tese principal na cadeira de sociologia junto a Fernandes, e teses subsidiárias em antropologia e em lógica, com Egon Schaden (1913-1991) – professor catedrático de antropologia na USP, posição que ocupara desde a saída de Emílio Willems (1905-1997) da instituição e primeiro ocupante dessa cadeira –, e Gérard Lebrun (1930-1999) – professor-visitante da universidade nesse período –, respectivamente. No caso da antropologia, a tese subsidiária apresentada foi sobre sua experiência entre os Ticuna, posteriormente publicada como o livro *O índio no Mundo dos Brancos* (1964). Já na filosofia, apresentou como trabalho uma reflexão sobre a relação entre *O Pensamento Selvagem* (1962), de Claude Lévi-Strauss, cuja proposta de antropologia estrutural já alcançava certa repercussão fora da França, com experiência do antropólogo brasileiro junto aos Ticuna. A escolha em realizar seu doutorado na cadeira de Sociologia e não na de Antropologia tinha mais uma vez razões em sua aproximação e filiação teórica a Fernandes, nesse caso em oposição à antropologia feita por Schaden no período<sup>49</sup>.

Em relação à divulgação de seu trabalho no período, é importante lembrar que Cardoso de Oliveira publicou, além dos livros já mencionados, o artigo *Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia* (1967), anunciando outra de suas principais preocupações teóricas nesta época. Tais trabalhos partem do questionamento inicial de como um grupo até então considerado aculturado pode continuar se identificando como indígena. Para tanto, desenvolveu reflexões sobre as diferenças entre os conceitos de aculturação e assimilação, um antigo problema, próprio do culturalismo que era praticado pelos antropólogos de uma geração anterior à sua, como por exemplo Darcy Ribeiro. Sobre a forma como se colocou sobre tais questões, já introduzindo um outro conjunto de questões referentes à identidade, Cardoso de Oliveira afirmou:

Então o meu livro, a meu ver, ele confirma a hipótese de que pode haver um processo intenso de aculturação, mas a assimilação não ocorre. Quer dizer, significa que a identidade indígena pode persistir, apesar de mudar realmente a cultura. Ora, essa é uma questão que nós, com isso, antecipamos a uma série de trabalhos na área dos estudos de aculturação, sobretudo nos Estados Unidos [...] E que mostram, mostraram que a aculturação, que é uma teoria que tem o seu valor, mas ela arranha a realidade das relações interétnicas. Porque ela se fixa em formas culturais e que podem se transformar, mas que não levam, necessariamente, a uma transformação de relações sociais (Roberto Cardoso de Oliveira, 1978).

---

<sup>49</sup> Além disso, Schaden participou também da banca da defesa de tese principal, fazendo duras críticas ao trabalho de Cardoso de Oliveira.

As pesquisas iniciadas por Cardoso de Oliveira sobre a temática partem da premissa de atentar não apenas para o contato através da sociedade nacional, mas sobretudo de refletir como as sociedades indígenas lidavam com as transformações impostas pela situação de contato. A forma encontrada para lidar analiticamente com essa observação era através dos debates que podem ser remetidos ao que se denominava fricção interétnica, sendo essa uma tentativa de analisar em conjunto essas duas categorias.

Depois de trabalhar por mais de 10 anos no Museu Nacional, Cardoso de Oliveira saiu da direção do PPGAS desta instituição para realizar o pós-doutorado na Universidade de Harvard em 1971, onde viveu por um ano. Nos Estados Unidos, continuou a realizar pesquisas sobre fricção interétnica, voltadas para questões de identidade e relações sociais. Apesar do antropólogo já estar pensando sobre a questão da identidade em suas pesquisas junto aos Terena e aos Ticuna desde o final da década de 1950, foi através da influência do trabalho de Fredrik Barth (1928-2016) sobre a teoria da identidade, *Os grupos étnicos e suas fronteiras* (1969), que o antropólogo brasileiro desenvolveu sua teoria sobre Identidade Étnica, especialmente em seu período nos EUA. Como resultado desse trabalho, publicou o livro *Identidade, Etnia e Estrutura Social* (1976).

Sobre o período, segundo Luís Roberto Cardoso de Oliveira, a Fundação Ford havia lhe oferecido uma bolsa maior para avaliar programas de pós-graduação nos EUA, mas o antropólogo não aceitou porque perderia a oportunidade de estudar. Ainda sobre isso afirmou: “mas eu estou dizendo isso porque a Ford de fato teve uma experiência boa com ele e apostou muito nele” (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019). Essa observação feita por Luís Roberto Cardoso de Oliveira possibilita mensurar tanto a relação desenvolvida com a Fundação Ford, como também os resultados do trabalho de seu pai na criação do PPGAS e na institucionalização da antropologia no Brasil. Essa experiência foi reconhecida internacionalmente e possibilitou o exercício de uma significativa contribuição em outras iniciativas no futuro. A essa altura já é possível perceber o seu caminhar como um articulador de programas, agências, financiamento de pesquisas e de produção teórica.

À época de seu retorno ao Brasil, o Museu Nacional incorporou-se à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, conseqüentemente, houve uma reformulação burocrática nos cargos e na estrutura administrativa da instituição. Como resultado, segundo DaMatta em entrevista, por questão de meses o antropólogo não foi promovido a professor titular, a despeito

da inegável importância de sua obra e o já reconhecimento do impacto dos projetos promovidos por Cardoso de Oliveira.

*Niterói, 25 de junho de 2019.*

*Viajei de Campinas para o Rio de Janeiro e de lá segui para Niterói. A primeira vez que cruzei a Baía de Guanabara e a vista da barca já anunciava que aquele encontro seria especial. Cheguei as 10h na casa de Roberto DaMatta e fomos ao seu escritório para realizar a entrevista. Subimos uma escada caracol e chegamos a um espaço amplo com livros por todos os lados, entre eles havia ainda várias fotos e alguns objetos em meio as estantes, uma mesa de trabalho, uma poltrona e um pequeno sofá (que podem indicar que entre aquele mar de livros há também um espaço para encontros ou um espaço de trabalho mais informal).*

*A entrevista, em um sentido mais formal, durou cerca de 3 horas e meia. Em meio a conversa DaMatta ainda me mostrou alguns relatórios do Museu Nacional do início dos anos de 1960, destacou algumas fotos, como a de sua esposa, Celeste Leite Augusto DaMatta, de seu filho mais velho, Rodrigo Augusto DaMatta, de Cardoso de Oliveira e de David Maybury-Lewis. Essas últimas três fotografias estavam lado a lado compartilhando a mesma estante, formando uma espécie de altar de pessoas importantes em sua vida, mas que já haviam partido.*

*Depois disso, o antropólogo me convidou para almoçar em sua casa, junto a ele, sua neta, Serena, e a Cris, que trabalha junto a ele. Logo após, fomos tomar café em sua sala, junto a Serena, onde DaMatta pode contar a ela da alegria que sentia em falar sobre seu professor e recordar esses momentos de sua vida. Ao final, voltamos ao seu escritório onde o antropólogo me presenteou com dois de seus livros, além de ter me possibilitado vivenciar nesse dia de forma mais presente o sentimento que perpassou sua relação com seu professor.*

*Dentre todas as entrevistas que realizei durante a pesquisa, essa foi a mais longa e a que me possibilitou compreender a potência que existia nessa rede de relações que gentilmente meus interlocutores me permitiam acessar através de suas histórias. Se com os documentos já era clara a importância das relações pessoais em meio ao trabalho institucional, esses encontros materializaram essas histórias.*

Neste mesmo período, Cardoso de Oliveira recebeu convite para trabalhar na Universidade de Brasília, a UnB, onde dois de seus ex-alunos, Laraia e Melatti, já desenvolviam

um curso de graduação em ciências sociais, deixando, assim, a direção do Museu Nacional a outro de seus ex-alunos, DaMatta, que na prática já exercia o cargo durante a sua ausência.

### 1.1.3. O Anuário Antropológico e a UnB

Cardoso de Oliveira mudou-se ao Distrito Federal, onde ajudou a criar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UnB nos moldes do programa criado no Rio de Janeiro: o curso de mestrado inicia-se em 1972 e o de doutorado em 1981. Na UnB, já havia ocorrido uma tentativa anterior de promoção do programa, orquestrada por Eduardo Galvão, mas, devido a problemas desencadeados pelo início da ditadura militar em 1964 e seus posteriores desdobramentos, o intento foi descontinuado, resultando na formação de apenas um mestre, o antropólogo Pedro Agostinho da Silva, que viria a formar a diretoria da Associação Brasileira de Antropologia junto com Cardoso de Oliveira quando este tornou-se presidente da Associação. Sobre essa questão e o início efetivo do programa, Cardoso de Oliveira comentou durante o seminário, intitulado “Aspectos e perspectivas da institucionalização das ciências sociais no Brasil”, promovido pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e o Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento Econômico e Social (ILDES):

A UnB retomaria a pós-graduação somente em 1972, com a contratação de um grupo de antropólogos – em sua maioria egressos do corpo docente do Museu Nacional –, decididos a levar para Brasília a experiência obtida naquela instituição da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em março daquele ano, o signatário deste relatório foi contratado pela UnB e incumbido de organizar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social para ter início em agosto daquele mesmo ano, portanto no segundo semestre letivo – o que efetivamente aconteceu. Para sustentação do Programa concorreu a Fundação Ford com uma doação destinada a implementar um conjunto de atividades consideradas indispensáveis ao bom desenvolvimento das práticas acadêmicas e de investigações científicas, previstas como necessárias ao preparo do Antropólogo Social em nível de Mestrado [...] Embora a grande maioria dos professores tenha tido experiência docente anterior no Museu Nacional, inclusive seu organizador e primeiro coordenador, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB não é um mero desdobramento de seu congênere na Universidade Federal do Rio de Janeiro, instalado no departamento de antropologia daquele Museu. Face as peculiaridades da UnB, onde – como já foi dito – a graduação deve estar articulada com a pós-graduação (“O mestrado em antropologia da UnB” – Setembro de 1977 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 141)<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Texto intitulado *O mestrado em antropologia na UnB* apresentado por Roberto Cardoso de Oliveira no seminário “Aspectos e perspectivas da institucionalização das ciências sociais no Brasil”, promovido pelo IUPERJ e o ILDES e publicado em setembro de 1977.

É preciso salientar que a transferência desse grupo de antropólogos oriundos do Museu Nacional não apenas trouxe o mesmo modelo de Pós-Graduação desenvolvido no Rio de Janeiro (a despeito das diferenças entre os dois programas que Cardoso de Oliveira fez questão de assinalar, como docente que atuou em ambas as instituições e ciente da importância destas distinções), como por alguns anos as instituições tiveram uma forte ligação. Além disso, o PPGAS da UnB também recebeu financiamento da Fundação Ford em seus anos iniciais, o que abarcava a contratação de professores-visitantes<sup>51</sup>, apoio à pesquisa, a constituição de uma biblioteca especializada e bolsa de estudos para os alunos. Em relação às diferenças, a UnB já possuía a graduação em ciências sociais nesse período, o que fazia com que os docentes atuassem nos dois níveis de ensino, e fizessem um plano curricular de graduação compatível com o que seria cobrado na pós-graduação. Apesar da já existência da graduação na universidade, ela era também recente<sup>52</sup>, o que vem de encontro ao contexto do momento de criação dos programas de pós-graduação: a base para a institucionalização, mais do que partir de programas de graduação já consolidados nas universidades, foi possível graças às pesquisas realizadas em cursos de antropologia *lato sensu*, ainda que embrionários ou sem diretrizes pedagógicas padronizadas nacionalmente, já estabelecidas no país nas décadas anteriores (Cf. RUBIN, 1997).

Em relação à forma de ingresso no PPGAS desta universidade, Carlos Rodrigues Brandão (1940-), aluno da primeira turma do mestrado em 1972 (sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira) e depois professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) até sua aposentadoria, ressaltou em entrevista que a importância dada à pesquisa de campo já podia ser notada em meio ao processo seletivo da então jovem instituição.

*Campinas, 16 de maio de 2019*

---

<sup>51</sup> Além dos poucos recursos que a universidade possuía para a contratação de professores no período, no contexto da criação do PPGAS havia apenas o recém-criado mestrado do Museu Nacional e o doutorado da USP. Porém, com o processo de institucionalização em curso, era exigido uma formação cada vez mais especializada dos docentes destas mesmas universidades. As formações destes professores, em sua maioria, haviam sido recém obtidas em São Paulo ou em universidades no exterior, algo que também exigia uma colaboração eventual de professores-visitantes de outros países. Além disso, segundo Melatti, “então ele [Cardoso de Oliveira] foi fazer o doutorado dele; depois que ele fez o doutorado começou a exigir o nosso. Depois que ele fez o doutorado, eu fui fazer o doutorado também e o Roque também” (Depoimento de Julio Cezar Melatti à autora, Brasília, 17 de junho de 2019).

<sup>52</sup> O mesmo acontecia na Unicamp, com a graduação em ciências sociais iniciando em 1970 e o mestrado em antropologia social em 1971. A criação da Unicamp e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas tinham como parte de seus objetivos retomar o projeto que existia na Universidade de São Paulo, com professores qualificados e um ambiente com mais liberdade de pensamento frente ao regime militar que ainda estava em vigor (Cf. CORRÊA, 2013).

*Em minha segunda entrevista não precisei viajar para outra cidade para encontrar com meu interlocutor, apenas me deslocar de Barão Geraldo ao Cambuí, dois bairros de Campinas, só que dessa vez até a casa de Carlos Rodrigues Brandão. O antropólogo gentilmente me recebeu em meio a suas viagens, manifestações em prol da educação e a morte de um parente próximo.*

*Conversamos na ampla sala de sua casa: além dos dois sofás, de uma cadeira de balanço (onde o antropólogo sentou) e de outra mais simples (onde a câmera repousou), havia também uma estante de livros, alguns objetos de decoração e uma parede amarela cheia de máscaras. Ao fundo era possível ver a sala de jantar.*

*Aqui a conversa durou cerca de uma hora, passando por duas instituições, a UnB e a Unicamp, além de uma lembrança sobre alguns projetos de Cardoso de Oliveira no México e as frustrações de dois planos de trabalhos impossibilitados pela ditadura militar em curso no país. A conversa contou também com uma breve participação de Maria Alice Martins Brandão, esposa do antropólogo, que também conheceu o Roberto e a Gilda Cardoso de Oliveira; nesse momento ela disse que sentia saudades de Gilda, pediu notícias dela e seu contato (eu apenas sabia que ela estava bem e bastante ativa, através das informações que Luís Roberto Cardoso de Oliveira havia me contado meses atrás).*

Segundo Brandão, os candidatos ao mestrado nesta época tinham uma semana para fazer alguma pesquisa em Brasília e recolher todo o material possível para ser avaliado, junto com um texto sobre esta experiência, em entrevista que seria realizada em dia e hora definidos na instituição.

Em 1976, Cardoso de Oliveira criou também o Anuário Antropológico (AA), importante periódico no campo científico, que serve como espaço de debate, de alcance nacional, das pesquisas em andamento na Universidade e dos debates comuns na área, de modo que passou a ser um espaço privilegiado para a divulgação e desenvolvimento dos trabalhos de pesquisadores formados neste período. A princípio, a revista era um espaço que unia a antropologia produzida no Museu Nacional e na UnB, tentando estabelecer diálogos entre as instituições, o que perdurou até a criação da revista *Mana* no Rio de Janeiro em 1995, ainda que ambos os periódicos tenham passado a publicar trabalhos de antropólogos de diversas universidades brasileiras também. O projeto de Cardoso de Oliveira no AA permitiu ainda a publicação de textos de antropólogos de outros países e que foram republicados nessa iniciativa, marca do início de um estímulo maior à interlocução internacional e à tradução de obras escritas

em língua estrangeira. Alcida Rita Ramos, ex-aluna do antropólogo e ela própria professora na UnB, esboçou um panorama da atuação do periódico no para uma comunicação realizada durante o 46º Congresso Internacional de Americanistas – o rascunho desse texto, atualmente depositado no AEL, foi encaminhado para Cardoso de Oliveira com uma dedicatória: “Ao Roberto, com o carinho de sempre. Espero que agrade ao criador do AA. Alcida”:

A revista encontrou em Tempo Brasileiro<sup>53</sup>, sediada no Rio de Janeiro, uma editora solidária e disposta a empreender essa aventura editorial. A intenção era abrir um espaço não apenas para a publicação regular da produção acadêmica, mas também um fórum de debates, através de extensos artigos-resenhas que focalizassem as principais obras publicadas no ano, tanto no Brasil, como no exterior [...] Quanto ao exterior a presença marcante de antropólogos norte-americanos ou residentes nos Estados Unidos é em grande medida, consequência do contato multivariado que membros da equipe responsável pela realização do Anuário mantém com colegas daquele país; esse contato decorre, entre outras razões, do fato da maioria desses membros ter feito pós-graduação nos Estados Unidos (A antropologia brasileira vista através do Anuário Antropológico – Sem data – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 289).

---

<sup>53</sup> Atualmente o AA não é mais publicado pela editora.

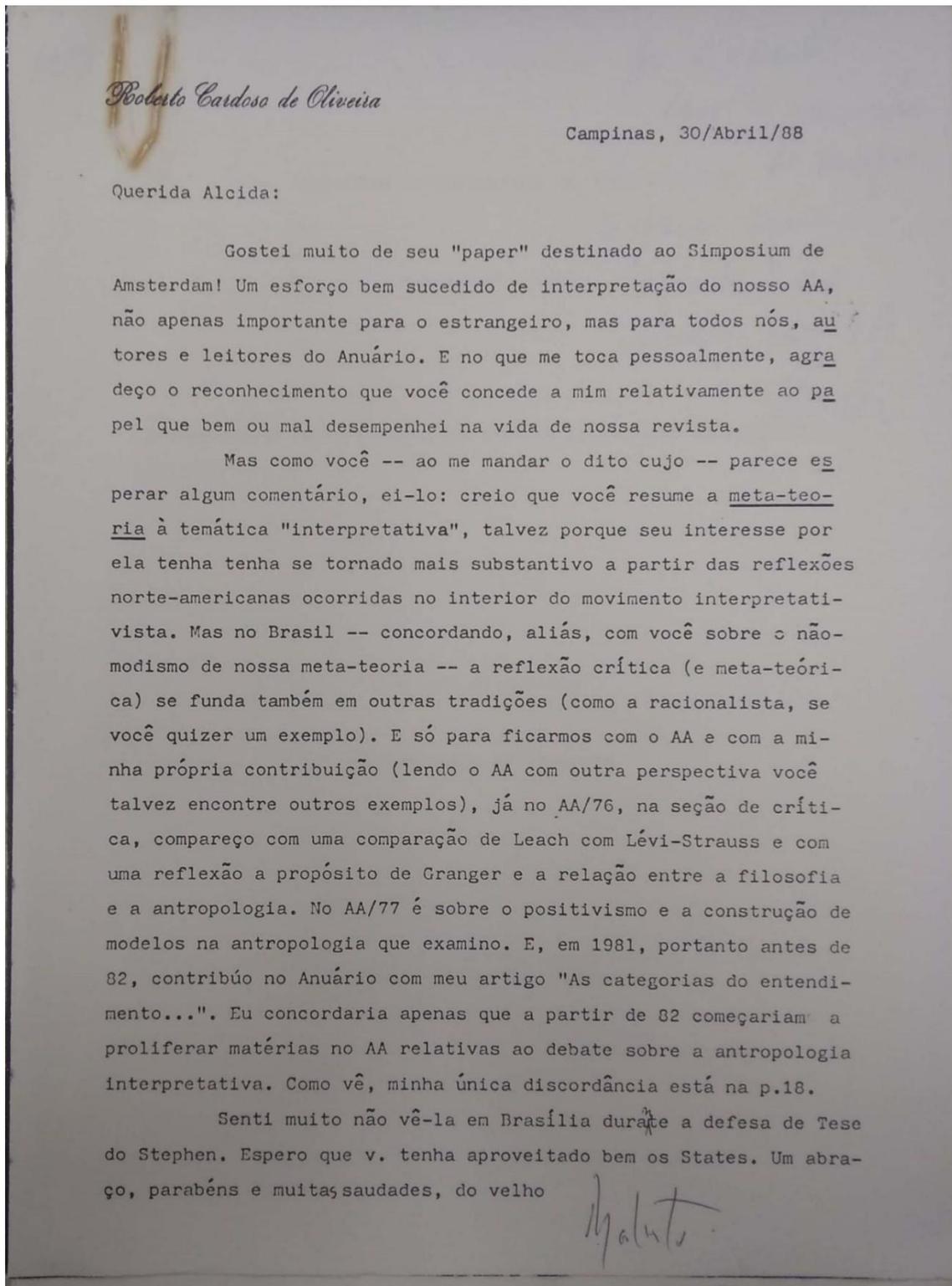


Imagem 1: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Alcida Rita Ramos – 30 de abril de 1988.<sup>54</sup>

Campinas, 30/Abril/88

Querida Alcida:

<sup>54</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 289.

Gostei muito do seu “paper” destinado ao Simposium de Amsterdam! Um esforço bem sucedido de interpretação de nosso AA, não apenas importante para o estrangeiro, mas para todos nós autores e leitores do Anuário. E no que me toca pessoalmente, agradeço o reconhecimento que você concede a mim relativamente ao papel que bem ou mal desempenhei na vida da nossa revista.

Mas como você – ao me mandar o dito cujo – parece esperar algum comentário, ei-lo: creio que você resume a meta-teoria à temática “interpretativa”, talvez porque seu interesse por ela tenha se tornado mais substantivo a partir das reflexões norte-americanas ocorridas no interior do movimento interpretativista. Mas no Brasil – concordando, aliás, com você sobre o não modismo de nossa meta-teoria – a reflexão crítica (e meta-teórica) se funda também em outras tradições (como racionalista, se você quiser um exemplo). E só ficarmos com o AA e com minha própria contribuição (lendo o AA com outra perspectiva você talvez encontre outros exemplos), já no AA/76, na seção de crítica, compareço com uma comparação de Leach com Lévi-Strauss e com uma reflexão a propósito de Granger e a relação entre a filosofia e a antropologia. No AA/77 é sobre positivismo e a construção de modelos na antropologia que examino. E, em 1981, portanto antes de 82, contribuí no Anuário com meu artigo “As categorias do entendimento...”. Eu concordaria apenas que a partir de 82 começariam a proliferar matérias no AA relativas ao debate sobre antropologia interpretativa. Como vê, minha única discordância está na p.18.

Senti muito não vê-la em Brasília durante a defesa de Tese do Stephen<sup>55</sup>. Espero que v. tenha aproveitado bem os States. Um abraço, parabéns e muitas saudades, do velho Roberto<sup>56</sup>.

O texto, assim como a resposta de Cardoso de Oliveira enviada em 30 de agosto de 1988 à Ramos encontram-se no AEL (Imagem 1). Nessa carta, o antropólogo elogia o trabalho realizado por sua antiga aluna e agradece a lembrança de sua atuação na criação do periódico e nos primeiros anos de publicação do AA. Além disso, desenvolve uma das críticas apontadas pela antropóloga em relação a uma ausência da tradição racionalista na antropologia feita no Brasil sobre a meta-teoria (ou seja, sobre uma reflexividade sobre o próprio fazer antropológico, tema de interesse central de Roberto Cardoso de Oliveira e que contribuiu para as discussões sobre uma história crítica da disciplina). Em suas considerações, inicialmente o antropólogo ressalta que há uma meta-teoria influenciada por uma abordagem interpretativista, como Ramos aponta, como também uma abordagem racionalista que mereceria algumas considerações. Na realidade, Cardoso de Oliveira acredita que, sua própria formação estaria permeada por essa diferença. O antropólogo sugere para Ramos outras datas para o surgimento desse debate no AA, com a publicação de um texto de sua autoria, *As categorias do Entendimento na formação da Antropologia* (1981). Sobre o debate entre as tradições interpretativista e racionalista na

<sup>55</sup> Stephen Grant Baines, antropólogo, professor da Universidade de Brasília, com pesquisas na área de etnologia indígena, além disso participou do projeto de Estilos de Antropologia, coordenado por Cardoso de Oliveira na década de 1980.

<sup>56</sup> [Destques no original]. É importante notar duas características distintas desse documento: o fato de estar efetivamente assinado (em sua maioria as correspondências guardadas no arquivo têm apenas seu nome datilografado) e do papel estar timbrado com seu nome (geralmente o timbre usado são os símbolos das universidades que atuou). Algumas dessas características dos documentos serão desenvolvidas no segundo capítulo.

disciplina, Cardoso e Oliveira em seu livro *Sobre o Pensamento Antropológico* (1988) identifica esses paradigmas através do encontro de quatro categorias: entre as tradições intelectualista e empirista e entre as “categorias” de tempo sincrônicas e diacrônicas. Os resultados dessas combinações geram quatro domínios, sendo que o encontro entre as categorias “intelectualista” e “sincronia” gerou o paradigma racionalista da Escola Francesa de Sociologia e o cruzamento entre as categorias “intelectualista” e “diacronia” gerou o paradigma interpretativista e hermenêutico, consolidado em centros universitários norte-americanos. Desse pequeno resumo de um trabalho mais complexo do que é possível analisar com profundidade aqui, pretendo apenas situar o debate e a crítica que essa carta faz referência, apontando as próprias contribuições teóricas de Cardoso de Oliveira.

O AA foi concebido sob influência do *Année Sociologique*<sup>57</sup> – um velho desejo de Cardoso de Oliveira –, adotando a forma de uma publicação que, a cada ano faria um resumo das contribuições do ano anterior. Dessa forma, o AA 76, corresponderia às atividades no ano de 1976 e seria publicado em 1977, sempre cumprindo o papel de atualizar a produção antropológica e estimular um balanço dos principais debates e pesquisas<sup>58</sup>. Com o passar dos anos essa estrutura foi alterada, segundo Melatti em entrevista, a partir de exigências do Ministério da Educação sobre a periodicidade das publicações, que não poderiam mais ser anuais (em um primeiro momento, passaram a ser semestrais, depois a cada quatro meses, com estímulo para a publicação de ainda mais volumes a cada ano, atualmente).

Sobre o período que atuou na UnB, o antropólogo contou um pouco de sua experiência para Maybury-Lewis, então professor em Harvard. É interessante refletir como a estrutura, que permitiu que alguns dos atuais centros de formação em antropologia pudessem existir, foi constituída por processos sociais e históricos precisos, em que as redes de relações sociais, quando retraçadas, permitem acompanhar de perto uma história cujo resultado hoje podemos dizer que é conhecido.

Brasília, 31 de março de 1978

Caríssimo David,

De início quero cumprimentar o casal Maybury-Lewis pelas bodas de prata. Efusivos abraços de Gilda e meus, tão calorosos e apertados como se estivéssemos ai. Embora, infelizmente, não nos tenha sido possível ir a Europa dessa vez, ficamos contentes em mesmo daqui dos trópicos podermos abraça-los todos juntos – você, Pia e os “meninos” – nessa bonita festa que, também nós, tivemos a alegria de comemorar

<sup>57</sup> Publicação criada e editada por Émile Durkheim (1858-1917) no final do século XIX, com objetivos de informar e analisar os debates do período importantes para o debate sociológico.

<sup>58</sup> Houve alguns atrasos na publicação de alguns números, mas a lógica se manteve por muito tempo.

recentemente. Nós, que somos irmãos em muitas coisas, em mais isto nos encontramos.

Ótimo que você está concluindo seu livro Structuralism and Social Organization. Parabéns. Imagino que Cambridge, England, está sendo magnífico para você. Tão bom que contratemos – como o caso do Terry Turner – praticamente anula diante das coisas positivas que você está encontrando nessa temporada. Mesmo porque você não está (também aí) isolado: poucos são aqueles professores como nós que uma vez ou outra não sejam golpeados por ex-estudantes que parecem querer nos destruir para sobreviver... O que se há de fazer?! Mas estou certo que você não se abalou a ponto de não superar isso, isto é, sem se irritar mais do que o necessário...<sup>59</sup>

Roque finalmente chegou e está coordenando a Pós-Graduação, cuja passagem para o nível de doutorado estamos projetando para 1979. Ano que você pretende vir aqui (no meio do ano, não é?) e que eu, provavelmente, não estarei no Brasil. É ano do meu sabático e estou almejando ir para o exterior, possivelmente para o México, onde meu trabalho parece ser importante, seja do ponto de vista acadêmico (colaborar com o CIS-INAH no desenvolvimento do doutorado), seja do ponto de vista científico (aplicação de ideias que venho desenvolvendo, como v. sabe, sobre estudos étnicos). Meu programa ainda não está detalhado, falta a confirmação sobre o “time”: se vou em março, ou em agosto de 79. Porém, não pretendo ficar lá todo o tempo; penso em permanecer de 6 a 7 meses no México, deixando dois ou três meses para eventual ida a Europa ou aos EEUU.

No momento estou empenhado numa dupla atividade: consolidar o mestrado, inclusive já escolhendo novos contratados, entre eles o Tulio e a Mariza<sup>60</sup>, além de conseguir um aprimoramento crescente da qualificação dos nossos mestres e, por que não, dos próprios bacharelados – uma vez que faço questão que o corpo docente não exclua a graduação como campo de exercício interessado e sistemático de ensino. Além disso estou tentando conciliar o Anuário, cujo primeiro livro deve aparecer por essas próximas semanas – já um bocado atrasado... A idéia que tenho é publicar o segundo, ie. o Anuário/77, até o fim do corrente ano, pois até julho terei os artigos e críticas devidamente prontos (Aliás, gostaria de receber algo de você, seja artigo, seja crítica; não lhe falei antes porque esperava tratar disso somente depois de você receber o Anuário/76, a fim de ter uma ideia do que estamos pretendendo fazer).

Numa próxima carta lhe direi sobre as coisas que estou escrevendo e algo a mais sobre meus planos do sabático. Por ora, qualquer ajuda que v. queira para facilitar sua vinda ao Brasil em 79, diga-me. Abraços do velho (31 de março de 1978 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 30).

Como é possível perceber também por essa carta, é ainda nesse período como professor da UnB que as relações com a antropologia praticada no México, e com Bonfil Batalla em específico, foram mais intensas, assim como seu incentivo ao intercâmbio de pesquisadores latino-americanos – ação destacada no terceiro capítulo desta dissertação. Inclusive, o

---

<sup>59</sup> Nesse trecho, Cardoso de Oliveira faz uma referência ao conflito entre Terence Turner e Maybury-Lewis. O conflito ocorreu a partir de desavenças teóricas entre os dois antropólogos, que inclui diferenças quanto a forma das pesquisas relacionadas ao Projeto Harvard-Museu Nacional. O capítulo de Turner no livro *Dialectical Societies* (1979), “Kinship, household and community structure among the Northern Kayapo”, demonstra seus interesses de pesquisa; o que foi respondido por Maybury-Lewis na introdução da própria coletânea (Cf. SMILJANIC & FERNANDES, 2008).

<sup>60</sup> O documento não apresenta o sobrenome dos novos contratados, porém é possível supor que Mariza corresponda à professora Mariza Peirano, que nesse momento estava realizando seu doutorado na Universidade de Harvard, e foi contratada pela UnB em 1980; e que Tulio corresponda a Tullio Persio Maranhão (1944-2002), que foi orientando de mestrado de Cardoso de Oliveira na UnB em 1975 e que defendeu seu doutorado em Harvard em 1981.

intercâmbio mencionado foi de fato concretizado no segundo semestre de 1979. Além disso, aqui mais uma vez através da correspondência conseguimos ver os sinais de como a relação de amizade (que se estende também para a família dos antropólogos) se cruza com a relação profissional de ambos.

Além disso, é nesse período também que Cardoso de Oliveira publicou os livros *A Sociologia do Brasil Indígena* (1972) e *Enigmas e Soluções: Exercícios de Etnologia e de Crítica* (1983). Destaco que *Enigmas e Soluções* é um interessante exercício de síntese do percurso de trabalho de Cardoso de Oliveira até aqui, já que neste livro o antropólogo faz uma divisão de três temas gerais que representam seus esforços de pesquisa: Dualismo, que corresponderia a alguns desdobramentos de suas pesquisas mais etnológicas junto aos Terena e aos Ticuna, com um forte diálogo com Claude Lévi-Strauss; Etnicidade, uma vez que seus trabalhos anteriores permitem agora uma análise sobre as lógicas de classificação e os conceitos de identidade e relações étnicas – é aqui que sua estadia e diálogo como México se faz mais atuante; e Crítica, em que retrata uma reflexão sobre a produção de conhecimento da disciplina, principalmente a partir do paradigma estruturalista. A partir da década de 1980, há um giro em suas temáticas de pesquisa e o antropólogo começa a refletir sobre algumas bases teóricas da disciplina de maneira mais acentuada. Para isso, viaja à Paris, onde realiza um estudo das raízes racionalista e empirista na antropologia. Esse projeto culminou, posteriormente, em pesquisas dos diferentes estilos de antropologia, chave de análise sobre a história da antropologia e sobre a reflexividade do conhecimento antropológico que influenciou diversos autores interessados no tema.

Durante sua atuação na UnB, outros programas de pós-graduação em antropologia foram se desenvolvendo também no país. Como já foi mencionado, a Unicamp inicia seu mestrado em 1971 e a USP reestrutura seu programa em 1972. Além dessas experiências que ocorreram de forma quase simultânea à UnB, alguns alunos de Especialização do Museu Nacional iniciam o oferecimento de cursos semelhantes no sul do país em meados da década de 1970, como no caso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), encabeçado por Silvio Coelho dos Santos, e na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com Cecília Helm – mais tarde essas iniciativas dão lugar aos Programas de Pós-Graduação tais como existem atualmente.

\*\*\*\*\*

O período de criação dos programas de pós-graduação no Brasil foi também marcado pela ditadura militar. Referências a este período da história do país, sobretudo seu impacto na história da institucionalização da antropologia, aparecem em alguns momentos da vida de Cardoso de Oliveira, e é possível acompanhar as trajetórias de pessoas e instituições nesta justaposição destes processos mais amplos. Em relação ao antropólogo paulista, sua atividade política com a qual engajou-se já no começo da década de 1950 foi um empecilho para seu futuro profissional na USP na área de filosofia, o que o levou a ir trabalhar com Darcy Ribeiro no Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Essa mudança geográfica além de ser central para compreender os rumos de seu trabalho antropológico, pode ter permitido também que sua atuação política do passado fosse tirada de foco, ou ao menos não tenha impedido algumas oportunidades acadêmicas. Sobre essa questão, DaMatta afirmou:

No caso do Roberto eu acho que tem isso, na verdade um gênio de segurar um regime militar porque ele foi chamado para depor, foi chamado não por ele, eu fui também, alunos do Museu, gente que ele conhecia. Com o regime militar de um lado, tinha o passado dele de comunista em São Paulo, então tinha um negócio político duro, por outro lado, que ele neutralizou. Talvez tenha sido um dos motivos pelos quais ele tenha vindo para o Rio (Depoimento de Roberto Augusto DaMatta à autora, Niterói, 25 de junho de 2019).

Como fica claro na fala de DaMatta, apesar dessa “neutralização” de seu passado, ocupar cargos importantes nas universidades naquele período fazia com que os intelectuais de então precisassem responder por posicionamentos políticos não apenas pessoais, mas também de outrem, como dos alunos e professores de suas instituições, como também articular redes que permitissem com que essas pessoas seguissem trabalhando em outras regiões ou em outros países de forma a escapar da perseguição política vigente. As redes construídas com antropólogos latino-americanos, norte-americanos e europeus foi fundamental para esse sucesso no estabelecimento institucional e profissional de vários colegas, alunos e colaboradores de Cardoso de Oliveira naquele período de incertezas e tensão política.

O período militar ainda impunha restrições às viagens dos intelectuais atuantes nas universidades brasileiras, seja para a participação de congressos internacionais, seja para a sua formação ou docência em outras instituições. Em meio a pesquisa me deparei com documentos sobre atrasos na liberação de autorizações que impediram ou atrasaram a realização de viagens nesse período, como quando Cardoso de Oliveira foi realizar seu pós-doutorado em Harvard. Nessa ocasião, o antropólogo precisou adiar sua ida aos EUA em algumas semanas devido à demora em obter a permissão do presidente do Brasil para realizar sua viagem. De forma

análoga, Carlos Brandão, seu orientando em Brasília, não pode fazer parte de um projeto encabeçado por Cardoso de Oliveira no México e teve uma vaga como professor da UnB rejeitada, ambos sem justificativas, mas cujas causas não são difíceis de especular:

Calhou que tinha sobrado uma vaga na UnB de um professor desses estrangeiros que ia voltar. Ele [Cardoso de Oliveira] disse: “essa vaga é sua, eu quero você aqui comigo”, e foi a outra frustração, tudo pronto, eu fui a Brasília, conversei com todo mundo, já estava vendo apartamento lá na Colina dos professores, escola para meus filhos, avisei aqui na Unicamp, Peter Fry, que era o coordenador, que não ia ficar mais, era uma pena, mas ia embora, de repente ele me liga e diz “olha, volta atrás no seu pedido de demissão na Unicamp, não saiu, eles negaram o seu ingresso aqui”, nunca explicaram o porquê, coisas da ditadura, com todo o peso do Roberto (Depoimento de Carlos Rodrigues Brandão à autora, Campinas, 16 de maio de 2019).

Apesar da ausência de justificativas oficiais, alguns elementos chamam atenção nesses dois casos, como as relações pouco amistosas entre o governo brasileiro com o México em virtude de uma imagem deste ser um país pró-comunista. No caso específico do campo antropológico, suspeitas fortalecidas desde ao menos o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano. A atuação de Brandão em pesquisas sobre campesinato e “atividades mais à esquerda”, como o próprio antropólogo afirmou, certamente contribuiu para que fosse alvo de atenção do regime militar que, mesmo quando não atuava repressivamente de maneira direta, poderia dificultar o trabalho de intelectuais em instituições públicas e privadas. DaMatta salienta também que esse tipo de represália ocorria igualmente já dentro dos altos cargos das instituições, através de uma lentidão nos processos, o que inviabilizava as viagens. Ou ainda na avaliação e censura de bibliografias e conteúdos a serem ministrados nas disciplinas nas universidades do país.

Segundo Laraia, em entrevista, outra aluna do Museu Nacional que foi perseguida nesse período foi Maria Andrea Loyola: “ela foi perseguida militarmente, ela era de Juiz de Fora, e o Roberto conseguiu uma bolsa da Fundação Ford para ela em Paris [...] a Fundação Ford sustentou ciência no Brasil durante o tempo da ditadura toda” (Depoimento de Roque de Barros Laraia à autora, Brasília, 17 de junho de 2019).

*Brasília, 17 de junho de 2019.*

*Saí de Campinas bem cedo para encontrar com Roque de Barros Laraia em sua sala do ICS da UnB às 10h. Sua sala também ficava no segundo andar do prédio, mas um pouco distante de Luís Roberto Cardoso de Oliveira, que eu já visitara na universidade. Depois*

*de rodar o corredor algumas vezes antes de localizá-la, enfim cheguei à sala compartilhada por Laraia e Alcida Rita Ramos. Além das duas mesas de trabalho, computadores, papéis, livros e de algumas cadeiras extras, o espaço ainda conta com uma janela grande ao fundo e alguns armários. Na porta de um desses armários estava fixada uma foto dos alunos da primeira turma do Curso de Especialização do Museu Nacional.*

*Em meio à conversa, Ramos chegou, conversamos brevemente sobre o que estávamos fazendo ali. Ao final Laraia sugeriu que fôssemos para a sala ao lado (a sala comunitária), onde havia alguns sofás e cadeiras, café e água, e era compartilhado pelos professores da instituição. A entrevista durou ao todo 2 horas. Em meio a isso, fomos surpreendidos pelo telefonema de Julio Cezar Melatti (com quem eu estava trocando e-mails para tentar marcar um encontro nos próximos dias) para combinar um horário para nossa conversa e me passar a direção de sua casa. Confesso que os encontros desse dia trouxeram para a prática essa rede de relações que tanto lia nos documentos e que também me debruço ao longo dessa dissertação. Ao longo de um único dia estive em contato com três ex-alunos da primeira e segunda turma do curso de especialização no Museu Nacional do Rio de Janeiro coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, todos depois professores da UnB.*

*Ao final das perguntas, Laraia começou a me contar um pouco sobre seu trabalho na Fundação Nacional do Índio até a chegada de Luiz Eduardo de Lacerda<sup>61</sup> Abreu, que o levaria para o Superior Tribunal de Justiça em virtude de um processo aberto por fazendeiros do Paraná contra a Associação Brasileira de Antropologia. Nos despedimos e fui me preparar para o próximo encontro do dia.*

Além da importância da Fundação Ford no desenvolvimento das ciências sociais no país, Cardoso de Oliveira conseguiu articular junto à mesma um programa de bolsas de estudos para alguns antropólogos que precisaram sair do país nesse período de repressão, principalmente para a França e para os EUA. Como mencionado anteriormente, a Fundação chega ao país pouco tempo antes do início da ditadura militar no Brasil, e financiou vários projetos de intelectuais que haviam sido expulsos das universidades onde trabalhavam no período ditatorial; essa política ocorreu principalmente durante a gestão de Peter Bell (entre 1967 e 1968) na Fundação (Cf. CANEDO, 2017; ROCHA, 2016). Além disso, o PPGAS do Museu Nacional possibilitou a criação de um espaço que acolheu intelectuais que foram

---

<sup>61</sup> Antropólogo e professor da UnB, com pesquisas na área de antropologia do estado e direito.

impedidos de dar continuidade a sua formação em outras áreas das ciências sociais em decorrência de perseguições políticas durante o regime militar, “desde que aceitassem dialogar, de fato, com o passado nacional e internacional da disciplina” (GARCIA JR, 2009, p. 432).

Essas experiências ressaltam também as diferenças das atuações dos governos frente a contextos específicos. No caso da UnB isso era ainda mais agravado por esta universidade estar localizada na capital do país. Em Brasília, a reitoria foi dirigida por quase dez anos por um militar, José Carlos de Almeida Azevedo (1932-2010), que segundo Brandão, em entrevista, militarizou a UnB. Em 1977, a universidade foi tomada pelos militares durante meses, em razão de uma greve estudantil culminada pela expulsão de alunos da instituição. Gustavo Lins Ribeiro, que foi professor de antropologia da UnB até sua aposentadoria e atualmente atua na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) no México, participou ativamente desse movimento e mencionou, em entrevista, a atuação de Cardoso de Oliveira no episódio:

A UnB foi invadida durante meses, porque nós fizemos a primeira greve de estudantes do Brasil na época da ditadura por causa da expulsão de colegas nossos, e eu fui preso nessa greve, eu fiquei 31 dias preso, Lei de Segurança Nacional. O Roberto era diretor do Instituto de Ciências Humanas, assim se chamava na época, e quando eu saí, ele me ofereceu se eu não queria ir para o Museu Nacional, porque Brasília estava muito perigosa para mim, mas eu falei “Não professor, eu agradeço, mas eu prefiro ficar por aqui”. Esse é um parêntese para que você veja que tem muito a ver também essa coisa da ditadura, uma circunstância em que, apesar de tudo, a gente tinha certa liberdade, porque eu era muito marxista, minha dissertação de mestrado era uma dissertação muito marxista (Depoimento de Gustavo Lins à autora, Cidade do México, 10 de março de 2020).

*Cidade do México, 10 de março de 2020.*

*Cheguei no apartamento de Gustavo Lins Ribeiro por volta das 12h e realizamos a entrevista na sala de sua casa. Apesar de Lins Ribeiro viver há alguns anos no México, sua relação com Cardoso de Oliveira era fruto do encontro dos dois antropólogos no Brasil, na UnB. Por isso, apesar da localidade, conversamos em português e senti aqui uma proximidade semelhante às entrevistas realizadas no Brasil, já que diferente dos meus outros interlocutores no México, o contato de Lins Ribeiro e de Cardoso de Oliveira perdurou por um longo caminho.*

*A entrevista durou cerca de uma hora e meia, principalmente sobre o período que os dois atuaram na UnB, o contexto da universidade em meio ao regime militar e a relação próxima que tiveram. Mas também a atuação de ambos no desenvolvimento de fóruns de*

*antropologia na América Latina, especialmente no México, e as dificuldades de manter essa relação entre os países da região.*

O final do depoimento de Lins Ribeiro sintetiza bem o movimento que estava acontecendo em relação à antropologia naquele período e que tentei apresentar aqui de forma a dar conta da importância do contexto político em que Cardoso de Oliveira mais atuou academicamente: a antropologia se expande nesse contexto repressivo do país, o que por um lado causou perseguições, violências e perdas, mas por outro não impossibilitou o exercício da disciplina, seu desenvolvimento e expansão - ainda que seja inegável seu impacto na forma como as redes de interlocução e parceria foram moldadas pelo antropólogo e vários de seus mais próximos colaboradores.

## **1.2. A indissociabilidade das relações**

### **1.2.1. Outras trajetórias antropológicas**

Como esta pesquisa está voltada para o projeto de antropologia construído por Cardoso de Oliveira, é principalmente através de sua trajetória que o argumento vem se desenvolvendo. Porém, como começa a ficar claro em minhas análises nesta dissertação, acredito que as relações pessoais e profissionais foram também fundamentais para a criação das instituições, dos programas e das pesquisas desenvolvidas neste período, e mesmo para o trabalho do antropólogo. Ao mesmo tempo que Cardoso de Oliveira iniciava sua atuação no Museu do Índio e depois no Museu Nacional, outros antropólogos desenvolviam projetos que convergiam ou que concorriam com o debate, nesse caso, sobre a forma de fazer pesquisas junto às sociedades indígenas e no contexto de consolidação e profissionalização da disciplina.

De forma a atentar para essas outras trajetórias, primeiro destaco brevemente a figura de dois importantes antropólogos que trabalharam junto a Cardoso de Oliveira, e com quem este teve uma relação próxima e um intenso diálogo, mas que também nutriam uma certa discordância sobre alguns aspectos de seu trabalho. Começo por Eduardo Galvão: o antropólogo carioca também atuou no SPI na década de 1950, tendo passado também pelo Museu Nacional,

pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) em Belém do Pará, e pela UnB<sup>62</sup>, além de ser o primeiro antropólogo brasileiro a se doutorar no exterior, na Universidade de Columbia no final da década de 1940 (CASTRO FARIA, 1998; LARAIA, 1997). No SPI, Galvão atuou como Chefe da Seção de Orientação e Assistência, contribuindo de perto com o trabalho desenvolvido por Cardoso de Oliveira – o que pode ser percebido em muitas passagens no diário de campo deste<sup>63</sup> (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002). Apesar de costumeiramente ser associado à chegada dos estudos de aculturação no país, Oliveira Filho (2001) adverte que Galvão tinha ressalvas à forma como o termo era frequentemente empregado, excluindo cenários de mudança cultural menos intensos, preferindo em seu lugar utilizar o termo assimilação, que daria a ideia de mudança cultural – o que não geraria de fato uma diferença de referencial teórico nas análises.

Apesar dessa relação, e em virtude de sua formação e grande interlocução com a antropologia norte-americana, Galvão criticou o uso do termo antropologia social no país, referência direta a Cardoso de Oliveira, bem como às mudanças paradigmáticas que esse último logrou realizar no campo acadêmico brasileiro na segunda metade do século passado. Segundo DaMatta (2014), Galvão, inclusive, chamava o grupo de alunos do Museu Nacional de *Cardoso's boys*, um coletivo que só “falava em estrutura social” e rejeitava o termo aculturação. A lembrança da irônica crítica de Galvão remete às tensões entre diferentes abordagens teóricas em antropologia, que também articulavam e davam sentido a disputas geracionais e também de diferentes grupos de interlocução, nem sempre inclusivos de pesquisadores “outsiders”. No caso, a chacota de Eduardo Galvão ao grupo formado ao redor de Cardoso de Oliveira expressa disputas que tomavam a forma de discordâncias teóricas profundas: como, por exemplo, a ideia de que a ênfase na organização social relegava as sociedades indígenas à sua dizimação<sup>64</sup>. E,

---

<sup>62</sup> Assim como Cardoso de Oliveira, Galvão também não ficou circunscrito a uma única universidade, atuando em diversas instituições importantes de antropologia no país.

<sup>63</sup> O que inclui uma crítica à falta de comunicação de Darcy Ribeiro durante suas viagens como funcionário do SPI e um aparo de Galvão nessas questões, mesmo quando se transferiu para o MPEG. É possível perceber essa dificuldade de comunicação em uma das passagens do Diário: “Aproveitei para colocar uma carta para o Darcy na agência local do correio [...] Pus na carta mais algumas questões teóricas sem muita esperança de vê-las respondidas. Afinal, sei que ele nunca foi dado a responder cartas, muito menos a discutir teorias... *Eu estava certo. E eu já tinha experiência com Darcy [...] Lá permaneci um mês e nada, mudez absoluta do chefe da S.E., mesmo quando eu o provocava, acusando-o de seu um ‘ágrafo epistolar’ [...] Mas se Darcy não escrevia, Berta se encarregava de escrever. Galvão também*” [itálico no original] (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 72).

<sup>64</sup> Vale lembrar que a perspectiva indigenista de Cardoso de Oliveira foi formada através do Museu do Índio, que tinha como prerrogativa uma postura política que realizasse pesquisas “com efeitos mais imediatos” às comunidades estudadas, atuando na proteção ao sujeito indígena frente aos latifúndios e à Igreja, e sugerindo reformulações nas políticas públicas na área. Porém, segundo Cardoso de Oliveira (2002), os estilos das concepções eram distintos entre eles, devido a formação e a influência do trabalho de outros antropólogos no desenvolvimento de suas carreiras: como a influência de Charles Wagley (1913-1991) em Galvão e de Donald Pierson (1900-1995) e Hebert Baldus em Ribeiro. Sobre isso, Cardoso de Oliveira afirmou: “de minha parte posso

com isso, assinalava uma crítica a um fazer antropológico, associado a instituições que modernizaram seus programas de ensino e pesquisa, e que aos poucos substituíram o modelo vigente entre os praticantes da disciplina de uma geração anterior, à qual Galvão se identificava.

Apesar dessas diferenças, os dois antropólogos continuaram nutrindo um diálogo profissional e pessoal respeitoso e participaram da mesma diretoria da ABA, em chapa eleita em 1963 (na qual Galvão era presidente). Além disso, estabeleceram parcerias entre as instituições que trabalhavam, principalmente através do trabalho de Edson Diniz, aluno da primeira turma do curso de especialização no Museu Nacional, ministrado por Cardoso de Oliveira, e que foi pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde Galvão atuava.

Já Luiz de Castro Faria, também um representante desta geração anterior do campo antropológico, foi o responsável pela mudança de Cardoso de Oliveira para o Museu Nacional durante sua direção na Divisão de Antropologia na instituição, tendo relações com ele desde que atuou como um dos professores do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC), além de terem participado na diretoria da ABA na década de 1950, como mencionado anteriormente. A atuação de Castro Faria no Museu Nacional foi fundamental para o desenvolvimento da antropologia no país e para a transformação da disciplina produzida na instituição, sobretudo em relação à etnologia indígena – mudanças que mais tarde culminariam na criação dos programas de pós-graduação. Como já foi mencionado, a participação de Castro Faria no Curso de Especialização pode ter sido um dos fatores da mudança do nome do curso realizado na instituição carioca para Antropologia Cultural, o que mostra também que, apesar de suas diferenças, houve um apoio considerável por parte do intelectual mais velho nas atividades desenvolvidas por Cardoso de Oliveira no Museu Nacional (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984). Roberto DaMatta contou em entrevista que essas tensões nem sempre significavam desavenças profundas, apesar de Castro Faria ter dito diversas vezes que: “tem muita fumaça, eu quero ver sair fogo”, em relação à nomenclatura “Antropologia Social” e aos rumos que as novas propostas de Cardoso de Oliveira produziriam, deixando clara sua desconfiança com os rendimentos desta tradição antropológica. Vale assinalar que apesar dessa desconfiança, Castro Faria foi uma figura importante na publicação do primeiro livro do antropólogo mais jovem, *O Processo de Assimilação dos Terêna* (1960), além de terem publicado um texto em conjunto sobre o contato interétnico, resultado da participação no seminário internacional “*The Ongoing Evolution of Latin American Populations*” realizado em

---

dizer que nenhum desses autores da ancestralidade intelectual de meus colegas mais velhos me atraía a ponto de influenciar o meu trabalho que apenas se iniciava” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 40).

agosto de 1969, no castelo de Burg Wartenstein, o centro de conferência da Fundação Wenner-Gren na Áustria<sup>65</sup>.

Ou seja, tanto a figura de Galvão, como a de Castro Faria, apesar de representarem um período anterior da história da disciplina no Brasil e tecerem discordâncias em relação às mudanças empreendidas por Cardoso de Oliveira e outros intelectuais de sua geração, como nas ementas dos cursos de formação, influenciaram e contribuíram com o trabalho deste último, sobretudo neste período, ao mesmo tempo que desenvolviam seus próprios projetos para a antropologia no país. Porém, as diferenças se acentuam quando colocamos em comparação a trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira e de Darcy Ribeiro, que é considerado o principal responsável pela guinada profissional do primeiro, como já relatado anteriormente na dissertação e que passo a analisar com mais detalhes agora.

#### **1.2.1.1. Darcy Ribeiro**

A reflexão sobre a relação com Darcy Ribeiro merece um destaque maior nesta dissertação tanto por sua influência no início do trabalho de Cardoso de Oliveira, como também por permitir aclarar os seus distanciamentos, sobretudo sobre projetos de fazer antropológico nem sempre convergentes. Em primeiro lugar, vale reiterar que foi a convite do antropólogo mais velho que Cardoso de Oliveira começa seu trabalho na disciplina, durante sua atuação no Museu do Índio, e é ainda por sugestão dele que este inicia suas pesquisas junto aos Terena. É neste mesmo momento que Ribeiro desenvolve o Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC), com a finalidade de formar profissionais especializados para desempenhar atividades nessa e em outras instituições, de forma a aglutinar a pesquisa científica e as políticas indigenistas a serem desenvolvidas no país. Posteriormente, o curso foi transferido para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), ainda sob a organização de Ribeiro, mas logo em seguida passa por algumas transformações, se tornando um curso de aperfeiçoamento para pesquisadores sociais, ou seja, que abarcava também profissionais de outras áreas, não sendo circunscrito à antropologia, mas aberta a pesquisadores formados em outras disciplinas, como a sociologia, a psicologia e a economia (Cf. CORRÊA, 2013). A relação com Anísio Teixeira (1900-1971), bem como com o CBPE, centro criado em 1955 como uma instituição

---

<sup>65</sup> CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; CASTRO FARIA, Luiz. "O contato interétnico e o estudo de populações indígenas". *Revista de Antropologia*, vol. 17/20, 1969-1972.

de pesquisa vinculada ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)<sup>66</sup> para atuar na investigação sobre a cultura e a diversidade da sociedade brasileira, e contribuir para a reforma educacional em curso, são pontos de aproximação de Ribeiro com estas preocupações neste período. Essa atuação de Ribeiro, que deve ser compreendida em um âmbito educacional mais amplo desenvolvido no país, seguiria ainda em seu importante papel na criação da UnB e posteriormente em seu cargo como Ministro da Educação no governo de João Goulart na década de 1960. Paralelamente ao trabalho do antropólogo mineiro no CBPE, Cardoso de Oliveira retoma e reestrutura a iniciativa do CAAC no Museu Nacional.

Mesmo durante o período que os dois antropólogos trabalharam juntos, já é possível perceber diferenças teóricas entre ambos, apesar do interesse convergente em questões centrais para o trabalho antropológico da época. Sobre esses dois movimentos, de aproximação e distância, Cardoso de Oliveira comentou, em correspondência a Ribeiro, sua percepção sobre a influência de ter trabalhado junto a ele, mas sublinhando a existência de algumas diferenças (Imagem 2).

---

<sup>66</sup> Posteriormente, na década de 1970, passa a ser chamado de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e atualmente é designado como Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Universidade de Brasília

Brasília, 20 de Maio de 1978

Caríssimo Darcy:

Acabo de dar os últimos retoques na comunicação que farei na Academia e que terá a honra de ser apreciada por você. A princípio, quando a Yonne e o Gilberto me convidaram para escrever sobre "Identidade e Estrutura Social", alertando-me sobre sua participação como comentarista, imaginei que você não aceitasse (como ocorreu no caso da Carminha, que infelizmente não aceitou). Imaginei, simplesmente, que você -- velho amigo que é -- não quizesse botar a nu nossas divergências teóricas e, provavelmente, estratégicas no que diz respeito à pesquisa das relações entre índios e brancos. Pelo menos não de modo que essas divergências pudessem afetar nossa antiga amizade. Por isso, quando soube que você havia aceito, fiquei extremamente feliz. Já é tempo, em nosso tão conturbado meio profissional, de se encarar eventuais divergências como algo perfeitamente normal -- e até desejável, se queremos imprimir alternativas no desenvolvimento dos estudos étnicos no Brasil.

O que tenho tentado -- e nem sempre com sucesso -- é aproveitar as pistas abertas pelo marxismo, pelo estruturalismo e pela fenomenologia, na investigação dos fenômenos ideológicos. Comecei isso no livrinho dedicado a você (como um atestado de reconhecimento da importância de seus trabalhos para o meu próprio trabalho), e continuei nessa comunicação retomando algumas questões já examinadas, mas insuficientemente desenvolvidas, e sugerindo outras. Acredito firmemente que não teremos discordâncias substantivas, irreconciliáveis, pois -- não sei se você concorda -- nossas posições estiveram sempre muito mais próximas do que aparentavam -- não a nós -- mas aos outros, colegas e leitores. Não acha?

Para não atrasar muito o envio do manuscrito, estou lhe mandando cheio de rasuras e correções que espero que você releve. Achei melhor ou mesmo lhe mandar do que usar o Museu Nacional como intermediário; seria felizizar depois algo que espero seja bem menos ritualizado do que sugere a vetusta Academia Brasileira de Ciências; mesmo para uma homenagem ao ainda mais vetusto Museu Nacional...

Abracos e até lá,

*Roberto*

Imagem 2: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Darcy Ribeiro – 20 de março de 1978.<sup>67</sup>

<sup>67</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 30.

Brasília, 20 de maio de 1978

Caríssimo Darcy:

Acabo de dar os últimos retoques na comunicação que farei na Academia e que terá a honra de ser apreciada por você. A princípio quando a Yonne e o Gilberto me convidaram para escrever sobre “Identidade e Estrutura Social”, alertando-me sobre sua participação como comentador, temi que você não aceitasse (como ocorreu no caso da Carminha, que infelizmente não aceitou). Imaginei, simplesmente, que você – velho amigo que é – não quisesse botar a nu nossas divergências teóricas e, provavelmente, estratégicas no que diz respeito à pesquisa das relações entre índios e brancos. Pelo menos não de modo que essas divergências pudessem afetar nossa antiga amizade. Por isso, quando soube que você havia aceito, fiquei extremamente feliz. Já é tempo em nosso conturbado meio profissional, de se encarar eventuais divergências como algo perfeitamente normal – e até desejável, se quisermos imprimir alternativas no desenvolvimento dos estudos étnicos no Brasil

O que tenho tentado – e nem sempre com sucesso – é aproveitar as pistas abertas pelo marxismo, pelo estruturalismo e pela fenomenologia, na investigação dos fenômenos ideológicos. Comecei isso no livrinho dedicado a você (como um atestado de reconhecimento da importância de seus trabalhos para o meu próprio trabalho), e continuo nessa comunicação retomando algumas questões já examinadas, mas insuficientemente desenvolvidas, e sugerindo outras. Acredito firmemente que não teremos discordâncias substantivas, irreconciliáveis, pois – não sei se você concorda – nossas posições estiveram sempre muito mais próximas do que aparentavam – não a nós – mas aos outros, colegas e leitores. Não acha?

Para não atrasar muito o envio do manuscrito, estou lhe mandando cheio de rasuras e correções que espero que você releve. Achei melhor eu mesmo lhe mandar do que usar o Museu Nacional como intermediário; seria formalizar demais algo que espero que seja bem menos ritualizado do que sugere a vetusta Academia Brasileira de Ciências; mesmo para uma homenagem ao ainda mais vetusto Museu Nacional...

Abraços e até lá, Roberto.<sup>68</sup>

Porém, apesar da importância destas duas questões nas obras de ambos os antropólogos, e que de certa forma uniram o trabalho dos dois, suas trajetórias se distanciaram cada vez mais ao longo do tempo. Isso fica ainda mais claro quando Ribeiro retorna do exílio em 1976<sup>69</sup> e profere duras críticas sobre a antropologia que estava sendo produzida no país, bem como aos programas de pós-graduação nas universidades brasileiras. Segundo o antropólogo carioca, a disciplina passou a se preocupar apenas com as teorias que estavam em moda no exterior e com isso “essa bibliografia fica inútil, e a descrição e a acumulação de saber não chega a se fazer” (Darcy Ribeiro, 1978), ou seja, a criar um repertório que se mantenha ao longo dos anos, e a buscar soluções para os problemas reais do país. Destaco ainda a publicação

<sup>68</sup> Nessa carta, Cardoso de Oliveira cita três nomes: Yonne, Gilberto e Carminha. Yonne de Freitas Leite (1935-2014) foi uma linguista, professora do Museu Nacional, que desenvolveu pesquisas relacionadas a línguas indígenas. Gilberto Cardoso Alves Velho (1945-2012), antropólogo, também foi professor da instituição carioca, com pesquisas na área de antropologia urbana. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira (1936-), é antropóloga, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), com pesquisa sobre etnologia indígena amazônica.

<sup>69</sup> Depois de sua atuação na construção da UnB e no Ministério da Educação, Ribeiro foi também nomeado Ministro-Chefe da Casa Civil na presidência de João Goulart. Com o golpe militar em 1964, o antropólogo se exilou em diferentes países da América Latina.

de seu romance *Maíra* (1976), em que ele nomeia dois personagens, com nomes distintos, mas parecidos o suficiente para não deixar dúvida para o leitor que estivesse familiarizado com esta rede de antropólogos da época, que representariam Cardoso de Oliveira e Roberto DaMatta<sup>70</sup>. Ribeiro o faz em tom de crítica: eles são, respectivamente, Dr. Cardozo, orientador científico do National Museum, e Coronel Augusto Da Matta Celeste<sup>71</sup>, diretor da Funai; as breves passagens, mais do que fazer uma crítica fundamentada, são “cutucadas” a essa imagem de uma academia que não ia de encontro a suas posições políticas. Sobre a escrita de romances na antropologia, que não é algo circunscrito a Ribeiro, Laura Bohannan (1922-2002), antropóloga americana que fez pesquisas na Nigéria, optou por utilizar um pseudônimo (Elenore Smith Bowen) para escrever esse gênero textual que tinha como material de análise “as implicações subjetivas que o trabalho etnográfico suscitava, na forma de uma etnografia ficcional” (TAMBASCIA, 2010, p. 34)<sup>72</sup>.

Ainda sobre as passagens de *Maíra*, é importante mencionar que Cardoso de Oliveira afirmou em um depoimento gravado em 2003<sup>73</sup>, que essa menção foi uma resposta a uma brincadeira feita em seus primeiros diários de campo: o antropólogo paulista manteve todos os nomes reais em seus cadernos<sup>74</sup>, com a exceção quando relata o caso de um indígena que realizava abortos, de modo a preservar sua identidade. Dessa forma, Cardoso de Oliveira chamou esse sujeito de “Dalcy Igarapé”, em uma brincadeira com Ribeiro. Apesar de dizer que o antropólogo carioca contou rindo que devolveu a provocação em *Maíra*, Cardoso de Oliveira afirmou que o romance ainda corresponderia à imagem que Ribeiro fazia dele, “um acadêmico em absoluto”.

Em relação a esse conflito, vale resgatar o argumento de Mattos (2005; 2007), sobre o lugar que esses dois intelectuais passam a ocupar na história da antropologia no país, vinculados a uma mudança geracional e de trabalho na disciplina. Com os rumos diferentes que cada um dos antropólogos tomou, Ribeiro passou a ser visto como “ultrapassado” em razão das transformações da antropologia durante seu período de exílio. Os dois atuaram em um momento de transição da disciplina, mas os caminhos que seguiram vincularam seus trabalhos a períodos

<sup>70</sup> É importante mencionar que Ribeiro e DaMatta travaram um debate público sobre a questão em 1979, que está publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*.

<sup>71</sup> Celeste é uma referência a Celeste Leite Augusto DaMatta (1937-), esposa de DaMatta.

<sup>72</sup> Nesse livro, *Return to Laughter: An Anthropological novel* (1964), Bohannan inclusive cita alguns africanistas do *International African Institute* de Londres sem esconder muito quem eram essas pessoas.

<sup>73</sup> Vídeo “Os Terena e outros Temas. A Antropologia de Roberto Cardoso de Oliveira”. Depoimento concedido durante aula da disciplina de métodos e técnicas em antropologia social, do departamento de antropologia da Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_dCvBpRmdc](https://www.youtube.com/watch?v=Z_dCvBpRmdc)>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

<sup>74</sup> Inclusive quando publicou seus diários em 2002.

diferentes da história da antropologia, de certa maneira conformando as formas em que são lembrados nas narrativas historiográficas. Como afirma Mattos:

tudo indica que a razão para tanto reside no fato de que ele [Ribeiro] parecia de alguma maneira atualizar a figura anacrônica do intelectual que prevaleceu no Brasil pelo menos até a década de 30. São estes intelectuais, aliás, desvinculados de instituições científicas e universitárias [...] Um momento de transição para uma formação mais especializada (MATTOS, 2005, p.15).

Enquanto Darcy Ribeiro parecia sofrer com uma percepção de que a antropologia que praticava “saía de moda” e ficava ultrapassada, a participação ativa de Cardoso de Oliveira nas mudanças desse período, atuando na institucionalização da disciplina e propondo mudanças teóricas na forma de fazer pesquisas, vinculam sua trajetória à figura de um representante de um momento posterior desta história. Para retomar as próprias análises de Cardoso de Oliveira sobre a história da disciplina, valendo-se de um modelo tipológico weberiano para caracterizar as diversas etapas de seu desenvolvimento no Brasil (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988), o seu próprio trabalho estaria na transição do período carismático ao burocrático da disciplina: com a passagem de um período marcado por figuras agregadoras como Florestan Fernandes e o próprio Darcy Ribeiro – que conseguiram reunir em torno de sua presença muitos alunos e projetos – a um período de institucionalização e desenvolvimento da disciplina a partir da constituição de uma estrutura de ensino e pesquisa em pós-graduação nos moldes atuais. Ou seja, a substituição de um modelo de fazer antropológico produzido por uma lógica calcada em uma centralidade em grandes nomes catedráticos, para um outro modelo, menos personalista e fundamentado na força e autonomia burocrática das instituições e dos departamentos universitários – perspectiva que torna ainda mais complexa a análise da importância das relações pessoais que o próprio Cardoso de Oliveira cuidava de forma cuidadosa e indissociável, em vários momentos, de projetos acadêmicos colaborativos.

Por outro lado, como fica claro através da análise de outras relações profissionais e intelectuais já mencionadas, algumas das propostas de Cardoso de Oliveira, principalmente enquanto professor do Museu Nacional, eram vistas com certo receio. Não apenas por parte de Darcy Ribeiro, mas de outros antropólogos, de certa maneira também representantes e representando uma outra geração na disciplina. Afinal, as inovações propostas e empreendidas por Cardoso de Oliveira estavam relacionadas a uma mudança na forma de fazer pesquisa, mas também na introdução de alguns referenciais teóricos que desafiavam abertamente um tipo de reflexão antropológica então em voga. Essas iniciativas pareciam opor uma tendência

identificada como formal e demasiadamente teórica (relativas a contextos e problemas estranhos aos encontrados na antropologia feita no Brasil), com o modelo etnográfico e fortemente calcado na concretude dos desafios enfrentados pelas populações indígenas – a despeito da defesa da importância do trabalho de campo por Cardoso de Oliveira, como já mencionado. Sobre estas clivagens, que em certo momento pareciam se tornar opostas, Ribeiro afirmou, um tanto amargamente, sobre o estilo de antropologia de seu colega:

E o Roberto trabalhou comigo algum tempo. Mas ele tinha uma tal vocação – parece que era um pendor filosófico – para ilustrar tese alheia que começou a se apaixonar por teses lá de fora, como o Lévi-Strauss, e estragar as pesquisas dele [...] E o negócio do Roberto, o ruim foi isso: o Roberto foi perdendo a noção de problema concreto indígena, ou de destino e de problema, e foi se interessando por temas formais, tipo estruturalismo. Por exemplo, o trabalho dele sobre os Tukuna é uma perda de oportunidade etnográfica e de usar a inteligência dele para ver aquilo, porque ele ilustra a tese. E essa mesma atitude dele... que é a atitude de servidão com o que está em moda academicamente e que pegou muita gente mais. E não é... Também é ruim falar que é teórico racionalista, porque não é [...] Se fosse teórico, seria legível agora e ele teria subsumido uma teoria daquela realidade. E ele era capaz (Darcy Ribeiro, 1978).

Um outro ponto que merece ser destacado é o fato desse afastamento servir também como uma forma de delimitação profissional. Acredito que esse distanciamento é importante para o projeto que Cardoso de Oliveira desenvolveu em seguida, para que ele pudesse alcançar seus próprios objetivos sem estar na sombra de seu antigo chefe, principalmente no início de sua carreira, quando ele partiu de interesses em comum e de seus aprendizados com Ribeiro, mas almejando chegar a caminhos diferentes.

Sobre esse ponto, é importante recuperar a crítica desenvolvida por Sigaud (2007)<sup>75</sup>. A antropóloga, ao analisar algumas estratégias de legitimação acadêmica, analisa o uso que Lévi-Strauss faz da obra de Marcel Mauss (1872-1950), mais especificamente sua leitura sobre o *Ensaio sobre o Dom* (1924), como forma de inserção e ascensão na academia francesa. Segundo Sigaud, ao escrever a introdução do livro *Sociologia e Antropologia* (1950) de Mauss, Lévi-Strauss elogia as contribuições do antropólogo mais velho e estabelecido, ressaltando o pioneirismo de suas ideias que, segundo ele, antecipariam questões importantes para a disciplina; mas, ao final, aponta como Mauss não havia desenvolvido uma análise que

---

<sup>75</sup> Essa referência, além de permitir um paralelo das relações de Cardoso de Oliveira e de Ribeiro, traz ainda um destaque para a forma como as relações contidas na história da antropologia se vinculam através de várias trajetórias e percursos de pesquisa. Lygia Sigaud foi orientanda de Maybury-Lewis na primeira turma do PPGAS do Museu Nacional e é justamente na figura de Lévi-Strauss – que aparece na visão de Ribeiro como um dos problemas no trabalho de Cardoso de Oliveira – que encontramos uma interessante análise que nos ajuda a entender como o antropólogo paulista operou sua relação com o antropólogo mineiro.

contemplasse toda a potencialidade de sua própria descoberta. Ao assim proceder, Lévi-Stauss institui uma forte ligação com uma geração anterior, já reconhecida no campo acadêmico, como também se diferencia da mesma, reivindicando ter ido além das contribuições de seu mestre, através de suas próprias reflexões. Através de um mecanismo de aproximação e afastamento de uma trajetória já consagrada, uma nova narrativa se constituiu e se estabelece. Retomando o caso da relação entre Ribeiro e Cardoso de Oliveira, é possível encontrar similaridades na forma como o antropólogo paulista se distancia da figura de seu mestre. Se, por um lado, a ligação já estava dada pelo percurso convergente entre ambos, ao “caminharam” juntos no Museu do Índio, por outro, as diferenças (que já existiam) foram colocadas em destaque. Os caminhos de ambos, no campo antropológico brasileiro em transformação, se distanciariam definitivamente.

Nas diversas entrevistas dos sujeitos que conheceram e trabalharam com estes dois antropólogos, tanto nas realizadas por mim durante a pesquisa, como na de Cardoso de Oliveira realizada por Peirano, é explicitamente destacada uma diferença, exemplificada na descrição da preocupação de Ribeiro em aplicar seus conhecimentos para questões políticas definidas, enquanto Cardoso de Oliveira estaria interessado em “compreender outras realidades sociais” (Depoimento de Julio Cezar Melatti à autora, Brasília, 17 de junho de 2019), em aplicar esses conhecimentos na produção da antropologia de uma forma mais abrangente. Ou, como afirmou DaMatta sobre o assunto:

Então, o Roberto entrou no Museu e lá ele começou a programar, competindo com o modelo do Darcy. Não era uma coisa explícita, “vou fazer uma coisa melhor”, não era isso, o modelo era: o Brasil precisa de ter antropólogos formados, precisa falar de índio não só do ponto de vista dos indigenistas, precisa falar de um ponto de vista acadêmico, de que existe uma ciência que tem trabalhado com sociedades que tem sido chamadas de primitivas, ou selvagens, que é a antropologia social e cultural, foi o que levou o Roberto a aprofundar nessa área (Depoimento de Roberto Augusto DaMatta à autora, Niterói, 25 de junho de 2019).

Peirano (1991), por sua vez, destacou Cardoso de Oliveira como um dos principais críticos de Ribeiro, por suas divergências teóricas e formas distintas de conceber a antropologia. Entretanto, é importante lembrar que Cardoso de Oliveira rejeitou essa caracterização da relação entre ambos em entrevista a Robert Crépeau em 1990 (Cf. CRÉPEAU, 2009), garantindo que não gostaria de ser entendido dessa maneira, já que eles também tinham afinidades, apesar das divergências teóricas e de algumas alfinetadas (e respostas) que permearam os textos dos dois antropólogos. Na realidade, é possível afirmar que Roberto Cardoso de Oliveira logrou não ser associado a grandes controvérsias intelectuais ou pessoais no campo antropológico. Se

não hesitava em deixar claras suas predileções analíticas e teóricas, o antropólogo conseguiu também ficar à margem de grandes disputas com seus contemporâneos, o que atesta um perfil mais diplomático e conciliador de sua trajetória.

A partir dos elementos expostos até aqui fica claro que o trabalho junto a Ribeiro foi de extrema importância para a formação e o ingresso efetivo de Cardoso de Oliveira na Antropologia. Mas esta mesma relação também foi marcada, em um momento posterior, por um afastamento criado por diferenças na produção antropológica e mesmo pela busca de construção de uma imagem que denotasse independência de atuação e reflexão por parte de cada um, materializadas (e materializando) em discordâncias teóricas e da prática antropológica. Desta forma, recuperar a figura de Ribeiro em uma análise sobre o projeto de antropologia desenvolvido por Cardoso de Oliveira permite identificar as influências e também os mecanismos de disputa que estavam em pauta nesse período de construção da disciplina.

### **1.2.2. As relações profissionais e pessoais na construção da antropologia no Brasil**

Como tentei já apresentar até esse momento na dissertação, é impossível falar sobre a trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira e a institucionalização da antropologia no país sem mencionar uma série de outros personagens que atuaram e foram também responsáveis por esse processo. As redes de relações não são apenas importantes para a construção dessa história, mas também permitem acompanhar como a disciplina foi se conformando. Mesmo com uma menor individualização e personalização do ensino de antropologia no Brasil (para retomar novamente a tipologia adotada por Cardoso de Oliveira para dar conta da história da disciplina), com a proliferação dos programas de pós-graduação, cedendo espaço para uma maior impessoalidade das instituições, essas foram construídas por personagens que nutriram alianças, desavenças e constituíram parcerias ao longo de suas vidas.

Os documentos consultados, especialmente as correspondências do fundo Roberto Cardoso de Oliveira no AEL, que serão melhor apresentados no segundo capítulo, assim como as entrevistas que realizei com várias destas pessoas que conheceram o antropólogo e fizeram parte desta rede de relações que agora procuro analisar, mostram a impossibilidade em dissociar a análise do projeto intelectual e institucional de antropologia no Brasil e a reflexão de uma rede de relações interpessoais de seus praticantes. Assim, as cartas refletem tanto discussões

acadêmicas que o antropólogo trocava com os interlocutores, como atualizações de sua vida pessoal e os relacionamentos familiares, e também os últimos trabalhos desenvolvidos.

As correspondências trocadas com David Maybury-Lewis são uma síntese desse argumento. Os dois antropólogos tiveram uma trajetória próxima, trabalharam com etnologia indígena, além de terem idades semelhantes. Além disso, os dois construíram juntos o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional e desenvolveram o *Harvard-Central Brazil Research Project*. Segundo Laraia (2008a), ambos foram importantes para a história da antropologia brasileira e desenvolveram uma amizade que perpassou suas vidas. Sobre esse aspecto das biografias entrelaçadas de seu pai e de Maybury-Lewis, Luís Roberto Cardoso de Oliveira contou-me em entrevista um pouco mais sobre a relação dos dois:

O David foi me visitar pouco tempo depois de eu nascer. Eu faço uma referência a isso porque eu nasci em 1953, em agosto, e ele foi visitar meu pai e a mim em janeiro de 1954. Quer dizer então, não só tem uma história entre eles de muito tempo, mas de proximidade das famílias inclusive [...] Eles tiveram uma relação muito próxima [...] Enfim, eu acho que a carreira dele e a do David foram se distanciando e como ele, bom, ele nunca deixou de se preocupar com a questão do contato interétnico, mas o investimento maior dele de pesquisa e de reflexão passou a ser outras coisas, foi ficando mais distante (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019).

O mesmo movimento de relativa indissociabilidade de relações íntimas e afetuosas e parcerias intelectuais e profissionais, por vezes mais intensas e convergentes, mas em outros momentos não tão próximas, é percebido nas correspondências trocadas entre os dois antropólogos: a relação e o diálogo entre Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis permanecem fortes até o fim da vida dos dois (ambos faleceram com um ano de diferença), mas com o progressivo distanciamento dos interesses acadêmicos e institucionais, distintos de cada um, a frequência da comunicação acaba ficando menor com o passar do tempo, ainda que nunca tenha cessado.

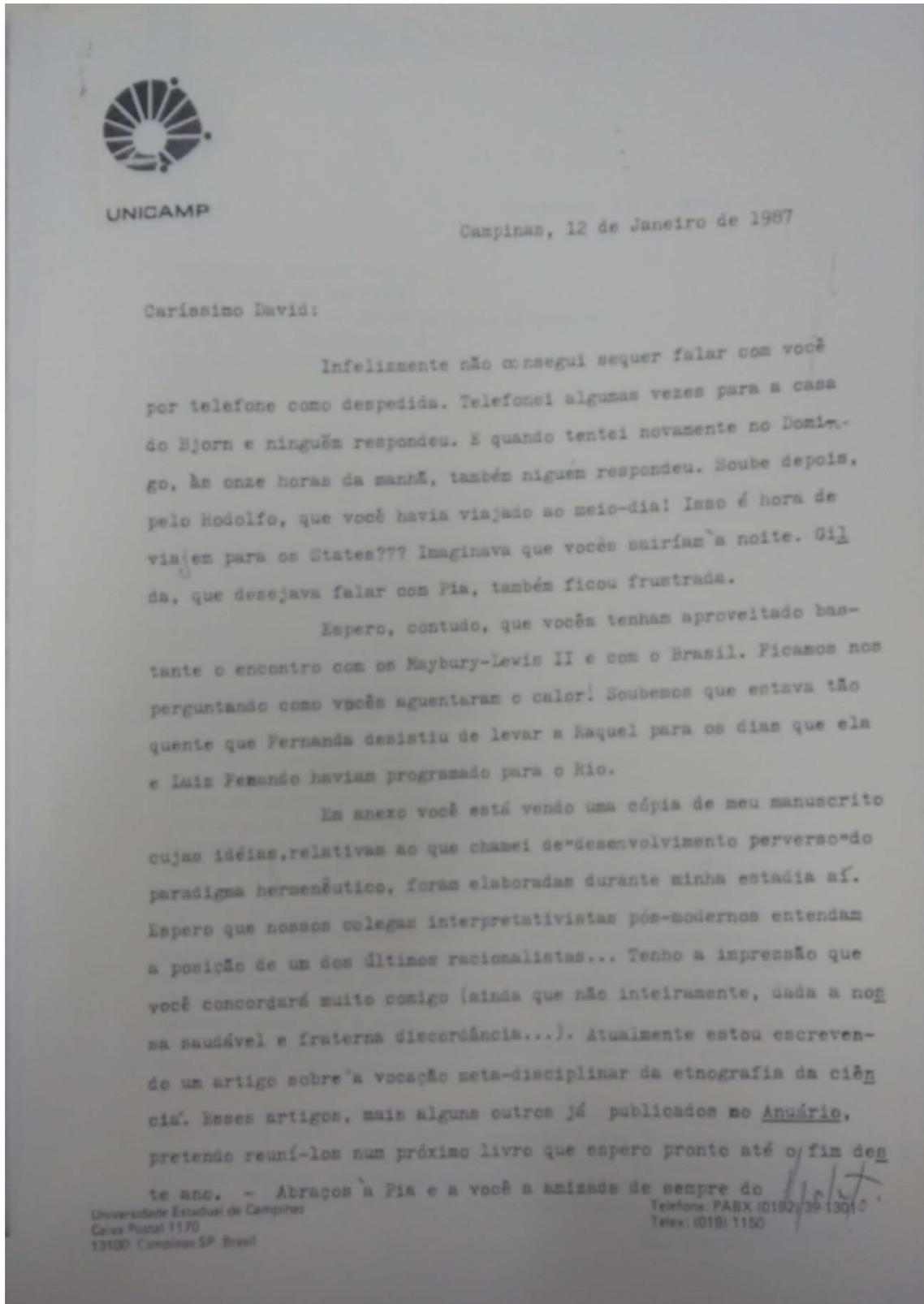


Imagem 3: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a David Maybury-Lewis. 12 de janeiro de 1987<sup>76</sup>.

Campinas, 12 de janeiro de 1987

<sup>76</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 39.

Caríssimo David,

Infelizmente não consegui sequer falar com você por telefone como despedida. Telefonei algumas vezes do Biorn e ninguém respondeu. E quando tentei novamente no Domingo, às onze horas da manhã, também ninguém respondeu. Soube depois, pelo Rodolfo, que você havia viajado meio-dia: Isso é hora de viajar para os States???. Imaginava que vocês sairiam à noite. Gilda, que desejava falar com Pia, também ficou frustrada.

Espero, contudo, que vocês tenham aproveitado bastante o encontro com os Maybury-Lewis II e com o Brasil. Ficamos nos perguntando como vocês aguentaram o calor! Soubemos que estava tão quente que Fernanda desistiu de levar a Rachel para os dias que ela e Luis Fernando haviam programado para o Rio.

Em anexo você está vendo uma cópia de meu manuscrito cujas idéias, relativas ao que chamei de “desenvolvimento perverso” do paradigma hermenêutico, foram elaboradas durante minha estadia aí. Espero que nossos colegas interpretativistas pós-modernos entendam a posição de um dos últimos racionalistas... Tenho a impressão que você concordará muito comigo (ainda que não inteiramente, dada a nossa saudável e fraterna discordância...). Atualmente, estou escrevendo um artigo sobre “a vocação meta-disciplinar da etnografia da ciência”. Esse artigo, mais alguns outros já publicados no Anuário, pretendo reuni-los num próximo livro que espero pronto até o fim desse ano.

Abrços à Pia e a você, a amizade de sempre do Roberto.<sup>77</sup>

A respeito do conteúdo das cartas, como foi mencionado, é possível afirmar que estas exemplificam a proximidade entre ambos e reforçam o argumento proposto sobre a não separação das relações pessoais e dos projetos acadêmicos e institucionais. O diálogo costumava ser longo, abordando questões que envolviam as pesquisas em desenvolvimento, os planos futuros, a vida familiar, o desejo de realização de novos encontros, ou a recordação dos mesmos, bem como problemas teóricos para serem pensados juntos. Essa justaposição, de temas antropológicos, planos institucionais e demonstrações de afeto e apreço, é possível perceber através da rápida leitura de uma dessas cartas (Imagem 3, acima), quando Roberto Cardoso de Oliveira já estava na Unicamp como professor desta universidade.

Nessa carta, Cardoso de Oliveira indaga Maybury-Lewis sobre a viagem ao Rio de Janeiro e conta da frustração de não conseguir se comunicar com ele antes do retorno aos EUA. Mas um dos aspectos que chama a atenção é a extensão que atinge essa rede de relações, que começa através dos dois antropólogos, alcança também Gilda Cardoso de Oliveira e Pia Maybury-Lewis, personagens ativas e constantes nos trabalhos e nas viagens empregada por ambos, mas envolve também seus filhos e netos. Como prova da proximidade entre as duas famílias, não apenas entre os dois antropólogos, destaco que em outras cartas é possível encontrar o diálogo travado entre o antropólogo brasileiro e Biorn Maybury-Lewis, quando o

---

<sup>77</sup> Para facilitar o entendimento, apenas alguns esclarecimentos: Biorn é um dos filhos de David e Pia Maybury-Lewis e trabalhou no Brasil; Maria Fernanda é filha de Cardoso de Oliveira e mãe de Rachel.

segundo quis se fixar no Brasil e estava em busca de emprego. Entretanto, cabe aqui analisar a referida carta entre Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. Nesta, existem referências a um trabalho desenvolvido pelo antropólogo brasileiro após seu período como professor visitante na Universidade de Harvard. Os resultados e reflexos desse período foram publicados no Anuário Antropológico, sob o título *A Categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade na Antropologia* (1988). Nesse artigo, Cardoso de Oliveira analisa o paradigma hermenêutico e sua relação com a antropologia interpretativa através da categoria da desordem.

Há ainda mais um aspecto nesta carta que é importante de ser ressaltado: através dela podemos perceber a indicação de uma nova mudança geracional, mas dessa vez é Cardoso de Oliveira quem representa o passado nessa transição. Ao dizer “espero que nossos colegas interpretativistas pós-modernos entendam a posição de um dos últimos racionalistas”, o antropólogo não apenas apresenta uma tensão teórica em voga no período, como também estabelece aonde reside seu posicionamento<sup>78</sup>. Dessa forma, os chamados antropólogos pós-modernos, também proponentes de uma reflexividade radical da própria disciplina, passam a ser criticados de formas semelhantes a como Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão e até mesmo Luiz de Castro Faria haviam feito com a geração mais nova, que nesse caso encontrava em Cardoso de Oliveira um de seus percussores. No momento em que escreveu a carta, o antropólogo já não é mais a representação de uma antropologia inovadora, como era o caso nas décadas de 1950 e 1960, quando começava a estabelecer-se no campo, mas era agora o “último” de um grupo.

Retomando a relação de Cardoso de Oliveira e de Maybury-Lewis presente na documentação, vale destacar ainda um aspecto particular que é possível perceber com uma análise das correspondências trocadas entre ambos, mas também no material epistolar produzido com outros colegas próximos que não eram brasileiros: muitas vezes o diálogo era construído com uso de dois idiomas. Nesse caso, a carta de Cardoso de Oliveira era escrita em português e era respondida por Maybury-Lewis em inglês, e o mesmo acontecia, principalmente, com interlocutores hispano-falantes. Vale ressaltar que isso não configura uma limitação do antropólogo, já que é possível encontrar correspondências escritas pelo mesmo em inglês, em espanhol e em francês. Trata-se, é possível inferir, de uma forma específica de sociabilidade constituída entre os dois antropólogos, em que o idioma, intercambiável, replicava também marcações de uma amizade feita entre dois intelectuais de nacionalidade e

---

<sup>78</sup> Na Imagem 1, apresentada anteriormente, é possível recuperar a fala de Cardoso de Oliveira sobre a inserção dos debates interpretativistas e racionalistas no Anuário Antropológico e suas próprias contribuições na publicação dessas questões, ainda que de um período anterior a esse momento.

de formação distintas, mas que ainda sim colaboraram intimamente por um considerável período de suas vidas, e mantiveram uma relação próxima em todo esse período.

Ainda sobre a troca de cartas entre Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis, é possível adicionar mais uma informação relevante: apesar das correspondências estarem escritas no idioma nativo do remetente, com frequência é possível encontrar palavras ou expressões na outra língua, como se algumas coisas só pudessem ser ditas dessa forma. Não por uma questão formal ou de falta de tradução, mas como um diálogo envolto pela relação construída ao longo de muitos anos<sup>79</sup>. Por exemplo, além do português ser empregado no corpo do texto, Maybury-Lewis sempre se despedia com uma saudação neste idioma, como “com abraços saudosos do amigo”, etc.

Assim, é possível encontrar, nas cartas, elementos importantes, próprios de uma forma de intersubjetividade cordial, que compõem essa rede de relações que nos possibilita retomar tanto os debates e diálogos feitos, os quais resultaram nos trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira, como a participação de outras pessoas nos processos de institucionalização da disciplina. Para o segundo caso, além das correspondências, os relatórios e os textos produzidos por Cardoso de Oliveira nos ajudam a retomar e a refletir sobre o processo. Como já afirmado, mas que é importante recuperar novamente neste momento de minha análise, o antropólogo participou ativamente de discussões nacionais e internacionais sobre a produção da disciplina no contexto brasileiro e latino-americano, bem como das experiências de criação dos programas de pós-graduação em antropologia em algumas universidades no Brasil.

Além disso, através de uma análise das cartas trocadas por Roberto Cardoso de Oliveira ainda é possível perceber a natureza de algumas das relações do antropólogo, muitas vezes expressa na forma como se dirigia aos destinatários de suas cartas, principalmente no período que esteve no Museu Nacional no Rio de Janeiro. Quando enviada cartas para pessoas com as quais construía uma relação próxima, os textos destas correspondências ganhavam trocadilhos e sufixos: em geral seus ex-alunos ganhavam o sufixo “íssima/o” em certas ocasiões, como quando se doutoravam ou quando recebiam uma oferta de emprego ou pesquisa, demonstrando afeto e mesmo orgulho pela conquista de seus ex-alunos. Um exemplo disso é

---

<sup>79</sup> Essa forma de câmbio de línguas, e o intercalar de seus usos dependendo do contexto, de fato parecia contribuir para fortalecer laços de amizade entre Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. Mas tal costume não se restringia apenas às maneiras como ambos estabeleciam esta relação, bem como ajudavam a marcar a forma como transportavam esta ética de relações para diversos contextos acadêmicos. DaMatta me contou durante a entrevista que em sua passagem por Harvard Maybury-Lewis alertou que ali eles falariam em inglês, sendo o português destinado aos momentos particulares da relação pessoal.

“Melattíssimo”, expressão usada em uma correspondência endereçada a Julio Cezar Melatti logo após a obtenção de seu título de doutor pela Universidade de São Paulo. Como já mencionei acima, mas é importante lembrar novamente, é possível notar também um grande empenho de Cardoso de Oliveira em indicar o trabalho de seus colegas para pessoas em posições institucionais de prestígio, bem como em trocar comentários sobre as pesquisas em desenvolvimento. Cardoso de Oliveira fazia questão de acompanhar as carreiras de seus ex-alunos e alunas, auxiliando quando podia e invariavelmente elogiando as conquistas obtidas. Como conta o próprio antropólogo, em carta para seu ex-aluno Roberto DaMatta:

Meu caro Matta, nessa manhã de véspera de Natal, num horário a que já nos desabituei (das 9h às 12h), escrevo ao jovem harvardiano na certeza de estar conversando com o próprio filho pródigo. Não esqueci de você, nem da “nossa” Celeste [...] Suas cartas vem se acumulando em minha mesa por falta absoluta de tempo para responde-las, e não por falta de interesse em vocês e, especificamente, em sua experiência intelectual em Harvard. Estou as voltas com o famoso relatório de fim-de-ano, mais a estruturação de minha tese (afinal!) sobre os Terêns citadinos. Tenho, entretanto, escrito ao David a fim de tratar dos problemas do convênio, se bem que com menor regularidade do que ele [...] Estou particularmente satisfeito com sua atividade ai em Harvard. Acho que o sacrifício meu (de não tê-lo aqui) valeu a pena. E só espero que o Roque e o Melatti possam brevemente seguir o seu exemplo. Receba um grande abraço, extensivo a Celeste, David e Pia (com minhas bençãos natalinas às crianças), do velho (23 de dezembro de 1963 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 14)<sup>80</sup>.

Nesse fragmento de carta é possível perceber um cruzamento de seu rigor e seriedade, com um incentivo e troca mais íntima com pessoas que se tornaram seus amigos e companheiros de trabalho. Nesse sentido, além de um contínuo contato e felicitações ao trabalho desenvolvido por DaMatta em Harvard, há também um desejo que este caminho fosse trilhado por outros colegas, algo que em certa medida foi contemplado com o Convênio entre a universidade americana e o Museu Nacional, já analisado anteriormente nesta dissertação.

Ao mesmo tempo, alguns de seus alunos relataram que com Cardoso de Oliveira aprenderam também um modelo de carreira a ser seguido – como dito por DaMatta no início desse capítulo (no trecho de sua crônica), ao comentar sobre sua primeira ida à casa de seu professor no Rio de Janeiro e o primeiro encontro com sua família, o que causou no antropólogo carioca uma inspiração de modelo de vida que almejava alcançar, para além dos conselhos acadêmicos e do material compartilhado. Acredito que o seu papel nesse momento de transição de certos “estilos” de fazer antropológico (para retomar um termo utilizado pelo próprio Cardoso de Oliveira para refletir sobre as diferentes matrizes antropológicas praticadas), é

---

<sup>80</sup> Carta enviada do Rio de Janeiro.

fundamental para a constituição de uma narrativa que o retrata enquanto essa figura a ser seguida, além de realçar outras características pessoais que são lembradas nas histórias sobre sua trajetória, bem como pela forma que construiu suas relações. Tais características, atribuídas às formas como buscava constituir uma rede de relações pessoais e profissionais no campo antropológico, podem ser também percebidas no depoimento de Gustavo Lins Ribeiro para a autora desta dissertação:

Roberto foi super importante na minha formação, porque ele é o que os americanos chamam de *role model*, um modelo de papel. Quer dizer alguém que você toma como modelo, não tem uma tradução muito boa por isso que eu falei em inglês. Como acadêmico, como pessoa, a honestidade intelectual e moral, a erudição, a capacidade de trabalho, todas essas virtudes que você aprende a admirar, a liderança. O Roberto era um líder [...] Então é isso, é uma mistura de muitas coisas, porque é um impacto na minha formação, múltiplo, em termos do que eu sei de antropologia até hoje e também nas minhas concepções de vida acadêmica, de ética acadêmica e também pessoal, porque muita afeição e disposição de cooperação, de amizade, quase ao ponto de parentesco, porque o Luis Roberto para mim é como se fosse meu irmão (Depoimento de Gustavo Lins à autora, Cidade do México, 10 de março de 2020).

Em relação à questão de parentesco produzida e destacada por Lins Ribeiro, a relação próxima com Cardoso de Oliveira, primeiro como professor, depois como orientador, e, por fim, como colega de profissão e instituição, foi permeada também pela amizade com seu filho Luís Roberto Cardoso de Oliveira. Ambos se conheceram na graduação em ciências sociais na Universidade de Brasília e mantêm contato até os dias de hoje. Mesmo na geração seguinte o modelo de socialidade desenvolvida por Roberto Cardoso de Oliveira parece ser replicada: mais uma vez as relações profissionais e pessoais acabam sendo imbricadas e são centrais para as trajetórias em questão, e conseqüentemente, para a história da antropologia que se constitui.

A partir de ideias apresentadas por Corrêa (2013) sobre o desenvolvimento da história da antropologia no Brasil, é possível perceber algumas características do processo de institucionalização da disciplina que convergem com o que podemos apreender com uma análise dos documentos de Cardoso de Oliveira. O final da década de 1960 e o início da década de 1970 é um período importante na história da disciplina, que sofreu grandes transformações nas formas como era praticada e ensinada, sobretudo em decorrência da reforma universitária e da criação e recriação dos programas de pós-graduação em antropologia. Este período também marcou de forma profunda a percepção de que estava em curso, uma mudança de geração entre os antropólogos no Brasil, não apenas como resultado da passagem do tempo cronológico e do envelhecimento de algumas das figuras centrais do campo da primeira metade do século XX,

mas também porque foi marcado pela inserção de novos atores neste campo, através de novas oportunidades do ensino superior. Esta nova estrutura acadêmica permitiu a formação de uma geração de antropólogos e antropólogas, brasileiros, que foram centrais na institucionalização da disciplina no país.

Assim, o modo de fazer antropologia no Brasil foi marcado primeiro por uma nova rede de relações derivada das mudanças de geração, e, depois, pelo surgimento dos programas e da inserção profissional de seus egressos, que mantinham uma forte interlocução entre si e entre estes programas, através dos temas de pesquisa em desenvolvimento e da circulação de antropólogos entre as instituições. Cardoso de Oliveira era uma das pessoas que integrava e conectava grande parte destas instituições-chave deste período: sua formação e trabalho circularam entre as primeiras universidades a passarem pelo processo descrito acima. Seu próprio empenho em construir a institucionalização da antropologia nos moldes atuais não pode ser menosprezado. Além disso, parte dos antropólogos que compunham o corpo docente dos novos cursos de pós-graduação, foram formados por programas anteriores, inclusive nos quais Cardoso de Oliveira atuou, como no caso dos egressos do Curso de Especialização em Antropologia Social do Museu Nacional, que se tornaram professores da própria instituição e depois da UnB, como Alcida Rita Ramos, Roque de Barros Laraia e Julio Cezar Melatti, todos ex-alunos do Curso.

Essa indissociabilidade entre diversas esferas da vida social, que Cardoso de Oliveira ativamente entrecruzou na forma desta rede, é possível reconhecer não apenas nos documentos de seu acervo, mas também nos depoimentos dos antropólogos que entrevistei: a manutenção e a complexificação das relações sociais após o primeiro contato de professor-aluno e a contínua participação na vida profissional e pessoal através dos diálogos sobre os trabalhos em desenvolvimento, são assuntos recorrentes nas falas dos entrevistados. No caso relatado por DaMatta, ele mencionou que conversava toda semana por telefone com Cardoso de Oliveira, apesar da distância física e mesmo do distanciamento entre as pesquisas desenvolvidas, já que o antropólogo fluminense migrou dos estudos em etnologia para pensar a formação e constituição do Brasil como nação. Além disso, afirmou que Cardoso de Oliveira passou de seu professor para mentor e depois para amigo. DaMatta foi inclusive uma das pessoas que falaram durante a missa de sétimo dia de Cardoso de Oliveira, expressão da relevância desta relação pessoal e profissional entre eles inclusive no final da vida de um deles. Sobre o legado que Cardoso de Oliveira deixou em sua vida e para a disciplina, o antropólogo fluminense afirma:

Ele tinha uma outra coisa que era uma característica dele, além do que eu falei, dessa robustez em termos de projeto, projeto profissional, projeto intelectual, ideológico de ensinar antropologia, de ensinar, de educar, tinha esse amor pela vida acadêmica, como a vida acadêmica era importante, como era importante fazer com que as diversidades funcionassem bem, tudo isso. Então, esse é o meu depoimento, é uma ligação, na minha vida foi muito importante. Como que você passa as coisas para os outros? Você passa falando, você passa citando e você passa também pelo amor à vida acadêmica, porque eu tenho, eu sempre tive. O ensino sempre foi uma coisa importante para o Roberto. A educação, ensinar, fundamentalmente você ser um educador, você abrir a cabeça das pessoas (Depoimento de Roberto Augusto DaMatta à autora, Niterói, 25 de junho de 2019).

O projeto acadêmico e profissional de Roberto Cardoso de Oliveira, de docência e dedicação total à disciplina, perpassou as diversas esferas de sua vida e foi fundamental para o começo do processo de institucionalização da antropologia no país. Esse projeto marcou também as relações estabelecidas com seus alunos e colegas próximos.

É preciso lembrar que esta rede, mesmo que relativamente extensa, era composta por profissionais de um restrito campo de atuação, mesmo que em processo de desenvolvimento. Na entrevista que fiz com Carlos Rodrigues Brandão, por exemplo, este antropólogo ressalta que durante o mestrado na UnB o fato de sua turma ser composta por apenas 12 estudantes (era a primeira turma) propiciava o estabelecimento de uma relação mais próxima entre os professores e os alunos. Aliado a isso, lembra Brandão, Brasília, naquele momento, ainda estava em processo de expansão e de construção, o que resultava em um fluxo populacional menor e conseqüentemente uma maior integração entre as pessoas que circulavam na universidade. Desta forma, ambos acabaram se tornando amigos, o que gerou, inclusive, um contato próximo entre as famílias.

Mas é também possível imaginar que há também conflitos ou comportamentos recebidos com mais descontentamento por parte de seus ex-alunos, talvez justamente pela impossibilidade de firmarem-se relações que pudessem não ser caracterizadas em grande medida por uma certa expectativa, ou mesmo por afetos que articulavam posições ambivalentes para além dos debates acadêmicos: principalmente no que se refere a uma atitude que por vezes poderia ser interpretada como controladora, sobre os rumos de seus caminhos profissionais a serem seguidos – quando a atenção ao trabalho feito acabava por limitar as decisões individuais, como sugeriram alguns de seus colegas. Luís Roberto Cardoso de Oliveira chega inclusive a mencionar uma personalidade autoritária de seu pai (o que não significaria que ele fosse uma pessoa autoritária, é importante ressaltar). Não cabe chegar a uma conclusão sobre a personalidade de Roberto Cardoso de Oliveira, sobretudo quando isto se refere a dimensões de

suas relações sociais que são muito próximas de um foro íntimo de difícil análise e duvidoso rendimento analítico. Entretanto, é significativo que histórias sobre seu temperamento e sobre as formas como engendrava as colaborações acadêmicas, apontem para essa relação. É evidente, não obstante, que justamente por tais conexões estarem subsumidas ao campo das percepções subjetivas dos alcances desses cruzamentos entre personalidade e projeto acadêmico, essas hipóteses, ainda que significativas, não são consensuais. Como o próprio DaMatta relatou, Otávio Velho (1941-), que foi orientando de Cardoso de Oliveira na primeira turma de mestrado no Museu Nacional e é atualmente professor emérito da UFRJ, não concordava com este tipo de narrativa sobre Cardoso de Oliveira, afirmando que ele era apenas muito persuasivo.

Não podemos esquecer, ainda, que as relações estabelecidas dentro das universidades, mesmo que ainda produzindo reflexos que perduram até hoje, bem como apresentando pontos em comum com a antropologia contemporânea, nestes mesmos departamentos e programas de pós-graduação (e outros que foram criados nos anos seguintes), mudaram radicalmente nos últimos 60 anos, incluindo a forma como as práticas acadêmicas e as hierarquias estabelecidas entre colegas, ou entre docentes e estudantes, podem ser percebidas e mesmo aceitas. Com isso não quero dizer que a história deve ser simplesmente analisada através de seu contexto, apesar de não podermos abandoná-lo por completo. A questão de gênero na história da antropologia, por exemplo, é muito relevante em vários momentos ao longo desse capítulo, rendendo ainda potenciais outras análises. No caso de Roberto Cardoso de Oliveira, ao constatarmos um fluxo de relações de proximidade e colaboração muito maior com antropólogos do que com antropólogas, é possível refletir sobre a pertinência deste tipo de análise. Além disto, o próprio fato das antropólogas que fizeram parte da rede de relações de Cardoso de Oliveira serem mencionadas em muito menor quantidade em seu acervo, é também significativo. É importante, ainda, considerar o papel importante das esposas de vários destes personagens para o trabalho intelectual destes, bem como para o estabelecimento das parcerias desenvolvidas ao longo de suas carreiras. Essas “esposas de antropólogos”, como lembra Mariza Corrêa (2003a), são constantemente lembradas nas cartas, ao mesmo tempo que suas trajetórias são destacadas justamente pela importância de seus relacionamentos afetivos. Este afeto, como vimos, é fundamental para o estabelecimento de parcerias também profissionais, mas ao mesmo tempo termina por não ser reconhecido na historiografia produzida a partir da análise destas trajetórias, invisibilizando não apenas a centralidade desta dimensão nas carreiras de antropólogos e antropólogas (sobretudo, aqui, de Roberto Cardoso de Oliveira), mas também

a história destas parceiras amorosas neste processo. A dificuldade de encontrar informações de suas vidas, neste sentido, é reveladora<sup>81</sup>. É fundamental lembrarmos do trabalho de Corrêa (2003a) sobre a existência de certos apagamentos na história da antropologia, que a autora propõe ao analisar a trajetória das mulheres antropólogas ou esposas de antropólogos, bem como sobre o impacto desta vinculação com seus maridos nas obras destes e na antropologia produzida em certo período. Corrêa nos mostra como essa invisibilidade fundamentaria a forma como elas seriam lembradas ou esquecidas.

Por fim, vale ressaltar ainda algumas questões referentes às entrevistas desenvolvidas para essa pesquisa. Em primeiro lugar, com exceção de Luís Roberto Cardoso de Oliveira, com quem eu já tinha estabelecido um contato anterior quando ele visitou a Unicamp em 2017<sup>82</sup>, o primeiro contato que tive com os antropólogos e antropólogas que aceitaram serem entrevistados foi estabelecido através de mensagens de e-mail, em que eu me apresentava e pedia para realizar a entrevista. Em todos os casos em que houve retorno, encontrei de imediato uma resposta positiva e entusiasta sobre a possibilidade de um depoimento a respeito de Cardoso de Oliveira – o que não significa que obtive um retorno em todos os casos, mas ao menos que a possibilidade de falar sobre a trajetória deste antropólogo mobilizou vários personagens centrais da história da antropologia recente no Brasil e que também colaboraram em algum momento de suas carreiras com Cardoso de Oliveira<sup>83</sup>.

Em segundo lugar, destaco ainda que no caso específico de Roberto DaMatta, durante nosso encontro o antropólogo me contou que havia participado de um evento comemorativo no Museu Nacional recentemente, a comemoração dos “50 + 1” anos do PPGAS da instituição e que, diferentemente da ocasião deste evento, aquela conversa entre nós possibilitou um outro tipo de depoimento, em que ele poderia falar mais abertamente, falar da relação, do encontro dos dois e como esse cruzamento marcou sua trajetória. De todas as entrevistas, essa foi a mais longa e a que teve um caráter menos “formal” em alguns aspectos: ela ocorreu em seu escritório, localizado no segundo andar de sua casa. Após a entrevista almoçamos na cozinha, junto à sua neta Serena e à Cris, que o auxilia em seu trabalho. Depois

---

<sup>81</sup> Sobre a questão a busca de informação sobre as esposas dos antropólogos, Sobral (2018) relatou sobre a dificuldade de encontrar mais dados sobre a trajetória de Lady Frazer, apesar de sua importante participação na manutenção das redes que vinculava ela e seu marido aos intelectuais e editores franceses, além de promover a obra de James Frazer (1854-1941).

<sup>82</sup> Luís Roberto Cardoso de Oliveira esteve na Unicamp em novembro de 2017 para participar de duas atividades: a conferência “Sensibilidade cívica e cidadania no Brasil” e o workshop “História e contextualização da formação de acervos etnográficos em arquivos e centros de documentação”. A partir dessas atividades pude estabelecer um contato com o antropólogo, que nesse momento havia sinalizado a possibilidade de uma entrevista futura.

<sup>83</sup> O que pode significar tanto uma recusa ou mesmo um não recebimento do pedido.

do almoço tomamos um café na sala, eu, DaMatta e Serena, e tivemos conversas que oscilavam entre notícias dos jornais e Cardoso de Oliveira. Durante esse momento, DaMatta frisou algumas vezes sobre a felicidade de lembrar de seu professor. Ressalto ainda que a única referência que o antropólogo tinha era a minha filiação institucional e menção que eu já havia entrevistado outros colegas. Porém, algo da própria amizade construída entre DaMatta e Cardoso de Oliveira emergia e estabelecia uma experiência específica ao nosso encontro, algo que estava muito presente na felicidade em partilhar memórias sobre pessoas queridas que já se foram.

Quero, com essas observações, refletir sobre a importância da memória de um afeto para a condução de parte fundamental de minha dissertação: motivo pelo qual tomo a indissociabilidade entre trabalho e amizade, tal como venho destacando nesse capítulo, e a forma como esta é percebida na análise da pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira, como elemento crucial do meu trabalho. Esta rede, composta por afetos e oportunidades profissionais, projetos de colaboração e parceria intelectual, emergiu em diversos momentos de minha pesquisa, através de vários ângulos, incluindo nas entrevistas que realizei, em que eu mesma pude, por alguns momentos, experimentar a potência dessas relações, sedimentadas na memória partilhada e que ainda suscitam emoções e demonstrações de afeto por parte de amigos, ex-alunos e familiares de Roberto Cardoso de Oliveira. Passo, no próximo capítulo, a analisar outra dimensão fundamental para compreender a trajetória do antropólogo, onde o desenvolvimento de suas pesquisas sobre a produção da antropologia, cruza com o retorno de alguns de seus interesses da época da graduação em filosofia e com a doação de seus documentos ao arquivo.

### **1.3. Lista de pessoas e instituições**

Apresento aqui de forma resumida algumas informações sobre as pessoas citadas ao longo do primeiro capítulo, para auxiliar na recuperação de informações ao longo do texto. A divisão em quadros sintéticos se faz através das diferentes instituições nas quais determinada relação foi constituída e tal como é mencionada ao longo do texto. Ou seja, relativa ao percurso de Roberto Cardoso de Oliveira. Além disso, na descrição trago algumas informações que vinculam esses personagens à trajetória de Cardoso de Oliveira (ressalto que a recuperação desses dados ocorre como um resumo da imbricação dessas trajetórias com Cardoso de Oliveira, e não tem a pretensão de apresentar a totalidade das informações profissionais e pessoais desses sujeitos).

**Família**

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Jahy Cardoso de Oliveira		Pai
Marina Mattos Cardoso de Oliveira		Mãe
Gilda Cardoso de Oliveira	1932-	Formada em filosofia na USP e esposa
Luís Roberto Cardoso de Oliveira	1953-	Antropólogo e filho
Rodolfo		Filho
Maria Fernanda		Filha
Lúcia		Filha
Fernando Henrique Cardoso	1931-	Sociólogo e cunhado

**Universidade de São Paulo (USP)**

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Gilles Gaston Granger	1920-2016	Filósofo francês, foi professor da USP nas décadas de 1940 e 1950
Florestan Fernandes	1920-1995	Foi professor da USP e orientador do doutorado de Cardoso de Oliveira
Roger Bastide	1898-1974	Sociólogo francês, fez parte da missão francesa da USP
Og Francisco Leme	1922-2004	Amigo que introduziu a amizade entre Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro
Egon Schaden	1913-1991	Professor da instituição e avaliador da tese subsidiária de doutorado de Cardoso de Oliveira
Gérard Lebrun	1930-1999	Filósofo francês, professor visitante da USP e avaliador da tese subsidiária de doutorado de Cardoso de Oliveira

**Museu do Índio**

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
------	-----------------------------	-----------

Darcy Ribeiro	1922-1997	Fundador e diretor do Museu do Índio; foi secretário da ABA na diretoria que Cardoso de Oliveira foi tesoureiro
Berta Gleizer Ribeiro	1924-1997	Foi estagiária do Museu Nacional na década de 1950, nesse mesmo período realizou pesquisas em conjunto com Darcy Ribeiro em diversas sociedades indígenas
Eduardo Galvão	1921-1976	Chefe da Seção de Orientação e Assistência do Serviço de Proteção aos Índios no mesmo período e foi presidente da ABA na diretoria em que Cardoso de Oliveira foi secretário

### Museu Nacional

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Julio Cezar Melatti	1938-	Aluno do curso de especialização da instituição e professor da UnB; participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Luiz de Castro Faria	1913-2004	Professor da instituição, chefe da divisão de antropologia, foi presidente da ABA na diretoria que Cardoso de Oliveira foi tesoureiro
Roberto DaMatta	1936-	Aluno do curso de especialização do Museu Nacional, estagiário do mesmo; participou do projeto Harvard-Museu Nacional; foi tesoureiro da diretoria da ABA em que Cardoso de Oliveira foi secretário
Alcida Rita Ramos	1937-	Aluna do curso de especialização do Museu Nacional, estagiária da instituição e posteriormente professora na UnB
Roque de Barros Laraia	1932-	Aluno do curso de especialização da instituição e professor da UnB; participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Hortência Caminha		Aluna do curso de especialização do Museu Nacional
Onídia Benvenutti		Aluna do curso de especialização do Museu Nacional
Edson Soares Diniz	1934-2012	Aluno do curso de especialização do Museu Nacional

Marcos Magalhães Rubinger	1966-1975	Aluno do curso de especialização do Museu Nacional e participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Maria Andrea Loyola		Aluna do curso de especialização do Museu Nacional e também de mestrado da instituição
Lucia Câmara		Aluna do curso de especialização do Museu Nacional
Silvio Coelho dos Santos	1938-2008	Aluno do curso de especialização do Museu Nacional, deu continuidade ao projeto de criação de programas de pós-graduação em Santa Catarina
Cecília Maria Vieira Helm	1937-	Aluna do curso de especialização do Museu Nacional, deu continuidade ao projeto de criação de programas de pós-graduação no Paraná
Maria Stella Amorim		Aluna do curso de especialização e de mestrado da instituição
David Maybury-Lewis	1929-2007	Antropólogo britânico, participou junto com Cardoso de Oliveira da criação do mestrado da instituição e do Projeto Harvard-Museu Nacional
Pia Maybury-Lewis	1926-2015	Atuou junto com David Maybury-Lewis em pesquisas entre os Xavante e os Xerente no Brasil, era casada com o antropólogo britânico
Beatriz Maria Alasia Heredia		Aluna de pós-graduação da instituição
Terence Turner		Participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Joan Bamberger		Participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Jon Christopher Crocker	1938-2003	Participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Jean Carter Lave		Participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Dolores Newton		Participou do projeto Harvard-Museu Nacional
Fredrik Barth	1928-2016	Antropólogo norueguês que influenciou o trabalho de Cardoso de Oliveira sobre identidade étnica
Luiz Emygdio de Mello Filho	1913-2002	Botânico e naturalista da instituição

Guillermo Bonfil Batalla	1935-1991	Antropólogo mexicano, foi professor visitante na instituição e desenvolveu uma parceria com Cardoso de Oliveira principalmente nas décadas de 1970 e 1980
Gilberto Cardoso Alves Velho	1945-2012	Aluno do mestrado do Museu Nacional e depois professor da instituição
Peter Bell	1940-2014	Representante da Fundação Ford no Brasil na década de 1960
Otávio Velho	1941-	Foi orientado por Cardoso de Oliveira no mestrado da instituição e é professor da mesma

### Universidade de Brasília (UnB)

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Mariza Peirano	1942-	Aluna do PPGAS da UnB, depois professora da instituição; participou do projeto Estilos de Antropologia
Pedro Manuel Agostinho da Silva		Foi secretário durante a presidência de Cardoso de Oliveira na ABA
Mariza Veloso		Foi tesoureira durante a presidência de Cardoso de Oliveira na ABA e foi orientada por ele no doutorado da UnB
Carlos Rodrigues Brandão	1940-	Orientando de Cardoso de Oliveira na primeira turma de mestrado da UnB e depois foi professor da Unicamp
Stephen Grant Baines		Aluno do PPGAS da UnB, depois professor da instituição; participou do projeto Estilos de Antropologia
Tullio Persio Maranhão	1944-2002	Orientando de Cardoso de Oliveira no mestrado na UnB
José Carlos de Almeida Azevedo	1932-2010	Militar, foi reitor da UnB
Gustavo Lins Ribeiro		Aluno de graduação e orientando de mestrado na UnB, e depois foi professor da instituição

## Capítulo 2: As antropologias periféricas e a consolidação da disciplina

Falo isso na tentativa de revelar o carisma de Roberto Cardoso de Oliveira. Esse sinal dos grandes mestres e dos corajosos criadores de instituições. Pois além de pescar pesquisadores, abrindo neles a chaga incurável da obrigação de escrever e de estudar, Roberto foi o intrépido criador de programas de antropologia no Museu Nacional em Brasília e em Campinas. Foi um raríssimo exemplo de professor capaz de ensinar e de fundar instituições. Como ele dizia: era preciso tocar e carregar o piano... Exercício necessário neste Brasil que até hoje gosta de repetir com vilania que quem sabe faz e quem não sabe ensina! (Roberto DaMatta)<sup>84</sup>

Agora Roberto Cardoso de Oliveira já havia estabelecido sua carreira na antropologia e caminhava para um outro tipo de pesquisa que retornava um diálogo com sua formação inicial e com as contribuições desse cruzamento interdisciplinar em sua produção teórica. Assim, na primeira parte do capítulo (“2.1. O encontro da epistemologia com a antropologia”) esboço esse movimento de desenvolvimento de suas pesquisas a respeito dos estilos e a produção das antropologias periféricas, ao mesmo tempo em que atuava na criação de um programa de pós-graduação interdisciplinar em ciências sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (“2.1.1. Estilos de antropologia e a Unicamp”), e seu posterior retorno a Universidade de Brasília (UnB), onde continuou trabalhando até o final de sua vida (“2.1.2. O (retorno do) trabalho do antropólogo - e - (a) a UnB”). O caminhar de suas pesquisas e seu momento profissional se desdobram na construção da narrativa sobre a sua memória (“2.2. Um projeto de consolidação da antropologia no Brasil e da constituição de uma memória”). Um dos fatores primordiais para essa análise é a doação de seus documentos ainda em vida, no momento em que passa a atuar na Unicamp (“2.2.1. A chegada do fundo Roberto Cardoso de Oliveira – ou fundo de História da Antropologia no Brasil – a Unicamp”), sendo

---

<sup>84</sup> DAMATTA, 2009, p. 56. Aqui o antropólogo carioca retoma a participação ativa de Cardoso de Oliveira na construção dos programas de pós-graduação, destacando seu empenho também no ensino de antropologia no país, que perpassou também aos alunos formandos por ele. Como será apresentado nesse capítulo, sua dedicação ao ensino e pesquisa estiveram presentes até o final de sua vida.

composto por uma série de tipos documentais, mas que tem nas correspondências o maior potencial para as reflexões que desenvolvo na pesquisa (“2.2.1.1. Apresentando os documentos”). Por fim, me debruço especificamente em como Cardoso de Oliveira articulou seu projeto de antropologia com a produção de uma narrativa de sua própria trajetória, contribuindo com a construção dessa memória (“2.2.2. A multiplicidade de uma memória”). Assim como no capítulo anterior, trago ao final (item 2.3) uma lista para auxiliar na recuperação das informações que foram apresentadas ao longo do texto sobre a trajetória de outros sujeitos citados e que tiveram uma relação profissional, pessoal ou de influência no trabalho de Cardoso de Oliveira.

## **2.1. O encontro da epistemologia com a antropologia**

### **2.1.1. Estilos de antropologia e a Unicamp**

O antropólogo transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1985, e, segundo a carta apresentada abaixo (imagem 4), enviada para David Maybury Lewis, essa decisão foi impulsionada por uma entrevista concedida ao Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB) coordenado por Mariza Corrêa. Nessa carta, escrita pouco tempo depois de sua mudança para Campinas, Roberto Cardoso de Oliveira atualiza o amigo de suas obrigações acadêmicas em meio ao processo de transferência de universidade. Junto a isso, também agrega a notícia da publicação de uma nova edição do Anuário Antropológico, as aulas na Unicamp e a organização da XV Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em Curitiba<sup>85</sup>, além de interpelar Maybury-Lewis sobre a sua participação na conferência no mesmo evento e a possibilidade de gravar uma entrevista para o projeto. A relação do antropólogo com o PHAB será desenvolvida mais adiante neste capítulo, mas já é interessante mencionar que seus interesses de pesquisa, iniciados ainda enquanto professor da Universidade de Brasília, convergem também para uma preocupação acerca da história da disciplina e a forma com que produzimos a antropologia no Brasil e em outros países do mundo.

---

<sup>85</sup> A XV RBA foi organizada durante a diretoria de Roberto Cardoso de Oliveira, que contou com a participação de Pedro Agostinho da Silva e Mariza Veloso, como secretário e tesoureira respectivamente. Foi também nessa reunião que foi eleita a diretoria de Manuela Carneiro da Cunha (1943-), Ruben George Oliven (1945-) e Carmem Cinira de Macedo (1948-1991); nesse período Carneiro da Cunha já havia se transferido da Unicamp para a USP e deixado o Projeto História da Antropologia no Brasil sob a coordenação de Mariza Corrêa (que será apresentado mais adiante).

*Roberto Cardoso de Oliveira*

Campinas, 14 de Fevereiro de 1986

Caríssimo David:

Apenas agora estou podendo voltar à minha correspondência, depois de um final de ano e começo de 86 bastante atribulado: mudei-me finalmente para o novo apartamento com todas as perturbações que isso acarreta à vida normal; além do mais tive de simultaneamente preparar os dois cursos que darei nesse semestre e a cuidar do anuário/85 e da reunião da ABA. E como eu já havia enviado a carta formal pedida por você, antecipando-me por tanto à sua aceitação (tudo isso para ganhar tempo), fiquei mais tranqüilo para responder sua última carta.

Estamos, portanto, contando com você e, desde já, eu gostaria que você me dissesse qual o título de sua Conferência, a fim de que possamos divulgá-la no programa definitivo que está sendo preparado pela Comissão Organizadora (que tem como sua coordenadora a Cecília Maria Helm e para quem você poderá escrever diretamente, se assim o desejar, no que diz respeito a reserva de Hotel: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Antropologia, rua Gal. Carneiro 460 - Caixa Postal 3121 -- Curitiba, 80000, Paraná). É importante que você confirme definitivamente sua participação o quanto antes. Ok?

Eu, pessoalmente, e a Mariza Corrêa e seu projeto sobre a História da Antropologia Brasileira, gostaríamos que você viesse a Campinas depois da reunião, a fim de dar um depoimento sobre a sua participação nessa História e, em seguida, dar uma pequena entrevista que será filmada em vídeo (a coisa não é nada chata! Fui submetido a todo esse ritual em 1984 -- o que resultaria em minha transferência para cá...).

Mandando um grande abraço a todos os Maybury-Lewis, extensivo aos Cardoso de Oliveira daí e a Mariza Peirano, aqui fica o

1/10/86

Imagem 4: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a David Maybury-Lewis – 14 de fevereiro de 1986.<sup>86</sup>

<sup>86</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 39.

Campinas, 14 de fevereiro de 1986

Caríssimo David,

Apenas agora estou podendo voltar à minha correspondência, depois do final de ano e começo de 86 bastante atribulado: mudei-me finalmente para o novo apartamento com todas as perturbações que isso acarreta à vida normal; além do mais tive de simultaneamente preparar os dois cursos que darei nesse semestre e a cuidar do Anuário/85 e da reunião da ABA. E como já havia enviado carta formal pedida por você, antecipando-me portanto à sua aceitação (tudo isso para ganhar tempo), fiquei mais tranquilo para responder sua última carta.

Estamos, portanto, contando com você e, desde já, eu gostaria que você me dissesse qual o título de sua Conferência, a fim de que possamos divulgá-la no programa definitivo que está sendo preparado pela Comissão Organizadora (que tem como coordenadora a Cecília Maria Helm e para quem você poderá escrever diretamente, se assim desejar, no que diz respeito a reserva de Hotel: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Antropologia, rua Gal. Carneiro 400 – Caixa Postal 3121 – Curitiba, 8000, Paraná). É importante que você confirme definitivamente sua participação o quanto antes. Ok?

Eu, pessoalmente, e a Mariza Corrêa e seu projeto sobre a História da Antropologia Brasileira, gostaríamos que você viesse a Campinas depois da Reunião, a fim de dar um depoimento sobre a sua participação nessa História e, em seguida, dar uma entrevista que será filmada em vídeo (a coisa não é chata! Fui submetido a todo esse ritual em 1984 -- o que resultaria em minha transferência para cá...).

Mandamos um grande abraço a todos os Maybury-Lewis, extensivo aos Cardoso de Oliveira daí e a Mariza Peirano, aqui fica o Roberto<sup>87</sup>.

Além dos motivos informados a Maybury-Lewis, em uma carta enviada a Margarita Nolasco Armas (1932-2008) – antropóloga mexicana a época vinculada ao *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS) – Cardoso de Oliveira conta que sua mudança para Campinas estaria motivada também por outras razões:

Lá estarei ajudando a criar o doutoramento, uma vez que já existe o mestrado, além de contar com mais tempo para desenvolver alguns projetos de investigação no campo da teoria da Antropologia. Penso em dar especial atenção ao projeto sobre “antropologias periféricas” de que lhe falei. E pretendo indicar um aluno ou colega de Departamento para realizar a pesquisa antropológica no México. Quando tiver alguém em vista, escreverei a você” (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Margarita Nolasco Armas. 14 de dezembro de 1984 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 36).

O percurso de pesquisa de Cardoso de Oliveira para chegar até o estudo do que denominou de antropologias periféricas se iniciou ainda no início década de 1980, quando o antropólogo começou uma investigação das raízes racionalista e empirista em antropologia, tendo o pressuposto – inspirado pelo trabalho de Thomas Kuhn (1922-1996), físico e filósofo

---

<sup>87</sup> [Destaque no original].

que se dedicou a pesquisas sobre a história da ciência – de que não é suficiente a produção de uma antropologia focada apenas nos “outros” para que ela alcance uma maturidade e autonomia. É necessário também uma reflexão de sua história e da maneira de produzir a disciplina, ou seja, é necessário tornar a prática antropológica objeto também de sua própria investigação, no Brasil ou em qualquer outro país. Dessa forma, em um primeiro momento, Cardoso de Oliveira se deteve nas pesquisas em países considerados como centrais, sendo estes lugares onde a antropologia foi originária. Em uma carta extensa enviada em 1984 a Bruce Bushey, representante da Fundação Ford no Brasil entre os anos de 1983 e 1986, o antropólogo narra detalhadamente sua guinada de pesquisa nessa direção e os rumos que planejava seguir. Recupero parte do relato da correspondência, já que ela permite uma compreensão sobre seus interesses teóricos, o escopo de suas pesquisas, bem como o escopo de suas viagens e deslocamentos institucionais, além dos resultados mais imediatos dessas iniciativas, como os textos publicados e os desdobramentos em novas investigações e projetos.

Segundo Cardoso de Oliveira, sua primeira experiência nesse sentido foi com a antropologia racionalista produzida na França, incluindo um período de pesquisa em Paris em 1981, onde trabalhou com os documentos do Grupo de Estudos Durkheimianos na *Maison des Sciences de l'Homme*, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). Como o resultado dessa viagem de três meses à Paris, o antropólogo publicou o artigo “As ‘categorias do entendimento’ na formação da Antropologia” (1981), texto em que aborda o racionalismo na constituição da disciplina. Em seguida, já em 1983, iniciou a segunda etapa do projeto, uma investigação da tradição empirista e sua relação com a Escola Britânica de Antropologia. Para ter um acesso maior a uma bibliografia especializada, Cardoso de Oliveira contou com o apoio do Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard – com quem mantinha uma cooperação desde a década de 1960 –, realizando um período de pesquisa em suas instalações, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Suas análises realizadas em Cambridge, foram publicadas no texto “A ‘categoria da causalidade’ na formação da Antropologia” (1983). Além dos artigos já mencionados, o antropólogo publicou ainda os livros *Enigmas e Soluções* (1983), *Sobre o Pensamento Antropológico* (1988) e *A antropologia de Rivers* (1991) como desdobramentos das investigações a respeito da formação das tradições racionalista e empirista; e outros artigos onde focalizada uma discussão mais geral sobre a atuação dos paradigmas científicos e da matriz disciplinar.

Como foi mencionado, todo esse repertório desenvolvido poucos anos antes de sua mudança para Campinas deram o pontapé inicial para as pesquisas desenvolvidas na Unicamp. Suas novas investigações estariam focadas em duas iniciativas: a primeira, mais teórica, como uma espécie de “arqueologia” do pensamento, teria como objetivo refletir através de dois paradigmas, o culturalista – vinculado à tradição empirista – e o interpretativo – à racionalista. Já a segunda, seria uma etnografia da própria antropologia, com pesquisas focadas na produção da disciplina em diversos países entendidos como periféricos.

Poder-se-ia denominar tal projeto, ainda que provisoriamente, como um estudo das “comunidades antropológicas periféricas”. A saber, o estudo de grupos profissionais da disciplina localizados em países onde ela não é originária se os compararmos com as “comunidades de centro” (França, Inglaterra e USA) – o que não significa qualquer diagnóstico de caráter valorativo sobre as “comunidades periféricas”, pois a qualidade da antropologia que nelas se pratica não está em jogo. Embora tenhamos pensado (eu e meus colegas) em grupos de profissionais de diferentes países, como Índia, Espanha, México, e Canadá, a escolha para um projeto-piloto recaiu nesse último país pelas seguintes razões: sendo eu o executor desse primeiro projeto de “etnografia da ciência”, cuidei de procurar um país que ocorresse uma sorte de confluência entre aquelas duas tradições a que me referi, a racionalista e a empirista, de modo a estudar como elas se articulam ou se desarticulam diante da realidade canadense formada pela competição entre duas tradições intelectuais bastante nítidas e expressas nos segmentos francófonos e anglófonos da sociedade global do país [...] Uma outra razão é a presença de um quadro político marcado pela etnicidade, tema sobre o qual tenho pesquisado e refletido por mais de duas décadas, conforme indicam minhas publicações dos anos 60 e 70. (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Bruce Bushey. 29 de junho de 1984 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 36)<sup>88</sup>.

Essa carta tinha a finalidade de solicitar financiamento da Fundação Ford para a viagem de Cardoso de Oliveira à Montreal, Canadá, como forma de obter mais informações, através de uma experiência em menor escala, e avaliar a possibilidade de sua empreitada que veio a seguir: o Projeto Estilos de Antropologia. Apesar de haver no fundo Roberto Cardoso de Oliveira uma série de documentos que nos permite acompanhar em parte as discussões e as redes estabelecidas através desse trabalho, o projeto submetido propriamente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), não foi localizado no acervo. Mas acredito ter encontrado uma versão preliminar ou rascunho com alguns pontos sobre sua execução. Dentre eles, o que mais me chama a atenção é a forma como Cardoso de Oliveira consegue ali refletir e relacionar os diversos projetos que desenvolvia e que convergiam à época de sua mudança para Campinas – apresentados no início desse capítulo – e como consegue articular esses múltiplos interesses envolvidos:

---

<sup>88</sup> Carta enviada de Brasília e assinada “Roberto Cardoso de Oliveira”.

A UNICAMP através de seu Departamento de Ciências Sociais, conjunto de Antropologia, está decidida a realizar o projeto de pesquisa sobre “estilos de antropologia”, como um desdobramento de uma série de estudos sobre história da antropologia brasileira, que vem realizando desde 1982, sob a coordenação da Profa. Doutora Mariza Corrêa e com a participação de seus estudantes de graduação e de pós-graduação, e de um outro conjunto de pesquisas sobre o pensamento antropológico iniciadas na Universidade de Brasília, sob a direção do Prof. Roberto Cardoso de Oliveira, com a participação de seus alunos, quando lecionava naquela universidade, antes de sua transferência para a UNICAMP, em dezembro de 1984, e que foram retomadas nesta última universidade. A convergência desses dois programas de pesquisa ficaram mais evidentes por ocasião do Curso de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, quando da instalação da área temática “Itinerários Intelectuais e Etnografia da Ciência”, onde a disciplina ANTROPOLOGIA, enquanto parte do quadro das ciências humanas, passou a se constituir enquanto um objeto de investigação sistemática e comparativa (Documento intitulado “Estilos de Antropologia”. [maiusculas no original] Sem data – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 443).

Vale ressaltar que acredito que o projeto geral ao final não foi financiado pela FAPESP, mas algumas pesquisas e viagens que foram desenvolvidas em seu âmbito foram, como as viagens de Cardoso de Oliveira para a Universidade de Harvard em 1986 e Universidade Autônoma de Barcelona em 1992; de Guillermo Raul Ruben<sup>89</sup>, que também coordenou o projeto, para a Universidade de Montreal; e de Marta Francisca Topel, aluna do Doutorado em Ciências Sociais, para Jerusalém em 1996. Ressalto que não há no arquivo qualquer menção de uma recusa desse projeto enviado à Fundação, mas não encontrei nenhuma informação relacionada a esse financiamento na Biblioteca Virtual FAPESP<sup>90</sup> e tampouco em um dos currículos disponíveis no Arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia (de março de 1994) e em seu currículo lattes<sup>91</sup>, com exceção das viagens já mencionadas acima.

Acredito que ainda é importante destacar que há uma reclamação sobre a falta de financiamento ao projeto em carta dirigida à Verena Stolcke (1938-) – uma das antropólogas fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) na Unicamp e que nesse período era professora na Universidade de Barcelona. Nessa correspondência, Cardoso de Oliveira resalta os desafios de financiamento enfrentados neste período no Brasil,

---

<sup>89</sup> Antropólogo argentino e professor aposentado da Unicamp, com pesquisas na área de antropologia econômica, nacionalidade e identidade. É interessante notar que a grafia do nome de Ruben aparece de duas maneiras diferentes: Guillermo e Guillermo. Acredito que a primeira opção possa ser a forma “abrasileirada” de se referir a ele. Opto por usar essa opção por ser a forma com que Cardoso de Oliveira se referia a ele em seus documentos, mas ressalto que a forma “Guilherme” parece em seu currículo lattes, em teses defendidas na Unicamp e na publicação do livro *Estilos de Antropologia* (1995).

<sup>90</sup> Biblioteca Virtual da Fapesp – Fonte de referencial de informação para a Pesquisa Apoiada pela FAPESP – Disponível em: <<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/91802/roberto-cardoso-de-oliveira/>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2020.

<sup>91</sup> Currículo lattes de Roberto Cardoso de Oliveira. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783145H5>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2020.

e lembra do “Projeto ‘Estilos de Antropologia’ que com muita dificuldade financeira estamos desenvolvendo na UNICAMP (veja em que situação a economia brasileira nos deixou...)” (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Verena Stolke – 3 de maio de 1991 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 403)<sup>92</sup>. Mesmo Cardoso de Oliveira, que sempre conseguiu articular muitas redes e acessar financiamentos para seus projetos ao longo da sua carreira, também encontrou alguns empecilhos por mudanças políticas em curso no país.

Apesar da ausência do projeto original encaminhado para a FAPESP, é possível entender através de outros documentos (Imagem 5), quais eram os planos de Cardoso de Oliveira com esse pedido, e o que muda na estrutura da investigação de suas pesquisas a partir desse período. Mudanças que articulavam um maior destaque para a criação de um projeto central que se desdobraria em algumas pesquisas individuais. É possível ainda compreender que além dos coordenadores, Mariza Peirano era também uma figura de destaque para que essas ideias fossem de fato concretizadas, colaborando mais ativamente com sua estruturação. Em uma outra correspondência encaminhada diretamente para a Fundação, Cardoso de Oliveira indicava que o projeto coordenado por ele e por Ruben, contaria com a participação de outro antropólogo da UNICAMP – a professora Mariza Corrêa –, dois da UnB – Peirano e Stephen Grant Baines – e um da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Leonardo Figoli. Além disso, os resultados das pesquisas seriam apresentados ao longo de dois anos em workshops, em artigos e nas participações em congressos – incluindo um internacional ao final da vigência do projeto, com o objetivo de avaliar as contribuições das pesquisas de forma teórica e prática.

---

<sup>92</sup> Enviada de São Paulo e assinada com “um grande abraço aqui fica o Roberto Cardoso de Oliveira”.

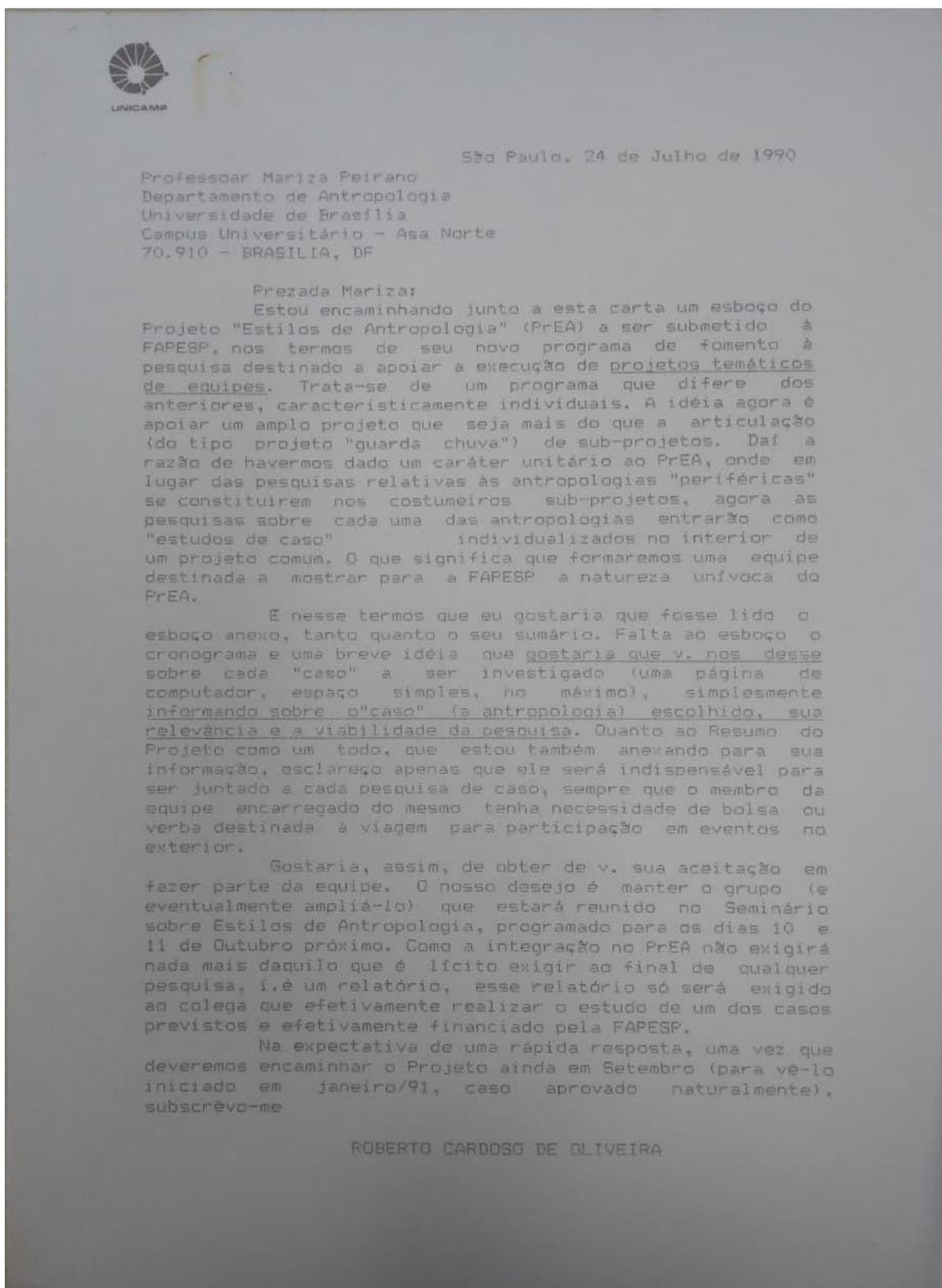


Imagem 5: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Mariza Peirano – 24 de julho de 1990.<sup>93</sup>

<sup>93</sup>Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 293.

São Paulo, 24 de julho de 1990

Professora Mariza Peirano  
 Departamento de Antropologia  
 Universidade de Brasília  
 Campus Universitário – Asa Norte  
 70.910 – BRASÍLIA, DF

Prezada Mariza:

Estou encaminhando junto a esta carta um esboço do Projeto “Estilos de Antropologia” (PrEA) a ser submetido à FAPESP, nos termos de seu novo programa de fomento à pesquisa destinado a apoiar a execução de projetos temáticos de equipes. Trata-se de um programa que diferente dos anteriores, caracteristicamente individuais. A idéia agora é apoiar um amplo projeto que seja mais do que a articulação (do tipo projeto “guarda-chuva”) de sub-projetos. Daí a razão de havermos dado um caráter unitário ao PrEA, onde em lugar das pesquisas relativas às antropologias “periféricas” se constituírem nos costumeiros sub-projetos, agora as pesquisas sobre cada uma das antropologias entrarão como “estudos de caso” individualizados no interior de um projeto comum. O que significa que formaremos uma equipe destinada a mostrar para a FAPESP a natureza unívoca do PrEA.

É nesse termo que eu gostaria que fosse lido o esboço anexo, tanto quanto o seu sumário. Falta ao esboço o cronograma e uma breve idéia que gostaria que v. nos desse sobre cada “caso” a ser investigado (uma página de computador, espaço simples, no máximo), simplesmente informando sobre o “caso” (a antropologia) escolhida, sua relevância e a viabilidade da pesquisa. Quanto ao Resumo do Projeto como um todo, que estou também anexando para a sua informação, esclareço apenas que ele será indispensável para ser juntado a cada pesquisa de caso, sempre que o membro da equipe encarregada do mesmo tenha necessidade de bolsa ou verba destinada à viagem para a participação de eventos no exterior.

Gostaria, assim, de obter de v. sua aceitação em fazer parte da equipe. O nosso desejo é manter o grupo (e eventualmente ampliá-lo) que estará reunido no Seminário sobre Estilos de Antropologia, programado para os dias 10 e 11 de Outubro próximo. Como a integração no PrEA não exigirá nada mais daquilo que é lícito exigir ao final de qualquer pesquisa, i.e. um relatório, esse relatório só será exigido ao colega que efetivamente realizar o estudo de um dos casos previstos e efetivamente financiado pela FAPESP.

Na expectativa de uma rápida resposta, uma vez que deveremos encaminhar o Projeto ainda em Setembro (para vê-lo iniciado em janeiro/91), caso aprovado naturalmente, subscrevo-me

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

O Projeto Estilos de Antropologia tinha como objetivo realizar uma pesquisa comparativa a partir de casos particulares de antropologias consideradas como periféricas. Nesse caso, compreender como a disciplina era produzida em países localizados nas periferias dos centros metropolitanos, ou melhor, dos centros onde havia sido gerada, como a Inglaterra, os EUA e a França. A diferença dos dois grupos, segundo o antropólogo, não implicaria em uma hierarquia de saberes, mas sim em uma distinção geográfica e histórica. O pressuposto de Cardoso de Oliveira era que essa distinção causaria diferentes estilísticas – abordagem que tinha

inspiração na noção de estilo elaborada por Gilles-Gaston Granger<sup>94</sup> (que como foi mencionado no primeiro capítulo, era professor na Universidade de São Paulo durante a graduação do antropólogo). Entretanto, essas diferentes estilísticas são resultado de uma única matriz disciplinar que as gerou, “o que significa dizer que as antropologias periféricas tendem a uma certa redundância, cuja caracterização só pode ser feita em termos de estilo” [sublinhado no original] (Documento intitulado “Estilos de Antropologia”. Sem data – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 443). Por redundância, Cardoso de Oliveira se refere a manutenção de certos aspectos: mesmo com o passar dos anos e com o aumento da globalização, as relações centro/periferia deixam certas marcas na produção da disciplina do segundo grupo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988; 1995; 1998). A metodologia e a abordagem empregada nos projetos individuais variavam entre vertentes mais históricas, sociológicas ou antropológicas, mas todas partiam do mesmo referencial de centro, periferia e estilo, já enunciados anteriormente. O Projeto foi uma colaboração do Departamento de Antropologia da Unicamp, do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da mesma instituição e do Núcleo de Pesquisas Etnológicas Comparadas (Nupec) da UnB.

Dentre os colaboradores que efetivamente contribuíram com o Projeto, além de Guillermo Raul Ruben no Canadá francófono e Cardoso de Oliveira na Catalunha, se destacam: Mariza Peirano, que realizou uma pesquisa na Índia – vinculada a seu pós-doutorado realizado em Harvard; Stephen Grant Baines, antropólogo que havia feito pesquisas em etnologia indígena no Brasil, e que foi o responsável pelo caso da Austrália; Leonardo Figoli, que havia defendido uma tese sobre a relação da antropologia argentina e suas raízes europeias, que continuou investigando o país sul-americano; Robert Crépeau, antropólogo canadense, com pesquisas acerca da etnologia indígena da América do Sul, que ficou responsável por analisar a antropologia brasileira; Hebe Vessuri (1942-), antropóloga argentina que realizou pesquisas sobre ciência e tecnologia na América Latina e atuou na Unicamp no final da década de 1980, que tratou a questão de estilo a partir da sociologia da ciência e das noções de nação e nacionalismo, e o caso Venezuelano; Marta Francisca Topel, à época orientanda de doutorado de Cardoso de Oliveira na universidade, responsável pelo caso de Israel; e ainda em relação ao Canadá francófono, Celso Azzan Jr., também doutorando e orientando de Cardoso de Oliveira na Unicamp. A análise da antropologia brasileira não esteve apenas presente no trabalho de Crépeau, mas ela esteve também presente em todas as pesquisas, como um contraponto para uma análise comparativa olhada através do Brasil.

---

<sup>94</sup> Cf. *Essai d'une philosophie du style*, 1968.

O trabalho de Cardoso de Oliveira em Barcelona ocorreu no primeiro semestre de 1992 e durou cerca de dois meses. O resultado dessa estadia e do desenvolvimento da reflexão sobre a antropologia catalã foi publicado no livro *O trabalho do antropólogo* (1998), e posteriormente em *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo* (2006), junto a outros debates que unem o interesse antigo de Cardoso de Oliveira acerca da Identidade Étnica. A antropologia catalã, assim como a quebequense, se destacaram dentre as demais por seu “processo de etnização” (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). Através da reflexão sobre estes contextos seria possível investigar como a identidade étnica deixou marcas na estilística destas antropologias.

Além disso, é importante mencionar também que antes do início do Projeto Estilos de Antropologia, Cardoso de Oliveira já havia analisado as particularidades da antropologia feita no Brasil (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988): através do cruzamento de duas tradições de pesquisa (a etnologia indígena e a antropologia da sociedade nacional) e de dois conceitos (cultura e estrutura), juntamente aos três períodos conceituados por ele de forma a estabelecer as fases históricas da disciplina produzida no país. Esses períodos, já mencionados brevemente no primeiro capítulo, corresponderiam a uma antropologia que denominou de heroica (décadas de 1920 e 1930 e a uma constituição do campo), a uma descrita como carismática (décadas de 1940 e 1950 e a uma transição para a institucionalização da antropologia no país) e também uma tida como burocrática (a partir dos anos de 1960 e o contexto do Parecer Sucupira, Reforma Universitária e criação dos programas de pós-graduação). Ou seja, com isso quero destacar que esse horizonte de investigação já havia sido desenvolvido por Cardoso de Oliveira quando iniciou o Projeto.

Antes de adentrar no trabalho de Cardoso de Oliveira na construção do Doutorado em Ciências Sociais na Unicamp, é importante ressaltar a presença cada vez maior do financiamento de outras agências de fomento nos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo, além da Fundação Ford. Não é exatamente uma novidade no período a relação com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mas há um indicio de uma diminuição do incentivo às pesquisas da Ford no Brasil no período, aliado a uma dificuldade maior do antropólogo em conseguir financiamentos para o desenvolvimento de projetos. O que não impossibilitou o seu trabalho, mas demandou a reformulação de novas alternativas para o prosseguimento das pesquisas. E isso no caso de um antropólogo que no geral não teve

dificuldade em articular esses financiamentos, como nos relembra Luís Roberto Cardoso de Oliveira em entrevista:

Eu não acho que ele tenha tido muita dificuldade de obter recursos pelo seguinte: embora tivesse menos recursos na época, ele não só tinha uma trajetória especial e em um momento que tinha muito menos gente com trajetória especial [...] Quer dizer, eu não acho que dificuldade de acesso a recursos foi um problema, deve ter sido uma dificuldade para criar o programa (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019).

Mesmo com o extenso currículo de Cardoso de Oliveira nesse momento de sua trajetória, aliado a uma articulação com antropólogos de outras universidades no país, nesse contexto específico do Projeto desenvolvido na Unicamp fica clara essa dificuldade no financiamento do programa de maneira geral, através da pesquisa realizada junto a documentação. Apesar de várias lacunas sobre essa temática no arquivo – já que os documentos relacionados à Fundação Ford e à criação do programa do Museu Nacional foram mais preservados em seu fundo – é ainda possível recuperar em partes a forma como Cardoso de Oliveira conduziu a questão.

Além do desenvolvimento desse projeto de pesquisa na Unicamp, o antropólogo participou também da criação do Doutorado em Ciências Sociais (DCS), ajudando a consolidar um novo programa interdisciplinar, criando a área temática “História Intelectual e Etnografia da Ciência”. Posteriormente, como Cardoso de Oliveira conta na “Imagem 6”, o nome foi alterado para “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber”, em decorrência da criação de uma linha de pesquisa no programa de pós-graduação em história com nome semelhante em 1990 (mais recentemente, em 2012, esta passou a ser denominada “Modos de conhecimento e suas Expressões: Experiências e Trajetórias”). Com esse caso podemos compreender como a documentação do Fundo Roberto Cardoso de Oliveira, além de permitir investigações sobre sua trajetória, relações e atuação na disciplina, possibilita também uma recomposição das instituições nas quais atuou. No caso do DCS, essa primeira mudança de nome não consta nas informações disponibilizadas no site do programa<sup>95</sup>. Mais do que apenas trazer à tona informações “apagadas” pela história, esse tipo de documentação permite uma reflexão dos debates travados, das relações estabelecidas entre seus membros e do contexto de criação desses programas e instituições.

---

<sup>95</sup> Informação disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/ciencias-sociais/apresentacao>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

Campinas, 21/03/90

Ilmo.Sr.  
Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão  
DD. Coordenador do  
Curso de Doutorado em Ciências Sociais  
Universidade Estadual de Campinas

Senhor Coordenador:

Diante das recentes mudanças havidas na pós-graduação do IFCH, relativamente à criação do Curso de História da Ciência, no âmbito do Departamento de História, a-  
chamos de bom alvitre modificar o título da área temática  
"História Intelectual e Etnografia da Ciência", constante  
de nosso doutorado em ciências sociais, para o novo título  
"Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber", natural-  
mente sem prejuízo dos atuais estudantes daquela área, nem  
mesmo do conteúdo substantivo da mesma que, a rigor, nada  
mudou.

Peço, portanto, os seus bons ofícios para inter-  
mediar a presente proposta junto às instâncias acadêmicas  
superiores desta Universidade, como também junto à CAPES,  
no sentido de colocá-la a par desta alteração no título  
da área, da qual -- por hora -- sou seu responsável.

Agradecendo antecipadamente a atenção que for  
dada ao assunto, subscrevo-me

Atenciosamente

Roberto Cardoso de Oliveira

cc. Diretoria do IFCH  
Chefia do Dep.de Ciências Sociais  
Chefia do Dep. de História

Imagem 6: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Carlos Rodrigues Brandão – 21 de março de 1990.<sup>96</sup>

Campinas, 21/03/90

<sup>96</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 293.

Ilmo. Sr.

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

DD. Coordenador do

Curso de Doutorado em Ciências Sociais

Universidade Estadual de Campinas

Senhor Coordenador:

Diante das recentes mudanças havidas na pós-graduação do IFCH, relativamente à criação do Curso de História da Ciência, no âmbito do Departamento de História, achamos de bom alvitre modificar o título da área temática “História Intelectual e Etnografia da Ciência”, constante de nosso doutorado em ciências sociais, para o novo título “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber”, naturalmente sem prejuízo dos atuais estudantes daquela área, nem mesmo do conteúdo substantivo da mesma que, a rigor, nada mudou.

Peço, portanto, os seus bons ofícios para intermediar a presente proposta junto a instâncias acadêmicas superiores desta Universidade, como também junto a CAPES, no sentido de coloca-la a par desta alteração no título da área, da qual – por hora – sou seu responsável.

Agradecendo antecipadamente a atenção que for dada ao assunto, subscrevo-me

Atenciosamente

Roberto Cardoso de Oliveira

cc. Diretoria do IFCH

Chefia do Dep. de Ciências Sociais

Chefia do Dep. de História

Além da área temática já citada, e que contou com a colaboração de Cardoso de Oliveira, mais 5 foram criadas: Estudos de População (ou Estudos Populacionais – foram encontradas as duas formas nos documentos)<sup>97</sup>, Agricultura e Questão Agrária<sup>98</sup>; Estrutura Social Brasileira (ou Estrutura Social do Brasil); Estado e Políticas Públicas; e Antropologia do Brasil (área temática desativada já no início do Programa em virtude de sua configuração “pouco interdisciplinar”)<sup>99</sup>. O DCS possibilitou uma outra dinâmica ao criar um programa interdisciplinar: desde o começo de sua existência parte das aulas de todas as áreas temáticas eram ministradas juntas. Dessa forma, Cardoso de Oliveira, além de coordenar e ser professor de sua linha específica, também ministrava as aulas mais gerais, algo como um seminário

<sup>97</sup> Com a criação do Doutorado em Demografia em 1993, a área temática passou a fazer parte apenas do novo Programa. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/demografia/programa>> e <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/demografia/historia>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.

<sup>98</sup> Desde 2002 passou a se chamar “Processos Sociais, Identidades e Representações do Mundo Rural”. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/ciencias-sociais/apresentacao>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

<sup>99</sup> Atualmente o programa mantém duas linhas de pesquisa criadas em 1985, já mencionadas anteriormente, e conta com mais 5 novas: Trabalho, Política e Sociedade (reformulação da área de Trabalho e Sindicalismo, criada em 1989); Estudos de Gênero (reformulação da área Família e Gênero, criada em 1990), Estudos das Relações China-Brasil (2012); Estudos sobre Cidades (2015); e Estudos de Patrimônio e Memória (2016). Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/ciencias-sociais/apresentacao>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

integrado. Essas duas aulas, Seminário de Teoria e Metodologia em Ciências Sociais I e II, tinham o objetivo de fortalecer a integração das áreas temáticas e principalmente seu caráter interdisciplinar, e foram majoritariamente lecionadas por Cardoso de Oliveira nos primeiros anos do programa, mas não exclusivamente. Além disso, essas disciplinas contavam também com a exposição pontual de outros professores vinculados ao Programa, variando conforme a disponibilidade e interesses específicos de cada uma delas<sup>100</sup>.

Mariano Báez Landa, um dos interlocutores dessa pesquisa, além de ter sido o supervisor no exterior de minha estadia na Cidade do México e o responsável mexicano pela Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, foi aluno na década de 1990 do DCS, na área temática “Agricultura e Questão Agrária”, sob a orientação de Carlos Rodrigues Brandão, com uma pesquisa intitulada “*Antropologia aplicada e os ‘outros’ no México. Experiências disciplinares e prática social*” (2000). Sobre sua experiência como aluno de Cardoso de Oliveira em uma dessas disciplinas e a importância do diálogo estabelecido com o professor, Báez Landa contou em entrevista que:

Bueno, el primer encuentro con el profesor Roberto Cardoso obviamente fue en la Unicamp. Recién yo había sido aceptado en el programa de doctorado, en aquella época de Ciencias Sociales, no había doctorado en antropología, del [Instituto de Filosofía e Ciências Humanas] IFCH en Campinas. El profesor estaba enseñando el seminario más importante del doctorado, que era Metodologías de Investigación en Ciencias Sociales. Él, inmediatamente, reconoció en la lista que éramos de México, en esta época fuimos estudiar al doctorado mi esposa [Martha Patricia Ponce Jiménez] y yo, e inmediatamente nos identificó y nos preguntó dónde habíamos estudiado, que habíamos hecho y cuando le mencionamos el CIESAS, inmediatamente él se recordó que había contacto, que había estado varias veces en México [...] La relación fue muy interesante porque el profesor, dado que él siempre recorría a ejemplos, a analizar los contextos de donde surgían determinados tipos de teorías, determinados tipos de explicaciones de los problemas sociales. Cuando recurría a los ejemplos siempre decía “¿en este momento en México que acontecía? Por ejemplo, en respecto al indigenismo. El paradigma que dominó el indigenismo en Brasil fue así...” “¿y en México qué? Los estudiantes mexicanos que nos digan un poco”. O sea, nos invitó siempre a contribuir en el aula, contribuir con nuestras propias explicaciones, vivencias, ejemplos de cómo se expresaban estos cambios, o estas manifestaciones de la teoría y de la práctica de la antropología en México (Depoimento de Mariano Báez Landa à autora, Xalapa, 13 de março de 2020).

*Xalapa, 13 de março de 2020.*

---

<sup>100</sup> Cf. Relatório Preliminar do Curso de Doutorado em Ciências Sociais produzido por Roberto Cardoso de Oliveira. 28 de agosto de 1987 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 341 & Relatório Anual de Cursos de Pós-Graduação de 1986 para CAPES/CNPq, sem autoria definida. Sem data – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 341.

*Eu ainda não sabia, mas essa era a última entrevista que realizei para a pesquisa e minha última viagem no México, já que o aumento de casos da pandemia do COVID-19 me faria retornar antecipadamente ao Brasil na semana seguinte. Cheguei na rodoviária de Xalapa (localizada no estado de Veracruz) por volta das 11h, Mariano já estava a minha espera – além de aceitar conceder essa entrevista, ele era também o supervisor da minha Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior, dessa forma dentre todas as pessoas que entrevistei era alguém que eu já conhecia.*

*Fomos diretamente ao Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS-Golfo) e pude em seguida conhecer as instalações. Ao final, nos dirigimos para sua sala, localizada no segundo andar do edifício, onde primeiramente realizamos uma reunião sobre futuras atividades da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, junto a Christiano Tambascia e Rodrigo Toniol, ambos conectados por videochamada do Brasil.*

*Em seguida, finalmente conversamos pelas próximas uma hora e meia sobre a relação que Báez Landa teve com Cardoso de Oliveira e com o Brasil, além da importância da atuação do antropólogo brasileiro na cooperação com a América Latina e com o México, e como esse trabalho resultou a criação da Cátedra. Aqui pude finalmente unir algumas pontas soltas sobre o caminho de Cardoso de Oliveira e da recepção de seu trabalho no país (ainda que as narrativas sejam múltiplas).*

Foram justamente essas indagações iniciadas em sala de aula que levaram posteriormente Báez Landa a mudar o rumo de sua pesquisa: sua formação antropológica no México foi marcada por uma forte influência do marxismo, que de um lado afastava a disciplina de um olhar pluriétnico aos indígenas do país, por outro se aproximava dos estudos do campesinato – esse debate será mais desenvolvido no terceiro capítulo. Báez Landa, ao ser levado a refletir sobre sua relação com essa tradição, recebeu como recomendação de Cardoso de Oliveira explorar justamente seu papel como aluno e posteriormente como professor nesse contexto, e de como resgatar a imbricação das ciências sociais com o indigenismo no país apesar da forte influência do marxismo e de um viés mais voltado aos estudos sobre campesinato, uma vez que a luta pelos direitos indígenas não estiveram ausentes do debate antropológico e da luta dos trabalhadores indígenas no país. Quanto à importância de Cardoso de Oliveira nesse processo o antropólogo mexicano contou:

Como influencia la primera cosa que Roberto logró conmigo fue que yo valorara la importancia de reflexionar desde fuera, desde lejos mi experiencia y la trayectoria de la antropología en México, fue el primer. Es decir, “usted pertenece a una época muy importante, porque ustedes fueron los marxistas, usted como alumno”. Por ejemplo, cambiamos programas de estudio aquí, hay una escuela de antropología, en Xalapa, de la Universidad Veracruzana, y cambiamos todo, como un movimiento de los estudiantes cambiamos todo y lo volvimos a un programa totalmente sesgado al marxismo, a la participación política y dejamos de lado a las etnografías, dejamos de lado las lenguas indígenas, fue radical realmente, una ruptura con lo que había en la antropología en ese momento. Entonces reflexionar sobre eso fue el profesor Roberto que me dijo que lo hiciera, y los trabajos escolares que hice con él en las aulas de metodología fueron ensayos sobre mi propia reflexión, tanto como estudiante, mi experiencia como estudiante de licenciatura y maestría, y mi experiencia aplicada, en términos de lo que había yo investigado, lo que yo había hecho como profesor. Y al mismo tiempo, reflexionar sobre mis antecedentes, mis referentes, a la antropología como tal [...] Entonces finalmente cambié de tema, Carlos Brandão estuvo de acuerdo, me aceptó cambiar el tema, seguí con él como tutor porque Roberto en aquella época ya se estaba mudando a Brasília de nuevo [...] Entonces ese vuelco del tema el responsable es Roberto Cardoso de Oliveira, entonces continué porque conecté. Cuando vuelvo a México vengo con el ánimo de concluir la tesis y todo, y me conecto inmediatamente con el tema indígena nuevamente (Depoimento de Mariano Báez Landa à autora, Xalapa, 13 de março de 2020).

A partir dessa longa recuperação da relação dos dois antropólogos chamo atenção para o cruzamento justamente dos interesses de pesquisa de Cardoso de Oliveira e de seu projeto de formação e da criação de instituições de pesquisa interdisciplinares e internacionais: no caso das investigações, de um lado, apesar do indigenismo não ser mais o centro de seus trabalhos, o antropólogo continuou interessado nesse debate e por diversas vezes aglutinou o mesmo a suas novas pesquisas, como no caso da questão da identidade e da etnicidade, já citados anteriormente; por outro ângulo, seus interesses pelo México vão também de encontro com seu projeto dos estilos da disciplina, principalmente no caso das antropologias periféricas. Partindo para a formação de alunos, Cardoso de Oliveira acreditava que a constituição da disciplina deveria possibilitar a união de uma forte discussão teórica e prática nas aulas. Essa marca esteve presente em todas as suas participações na criação de programas acadêmicos de pesquisa e ensino, o que não foi diferente no caso da Unicamp.

Entretanto, no caso da atuação em Campinas, como foi mencionado por Luís Roberto Cardoso de Oliveira e por Carlos Brandão, ambos em entrevista, este foi um momento diferente, já que ocorreu em um período onde sua carreira estava consolidada: o antropólogo já havia passado por duas grandes instituições no país, formado diversos profissionais e publicado vários livros. Dessa forma, apesar de continuar em um ritmo intenso de trabalho, ambos afirmaram que em Campinas, Cardoso de Oliveira, teve um tempo mais livre, que o possibilitou se vincular a novos projetos e a retomar interesses antigos. Sobre o período e a experiência de Cardoso de Oliveira na instituição, Brandão afirmou que:

Ele era muito duro inclusive como professor e orientador, ele tinha uma fama. Eu nunca perguntei, mas eu tenho a impressão que o tempo daqui foi inclusive um tempo mais solto, porque lá [na UnB] era mais o mestrado, não sei se depois o doutorado, mais aquela regularidade, cada professor dando seu curso, igual como é agora e tudo. E aqui [na Unicamp] não, aqui a gente criou a partir do doutorado e já com essa convivência que eu estava falando, uma experiência muito interativa, muito até de amizade. Por exemplo, não é comum um orientador e um orientando virarem amigos. Eu era amigo do Roberto, até a confiança que ele tinha em mim [...] Interessante que a Unicamp, essa é uma diferença muito grande, a UnB era o quintal do governo durante muito tempo [...] Então [a Unicamp] era uma universidade muito mais aberta, muito mais livre em termos de debates e tudo isso (Depoimento de Carlos Rodrigues Brandão à autora, Brasília, 16 de maio de 2019).

Vale notar, ainda, a partir dessa fala, algo acerca do relacionamento do antropólogo com seus orientandos. Foi frequente que os entrevistados dessa pesquisa mostrarem essa dualidade na personalidade de Cardoso de Oliveira: se, de um lado, ele era um professor e um orientador bastante firme, exigente e decidido, que inclusive apontava muitos dos caminhos a serem seguidos por seus alunos em suas pesquisas, por outro, tornou-se para estes um amigo bastante presente, que possibilitava uma troca generosa e era um incentivador acadêmico.

É importante lembrar que sua experiência na Unicamp ocorreu em um momento particular da consolidação de sua carreira. Seu investimento no DCS intensificou a importância da reflexão sobre interdisciplinaridade, preocupação que sempre o acompanhou ao longo de sua trajetória, e que convergia em seus interesses de pesquisa, de forma a olhar para a antropologia a partir da epistemologia, ou seja, de seus limites e possibilidades de produção de conhecimento. Dessa forma, o diálogo próximo com os pesquisadores e com as discussões do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Unicamp foram de encontro aos interesses de Cardoso de Oliveira no período. Suas publicações desta época mostram a retomada do diálogo com a filosofia e de seus interesses de pesquisas iniciais, ainda como aluno de graduação da USP. No CLE, Cardoso de Oliveira fez parte do quadro de colaboradores do Centro. Dentre seus diálogos mais diretos e interlocuções mais próximas, é importante ressaltar a amizade com Michel Maurice Debrun (1921-1997), filósofo francês, professor da Unicamp e um dos membros fundadores do CLE, atuando também em pesquisas sobre a epistemologia das ciências humanas.

Cardoso de Oliveira atuou ativamente na Unicamp até sua aposentadoria em 1991, porém permaneceu como professor convidado até 1996, momento que parte definitivamente para Brasília e de volta para a UnB. Durante esses cinco anos já não tinha mais as obrigações formais de lecionar todos os semestres ou assumir nenhum cargo de coordenação na

universidade. Dessa forma, optou por continuar trabalhando, mas se dedicando ainda mais às suas pesquisas e a intercâmbios com outras instituições, além de se manter com uma bolsa de Pesquisador Titular do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e manter o trabalho como parecerista de várias instituições de pesquisa - como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). É nesse período que viaja a Barcelona, mas também leciona, pontualmente, na USP, no Museu Nacional, na UnB e continua atuando na Unicamp. Nesse período, publicou ainda os livros *Razão e Afetividade: O Pensamento de Lucien Levy-Bruhl* (1991), *Estilos de Antropologia* (1995) e *Ensaio de antropologia sobre moral e ética* (1996).

Sobre seu momento de aposentadoria, focando em um retorno aos seus interesses na filosofia e às suas pesquisas iniciais, bem como dando uma pausa em sua intensa agenda de docência, contou a George Zarur (1946-) – antropólogo e um importante interlocutor de Cardoso de Oliveira principalmente em seus diálogos com a América Latina –, que:

Quanto a mim – como você talvez já saiba – aposentei-me e estou cada vez mais restrito ao meu gabinete de trabalho em minha casa, dela saindo o mínimo possível. Em 90, por exemplo, passei todo o ano lendo e escrevendo um pouco (e, infelizmente, dando muitos pareceres para a CAPES, FAPESP E FAPERJ, além de dezenas de cartas de apresentação...). Mas, excluindo isso e umas comunicações para congressos e reuniões no Brasil, México, França e Espanha, permaneci sem dar cursos durante o ano todo. Agora, para este ano novo estarei como Professor-Visitante na Unicamp e no Museu Nacional, respectivamente no primeiro e segundo semestres; provavelmente, no final do ano, em novembro, darei um curso compacto no CIESAS, México, de 4 ou 5 semanas. Todos os cursos que darei estarão em torno da Epistemologia da Antropologia (tema que talvez ensine em algum período de 92 em Barcelona). Mas devo lhe dizer que estou considerando esses cursos como uma exceção em meu programa de aposentado, voltando para leituras especialmente na área de filosofia. Como vê, estou pondo de lado cada vez mais a antropologia como **metier**, ainda que ela continue permanentemente como objeto de reflexão [negrito no original] (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a George Zarur. 10 de janeiro de 1991 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 401)<sup>101</sup>.

Além de todo trabalho já mencionado até aqui, é importante ainda pontuar sua atuação através de duas importantes frentes: os cargos de presidência em associações de antropologias ao redor do mundo e sua atuação como conselheiro e membro de agências de avaliação da educação superior no país. Dessa forma, é neste período de maturidade acadêmica que Cardoso de Oliveira termina por fechar o ciclo de sua atuação nas diversas esferas que

<sup>101</sup> Enviada de São Paulo e assinada com “um abraço amigo e fraterno do Roberto Cardoso de Oliveira”.

construíram a antropologia no Brasil. Em seu período de transição de Brasília para Campinas foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (1984-1986), com Pedro Agostinho como secretário-geral e Mariza Veloso como tesoureira. Como já mencionado no primeiro capítulo, Cardoso de Oliveira já havia participado da primeira diretoria na década de 1950 e retornado à Associação na década de 1960, além de ter sido membro do Conselho Científico em vários mandatos – mesmo antes dos anos 2000 quando essa posição passou a ser ocupada de forma vitalícia pelos ex-presidentes da associação (Cf. CORRÊA, 2003b). Foi justamente em uma Reunião Brasileira de Antropologia – importante espaço de diálogo da disciplina promovido pela ABA a cada dois anos – que foi criada formalmente a Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA), em Florianópolis em 1990. A ALA já estava sendo gestada a pelo menos dez anos antes por um grupo de antropólogos latino-americanos encabeçados por Guillermo Bonfil Batalla e por Cardoso de Oliveira, sendo ambos seus dois primeiros presidentes: o antropólogo brasileiro foi eleito para o período de 1993 a 1997 (Cf. GATTI BALLESTERO & SOUZA, 2018). Trata-se deste outro momento de transição em sua carreira, agora já aposentado e retornando à Brasília.

A importância da participação de Cardoso de Oliveira nesse contexto latino-americano será desenvolvida no terceiro capítulo. Porém, é importante ressaltar o seu comprometimento com a construção e cooperação dos profissionais da disciplina também no âmbito internacional. Em meio à presidência da ABA e da ALA, o antropólogo foi ainda um dos vice-presidentes da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES) de 1988 a 1993, durante a presidência da antropóloga mexicana Lourdes Arizpe (1945-).

\*\*\*\*\*

Em meio a esses campos de atuação apresentados até aqui, Cardoso de Oliveira também colaborou com a elaboração de mudanças no campo da pós-graduação no país, assim como participou de comissões de avaliação desde a década de 1970 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério da Educação (MEC) e de associações nacionais das ciências sociais no país, como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Dentro de seu fundo documental, é possível perceber a reflexão de Cardoso de Oliveira sobre os programas que já haviam sido desenvolvidos e que passavam pelo debate em vários congressos da disciplina ou em discussões da pós-graduação brasileira. Também é possível de mapear diversos convites e textos que foram apresentados em tais ocasiões. Em uma delas, foi convidado pela ANPOCS para analisar a formação e modernização da institucionalização da disciplina no país a partir de sua trajetória. A respeito da análise desse período, o antropólogo afirmou que:

Em primeiro lugar, começaria por dizer que a Antropologia – e aqui restrinjo-me à Antropologia Social e Cultural – não seriam a mesma se não tivesse sido implantado no país o atual sistema de pós-graduação [...] [que] ampliou enormemente o quadro de antropólogos no Brasil, com resultados visíveis na produção de publicações e no aprimoramento da qualidade de ensino da disciplina em seus diferentes níveis, de graduação e de pós-graduação. O fato de não haver uma graduação na disciplina, mas somente em Ciências Sociais, o surgimento dos programas de PG, a partir da reformulação do ensino de pós-graduado pelo “Parecer Sucupira”, exarado em 1965, introduziu pela primeira vez no país uma clara consciência de profissionalização na disciplina. A PG então existente, especialmente em São Paulo na USP – cujo prestígio não se deixa de reconhecer – formava entretanto um número inexpressivo de doutores, tão poucos eram os que se dedicavam por candidatar-se ao título [...] O modelo norte-americano, proposto no Parecer Sucupira, ainda que se chocasse com a tradição universitária brasileira – notadamente a que se realizava na USP –, veio de certa forma atender a uma expectativa de mudança no estado da arte da PG no país, ensejando a criação quase simultânea de três novos Programas e a reformulação de um quarto tradicional. Foram criados os Programas do Museu Nacional/UFRJ em 1968, da Unicamp em 1971, da UnB em 1972 e reformulado o da USP em 1972. Dou destaque a esses quatro programas não só porque eles concentraram a época o maior número de antropólogos pesquisadores em seus respectivos quadros docentes, como produziram, juntos, a quase totalidade das teses em Antropologia defendidas no período coberto pelos documentos “Avaliação e Perspectiva” (CNPq) de 1974, 1977 e 1978 (Considerações sobre a formação e modernização da pós-graduação em antropologia no Brasil – Roberto Cardoso de Oliveira. Sem data – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 341) <sup>102</sup>.

Dentre os diversos relatórios, documentos e emaranhado de papéis sobre essa questão, é possível perceber sua autorreflexão a respeito dos programas que ajudou a construir e como esse cenário estava impactando o desenvolvimento da antropologia no Brasil, assim como as políticas públicas necessárias para a manutenção e o crescimento da produção da disciplina. Esse é um dos momentos onde fica explícito seu projeto como um articulador de programas, agências, financiamento de pesquisas e de produção teórica em antropologia.

Longe de almejar alcançar um esgotamento de suas diversas instâncias de atuação e de contribuição com a disciplina, minha pesquisa de mestrado tenta mostrar alguns dos

---

<sup>102</sup> Apesar do documento não estar datado, é possível afirmar que ele foi escrito depois de 1985, já que apresenta a filiação de Cardoso de Oliveira na Unicamp.

caminhos desse projeto construído por Cardoso de Oliveira, ainda que não nomeado por ele dessa maneira, de forma a apontar como uma reflexão através de seus documentos podem nos ajudar a pensar não apenas a constituição da antropologia no país, mas como ela foi desenvolvida através de relações e investimentos pessoais em um momento histórico definido.

### **2.1.2. O (retorno do) trabalho do antropólogo (e) a UnB**

Em 1996, Cardoso de Oliveira retorna definitivamente para Brasília, onde retomou seu trabalho na Universidade de Brasília (UnB), como professor visitante, almejando estar mais próximo de sua família, que vivia majoritariamente na cidade: dois de seus filhos<sup>103</sup> – Luís Roberto e Maria Fernanda – e a maioria de seus netos. Durante esse período, não voltou a vincular-se ao Departamento de Antropologia, mas sim ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC), atualmente Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA). A vinculação a esse espaço reforça seu trabalho desenvolvido na região. No CEPPAC, continuou com uma intensa produção acadêmica, segundo Laraia (2009) desenvolvendo uma linha de pesquisa intitulada “Estudo Comparativo em Regiões de Fronteira na América Latina sobre o tema da Identidade, Etnia e Nacionalidade”, e desenvolvendo os conceitos de moral e ética em seus trabalhos. Ao mesmo tempo que já diminuía a frequência de suas aulas e da participação em eventos internacionais.

Nesse período, produziu três livros muito destacados: *O Trabalho do Antropólogo* (1998), *Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna* (2002) e *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo* (2006) – esse último publicado de fato depois de sua morte. *Os diários e suas margens* reflete o pioneirismo do autor em publicar diários de campo ainda em vida, algo pouco comum na história da disciplina, e, mais do que isso, o livro é como um diálogo entre o Roberto no início de sua carreira e o Roberto consagrado em sua área de atuação, separados por quase 50 anos de profissão. Assim, ele apresenta o texto original, ou seja, produzido quando mais jovem, e faz comentários nas margens desse texto, ou seja, marcas do sujeito mais amadurecido. Dessa forma, podemos acompanhar as mudanças desses dois personagens e seu trabalho de rememoração de um passado já distante. Além disso, esse é um dos poucos livros de Cardoso de Oliveira em que há a publicação de grande

---

<sup>103</sup> Sua filha mais nova, Lúcia, morava junto a Cardoso de Oliveira e a Gilda em São Paulo e também se mudou à Brasília. Restando apenas Rodolfo e sua família no Rio de Janeiro.

quantidade de materiais de seu acervo fotográfico<sup>104</sup>, que, assim como o documental, também é extenso e encontra-se sob a guarda do AEL (ambos serão apresentados em detalhes mais adiante).

Nesse período de trabalho na UnB, Cardoso de Oliveira aproximou-se muito de seu filho, inclusive profissionalmente, já que nesse momento Luís Roberto era diretor do CEPPAC. Sobre esse período da vida de seu pai, ele contou:

É, ele voltou para cá e ficou no CEPPAC o tempo todo. Eu fui diretor do CEPPAC enquanto ele estava lá. Ele dizia, mentira dele, mas dizia que tinha colocado um relógio de ponto só na sala dele e que eu o discriminava, contava um monte de história. Mas, depois eu saí da direção lá e ele continuou muito tempo, é o tempo todo lá, não dava aula todos os semestres, mas de vez em quando dava, continuava fazendo pesquisa, escrevendo, mais produtivo do que a maioria. (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019).

Roberto Cardoso de Oliveira morreu no dia 21 de julho de 2006 em Brasília, em decorrência do rompimento de um tumor em seu intestino, que o levou a óbito poucos dias depois do ocorrido. Como as causas da doença que levou a esta fatalidade eram desconhecidas até aquele momento, o antropólogo trabalhou até o final de sua vida, desenvolvendo projetos, lendo, escrevendo artigos e livros, atuando na universidade e mantendo um diálogo profícuo com sua rede de relações, formada ao longo da vida, nas diversas instituições pelas quais passou.

\*\*\*\*\*

A contribuição de Cardoso de Oliveira para a antropologia brasileira foi reconhecida através de uma série de prêmios, muitos deles outorgados ainda durante a vida do antropólogo. Dentre as várias homenagens recebidas destaco algumas que são materializações concretas dos resultados de seu projeto para a antropologia no país. Em relação a sua atuação como professor e como criador de programas de pós-graduação, o antropólogo tornou-se professor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1989, durante as comemorações dos 50 anos do curso ciências sociais do Instituto de Filosofia e Ciências

---

<sup>104</sup> Vale destacar que, apesar do número grande de imagens que arquivava, o antropólogo as usou muito pouco em seus textos, dentre eles, os livros *O processo de assimilação dos Têrena* (1960) e *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Têrena* (1976), que contêm 14 e 12 fotos respectivamente, *O índio e o mundo dos Brancos* (1964) e *A crise do indigenismo* (1988), que contêm 4 imagens cada, e *Os diários e suas margens*, que contêm 30 fotos. Ou seja, dos 27 livros publicados pelo antropólogo, apenas 4 títulos usam parte do material fotográfico.

Sociais (IFCS) da UFRJ, como forma de reconhecimento aos serviços prestados na formação dos profissionais da área no país. Posteriormente, recebeu o mesmo título da UnB, em 2003, além de ser reconhecido como Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1998.

Foi condecorado também com o Prêmio Anísio Teixeira em 1991, outorgado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para brasileiros que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa e da formação de profissionais do país. Por sua contribuição à antropologia brasileira e ao desenvolvimento de sua maior associação no país, recebeu a medalha Roquette-Pinto da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 2003 (ano da criação do prêmio, resultante da comemoração aos 50 anos da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia). Além dos prêmios recebidos no Brasil, Cardoso de Oliveira foi contemplado, junto a Edward W. Said (1935-2003), com a primeira edição do *International Award for the Promotion of Human Understanding* oferecido pela *International Organization for Elimination of All Forms of Racial Discrimination* (EAFORD), em 1978. No caso do antropólogo brasileiro, por sua contribuição nas pesquisas sobre sociedades indígenas no Brasil, principalmente com os resultados de seu livro *Sociologia do Brasil Indígena* (1978) e com sua defesa no país (Imagem 7).

PRÊMIO INTERNACIONAL PELA PROMOÇÃO DO ENTENDIMENTO HUMANO

Dr. Edward W. Said, "Parr Professor" de Inglês e Literatura Comparada da Columbia University, e o Dr. Roberto Cardoso de Oliveira Professor Titular de Antropologia Social da Universidade de Brasília e Vice-Presidente do Conselho Internacional de Filosofia e Ciências Humanas (UNESCO), são os primeiros contemplados com o Prêmio Internacional para a Promoção do Entendimento Humano (*International Award for the Promotion of Human Understanding*) baseado em suas recentes obras de 1978.

Ao fazer a comunicação do prêmio, correspondente à quantia de US\$5,000 (cinco mil dólares) para cada um dos contemplados, o Dr. Anis Al-Qasen, Secretário Geral da Organização Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (*International Organization for the Elimination of All Forms of Racial Discrimination - EAFORD*), assinalou que a obra do Professor Said, intitulada "Orientalism" (Pantheon Books, New York, 1978), obteve alta recomendação por sua incisiva abordagem do problema do racismo na literatura que se refere ao Oriente. O Professor Cardoso de Oliveira destacou-se por sua notável contribuição ao estudo dos índios do Brasil. Se bem que seu livro "A Sociologia do Brasil Indígena" (Tempo Brasileiro/ Editora Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 1978) foi especificamente citado para premiação, deve-se destacar que o Professor Cardoso de Oliveira tem uma longa série de significativas pesquisas sobre discriminação referentes aos Índios do Brasil.

Informou o Dr. Anis Al-Qasen que esses prêmios relativos a importantes livros em Inglês, Francês, Árabe, Espanhol/Português serão concedidos anualmente pela EAFORD de conformidade com seus propósitos que incluem a "confirmação de valores morais e humanos de igualdade, amizade e justiça sem discriminação em razão de raça, cor, descendência ou origem étnica ou nacional"

(Anúncio Oficial da EAFORD, Londres, 4/4/1979)

Imagem 7: Anuncio oficial da EAFORD – Prêmio Internacional pela Promoção do Entendimento Humano – 4 de abril de 1979.<sup>105</sup>

<sup>105</sup>Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – Fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 95 – fôlio 1249.

## PRÊMIO INTERNACIONAL PELA PROMOÇÃO DO ENTENDIMENTO HUMANO

Dr. Edward W. Said, “Parr Professor” de Inglês e Literatura Comparada da Columbia University, e o Dr. Roberto Cardoso de Oliveira Professor Titular de Antropologia Social da Universidade de Brasília e Vice-Presidente do Conselho Internacional de Filosofia e Ciências Humanas (UNESCO), são os primeiros contemplados com o Prêmio Internacional para a Promoção do Entendimento Humano (*International Award for Promotion of Human Understanding*) baseado em suas recentes obras de 1978.

Ao fazer a comunicação do prêmio, correspondente à quantia de US\$5,000 (cinco mil dólares) para cada um dos contemplados, o Dr. Anis Al-Qasen, Secretário Geral da Organização Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (*International Organization for Elimination of All Forms of Racial Discrimination – EAFORD*), assinalou que a obra do Professor Said, intitulada “Orientalism” (Pantheon Books, New York, 1978), obteve alta recomendação por sua abordagem do problema do racismo na literatura que se refere ao Oriente. O professor Cardoso de Oliveira destacou-se por sua notável contribuição ao estudo dos índios no Brasil. Se bem que seu livro “A Sociologia do Brasil Indígena” (Tempo Brasileiro/Editora da Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 1978) foi especificamente citado para premiação, deve-se destacar que o Professor Cardoso de Oliveira tem uma série de significativas pesquisas sobre discriminação referentes aos Índios do Brasil.

Informou o Dr. Anis Al-Qasen que esses prêmios relativos a importantes livros em Inglês, Francês, Árabe, Espanhol/Português serão concedidos anualmente pela EAFORD de conformidade com seus propósitos que incluem a “confirmação de valores morais e humanos de igualdade, amizade e justiça sem discriminação em razão de raça, cor, descendência ou origem étnica ou nacional”.

(Anúncio Oficial da EAFORD, Londres, 4/4/1979)

## **2.2. Um projeto de consolidação da antropologia no Brasil e da constituição de uma memória**

### **2.2.1. A chegada do fundo Roberto Cardoso de Oliveira (ou fundo de História da Antropologia no Brasil) na Unicamp**

Investigar o arquivo de Cardoso de Oliveira, além de auxiliar em uma reflexão sobre o trabalho que ele desenvolveu na disciplina, permite materializar os eixos de atuação que propôs, como a produção teórica, a formação de pesquisadores e as redes de relações formais e informais que desenvolveu e incentivou. Analisar como seus documentos foram constituídos, organizados e armazenados nos permite entender como a doação desse arquivo ainda em vida contribui para o empenho em construir sua memória e um legado para a disciplina.

Eu tinha um material muito grande de documentos muito variados relativos à minha trajetória profissional, com passagem por diferentes instituições, como o Museu do Índio, o Museu Nacional, a Universidade de Brasília, além de alguns colegiados de órgãos nacionais e internacionais, conselhos de revistas científicas, etc. Quando saí de Brasília em 1985, em janeiro, ou melhor, em dezembro de 1984, fui para a Unicamp e deixei na sala que tinha aqui um material muito grande de arquivos, documentos etc... Eu sempre guardava as coisas, não jogava fora, eu mesmo classificava em pastas devidamente identificadas. Inclusive, tinha a minha correspondência desde 1955 ou 1956 devidamente arquivada. Então tinha todas essas coisas e eu não ia estar carregando nas costas, mudando-me para Campinas. Tudo isso ficou numa sala de uma colega, a professora Alcida Rita Ramos, e fiquei preocupado porque ela estava com todos os arquivos, sem poder usar o espaço com seu próprio material. Falando com a Mariza, ela teve a idéia do programa de história da antropologia ficar com esse material. Eu faria uma doação formal, o que foi feito. E a Unicamp assumiu o encargo de mandar buscá-lo em Brasília. Então vieram de lá 13 caixas desse tamanho, 13 caixas... (indica com um gesto, risos). Então ela viu, não sei se ficou surpresa ou não, e pediu uma sala grande para colocar o meu acervo. Atualmente já aumentou bastante, pois faz mais de uma década e nesses anos estou sempre mandando. Cada ano você tem uma correspondência, uma pasta que começa fininha e fica assim... (gesto). Eu sempre guardo comigo a correspondência por cinco anos, em média, mas agora constato que já preciso mandar várias pastas. Eu já devia ter ficado somente com as de 1998, 97, 96, 95 e 94. Quer dizer, significa que 90, 91, 92, 93 eu já devia ter enviado, porque ainda estão comigo. Preciso mandar para ela. Mas o que eu quero dizer é que doe também como uma forma de colaborar com o projeto sobre História da Antropologia no Brasil, e uma maneira de verificar se o que tenho pode servir, eventualmente, como testemunho da antropologia vivida por mim durante um longo período (Roberto Cardoso de Oliveira, 1998<sup>106</sup>).

A recuperação narrativa de Cardoso de Oliveira sobre a mudança à Campinas de seus documentos, anteriormente guardados em Brasília, nos possibilita visualizar o que pode ser percebido quando acessamos as estantes deslizantes onde estão alocadas suas pastas no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), junto a um emaranhado de outros papéis relacionados à antropologia feita no Brasil, um local particular onde a historiografia da disciplina esteve ao alcance de minha mão frequentemente por quase dois anos.

Chegar na Unicamp<sup>107</sup>, passar pelas ruas da universidade, subir a rua Claudio Ábramo – provavelmente sob o frequente sol forte de Campinas –, adentrar ao prédio branco ao final da quadra. Cruzar com a recepção, subir as escadas à esquerda, seguir até o final do corredor – uma das salas do processamento técnico, onde tive o contato direto com os documentos. A sala habitada por longas mesas, estantes e alguns computadores era dividida com bolsistas e estagiários do arquivo, responsáveis pela organização de outros acervos

<sup>106</sup> Entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira concedida a Etienne Samain e a João Martinho de Mendonça em 1998 (Cf. SAMAIN & MENDONÇA, 2000).

<sup>107</sup> Há um trajeto anterior dos documentos: quando eles chegaram na Unicamp na década de 1980, o AEL ficava localizado no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, no andar de baixo do edifício que hoje abriga a os setores administrativos, a direção dos departamentos e do Instituto. Foi apenas em 2009, com a construção de um prédio exclusivo para o arquivo, que esses documentos chegaram ao espaço onde os conheci e que me debruço nessa descrição.

documentais. O ritual de trabalho geralmente consistia em escolher uma das mesas disponíveis, ligar meu computador e buscar em meus arquivos pessoais para onde deveria seguir. Sempre amparada por minha cópia da listagem do fundo Roberto Cardoso de Oliveira, compartilhada gentilmente pelo arquivo, e por muitos papéis de rascunhos onde eu tentava esboçar um caminho a ser trilhado pelas pesquisas: começar por uma instituição e ir em busca das pastas que se relacionavam a ela; em meio a isso ir anexando novos planos conforme os documentos iam me mostrando essas novas rotas a trilhar. Dessa forma, seguindo os novos caminhos guiados pelos documentos, os objetivos iniciais da pesquisa foram sendo alterados de modo a ceder lugar aos seus próprios movimentos e a permitir vislumbrar esse grande projeto articulado por Cardoso de Oliveira.

Para conseguir compreender a lógica de arquivamento, inicialmente desconhecida, e como a trajetória de Cardoso de Oliveira se apresentava nessa listagem, comecei a mapear algumas temáticas e a sistematizar o que eu estava consultando e encontrando em cada dia de trabalho, de forma que eu mesma me encontrasse nesse arquivo (e pudesse futuramente contribuir com a nova listagem do AEL). Abaixo, um exemplo do trabalho de sistematização das informações do acervo, onde eu começava a separar possíveis pastas que poderiam ter o conteúdo de uma determinada temática e depois fazia anotações sobre o conteúdo destas:

#### UNICAMP

- 271 [Instituições – UNICAMP]
- 341 [Doutorado em Ciências Sociais]
- 36, 37, 38, 39, 40, 41 [Correspondência ativa de 1984 a 1990 + sem data]
- 289, 290, 291, 292, 293, 294 [Correspondência 1988 a 1990]
- 181, 182, 183, 184, 185, 186 [Pós-Graduação – Antropologia]
- 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103 [Correspondência passiva de 1985 a 1990 + sem data]

02/03/2018: abri 3 pastas (36, 271 e 341)

- 271: Instituições – UNICAMP 1973/1979 => editais e documentos dos programas de pós-graduação + boletim dos trabalhos em andamento no conjunto de antropologia
- 341: Doutorado em Ciências Sociais => relatórios sobre o andamento do programa (recém-criado) + texto de RCO sobre a Pós-Graduação no Brasil [importante].
- 36: Correspondência ativa – 1984 => não terminei

Com o passar do tempo fui me guiando pelo que os próprios documentos dessas pastas consultadas iam me contando e me indagando a continuar a perseguir. Nesse ponto, os

objetivos iniciais de pesquisa foram sendo alterados pelo o que de fato os documentos tinham a me contar, no lugar do que eu achava que poderia encontrar. Como ressaltado por Dirks (2015), para que se consiga acessar o arquivo concretamente é necessário entender a estrutura da instituição e do acervo, já que a própria forma de organização e guarda do material dispõe elementos para compreender as lógicas e os processos sociais de sua constituição e, igualmente importante, os efeitos narrativos que produz.

Depois de me instalar em uma das mesas da sala do processamento técnico e de me localizar novamente sobre o andamento do trabalho, seguia ao encontro dos documentos. Descia as escadas, percorria o corredor interno ao arquivo, onde outros setores técnicos se encontravam, e finalmente chegava ao cruzamento das quatro salas onde os acervos do AEL estavam alocados, segundo a lógica de classificação do arquivo. Para chegar a esse entroncamento, era antes necessário passar por duas portas fechadas que garantiam a manutenção desse espaço de maior controle dos índices de temperatura e umidade – extremamente necessários para a preservação dos diferentes suportes materiais que formam as coleções e fundos da instituição. Ao adentrar esse espaço, eram nítidas as mudanças sentidas no clima do local, sendo ainda mais acentuadas a cada sala percorrida.

Cada sala mantinha diferentes condições climáticas específicas para os diferentes suportes materiais que abrigavam: a estrutura, a temperatura e a umidade devem variar se estamos falando de fotos, de papéis, de objetos (denominados pelos arquivistas de “tridimensionais”, como forma de distingui-los das “coisas” usuais de um arquivo, o papel), ou de livros. Apesar de ao longo de minha experiência de trabalho do AEL já ter entrado em todas estas salas, durante a pesquisa da dissertação estive centrada na primeira à direita, mais especificamente voltada para as estantes deslizantes ao fundo da sala. Em meio a vários acervos também doados ao Projeto História da Antropologia no Brasil – que será apresentado mais adiante – e a outros fundos doados posteriormente, se encontram as 601 pastas do fundo Roberto Cardoso de Oliveira, no final do último corredor do deslizante automatizado deste espaço.

As mudanças de temperatura percebidas nos deslocamentos pelo arquivo ensinam logo nos primeiros dias sobre a necessidade de estar sempre com um casaco na bolsa para fazer pesquisa – ainda que às vezes os equipamentos possam falhar e aconteça exatamente o oposto: estar despreparado para se manter em um ambiente quente e de pouca ventilação (de onde sai mais um ensinamento, ainda que óbvio, de que papéis e ventilador não combinam no mesmo ambiente). Esses pequenos detalhes mais do que anedotas de campo servem para uma reflexão mais apurada sobre os ensinamentos de uma pesquisa nos arquivos. Para além desses

aprendizados, há também outros como o cuidado com qualquer objeto que possa manchar, molhar ou danificar os papéis, o uso de luvas e máscara. Ações que vão além de um cuidado mais prático e que se entrelaçam com uma questão ética em fazer pesquisa em arquivos, de forma a preservar esse material para que outras pessoas possam acessá-los no futuro, sem mais interferências – isso no meu caso era ainda mais objeto de preocupação, visto que meu contato com esses papéis passavam por um tipo de prática diferente dos outros pesquisadores, ao ter um acesso direto ao local de guarda dos documentos. Ainda sobre uma ética de pesquisa, busquei também sempre preservar informações que julguei serem de um foro mais íntimo, ou quando havia qualquer sinalização no documento sobre algum tipo de sigilo sobre o mesmo.

Como eu mencionei na introdução da dissertação, o meu trabalho anterior organizando parte do acervo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e o fundo do antropólogo Peter Fry me possibilitou uma forma específica de acesso ao normalmente permitido a pesquisadores pelo arquivo: se por um lado, ter participado de um trabalho técnico com os documentos me permitiu aprender na prática como as normas da arquivística eram aplicadas dentro daquele espaço, bem como como eu poderia apreender as várias camadas imbricadas entre o produtor desses documentos e as pessoas que compõem as instituições de guarda; por outro, a relação que estabeleci com o espaço e com aquelas pessoas me permitiu continuar acessando esses papéis através de uma mediação particular, menos solitária e mais prolongada, tendo uma noção mais clara do conjunto do acervo, ainda que respeitando as mesmas normas de preservação do material. Ou seja, diferente de um pesquisador que assim que chega ao arquivo e é dirigido à sala de pesquisa, solicita uma quantidade de pastas definidas a um funcionário e só tem a permissão de consultar uma por vez; eu tinha acesso a toda a estrutura física do arquivo e a todo o percurso da documentação guardada e requerida para uma pesquisa, tal como relatado até aqui. Minha contrapartida, acordada previamente, seria auxiliar na atualização da listagem já existente do acervo.

A partir de minha inserção no arquivo, nesta dupla função de pesquisadora e arquivista, eu pude continuar consultando os documentos, mesmo quando eles começaram a ser reorganizados, de modo que apesar desse processo ter atravancado meu trabalho em alguns momentos, ele não precisou ser inteiramente paralisado. Talvez o maior empecilho que essa nova organização me causou é a incerteza sobre a localização atual dos documentos apresentados ao longo do texto, já que não foi possível um retorno ao arquivo para realizar essa

conferência final<sup>108</sup>. Essa reorganização ocorreu com o objetivo de terminar de incorporar os documentos que foram recebidos nos anos subsequentes à primeira doação em 1985, e que estiveram por muitos anos na reserva técnica do AEL – movimento relatado por Cardoso de Oliveira na fala que abre essa seção.

Antes de retomar a uma descrição da doação e dos documentos de Cardoso de Oliveira, é importante ressaltar que me detenho em minha própria relação com o espaço e com as estruturas do arquivo porque acredito que essa pesquisa, apesar de ter o foco na trajetória e no trabalho do antropólogo, é resultado de minha própria relação construída com o campo e com meus interlocutores – sejam estes os antropólogos e antropólogas que entrevistei, ou então as bibliotecárias e arquivistas do AEL. Dessa forma, não é possível falar sobre os documentos, sem dizer de que forma esses papéis, essas paredes e as pessoas que constroem esse espaço impactaram a forma com que eu conduzi esse trabalho. De forma análoga, posso dizer o mesmo das várias entrevistas que realizei nesse caminho: acredito que falar de Cardoso de Oliveira com essas pessoas, é também falar sobre elas mesmas, suas próprias trajetórias e a (mesmo que breve) relação que elas me permitiram construir com elas nesse espaço de tempo, compartilhando suas salas, casas e vidas.

Quanto a essa questão, Cardoso de Oliveira afirmou também, em entrevista concedida a Robert Crépeau – antropólogo canadense que participou do Projeto Estilos de Antropologia, já mencionado no início deste capítulo –, que ao se debruçar na a trajetória de Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) para escrever seu livro *Razão e Afetividade: o pensamento de Lucien Lévy-Bruhl* (1991), ele também refletia sobre sua própria atuação na antropologia:

Na medida em que eu estudo a trajetória de Lévy-Bruhl, eu sinto que ela me dá muitos *insights* sobre a minha própria trajetória, isto um século depois. Eu continuo antropólogo, apesar dos meus interesses por uma temática filosófica. Estou fazendo algo que é básico na própria antropologia: conhecer a si mesmo pelo estudo dos outros (Roberto Cardoso de Oliveira, 1990<sup>109</sup>).

---

<sup>108</sup> Afinal, essa pesquisa foi também impactada pelos desdobramentos da pandemia do COVID-19 ocorridas ao longo de todo o ano de 2020 e também em 2021. Com isso, minha última visita ao arquivo ocorreu no segundo semestre de 2019, antes de terminar a reorganização do acervo de Cardoso de Oliveira. Entretanto, é preciso destacar que, mesmo que a reorganização possa ter impactado a localização de certos documentos nas pastas que consultei e que referencio nesta dissertação, o trabalho de arquivística implica constantes ajustes e remissões, sobre arranjos pretéritos – o primeiro, é importante lembrar, feito pelo próprio titular. Assim, os novos instrumentos de pesquisa, que permitirão a futuros pesquisadores acessar a documentação, deverão permitir que a classificação com a qual tive que lidar ainda seja compreensível e prevista.

<sup>109</sup> Entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira concedida a Robert Crépeau em 1990 (Cf. CRÉPEAU, 2009, p. 146).

\*\*\*\*\*

Como relatado no início desse capítulo, é devido à ligação que Cardoso de Oliveira tinha com a Unicamp, aos esforços de Mariza Côrrea (então professora da universidade) e da dificuldade que encontrou para armazenar e transferir seu grande acervo pessoal e acadêmico em condições propícias, que o antropólogo o doou para o AEL. O arquivo que estava anteriormente guardado em sua antiga sala na UnB, já possuía uma organização feita pelo antropólogo desde a década de 1950, o que nos mostra uma velha preocupação com a preservação dos documentos e de sua memória. Essa classificação foi usada como base para a primeira organização e armazenamento do material na Unicamp, fornecendo uma interessante janela sobre os processos de arquivamento e as lógicas socialmente produzidas de preservação da memória e de acesso às narrativas que a conformam. Porém, além dessa organização prévia do antropólogo, as preocupações arquivísticas próprias da instituição de guarda na Unicamp, bem como desta área do conhecimento, também influenciaram neste processo de classificação do material. O trabalho feito por pessoas diferentes, ao longo destes anos todos, complexificado pelo envio posterior de outras pastas de documentação, pelo próprio Cardoso de Oliveira, interferiram na forma como ocorreu a organização e arquivamento dos documentos que compõem este acervo.

Vale destacar que o acervo conta com muitas correspondências enviadas por Cardoso de Oliveira, além das endereçadas a ele, uma vez que ele guardava cópias de todas essas cartas – não só as institucionais, mas também as com conteúdo pessoal. Já lancei mão de algumas destas cartas, demonstrando como ajudam a compreender o trabalho do antropólogo e seus esforços no estabelecimento de uma rede de interlocução, de colaboração intelectual e de amizade (muitas vezes justapondo todas estas esferas). Entretanto, é importante avançar na reflexão sobre a importância da pesquisa com este tipo de material epistolar. É importante ressaltar que as correspondências recebidas, em sua grande maioria, possuem o envelope “anexado”, ou seja, preservado. Além disso, Cardoso de Oliveira reuniu e guardou muitas cartas de terceiros, das quais não era nem o destinatário, nem o remetente oficial das correspondências, mas teve o cuidado de preservar aquelas que o foram enviadas em cópia, seja para acompanhar um debate importante ou para o manter informado de alguma situação específica. Qualquer um que faça pesquisa com o acervo do antropólogo muito cedo percebe a importância que o mesmo atribuía ao processo de arquivamento de toda esta documentação, desde a mais propriamente

institucional, como também pessoal. As cartas certamente são documentos cruciais para compreender essa preocupação com a memória.

A transferência desse material só foi possível com a doação formal para o Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB), coordenado por Mariza Corrêa. O PHAB, iniciado em 1984, tinha como objetivo inicial colher depoimentos de antropólogos das primeiras gerações da disciplina no país. Segundo Corrêa (1995), era coordenado por Manuela Carneiro da Cunha, mas a antropóloga precisou se afastar em decorrência de sua transferência para a USP. Assim, o projeto passou a ser coordenado por Corrêa<sup>110</sup> e contou com a colaboração de alunos de graduação e pós-graduação da Unicamp, além do financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da própria Unicamp. As gravações em vídeos das entrevistas, o recebimento de acervos doados e o aumento de auxílios financeiros, ampliaram o projeto, que, em 1995, contava com 22 depoimentos gravados em vídeo e 25 áudios (dentre eles o de Roberto Cardoso de Oliveira). Esse material também possibilitou a publicação dos livros *História da Antropologia no Brasil: 1936-1960* (1987), *Antropólogas e Antropologia* (2003a), *As reuniões brasileiras de antropologia – Cinquenta anos (1953-1960)* (2003b) e *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia* (2013) de Corrêa, além de outros artigos. O projeto atuou também na preservação, doação e organização de acervos, como o do antropólogo Donald Pierson (1900-1995)<sup>111</sup>, de Roberto Cardoso de Oliveira, de Herbert Baldus e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Como já foi mencionado, com o passar dos anos, o acervo de Cardoso de Oliveira foi ampliado, já que o antropólogo continuou enviando, de tempos em tempos, outros materiais ao projeto, mesmo quando não lecionava mais na Unicamp: suas correspondências, por exemplo, eram enviadas preferencialmente a cada cinco anos, à medida que acumulava a documentação em sua residência. Fica claro que o antropólogo vislumbrava a importância que seus documentos podiam proporcionar para os estudiosos da história da disciplina. Além disso,

---

<sup>110</sup> Tambascia e Rossi (2018) apontam que embora Corrêa parecia indicar que essa escolha tivesse ocorrido ao acaso, esse convite do departamento de antropologia da Unicamp tinha como base a experiência de Corrêa com a temática a partir de sua tese de doutorado: “defendida em 1982, na USP, sob a orientação de Ruth Cardoso, *As Ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*, como o próprio título diz, já trazia em alto relevo o interesse de Mariza pela história da disciplina ao analisar a constituição de uma arena de pesquisas que, ao lado da etnologia indígena, seria decisiva para o movimento de arranque da institucionalização da antropologia brasileira, a saber: a arena dos estudos sobre raça na virada do século XIX para o XX” (TAMBASCIA & ROSSI, 2018, p. 8).

<sup>111</sup> Sociólogo norte-americano, foi professor na Escola de Sociologia e Política nas décadas de 1940 e 1950 e fez pesquisas sobre as relações raciais na Bahia.

em relação às milhares de fotografias produzidas durante os trabalhos de campo, estas também foram doadas ao AEL, pois Cardoso de Oliveira sabia que as deveria deixar em um local apropriado para que não se perdessem com o tempo. Razões de ordem prática parecem se confundir e entrelaçar com a produção de uma memória e uma narrativa pessoal e subjetiva, que é preciso considerar para compreender a importância que o acervo tem na reflexividade antropológica que Cardoso de Oliveira tanto buscou em sua obra.

Ainda durante o depoimento concedido a Samain & Mendonça (2000), segundo Cardoso de Oliveira, quando a documentação chegou na Unicamp, Corrêa propôs chamá-la de “arquivo RCO”, mas o autor não concordou, pois acreditava que deveria, ao contrário, ser a base de um “Arquivo Histórico da Antropologia Brasileira”: tanto pela importância do próprio material para a história da disciplina, como para que pudesse agregar futuramente os arquivos de outros antropólogos. Essa sugestão mostra também a importância que o antropólogo via em seu próprio trabalho e influência na disciplina. Ele mesmo buscou articular com vários outros colegas, como Donald Pierson, David Maybury-Lewis e Luiz de Castro Faria, o envio de seus acervos pessoais para o projeto, assim como a realização das entrevistas por Corrêa.

Posteriormente, os arquivos e outros documentos provenientes do PHAB que Mariza Corrêa reuniu ao longo do tempo foram também armazenados e conservados no AEL. Resta discorrer brevemente sobre o próprio material desse acervo, que parece ser fundamental para a incorporação de outros fundos e coleções. O fundo Roberto Cardoso de Oliveira contava, de 1990 até 2016, com a organização simples de parte do acervo, que corresponde aos documentos que chegaram até 1994, e possuía 390 pastas. Segundo Porto (1992), a organização do acervo começou com o trabalho de Flávia Carneiro e Héliana Fernandes Soares com o apoio da Finep, e, posteriormente, com o trabalho de Beatriz Couto Porto com o apoio do CNPq. O acervo foi dividido em quatro séries: Vida Pessoal, com 8 pastas; Correspondência, com 121 pastas; Vida Acadêmica, com 190 pastas; e Produção de Terceiros, com 71 pastas. Porém, como já foi mencionado, o antropólogo continuou enviando seus documentos ao arquivo ao longo dos anos. Assim, há uma segunda parte do fundo que não está contabilizada nos números apresentados acima. Esses novos documentos que não foram avaliados e ficaram guardados na reserva técnica<sup>112</sup> do AEL, esperando para se juntarem aos outros. A partir de 2016, começou-se o processo de higienização dos mesmos, de alocação em pastas e de organização. Com isso, o número total passou a ser de 601 pastas.

---

<sup>112</sup> Local onde estão alocados os documentos em caixas, aguardando o processamento técnico.

Tanto a listagem antiga, quanto sua reformulação, apresentam o conteúdo das pastas em títulos e não fornecem uma descrição aprofundada do que pode ser encontrado em cada uma. Não há inventário, quadro de arranjo, ou outros instrumentos organizacionais dos arquivos, devido às altas demandas do próprio AEL, aliado à grande quantidade de material que armazena. O número do total de documentos é desconhecido, já que o mesmo varia conforme a pasta e o tipo documental contido nela<sup>113</sup>.

A maior parte do material do Fundo Roberto Cardoso de Oliveira corresponde a documentação textual – o material principal sobre o qual debruçei meu trabalho na instituição – porém, além disso, o acervo conta também com uma pasta de folhetos, treze pastas de fotografias (dentre elas, fotos impressas, contatos e negativos), filmes, mapas e livros. Em relação às fotografias, é importante destacar que majoritariamente essas foram produzidas durante as viagens de campo do antropólogo, mais especificamente, em viagens a territórios indígenas, e em grande parte não possuem informações referentes a localização, evento retratado, data ou autoria<sup>114</sup>. Quanto a última questão, é sabido que parte das fotografias de campo podem ter sido produzidas por outras pessoas que o acompanharam durante as viagens – como os alunos dos Cursos de Especialização realizados no Museu Nacional – ou mesmo pelo sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz. Queiroz era amigo de Cardoso de Oliveira (ambos participavam do mesmo grupo de estudo marxista no Rio de Janeiro) e participou de uma expedição junto ao antropólogo em 1959 entre os Ticuna, devido a seus interesses de pesquisa com populações indígenas e o movimento milenarista<sup>115</sup>, além disso era também jornalista e fotógrafo profissional (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002).

Ainda sobre as fotografias, chamo a atenção para o fato delas expressarem o mesmo sentimento encontrado nos documentos textuais: uma imbricação entre suas relações pessoais e institucionais. Se, de um lado, encontramos uma grande sequência de retratos tomados durante suas pesquisas entre os Terena e os Ticuna, por outro, encontramos registros pessoais de seus filhos na praia ou de momentos das Reuniões Brasileira de Antropologia (RBA) (imagem 8). Não existe nenhum registro em que Cardoso de Oliveira faz uma diferenciação desse material,

---

<sup>113</sup> Esse conceito pode ser compreendido através de um exemplo. Em geral, correspondências têm poucas páginas por documento. Sendo assim, uma pasta pode conter aproximadamente de 10 a 60 cartas; já uma pasta que contenha relatórios ou textos, pode ter menos de 10 documentos, devido ao grande número de folhas.

<sup>114</sup> Durante a visita de Luís Roberto Cardoso de Oliveira na Unicamp, o antropólogo participou do workshop “História e contextualização da formação de acervos etnográficos em arquivos e centros de documentação” que foi realizada no AEL, junto com parte do acervo fotográfico de seu pai e de outros fundos do arquivo, como na Associação Brasileira de Antropologia. Logo após o workshop, o antropólogo tentou identificar algumas fotos do fundo Roberto Cardoso de Oliveira.

<sup>115</sup> Queiroz publicou posteriormente um artigo sobre o milenarismo entre os Ticuna: “‘Cargo Cult’ na Amazônia: observações sobre o milenarismo Tukuna” (1963).

ou seja, essa separação entre o que seria considerado etnográfico/profissional ou biográfico. Assim, essa é uma classificação dada a posteriori, em parte pelo próprio arquivo, em relação à documentação, e em parte por mim mesma, ao tentar estabelecer alguns parâmetros para analisar essas imagens. A imagem 8 nos traz esse questionamento, ela consegue agrupar no mesmo filme fotográfico imagens que relacionaríamos ao trabalho antropológico, como as fotos registradas durante a V RBA em Belo Horizonte e uma viagem a cidade de Mariana, e com o que poderíamos relacionar com uma biografia, com os retratos de sua família na praia. A indissociabilidade entre trajetória pessoal e institucional que marca o fundo Roberto Cardoso de Oliveira e que marcou também o processo de consolidação da antropologia no Brasil, retratado ao longo das correspondências e dos documentos apresentados até aqui.



Imagem 8: Contato fotográfico 11 - “1961 – Mariana – Reunião da ABA”. 1961.<sup>116</sup>

Apesar do pouco uso feito desse material em seus trabalhos, Mendonça (2000) ressalta o fato da doação desse material ter sido feita para uma instituição de pesquisa, primeiro ao Projeto História da Antropologia no Brasil, e depois ao AEL, poderia indicar uma inclinação de Cardoso de Oliveira a um uso futuro desse material por parte de outros antropólogos. Algo que seria corroborado pela fala do antropólogo mais velho em entrevista (1998) sobre a importância que esses documentos poderiam ter para futuros pesquisadores da disciplina, ou

<sup>116</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 11.

mesmo para recuperar uma memória para as próprias sociedades estudadas (Cf. Roberto Cardoso de Oliveira, 2003)<sup>117</sup>.

### 2.2.1.1. Apresentando os documentos

Apesar da multiplicidade de tipos documentais do fundo Roberto Cardoso de Oliveira, algumas observações sobre as formas e estruturas encontradas nas correspondências podem ser interessantes para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa. Quanto aos demais documentos nos quais não é possível estabelecer essa estrutura fixa, vale ressaltar o grande esforço de guarda de uma série de materiais importantes, como relatórios de pesquisa e rascunhos de textos publicados, que nos permite acompanhar o desenvolvimento dos argumentos e das reflexões de seus trabalhos, mesmo para o material que não foi publicado.

Já as correspondências possuem um formato mais fixo, ou seja, seguem uma mesma estrutura que é replicada, mas que é ao mesmo tempo alterada pelo seu conteúdo. Assim, trago a foto de uma carta do Fundo Roberto Cardoso de Oliveira para auxiliar a descrição que faço em seguida: os primeiros elementos visíveis são aqueles tradicionais do gênero epistolar, como a marcação do local, a data, a saudação e a despedida; quando se trata de correspondência formal, as saudações vêm acompanhadas de substantivos como “Prezada/o” e “Senhor/a”, seguidas do nome do destinatário, e as despedidas com “subscrevo-me” e “atenciosamente”, acompanhadas de nome completo. Já quando corresponde a uma carta informal, ou melhor dizendo, pessoal, Cardoso de Oliveira costumava se referir de forma particular ao escrever para pessoas próximas, usando alguns cumprimentos recorrentes como: “caríssima/o” e “querida/o”, acompanhados do nome do destinatário, ou utilizando com frequência um superlativo, como mencionado no primeiro capítulo, muitas vezes esboçando ao longo da correspondência o motivo de tal uso. Sobre essa questão, de um chamamento mais carinhoso, Otávio Velho (2008), que foi seu orientado de mestrado e colega próximo, relatou que ele “gostava de referir-se a seus colegas e alunos com o uso do superlativo, talvez em contraste com o abuso carioca do diminutivo-aumentativo. Como que a nos exaltar e a nos estimular a seguir o nosso caminho” (VELHO, 2008, p. 561). O que parece de fato ir de encontro das “justificativas” que Cardoso

---

<sup>117</sup> Cf. O vídeo “Os Terena e outros Temas. A Antropologia de Roberto Cardoso de Oliveira”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_dCvBpRmdc](https://www.youtube.com/watch?v=Z_dCvBpRmdc)>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

de Oliveira apresentava nas correspondências para o uso destas formas de tratamento, como quando um de seus alunos se doutorava.

Em relação às despedidas, era comum usar uma saudação de despedida mais carinhosa, como “Abraços do velho” e “Aqui fica o velho amigo e colega”, antecipando a assinatura. Como exemplo da importância da análise do material epistolar e a forma como Cardoso de Oliveira esforçava-se por constituir uma rede de interlocução bastante ampla e vigorosa, analisarei uma carta, com mais vagar e atenção, de modo a explicitar a sobreposição de temas de pesquisa e de reflexão antropológica, junto a expressões de afeto e amizade. No caso da “Imagem 9” abaixo, em carta em que se refere a eventos já relatados neste capítulo (como na Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a George Zarur, enviada em 10 de janeiro de 1991), Cardoso de Oliveira escreve a Roque de Barros Laraia, de São Paulo, no dia 17 de dezembro de 1990, o chamando de “Prezado Roque” e se despedindo com “aqui fica o velho amigo e colega”. Outro elemento que pode ser destacado é que o papel usado apresenta, na maioria das vezes, o timbre da instituição a qual o antropólogo estava vinculado, como as universidades brasileiras e estrangeiras que Cardoso de Oliveira trabalhou, algo que nos permite localizá-lo no tempo, mesmo que falte esta marcação no texto.

Além dos aspectos já apresentados, uma estrutura que normalmente se repete com as cartas pessoais é a mistura de vários assuntos, dentre eles a atualização sobre os trabalhos desenvolvidos, as notícias familiares e os planos futuros. A imbricação de conteúdos e relações presentes nesse tipo de material não pode ser separada da análise documental, como não era do projeto de antropologia desenvolvido por Cardoso de Oliveira.

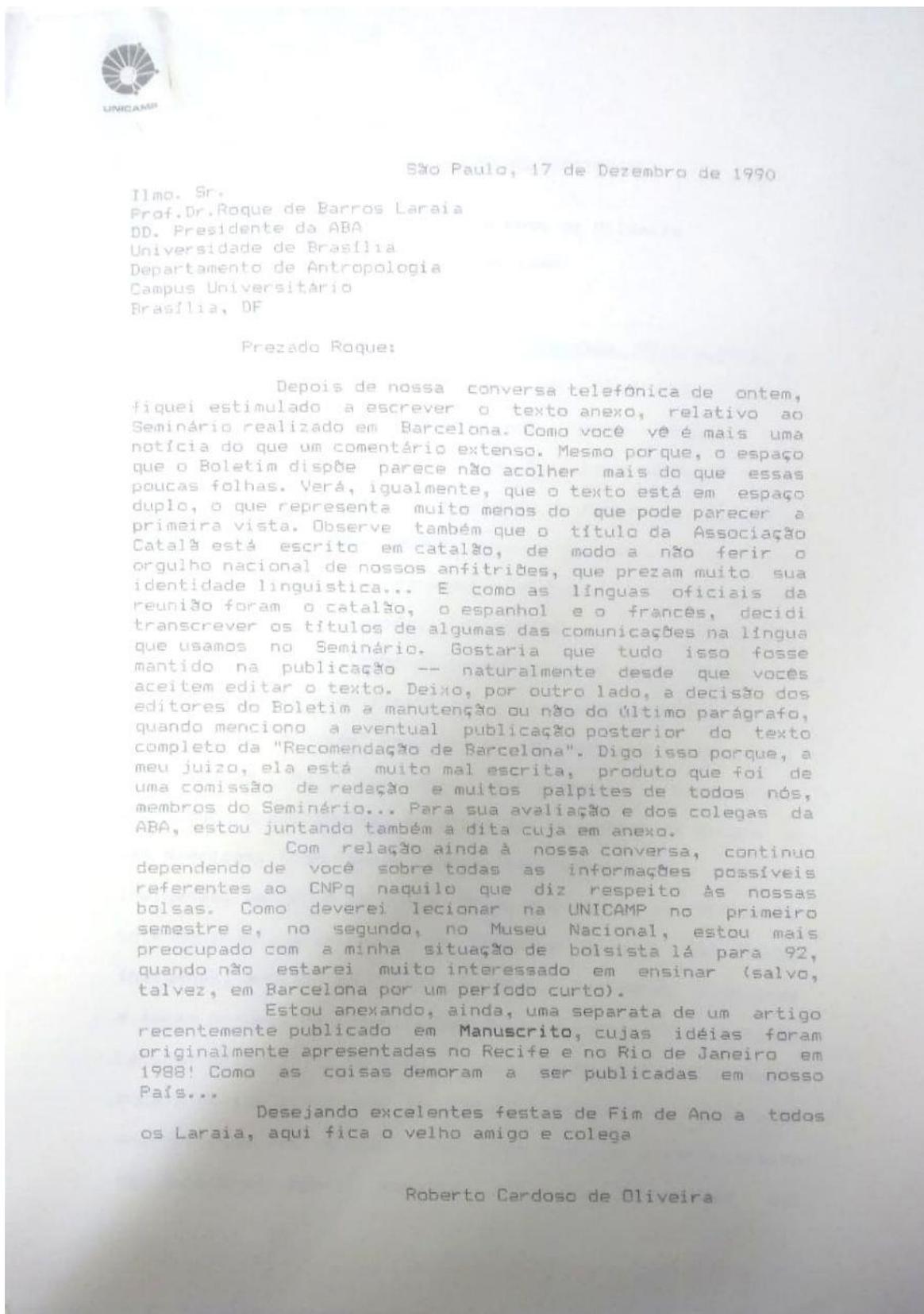


Imagem 9: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Roque de Barros Laraia – 17 de dezembro de 1990.<sup>118</sup>

<sup>118</sup>Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 294.

São Paulo, 17 de dezembro de 1990

Ilmo. Sr.  
Prof. Dr. Roque de Barros Laraia  
DD. Presidente da ABA  
Universidade de Brasília  
Departamento de Antropologia  
Campus Universitário  
Brasília, DF

Prezado Roque:

Depois de nossa conversa telefônica de ontem, fiquei estimulado a escrever o texto anexo, relativo ao Seminário realizado em Barcelona. Como você vê é mais uma notícia do que um comentário extenso. Mesmo porque, o espaço que o Boletim dispõe parece não acolher mais do que essas poucas folhas. Verá, igualmente, que o texto está em espaço duplo, o que representa muito menos do que parece a primeira vista. Observe também que o título da Associação Catalã está escrito em catalão, de modo a não ferir o orgulho nacional de nossos anfitriões, que prezam muito sua identidade linguística... E como as línguas oficiais da reunião foram o catalão, o espanhol e o francês, decidi transcrever os títulos de algumas comunicações na língua que usamos no seminário. Gostaria que tudo isso fosse mantido na publicação – naturalmente desde que vocês aceitem editar o texto. Deixo, por outro lado, a decisão dos editores do Boletim a manutenção ou não do último parágrafo, quando menciono a eventual publicação posterior do texto completo da “Recomendação de Barcelona”. Digo isso porque, a meu juízo, ela está muito mal escrita, produto que foi de uma comissão de redação e muitos palpites de todos nós, membros do Seminário... Para sua avaliação e dos colegas da ABA, estou juntando também a dita cuja em anexo.

Com relação ainda a nossa conversa, continuo dependendo de você sobre todas as informações possíveis referentes ao CNPq naquilo que diz respeito às nossas bolsas. Como deverei lecionar na UNICAMP no primeiro semestre e, no segundo, no Museu Nacional, estou mais preocupado com minha situação de bolsista lá para 92, quando não estarei muito interessado em ensinar (salvo, talvez, em Barcelona por um período curto).

Estou anexando, ainda, uma separata do artigo recentemente publicado em **Manuscrito**, cujas ideias foram originalmente apresentadas no Recife e no Rio de Janeiro em 1988! Como as coisas demoram para ser publicadas em nosso País...

Desejando excelentes festas de Fim de Ano a todos os Laraia, aqui fica o velho amigo e colega.

Apesar da Imagem 9 mencionar alguns anexos, eles não foram localizados no Fundo Roberto Cardoso de Oliveira. Ainda assim, julgo importante destacar alguns aspectos contidos nessa correspondência. Primeiro, é o fato dessa carta já indicar o interesse do antropólogo em realizar uma viagem, vinculada a pesquisa sobre os Estilos de Antropologia, para Barcelona; apesar de não ser necessariamente o primeiro contato de Cardoso de Oliveira com a antropologia desenvolvida neste contexto, a estadia no país ibérico nesse momento impulsionou seus interesses de investigação em entender como a questão do nacionalismo catalão impactava a antropologia feita na região. Ou, se alargássemos a análise, como certos aspectos constitutivos dos países pertencentes à categoria de antropologias periféricas

continuavam imprimindo uma marca em comum em suas produções, ao mesmo tempo que cada uma destas tradições continuava “bem-sucedida em determinado país, isto é, ter-se adaptado sem perder sua cientificidade” (PEIRANO, 1999, p. 245). A questão da construção da nação, ou do *nation building*, segundo Peirano (1991) esteve presente nas teorias dos cientistas sociais no Brasil após a década de 1930. No caso da antropologia, o foco estaria em entender como os símbolos nacionais operavam, a partir dos estudos de grupos oprimidos na sociedade brasileira e sua integração, como o indígena, o negro, o camponês e as classes urbanas populares. Para além do Brasil, a nação foi parte constitutiva da disciplina nos países periféricos.

O antropólogo relata à Laraia, nesse excerto, parte de seus planos futuros e preocupação no momento. No início da década de 1990, como já informei anteriormente, Cardoso de Oliveira havia se aposentado da Unicamp, apesar de ainda se manter como professor colaborador da universidade, além de lecionar em outras instituições, como o Museu Nacional e a Universidade de São Paulo (USP). Ao final, como de praxe em suas cartas, compartilha as notícias de suas últimas publicações, adicionando ainda uma certa crítica sobre a lentidão do processo editorial das revistas científicas no Brasil. A escolha dessa correspondência se deve por além de permitir entender como a estrutura das cartas operava de modo geral, compreender também como funcionava a dinâmica de relatar vários assuntos, pessoais e institucionais, quando trocadas com antropólogos de seu convívio mais próximo, como é o caso de Laraia. Assuntos esses de atualização de sua vida, dos trabalhos em parceria e os interesses de pesquisa do período em questão.

Por fim, voltando à questão da estrutura das correspondências, alguns elementos mais organizacionais do próprio antropólogo merecem uma breve reflexão: muitas das cartas recebidas apresentam uma anotação à mão de Cardoso de Oliveira com os dizeres “Respondida em DD/MM/AA, R.”. Além disso, algumas correspondências apresentam ainda um resumo do que foi enviado, como na carta recebida de Bonfil Batalla, “Respondida em 12/12/86, com convite para publicar seu ensaio na AA/86”<sup>119</sup>. São informações importantes, que indicam a existência de um sistema de remissão classificatória que era utilizada pelo próprio antropólogo e que conferem outras camadas de sentido às informações contidas nestes documentos. Esta marginália explicita outras esferas de reflexividade, através da constituição de uma forma de notação pessoal que, permeada por comentários que ajudam a situar cada documento, pode ser tomada como objeto de análise antropológica. Ainda em relação às correspondências passivas,

---

<sup>119</sup> Carta de Guillermo Bonfil Batalla, a Roberto Cardoso de Oliveira. 29 de agosto de 1986 – Cidade do México – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 99.

o antropólogo guardava também grande parte dos envelopes recebidos, o que auxilia na busca de algumas informações por vezes ausentes na documentação. Destaco ainda que alguns outros documentos recebidos, como relatórios ou textos de terceiros, também apresentam, em alguns casos, esse tipo de material anexo. Se não exploro exaustivamente toda a riqueza do acervo de Roberto Cardoso de Oliveira, em grande parte devido ao escopo e tamanho do mesmo, é importante ressaltar a existência destas informações inicialmente não evidentes, que poderiam passar despercebidamente, caso estivéssemos interessados apenas “no conteúdo” das informações em cada documento. Diversos antropólogos e historiadores (CUNHA, 2004; 2005; DIRKS, 2015; HEYMANN, 2013; STOLER, 2002; 2018) tem alertado para o trabalho junto aos documentos ir além de uma análise de seu conteúdo, de forma a entender como as práticas de arquivamento (seja de quem produzir ou organizou os documentos) interferem nas pesquisas e devem também ser analisadas; no caso trocando uma perspectiva extrativista, como assinalado poro Stoler (2018), para uma mais etnográfica.

### **2.2.2. A multiplicidade de uma memória**

Tentei convencer o Castro Faria a doar o material dele porque, se tenho um material que cobre um período razoável, o que dizer do acervo do Castro Faria! Abarca um período bem maior... Mas ele, bem ao seu estilo, diz: “Não, quando eu morrer, eu mando rasgar, eu mando queimar...”. E estou tentando, também, para colaborar com a Mariza, fazer com que o David Maybury-Lewis também doe o seu material. Mas há de se reconhecer que meus colegas são meio complicados... Há uma certa resistência, talvez para não se revelar demasiadamente, pois um acervo de documentos tem sempre uma dimensão pessoal (Roberto Cardoso de Oliveira, 1998)<sup>120</sup>.

Essa esclarecedora reflexão de Cardoso de Oliveira sobre alguns aspectos nem sempre considerados na análise de um processo de arquivamento de um acervo pessoal traz à tona uma das dimensões que perpassou por toda a pesquisa aqui apresentada, em seu âmbito documental, mas que pode ser percebida nas entrevistas que realizei, no meu próprio fazer antropológico, nestes anos de trabalho nesta dissertação. Chamo atenção para a importância de tal depoimento porque diz respeito não apenas às reflexões sobre as possibilidades de uma etnografia do arquivo e de uma historiografia do fazer antropológico, perspectivas de análise fundamentais para minha dissertação, mas também ilumina de maneira bastante objetiva a necessidade do estudo sobre fatores nem sempre explicitados nas monografias antropológicas

---

<sup>120</sup> Luiz de Castro Faria doou seus documentos para o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) no Rio de Janeiro e David Maybury-Lewis para o Arquivo da Universidade de Harvard.

e que são cruciais para uma história crítica do fazer científico. Ou seja, elementos subjetivos ou pessoais da pesquisa antropológica que expõe uma trajetória de uma produção do conhecimento, cujos sujeitos envolvidos nem sempre estão confortáveis em expor, em grande medida pelo peso do paradigma científico e objetivista modernista, colocado em questão apenas recentemente. A controvérsia produzida após a publicação dos diários de um dos maiores responsáveis pelo modelo moderno do fazer antropológico, Bronislaw Malinowski (1884-1942), é um exemplo desta tensão. Quanto a isso, Sigaud (2007), ressalta que a publicação dos diários de Malinowski foi recebida com críticas e ressalvas, mas foi com a resenha proferida por Clifford Geertz (1926-2006) que cravou um golpe na imagem do antropólogo polonês e marcou as leituras subsequentes dos Diários. Além disso, também possibilitou uma renovação dos debates sobre a intersubjetividade da experiência etnográfica e a importância da reflexão sobre a escrita etnográfica na produção do conhecimento.

Roberto Cardoso de Oliveira, como procurei chamar atenção nesta dissertação, estava bastante ciente dos desafios de uma análise reflexiva sobre o próprio fazer antropológico. Ainda que ele próprio visse com certas reservas a proposta crítica denominada de pós-moderna, o antropólogo tomou o estudo sobre a disciplina que tomou como *métier*, tema de pesquisas e investigações. Por outro lado, como o depoimento acima deixa claro, Cardoso de Oliveira também conhecia uma dimensão mais próxima e pessoal sobre esta investigação do que poderia ser considerado o bastidor do fazer antropológico. Afinal, havia já tomado a decisão de tornar público o seu arquivo pessoal, seguro de que seria um material importante de estudo não só sobre sua trajetória intelectual, mas sobre um período da história da antropologia. Se ele próprio tomara tal decisão, também sabia que outros colegas poderiam ter maiores reservas com a disponibilização de seus acervos pessoais, por diversos motivos. Assim, é importante tomar o depoimento de Cardoso de Oliveira como uma pista chave para pensar os desdobramentos desta reflexividade que tanto o interessava analiticamente, materializados na formação de um arquivo (e que, como ele próprio sabia que poderia acontecer, estimulasse a formação de outros arquivos). Ou seja, são considerações que chamam atenção para a necessidade de refletir sobre a forma com que o antropólogo produziu antropologia e contribuiu para construir sua própria memória. Falar de um acervo de documentos, é falar sobre uma dimensão pessoal de seu titular, assim como falar da institucionalização da antropologia no país, no caso desta pesquisa, foi também falar a respeito da trajetória de Cardoso de Oliveira. Da mesma maneira, ao tratar da vida de Roberto Cardoso de Oliveira junto a seus colegas, tive também que considerar uma

análise de suas próprias vidas, bem como da participação de outros agentes e sujeitos nessas histórias entrecruzadas.

A doação do arquivo ainda em vida – mais especificamente antes de sua aposentadoria – não é algo inédito na história da disciplina, mas é um fato incomum, sobretudo quando analisamos que isso ocorreu ainda na década de 1980. Além disso, Cardoso de Oliveira foi um antropólogo muito consciente da importância de seu trabalho para o desenvolvimento da disciplina no país (Cf. SAMAN & MENDONÇA, 2000) e demonstrava fortemente seu auto reconhecimento e fazia questão de situar o seu próprio trabalho no campo científico, bem como as obras de outros colegas, localizando-os dentro das vertentes teóricas que analisava (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). É possível perceber que o antropólogo não evitava um olhar em relação a si e sua presença ao produzir suas pesquisas, uma vez que considerava essa reflexividade uma característica importante da antropologia que defendia.

Um dado importante é que diferente de outras pesquisas focadas na trajetória de um intelectual em particular, a ausência de material nunca foi uma questão para o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado. Muito pelo contrário: uma das dificuldades enfrentadas era como estabelecer um recorte e uma proposição nova em uma avalanche de documentos, depoimentos, livros e homenagens recebidas pelo antropólogo e que compunham o rico acervo depositado no AEL. A memória de Cardoso de Oliveira foi construída por muitos atores, mas principalmente por ele mesmo, ao garantir a preservação e o acesso aos seus documentos e as suas próprias narrativas.

Em relação aos documentos, é importante notar sua atuação ativa em guardar e organizar seus papéis por mais de 30 anos antes de doa-los, e continuar esse mesmo processo mesmo depois da doação do primeiro conjunto documental. Não concebo o arquivo aqui como uma simples materialização da memória de Cardoso de Oliveira, mas sim acredito que o ato de doar seus documentos em um momento ainda ascendente de sua carreira, junto a outros elementos desenvolvidos nessa sessão, nos ajudam a perceber como o antropólogo vislumbrou construir a forma como sua trajetória poderia ser analisada em uma historiografia da disciplina. Já que como nos alerta Heymann (1997; 2005), é um engano conceber os acervos pessoais como a reprodução da trajetória de seus titulares, “já que nem sempre existe uma equivalência entre história de vida e arquivo pessoal” (HEYMANN, 2005, p. 46), ainda que por vezes pareça tentador. Isso por algumas razões: a primeira, porque muitas vezes os documentos preservados não correspondem a toda atuação de seu titular; ou mesmo porque a quantidade de papéis guardados sobre um determinado assunto não podem ser compreendidos como uma relação

diretamente proporcional à importância dada em sua vida, pelo titular. É possível estabelecer um paralelo aqui com o que Bourdieu (1996) evoca sobre a constituição de sentidos de uma biografia: ela é concebida como linear e coerente pelo pacto biográfico desenvolvido por biografado e biógrafo, causando uma ilusão retórica, já que a própria realidade não é contínua e coesa. E nesse caso, sendo necessário uma atenção não apenas para o sentido linear dessa memória, mas também para as estruturas e as redes que permearam essa trajetória.

É preciso, ainda, levar em consideração as interferências externas neste processo de arquivamento e constituição de um acervo institucional e público, como a atuação de secretários e dos próprios arquivistas. Apesar de não haver nenhum indício da organização de terceiros dos documentos de Cardoso de Oliveira antes da doação (pelo contrário, em mais de uma entrevista foi relatado a sua admirável organização pessoal), no caso da instituição de guarda ele foi tratado por pelo menos duas vezes. Essa questão afeta diretamente a ideia, que merece ser problematizada, da vinculação de um arquivo à memória de seu titular, já que “não se organiza um arquivo sem operar exclusões, sem conferir ênfases e sem estabelecer critérios, sempre subjetivos, capazes de ordenar e permitir o acesso dos usuários à documentação” (HEYMANN, 1997, p. 50). Dessa forma, após a doação, o acervo ganha uma vida própria que intercrusa a organização prévia de seu produtor, as organizações subsequentes (por parte de secretários e/ou do próprio arquivo) e ainda passam a ter uma relação com um terceiro sujeito: o próprio usuário das instituições ao dar um novo sentido aquele material.

Ainda que o arquivo de Cardoso de Oliveira não seja sinônimo, ou equivalente, de memória, este é também um esforço de seleção e guarda, bem como uma narrativa que o antropólogo apresenta de sua vida, não muito diferente dos depoimentos que concedeu sobre sua trajetória, alguns dos quais recuperei nesta dissertação. Mesmo que a construção dessa sua autoimagem não seja inteiramente controlada, ela faz parte também de seu projeto de antropologia e está diretamente relacionada com a maneira que o antropólogo desejava que seus esforços fossem lembrados pelas futuras gerações. Esse é mais um ponto que une em certa medida as trajetórias do antropólogo e de Darcy Ribeiro, ambos preocupados com a construção de seus próprios legados e de como seriam lembrados pela história da disciplina, como já sugeri no primeiro capítulo desta dissertação.

A publicação dos diários de campo de Cardoso de Oliveira, alguns anos antes de sua morte, é uma chave também importante para compreender este processo. O antropólogo

afirmou em mais de uma ocasião<sup>121</sup> que os objetivos desta publicação almejavam dois tipos de contribuição: de um lado, responder a uma demanda das próprias sociedades estudadas ao longo de sua carreira de receber os resultados de suas investigações – algo que o antropólogo já havia feito ao enviar seus livros anteriores para essas comunidades. Cardoso de Oliveira acreditava que os Diários serviriam como uma forma de recuperar e divulgar essas informações de forma mais clara às novas gerações dos Terena e dos Ticuna, sobre como eram suas comunidades no decorrer da década de 1950, quando realizou os principais trabalhos de campo.

Por outro lado, essa publicação também seria importante para a própria comunidade da qual Cardoso de Oliveira passou a fazer parte desde que terminara o curso de filosofia no começo da década de 1950, tanto aos antropólogos interessados em um momento histórico particular de sua história, como também a quem estivesse se iniciando na carreira. Era justamente para esse segundo grupo que Cardoso de Oliveira acreditava que o diálogo entre o jovem Roberto e o velho Roberto seria mais fortuito: os comentários feitos nas “margens” do texto, separados por 50 anos de carreira, poderiam elucidar as dúvidas e as dificuldades de um aprendiz de antropólogo em suas primeiras experiências de campo, além de aclarar alguns contextos ausentes em um texto escrito com outra finalidade (como algumas referências ou explicações sobre suas relações); ou mesmo mostrar que é possível uma mudança disciplinar ao longo de uma carreira.

Decidi – e espero ter sido feliz em minha decisão – valer-me simplesmente de diferentes estilos de “fontes”: “normal” para o diário; “*itálico*” para o segundo texto. Em ambos os textos, contudo, perscrutei a memória para nela descobrir tudo aquilo que eu podia considerar como fatos merecedores de registro e dos comentários feitos à margem. Em alguns momentos fiz uso de colchetes [...] para incluir indicações que dispensem o recuso a notas de rodapé. Vale advertir que, em consideração ao leitor, estou reeditando os diários para poupá-lo da leitura de páginas escritas muitas vezes nos joelhos (literalmente falando), portanto, sem qualquer esmero em sua construção textual. Não obstante, se a forma foi retrabalhada, a substância é a mesma, sempre respeitada até mesmo em sua ordem temporal, tal como deve ser um diário [itálico e colchetes no original] (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 20-21).

Há ainda um ponto fundamental referente a essa publicação, que aparece mais nas entrelinhas no livro, mas com mais clareza em alguns depoimentos: essa publicação seria ainda uma espécie de autobiografia de uma parte de sua vida. Alguns indícios sobre esta interpretação

---

<sup>121</sup> Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002 & Vídeo “Os Terena e outros Temas. A Antropologia de Roberto Cardoso de Oliveira”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_dCvBpRmdc](https://www.youtube.com/watch?v=Z_dCvBpRmdc)>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

são apontados quando Cardoso de Oliveira discorre sobre a reticência da publicação de diários por parte dos antropólogos:

Concordo com muitos de meus colegas que diário de campo não é um texto passível de publicação, quer seja por seu caráter de relato provisório, feito apenas como um *aide mémoire* de uso imprevisível, quer seja pelo fato de os dados nele contidos não terem passado pelo crivo analítico da “prática teórica” do pesquisador. Claro que sempre poderão ser aduzidos a essas razões outros argumentos de conformidade com os interesses e a personalidade de quem se posiciona contrário à divulgação de um texto dotado de certa intimidade, quando o foco está mais no etnólogo do que no povo que estuda. No presente caso, procurei equilibrar o registro de minha presença no campo com as observações que pude realizar sobre os Terêna e os Tükúna [itálico no original] (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 13).

Apesar da potencialidade na obtenção de novas informações sobre os Terena e os Ticuna, os Diários nos permite conhecer mais a fundo as dualidades enfrentadas pelo jovem funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI): entrevistas nas formas como um jovem filósofo aspirante a etnólogo enfrentou os desafios da pesquisa de campo. Ou seja, de um intelectual em começo de carreira que ao mesmo tempo que realizava uma pesquisa antropológica também precisava dar conta de diversos conflitos teóricos e éticos, encontrados invariavelmente em trajetórias de sujeitos que lidaram com o indigenismo no Brasil republicado, em determinados momentos de suas atuações (por exemplo, entre seguir as regras estabelecidas pelo governo e construir acordos para sua entrada em campo). Tensões que buscou problematizar teoricamente e que elegeu como objeto de reflexão em suas pesquisas. Como aquelas enfrentadas pelo recém contratado do Museu Nacional que se via frente às dificuldades de financiamento em um contexto de saída do SPI, sem apoio das agências nacionais para as pesquisas nas ciências humanas; e ainda sem ter estabelecido os primeiros contatos com a Fundação Ford, como analisei anteriormente. Através de uma “autobiografia intelectual” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 20), mesmo que compreendendo apenas parte de sua carreira, o antropólogo compartilhou o resultado de uma viagem em torno de sua própria vida e buscou dar pistas de como gostaria que aquelas páginas fossem entendidas. Mesmo que parte substancial do conteúdo publicado seja apenas uma reedição de seus manuscritos de uma maneira mais legível (já que os originais foram escritos à mão e em condições adversas), os comentários às margens indicam uma direção de compreensão controlada por quem as escreve. Mesmo que controlada apenas em partes, já que não é possível saber os rumos que um texto irá seguir após a sua publicação.

Ao tentar dar sentido aos seus aprendizados e experiências anos depois, Roberto Cardoso de Oliveira ainda conseguiu integrar a multiplicidade de elementos que produziu ao longo de sua carreira, compartilhando documentos, depoimentos e o próprio diário de campo. Se em alguma medida todas as pessoas tentam construir uma imagem sobre si mesmas, o antropólogo conseguiu deixar uma série de materiais que nos possibilitam refletir acerca de sua própria visão de atuação na disciplina. É sobre a confluência destas diversas camadas de reflexividade em sua obra, com minhas próprias análises das trajetórias entrecruzadas de Cardoso de Oliveira e seus interlocutores próximos, que o próximo capítulo tratará, a partir do encontro de suas principais temáticas de pesquisa e de sua relação com a América Latina.

### 2.3. Lista de pessoas e instituições

Novamente trago ao final do capítulo, de forma resumida e sistematizada, algumas informações sobre as pessoas citadas ao longo desse trecho para auxiliar o leitor na recuperação de informações – resalto que sujeitos que já aparecerem anteriormente voltam a ser destacados aqui. É importante mencionar que essa relação foi desenvolvida através do percurso de Roberto Cardoso de Oliveira, ou seja, é apenas um recorte da trajetória desses sujeitos e não tem a pretensão de apresentar a totalidade de suas histórias.

#### Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
David Maybury-Lewis	1929-2007	Antropólogo britânico, um dos principais interlocutores de Cardoso de Oliveira desde o Museu Nacional
Mariza Corrêa	1945-2016	Professora e coordenadora do Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB) desenvolvido na instituição
Manuela Carneiro da Cunha	1943-	Foi professora da Unicamp e da USP, foi coordenadora do PHAB em sua fase de elaboração
Margarita Nolasco Armas	1932-2008	Antropóloga mexicana e professora do <i>Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social</i> (CIESAS)

Thomas Kuhn	1922-1996	Filósofo estadunidense, seu trabalho foi inspiração para as pesquisas de Cardoso de Oliveira sobre as raízes da antropologia
Bruce Bushey		Representante da Fundação Ford no Brasil na década de 1980
Guillermo Raul Ruben		Professor da instituição e coordenou junto com Cardoso de Oliveira o projeto Estilos de Antropologia
Marta Francisca Topel		Foi orientada no doutorado por Cardoso de Oliveira na instituição
Verena Stolcke	1938-	Uma das fundadoras do PPGAS da instituição e professora da Universidade de Barcelona
Leonardo Figoli		Professor da Universidade Federal de Minas Gerais e participou do projeto Estilos de Antropologia
Gilles Gaston Granger	1920-2016	Foi professor de Cardoso de Oliveira na USP; seu trabalho inspirou a noção de estilo nas pesquisas sobre os Estilos de Antropologia
Robert Crépeau		Antropólogo canadense, esteve vinculado à instituição na década de 1990 e participou do projeto Estilos de Antropologia
Hebe Vessuri	1942-	Antropóloga argentina, esteve vinculada à instituição na década de 1980 e participou do projeto Estilos de Antropologia
Celso Azzan Jr.		Foi orientado no mestrado e doutorado por Cardoso de Oliveira na instituição
Mariano Báez Landa		Aluno do doutorado na instituição, professor do CIESAS e o responsável mexicano pela Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira
Martha Patricia Ponce Jiménez		Aluna do doutorado na instituição e professora do CIESAS
Carlos Rodrigues Brandão	1940-	Orientando de Cardoso de Oliveira na primeira turma de mestrado da UnB e professor da Unicamp
Michel Maurice Debrun	1921-1997	Filósofo francês, professor da instituição e um dos membros fundadores do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE)
George Zarur	1946-	Antropólogo e um importante interlocutor de Cardoso de Oliveira em relação a América Latina

Guillermo Bonfil Batalla	1935-1991	Antropólogo mexicano e um importante interlocutor latino-americano, com parcerias desde a década de 1960
Peter Fry	1941-	Um dos fundadores do PPGAS da instituição e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Universidade de Brasília (UnB)

Mariza Peirano	1942-	Professora da instituição e participou do projeto Estilos de Antropologia
Stephen Grant Baines		Professor da instituição e participou do projeto Estilos de Antropologia
Roque de Barros Laraia	1932-	Professor da instituição; foi aluno de Cardoso de Oliveira no Museu Nacional
Alcida Rita Ramos	1937-	Professora da instituição; foi aluna de Cardoso de Oliveira no Museu Nacional
Luís Roberto Cardoso de Oliveira	1953-	Professor da Instituição, foi diretor do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) e é filho de Roberto Cardoso de Oliveira

### Outros

Maurício Vinhas de Queiroz	1921-1996	Sociólogo, fotógrafo e colega de estudos marxista de Cardoso de Oliveira; participou de uma expedição aos Ticuna em 1959
Otávio Velho	1941-	Foi orientado por Cardoso de Oliveira no mestrado e é professor do Museu Nacional
Darcy Ribeiro	1922-1997	Fundador e diretor do Museu do Índio; foi secretário da ABA na diretoria que Cardoso de Oliveira foi tesoureiro

### Capítulo 3: As relações com a América Latina e a união de dois projetos acadêmicos

No fundo – eis uma das revelações da morte – Roberto nos ensinava a trabalhar para as causas perdidas, as únicas que valem a pena lutar: o estudo desinteressado das sociedades tribais, o ensino honesto de teoria social, a luta infindável contra o obscurantismo e a ignorância, o amor pela vida acadêmica, apesar das condições pífias da vida universitária no Brasil. De sua boca – vejam que espanto! –, ouvi muitas vezes: “Eu estava estudando”, dito com o candor do aprendiz para quem cada livro é um tesouro (Roberto DaMatta).<sup>122</sup>

O argumento central desse capítulo se constrói ao olharmos para a experiência de Roberto Cardoso de Oliveira com a América Latina, e especialmente com o México, como uma síntese dos vários eixos de sua atuação profissional, principalmente de seu trabalho teórico e esforço de aglutinar profissionais da região ao redor de questões que considerava cruciais na prática antropológica. Para isso, começo minha análise deste capítulo recuperando sua trajetória voltada para a América Latina (“3.1. Caminhos de um projeto latino-americano de antropologia”), que tem na parceria com Bonfil Batalla, um condutor importante no desenvolvimento dos projetos que envolveram Cardoso de Oliveira. Em seguida (no item “3.2. A união de dois projetos pessoais”), apresento como são incorporados os dois grandes temas da pesquisa de Cardoso de Oliveira na região: primeiro, o desenvolvimento de seu trabalho sobre relações étnicas e como se deu a recepção do mesmo em um México pluriétnico, mas que teve grandes influências do marxismo na produção da antropologia até a década de 1990 (“3.2.1. As relações interétnicas e a antropologia mexicana no final do século XX”). Por fim, dedico a parte final do capítulo à uma análise sobre como seu trabalho referente às antropologias periféricas está diretamente vinculado à preocupação do intelectual brasileiro em incentivar uma rede de

---

<sup>122</sup> DAMATTA, 2009, p. 56. Apesar de DaMatta não mencionar explicitamente os esforços de Cardoso de Oliveira em desenvolver uma integração entre as antropologias latino-americanas e refletir sobre as experiências locais de produção da disciplina, esses pontos vão de encontro com o que foi mencionado no trecho sobre os ensinamentos do antropólogo mais velho. Como buscarei mostrar ao longo do capítulo, a atuação de Cardoso de Oliveira na região permite localizar uma imbricação de seus grandes temas de pesquisa, assim como um alargamento de seu projeto de disciplina em uma esfera continental.

intercâmbios e de cooperação entre antropólogos da América Latina (“3.2.2. Rede latino-americana e antropologias periféricas”). Mais uma vez, trago ao final, no item 3.3, uma lista de sujeitos e de instituições para auxiliar na recuperação das informações que foram mencionados ao longo do texto.

Esse capítulo é, desta forma, uma tentativa de refletir, através de uma análise do pioneirismo de Cardoso de Oliveira, neste período, em estabelecer essas relações profissionais e pessoais, bem como os projetos de cooperação entre diversas instituições brasileiras e estrangeiras, sobre um aspecto pouco explorado de sua trajetória e da própria antropologia produzida no Brasil, principalmente no contexto das últimas décadas no século XX, mas que tem nas conexões entre projetos antropológicos nacionais e políticas indigenistas divergentes, entre Brasil e México, um campo profícuo de investigação sobre o alcance e a influência da obra deste intelectual.

### **3.1. Caminhos de um projeto latino-americano de antropologia**

Antes de abordar como se iniciou e se desenvolveu a relação de Cardoso de Oliveira com a América Latina, vou percorrer meu próprio caminho em busca de como se deu esse encontro. Desde o começo da pesquisa, a região e o México apareciam ao longo do percurso, seja através do texto do antropólogo e de sua reflexão sobre as antropologias periféricas, seja através das muitas cartas trocadas com intelectuais mexicanos, como Guillermo Bonfil Batalla, María Eugenia Vargas e Virginia García Acosta, e que estão depositadas no AEL – para citar alguns dos sujeitos que apresentarei em seguida.

Dessa forma, através do que havia encontrado nos documentos do fundo Roberto Cardoso de Oliveira decidi ir em busca de seus rastros, a partir do lugar onde o antropólogo teve uma maior ligação, o México. Essa ligação foi materializada anos depois da passagem do antropólogo pelo país, através da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, que tem como objetivos promover eventos científicos, o intercâmbio de pesquisadores e incentivar pesquisas nas áreas de investigação do autor, como indigenismo, relações interétnicas, história da antropologia na América Latina e de itinerários intelectuais e antropologia do saber<sup>123</sup>. Foi em conversa tanto com Nashieli Rangel Loera, professora da Universidade Estadual de Campinas e responsável

---

<sup>123</sup> Dados disponíveis no site da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/antropologia/catedra>>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

pelo lado brasileiro da Cátedra, quanto com Mariano Báez Landa, professor do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS) e responsável pelo lado mexicano, que descobri que poderia haver documentos de Cardoso de Oliveira no CIESAS, fruto principalmente de sua estadia como professor visitante da instituição, mas também de suas muitas viagens.

Foi assim que segui para o país, através da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e entrei em contato com o Fundo de Guillermo Bonfil Batalla, que está depositado no arquivo histórico do CIESAS, localizado na biblioteca Ángel Palerm na unidade regional da Cidade do México. O arquivo foi criado recentemente, em 2017, e contava apenas com dois fundos documentais de acesso ao público: de Bonfil Batalla e de Ángel Palerm (1917-1980), ambos fundadores da instituição mexicana. Entretanto, o arquivo estava também finalizando a organização dos documentos institucionais do próprio CIESAS. O Fundo Guillermo Bonfil Batalla contém 2437 documentos divididos em 122 pastas e a descrição de seu conteúdo está disponível na base de dados da biblioteca<sup>124</sup>; porém seus livros foram doados para outra unidade regional, o CIESAS-Golfo (localizado na cidade de Xalapa, no estado mexicano de Veracruz).

A unidade regional do CIESAS da Cidade do México fica em Tlalpan, na região sul da cidade – local onde eu morei durante parte de minha estadia ao país. A unidade é composta por três diferentes prédios, e a biblioteca anexa a um deles (apesar estarem ligados internamente, há duas entradas separadas, sendo a da biblioteca mais escondida, em uma estreita rua). É preciso se identificar na porta (em caso de visitantes, é necessário deixar um documento na portaria) e assinar um livro de presença, informando nome, filiação institucional, destino (no meu caso o arquivo), hora de entrada e de saída. Para chegar ao arquivo é necessário passar pela primeira parte da biblioteca, depois por uma espécie de jardim de inverno, então caminhar novamente pelo espaço da biblioteca, e, enfim, chegar à porta do arquivo. Este era composto por uma sala com muitas estantes e caixas, e algumas mesas quase todas ocupadas: ou por equipamentos de trabalho das duas arquivistas que trabalham ali, ou por mais caixas e documentos. Diferente do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, era naquela sala que ocorria parte do processamento técnico, mas também onde está localizada a direção do arquivo, bem como onde é feita a guarda de documentos e o atendimento aos pesquisadores. Acredito que

---

<sup>124</sup> Na página não está disponível a classificação e subdivisão do fundo, mas é possível buscar pelo tema desejado em todo o sistema bibliotecário e arquivístico da instituição. Disponível em: <<http://aleph.ciesas.edu.mx/F/XX1D4SXAJCV2JKNA8BPVSEATAIBA3S4KG2YAC8E8RQTSIGM7BP-12969?func=find-b-0>>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

havia ainda uma outra sala onde estava ocorrendo o processamento dos documentos institucionais do CIESAS, mas não tive contato com esse outro espaço. De qualquer forma, o arquivo da instituição é bastante modesto, em espaço, acervo e recursos.

Passei mais de um mês consultando os documentos quase todos os dias. Na primeira semana em que estive lá, em uma mesa improvisada (era o local de trabalho de uma antiga funcionária que não estava mais no arquivo), onde eu dividia o pequeno espaço com alguns objetos da instituição, como um computador e um telefone. Já na semana seguinte à minha chegada, me foi disponibilizado uma mesa maior e livre para que eu pudesse trabalhar o tempo que estivesse lá. Para acessar os documentos eu precisava previamente selecionar na base de dados da biblioteca as pastas que gostaria de consultar, através de uma busca (não havia uma descrição do Fundo nem no sistema da biblioteca ou no arquivo): a princípio procurei pelo próprio Roberto Cardoso de Oliveira – e então descobria em que pastas havia documentos referentes a ele, e depois, à medida que me familiarizava com o acervo e sua organização, identificando nomes que poderiam estar associados ao antropólogo brasileiro, fui seguindo algumas outras pessoas, instituições e eventos que se relacionavam à sua trajetória no México. Com esses dados em mãos, eu solicitava as pastas que desejava consultar naquele dia para uma das funcionárias, que em seguida me entregava todas as que eu desejava – não havia um limite de quantidade que eu poderia consultar de uma vez e não me foi solicitado utilizar máscara ou luvas para manusear os documentos, como costuma ser o caso em arquivos públicos. É importante ressaltar que em todos esses dias não houve nenhum outro pesquisador no local consultando o acervo. Talvez a baixa circulação de pessoas no arquivo, bem como o fato de ser um espaço novo, fizessem com que não houvesse regras muito rígidas de como realizar pesquisa com a documentação. Entretanto, chamo atenção para esta questão porque, tanto no arquivo do CIESAS, como no AEL, ainda por diferentes motivos, eu tive um acesso facilitado ao material. Do ponto de vista pragmático isso significou uma pesquisa mais ágil, mas acredito que este contato com o acervo, sem grandes mediações, como normalmente é o caso, além de usufruir de um conhecimento completo do funcionamento do arquivo, possibilitaram uma reflexão mais detida sobre as implicações do arquivamento e da institucionalização de um conjunto documental de um intelectual como Roberto Cardoso de Oliveira. Isto certamente me possibilitou ter uma noção mais clara do escopo e tamanho destes acervos, bem como sua posição no interior do conjunto de fundos dos arquivos.

Com o contato com esses documentos e com conversas com Mariano Báez Landa, que foi meu supervisor no exterior, comecei a esboçar uma lista de pessoas que haviam tido

uma relação com Cardoso de Oliveira no México. E de forma análoga ao que realizei no Brasil, fui perguntando em cada entrevista sugestões para possíveis outros interlocutores com quem poderia conversar. Dessa forma, Teresa Rojas Rabiela, professora do CIESAS e a primeira entrevistada, teve um papel fundamental para o mapeamento dessa rede, além de compartilhar comigo o terceiro fundo documental que trabalhei nessa pesquisa: parte do acervo particular da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA). Antes de falar sobre este arquivo, é importante mencionar que Rojas Rabiela desde o início de nossa conversa insistia em minimizar a potencialidade de sua contribuição para a minha pesquisa, mesmo que logo eu fosse descobrir que ocorria justamente o oposto. Ela acreditava que não tinha muito a contribuir com a pesquisa e afirmou que seu contato com o antropólogo brasileiro foi muito breve (ainda que eles tenham trabalhados juntos na ALA e que seja possível encontrar várias cartas no Fundo Roberto Cardoso de Oliveira tanto dirigidas a ela, como também se referindo a antropóloga para outros colegas de forma amistosa). De qualquer maneira, esse contato foi extremamente importante para o meu entendimento inicial de alguns aspectos dessa rede e do compartilhamento generoso que a antropóloga fez não apenas dos documentos, mas também do contato de vários colegas.

Durante esse encontro, Rojas Rabiela me contou que guardou por muitos anos parte da documentação da ALA, principalmente das duas primeiras gestões, já que ela foi a secretária geral entre 1993 e 1997, enquanto Cardoso de Oliveira era o presidente, e havia recebido a documentação do primeiro secretário Antonio Augusto Arantes (1943-)<sup>125</sup> (irei abordar a criação e o desenvolvimento da Associação mais adiante). Em 2015, esse acervo foi digitalizado e doado para o arquivo do *Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales* (CEAS) durante a presidência da antropóloga Laura Valladares de la Cruz<sup>126</sup>, deixando Rojas Rabiela com a cópia digital desses papéis. O fundo está dividido em duas caixas: a primeira subdividida em 12 pastas e a segunda em 7, totalizando em 636 documentos textuais.

Aqui, diferente dos outros arquivos que tive contato, os documentos não passaram por uma ordenação junto a uma instituição de guarda e seguem a organização dada por quem utilizou esses papéis (já que a digitalização manteve a lógica de arquivamento da titular). Ou seja, os papéis estavam ordenados a partir da própria lógica de organização e/ou de uso de Rojas

---

<sup>125</sup> Antonio Augusto Arantes Neto é professor titular aposentado da Unicamp e foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia, entre 1988 e 1990, bem como do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre 2004 e 2005. Suas pesquisas estão voltadas à área de patrimônio cultural e cultura popular. Foi, junto com Peter Fry e Verena Stolcke, fundador do Departamento de Antropologia da Unicamp, bem como do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma instituição.

<sup>126</sup> Antropóloga mexicana, professora da *Universidad Autónoma Metropolitana* (UAM), com pesquisas sobre movimentos, organizações e direitos indígenas no México.

Rabiela. Além disso, foi minha primeira experiência em acessar documentos digitais. Nesse caso, o estranhamento se deu menos pelo seu caráter tecnológico (visto que eu utilizo com frequências fotos e tabelas em minha experiência com arquivos), mas como relacionar aquela imagem para além de seu próprio conteúdo? Esta pesquisa, com um arquivo em que a materialidade (ou a falta dela) parecia se impor como uma questão crucial, colocou minhas investigações com os outros dois acervos sob uma nova perspectiva. Algumas reflexões, sobre a própria trajetória dos conjuntos de documentação, sua organização e a forma como os acessei para minha pesquisa, me colocaram questões estruturantes. Como perceber as relações que permearam esse conjunto documental e como o arquivamento atuou nesse caso específico (Cf. CUNHA, 2005; DIRKS, 20115)? Como não focar em uma análise apenas do conteúdo dos documentos quando os contextos de arquivamento e a instituição de guarda não estão fisicamente presentes nesse contato (Cf. Stoler, 2018)? Ao final, me defrontar com essas questões me fez pensar sobre a forma com que eu usaria esses documentos ao longo de minha pesquisa, bem sobre como fazer com que os papéis estivessem presentes e dialogando com o desenvolvimento da dissertação, ao mesmo tempo que não fossem apenas meras ilustrações de um argumento. Feitas estas considerações sobre alguns dos desafios impostos durante minha pesquisa sobre dois acervos no México, que poderiam me contar mais sobre a experiência de Roberto Cardoso de Oliveira neste país, passo agora à análise do lugar do pensamento do autor sobre a antropologia praticada na América Latina.

\*\*\*\*\*

A inserção de Roberto Cardoso de Oliveira em debates que envolviam a América Latina inicia-se na década de 1950. Como visto no primeiro capítulo, nesse período o antropólogo estava atuando no Museu do Índio (e posteriormente no Museu Nacional). Desta forma, é possível supor que essa inserção tenha também tido influência da atuação e dos interesses de Darcy Ribeiro nesta região. Afinal, é preciso lembrar que este o convidou para trabalhar na instituição carioca e ambos colaboraram de forma bastante próxima neste momento, certamente discutindo sobre a prática antropológica e o indigenismo no Brasil e em outros contextos nacionais. Ribeiro tinha grande interesse pelo assunto e pela região, o que foi ainda aumentado por sua experiência em diversos países da América Latina durante seu exílio, já que “as várias experiências vividas por Darcy Ribeiro na América Latina fizeram concretizar-se em seu pensamento um ideal utópico-revolucionário ao qual ele acreditava corresponder

alguns movimentos importantes no continente” (MATTOS, 2007, p. 303). Essa convivência com outras realidades latino-americanas em um momento de efervescência política em vários dos países da região transformou o pensamento de Ribeiro, o que em partes causou os atritos já mencionados no capítulo 1 sobre as críticas proferidas por ele à antropologia produzida nas universidades no Brasil.

Retomando a inserção de Cardoso de Oliveira nos debates da região, inicialmente o antropólogo começa a participar de alguns eventos científicos internacionais que tinham como fórum de debates justamente este continente, como o Congresso Indigenista Interamericano, bem como os Congressos Internacionais de Americanistas – nesse período, ambas iniciativas focadas em discussões sobre as populações indígenas da região –, além de reuniões de investigação e ensino de antropologia, em escala não restrita ao Brasil – ainda que esses espaços não estivessem circunscritos apenas à América Latina, foi nestes que importantes alianças se firmaram e construíram importantes redes posteriormente. É ainda nesses fóruns acadêmicos que muitas vezes eram dedicados a debater como o ensino da disciplina se constituía em diferentes lugares, que Cardoso de Oliveira já refletia acerca das questões que passa a desenvolver nas décadas seguintes, quanto aos estilos de antropologias e às diferenças entre os países centrais e periféricos (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988; 1995; 1998), como abordei no início desta dissertação.

Foi em um desses espaços que a relação com um dos principais interlocutores latino-americanos também se iniciou, e conseqüentemente, com o país da região em que mais atuou, além do Brasil. O contato com o México, e com Bonfil Batalla em especial, começou durante o VI Congresso Indigenista Interamericano realizado em Pátzcuaro, cidade do estado de Michoacán no México, em 1968 (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995)<sup>127</sup>. A partir deste momento, Cardoso de Oliveira passou pelo menos as duas décadas seguintes<sup>128</sup> indo ao país a cada dois anos, às vezes aproveitando uma viagem para os EUA, participando de outros eventos ou apresentando alguma conferência no país, frequentemente tendo Bonfil Batalla como um interlocutor privilegiado nestas ocasiões.

---

<sup>127</sup> Texto apresentado na mesa redonda da XIX Reunião Brasileira de Antropologia de 1994, intitulado “Organização do ‘Campo Antropológico’ Latino-Americano” e publicado no Boletim Plural da ALA, em 1995. O documento faz parte do arquivo da Associação (*Plural: Boletín de la Asociación Latinoamericana de Antropología*, n. 4. Abril de 1995 – Arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia – caixa 1 – pasta *boletín plural*).

<sup>128</sup> Depois desse período, as visitas foram ocorrendo com um intervalo maior de tempo. Dentre os documentos dos três fundos consultados consegui localizar viagens até o final da década de 1990. Após esse período, Cardoso de Oliveira estava diminuindo sua frequência de viagens de modo geral.

Por duas vezes os dois antropólogos trabalharam na mesma instituição: no Brasil, Bonfil Batalla foi professor visitante no Museu Nacional em 1970, logo depois de terminar seu doutorado, onde ministrou duas disciplinas sobre América Latina, *Antropología Social y Política de México y Centroamérica*” e “*Indigenismo en América Latina*”, tendo sido um dos primeiros professores visitantes do mestrado em antropologia (Imagem 10). A amizade e a parceria entre os dois antropólogos ainda eram recentes, assim como ainda estavam iniciando suas experiências latino-americanas. Entretanto, a vinda de Bonfil Batalla para o Brasil foi importante para o desenvolvimento desses debates na instituição carioca, assim como para a experiência do próprio antropólogo mexicano de viver em um outro país da região.

Já Cardoso de Oliveira, é preciso informar que foi professor visitante do *Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia* (CIS-INAH) em 1979 e 1980 e ministrou diversas aulas e palestras que indicam os focos de seus interesses neste período, como uma aula intitulada “*Identidad étnica y etnicidad*” (Cf. *Noticias del CIS-INAH*<sup>129</sup>). É importante mencionar que foi principalmente durante sua estadia no México que Cardoso de Oliveira criou um laço com vários antropólogos do antigo CIS-INAH, atual *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS), os quais foram seus principais interlocutores no país, algo que será desenvolvido adiante. Esse foi o período que o antropólogo lecionou e permaneceu mais tempo no México; houve ainda uma tentativa de voltar a lecionar na instituição no início dos anos de 1990, com uma disciplina de curta duração acerca das Epistemologias da Antropologia, porém acredito que não foi concretizada<sup>130</sup>. Essa viagem teria ainda o intuito de investigar de mais perto o estilo de antropologia mexicano – seu interesse de pesquisa no momento –, que ele acreditava residir na questão do indigenismo e do Estado. Além disso, pretendia encontrar um pesquisador interessado em colaborar com o projeto realizado na Universidade Estadual de Campinas.

---

<sup>129</sup> V. 2, n. 3 (9), maio-julho de 1979 (*Identidad étnica y etnicidad*); v. 2, n. 4(10), agosto-outubro de 1979 (III. *Seminario del Dr. Roberto Cardoso de Oliveira*); v. 3, n. 1(2), janeiro-fevereiro de 1980 (VI. *Partida del Dr. Cardoso de Oliveira a Brasil*) – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – caixa 101 – fôlio 1741).

<sup>130</sup> Apesar de não haver localizado uma carta afirmando o cancelamento da viagem, a sua ida não aparece retratada em nenhuma das correspondências daquele período no Fundo Roberto Cardoso de Oliveira, tampouco no seu currículo da década de 1990 disponível no acervo da Associação Latino-Americana de Antropologia (caixa 1, pasta *Mesa directiva 1993-1996*) ou em seu currículo lattes (atualizado até 3 de julho de 2006 – poucos dias antes de sua morte) – Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7782864458218464>>. Acesso em: 31 de agosto de 2020.

13

Diciembre 6 de 1969.

DR. ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA  
 Museu Nacional  
 Quinta de Boa Vista  
 20-08  
 Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil.

Estimado Roberto,

Espero que esta carta te llegue a mediados de diciembre, como te lo había ofrecido.

Resulta que he hecho los cálculos más cuidadosos en relación con mis tareas pendientes, especialmente la tesis de Doctorado y con un informe de investigación que debo entregar a Fals-Borda. Considerando objetivamente el tiempo disponible, me encuentro con que sería absolutamente imposible para mí el haber terminado todo antes de mayo. En esas condiciones no puedo aceptar tu invitación para marzo, pero estoy en la mejor disposición y con el mayor interés por aceptarla para agosto si, como me habías dicho, para tus planes no hay un obstáculo mayor en ello.

Si fuera posible posponer la invitación para el semestre que comienza en agosto, me gustaría saberlo con alguna anticipación, a fin no sólo de establecerme un calendario adecuado de trabajo, sino también para preparar con todo el cuidado que merece los seminarios que habría de dirigir en Rio.

A este respecto he pensado que podría anunciarse un seminario sobre México y Centroamérica, antropología social con énfasis en el tema de antropología política. El otro que me interesaría podría titularse Antropología aplicada: el indigenismo en América Latina (o tal vez, en América). Los dos son temas que me interesan hoy; del segundo conozco algo, aunque necesitaría algún tiempo para llenar lagunas. En cuanto a la antropología política de México y Centroamérica, como te conté, es un aspecto que me interesa, pero para el que hay poco material elaborado, de tal forma que sería cosa de estudiar materiales monográficos y extraer de ellos lo que fuese pertinente para el problema de la estructura política. Al mismo tiempo, el seminario permitiría dar a los estudiantes una visión general de la antropología social de estas latitudes. ¿Cómo verías estos temas? Por supuesto, tú eres quien en última instancia debes decidir, ya que los seminarios deben ser realmente útiles dentro del plan general del Doctorado. En esas condiciones -y siempre que haya la posibilidad de transferir la invitación para agosto- te agradeceré cualquier sugerencia al respecto.

Espero pronto noticias tuyas. Un fuerte abrazo,

Guillermo Bonfil

Imagem 10: Carta de Guillermo Bonfil Batalla a Roberto Cardoso de Oliveira – 6 de dezembro de 1969.<sup>131</sup>

<sup>131</sup> Arquivo do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social – Fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 32 – fólho 783.

Diciembre 6 de 1969

DR. ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

Museu Nacional

Quinta de Boa Vista

2C-08

Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil.

Estimado Roberto,

Espero que esta carta te llegue a mediados de diciembre, como te lo había ofrecido.

Resulta que he hecho los cálculos más cuidadosos en relación con muy tareas pendientes, especialmente la tesis de Doctorado y con un informe de investigación que debo entregar a Fals-Borda. Considerando objetivamente el tiempo disponible, me encuentro con que sería absolutamente imposible para mí el haber terminado todo antes de mayo. En esas condiciones no puedo aceptar tu invitación para marzo, pero estoy en la mayor disposición y con el mayor interés por aceptarla para agosto si, como me habías dicho, para tus planes no hay un obstáculo mayor en ello.

Si fuera posible posponer la invitación para el semestre que comienza en agosto, me gustaría saberlo con alguna anticipación, a fin no sólo de establecerme un calendario adecuado de trabajo, sino también para preparar con todo cuidado que merece los seminarios que habría de dirigir en Rio.

A este respecto he pensado que podría anunciarse un seminario sobre México y Centroamérica, antropología social con énfasis en el tema de antropología política. El otro que me interesaría podría titularse Antropología aplicada: el indigenismo en América Latina (o tal vez, en América). Los dos son temas que me interesan hoy; del segundo conozco algo, aunque necesitaría algún tiempo para llenar lagunas. En cuanto a la antropología política de México y Centroamérica, como te conté, es un aspecto que me interesa, pero para él hay poco material elaborado, de tal forma que sería cosa de estudiar materiales monográficos y extraer de ellos lo que fuese pertinente para el problema de la estructura política. Al mismo tiempo, el seminario permitiría dar a los estudiantes una visión general de la antropología social de estas latitudes. ¿Cómo verías estos temas? Por supuesto, tú eres quien en última instancia debes decidir, ya que los seminarios deben ser realmente útiles dentro de plan general del Doctorado. En esas condiciones – y siempre que haya la posibilidad de transferir la invitación para agosto – te agradeceré cualquier sugerencia al respecto.

Espero pronto noticias tuyas. Un fuerte abrazo,

Guillermo Bonfil<sup>132</sup>

Foi ainda em virtude desse período de docência no final da década de 1970 que Cardoso de Oliveira escreveu primeiramente um artigo resultante de sua experiência no país intitulado “*Etnia e estrutura de classes: a propósito da identidade e etnicidade no México*”

---

<sup>132</sup> Nessa carta Bonfil Batalla menciona um trabalho realizado para o sociólogo colombiano Orlando Fals-Borda (1925-2008) e o desenvolvimento de sua tese de doutorado, defendida em 1970. Além disso, é importante ressaltar os interesses em comum do antropólogo mexicano e de Cardoso de Oliveira nesse período, voltados para o indigenismo, e mais especificamente, como a relação estabelecida por ambos os inseriam no próprio campo de comparação e de discussão entre as experiências latino-americanas.

(1981)<sup>133</sup>. Mais tarde, este foi incorporado como um capítulo novo da tradução ao espanhol do livro *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, publicado em 1992 pela editora do CIESAS, que nessa versão foi intitulado *Etnicidad y Estructura Social*. Posteriormente, o livro foi republicado em 2007 na coleção *Clásicos y Contemporáneos en Antropología Social*, uma parceria do CIESAS, da *Universidad Autónoma Metropolitana (UAM)* e da *Universidad Iberoamericana*, que tem como objetivos republicar ou traduzir importantes obras de antropólogos de outros países, diversificando a origem dessas antropologias para os leitores mexicanos. Em um rascunho para o Prefácio a Edição Mexicana do livro, Cardoso de Oliveira discorreu sobre sua relação com o México, destacando questões importantes para refletir sobre a importância deste intercâmbio na trajetória do autor:

É uma satisfação a qualquer autor ser traduzido a um idioma estrangeiro. Mas neste caso a satisfação possui um significado a mais. O México sempre mereceu de minha parte uma atenção especial. Não apenas pelas afinidades intelectuais e profissionais com meus colegas mexicanos, mas também pelas características de nossos respectivos países: uma semelhança, como a de possuir um extenso território e situar-se no terceiro mundo, com uma economia dependente e periférica; outras, radicalmente distintas, como a de registrar um alto contingente indígena, identificado pelo censo como estando em torno de 12% a 15% relativamente a população nacional, ao contrário do Brasil com um montante indígena entre 0,12% a 0,15%, numa estimativa das mais otimistas; ademais, há de se mencionar ainda a existência de uma considerável parcela do setor rural da sociedade mexicana como sendo portadora de formas culturais indígenas, pouco se diferenciando do índio propriamente dito senão pelo uso doméstico do idioma espanhol e pela afirmação de uma identidade mestiça, de “gente de razón”. Por esse motivo, desde que conheci o México, em 1968, até o presente, com visitas intermitentes quase de dois anos, sempre procurei estabelecer planos de cooperação entre os dois países, de sorte a procurar estendê-los contrastivamente com referência à problemática das relações interétnicas e das ideologias por elas geradas (Prefácio à Edição Mexicana – Roberto Cardoso de Oliveira. 18 de dezembro de 1979 – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – Fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 81 – fôlio 2131).

É possível perceber uma lacuna temporal entre a escrita do documento acima (feito ao final de sua estadia no México em 1979) e a publicação efetiva da edição mexicana (em 1992). Inclusive, esse esboço da década de 1970 não chegou a ser efetivamente publicado, mas, diferente de sua versão posterior, este texto demonstra mais enfaticamente as conexões estabelecidas com o país e com a antropologia mexicana. Junto à documentação do fundo de Roberto Cardoso de Oliveira, como na de Guillermo Bonfil Batalla, há diversos pedidos do antropólogo brasileiro para que seus colegas mexicanos intercedessem nesse atraso e na

---

<sup>133</sup> Publicado no Anuário Antropológico 79, junto a um texto de Bonfil Batalla, intitulado “*El Pensamiento Político de los Indios en America Latina*”.

publicação de um outro livro, resultado do evento *Etnicidad e Identidad Etnica en América Latina* (que teria o mesmo título do simpósio) organizado na Cidade do México em 1974 no Congresso Internacional de Americanistas. Cardoso de Oliveira era o organizador e autor de dois capítulos da obra, além da contribuição de antropólogos da Bolívia, Peru, Brasil, Equador, Guatemala e México. As duas iniciativas foram acordadas durante o período que esteve como professor visitante do CIS-INAH (inclusive documentados pelo Boletim da instituição, *Noticias del CIS-INAH*<sup>134</sup>).

Ainda referente à publicação de *Etnicidad y Estructura Social*, a versão brasileira do livro trazia uma homenagem a Darcy Ribeiro, que a pedido de Cardoso de Oliveira foi retirada da publicação mexicana. A alteração foi informada em carta a Virginia Molina Ludy, que foi professora do CIESAS e realizou intercâmbio na Universidade de Brasília, no período que Cardoso de Oliveira era professor da instituição. Entretanto, opto por não transcrever todo o seu argumento, já que Cardoso de Oliveira havia pedido sigilo dos motivos dessa mudança, bastando assinalar que a diferença entre as publicações nos dois países era devida à intervenção de Roberto Cardoso de Oliveira. Mesmo não sendo o caso de expor tais razões, por pedido expresso do antropólogo, é importante notar, como foi apresentado no primeiro capítulo, que as críticas de Darcy Ribeiro ao Museu Nacional e à forma como a disciplina estava sendo produzida no país não foram de todo ignoradas e tiveram alguns efeitos importantes, como a preocupação com a forma como certos debates eram apresentados e quais as redes de interlocução que resultassem em certas publicações eram explicitadas.

Além da experiência docente e das conferências e aulas proferidas no México, Cardoso de Oliveira trabalhou em dois projetos na região da Meseta Tarasca, localizada em Pátzcuaro – justamente o primeiro lugar em que esteve no país. O primeiro, intitulado “*Proyecto Rescate del Patrimonio Cultural de los Tarrascos*”, foi financiado pelo *Instituto Nacional de Antropología e Historia* (INAH) e pela Organização dos Estados Americanos (OEA), tendo sido iniciado em 1973 e contado com a colaboração de diversos intelectuais, entre eles María Eugenia Vargas, mais conhecida como Nina Vargas, que fez sua tese de doutorado, intitulada “*Ideología y educación entre los Tarascos*” (1985)<sup>135</sup> sob a orientação de Bonfil Batalla e Cardoso de Oliveira no CIESAS. O projeto se inseria em seus estudos de fricção interétnica e

<sup>134</sup> V. 3, n. 1 (2), janeiro-fevereiro de 1980 (VI. *Partida del Dr. Cardoso de Oliveira a Brasil. 1980* – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – caixa 101 – fôlio 1741).

<sup>135</sup> Uma reflexão sobre a região, feita através do trabalho de Vargas, aparece no artigo “Etnia e estrutura de classes: A propósito da Identidade e Etnicidade no México” (1979). A figura central de ambos os textos, tese e artigo, está no promotor bilíngue que auxiliou a antropóloga em sua pesquisa, e que permite o acesso à contradição da relação indígena/mestiços, através da dominação e da configuração de uma minoria étnica.

tinha uma influência grande do trabalho de Fredrik Barth que, como já destacado no capítulo 1 desta dissertação, foi também importante referência para o antropólogo brasileiro à época em que estava interessado da discussão desta temática. O antropólogo brasileiro atuou como assessor científico no projeto e realizou trabalho de campo, além de estar vinculado à pesquisa que Vargas desenvolvia na região sobre educação indígena. Cardoso de Oliveira tentou articular a participação de Carlos Rodrigues Brandão na investigação, em 1974, mas o governo militar brasileiro não concedeu autorização para o antropólogo viajar, sem com isso perder seu cargo como professor na Universidade Federal de Goiás. Desta forma, essa parceria não foi concretizada. Porém, Brandão me contou em entrevista algumas informações que recebeu a época e que é importante analisar aqui:

Era um projeto que envolvia a Escandinávia, e a equipe do Fredrik Barth, ao México. Eu me lembro que a pessoa interlocutora era a Nina Stavenhagen, esposa do Rodolfo Stavenhagen, e o Roberto, um tripé. E justamente seria um conjunto de pesquisas, sobre essa questão que estava na ordem do dia, de identidade, tudo isso, na Meseta Tarasca, que é uma região no centro do México, dos índios purépecha, onde eu morei, por isso também que me chamaram (Depoimento de Carlos Rodrigues Brandão à autora, Campinas, 16 de maio de 2019).<sup>136</sup>

É importante mencionar que eu não encontrei a menção direta a Barth em nenhum outro documento ou entrevista realizada na pesquisa, mas também encontrei poucas informações referentes ao projeto. Para entendê-lo foi necessário cruzar documentos de diferentes instituições e algumas entrevistas e preencher algumas lacunas que, entretanto, pareciam apontar para estas relações e influências cruzadas. Acredito que um outro antropólogo norueguês, Henning Siverts (1928-2001), tenha participado da pesquisa. Entretanto, mais do que saber exatamente como se desenvolveu essa iniciativa, esse ponto me permite ainda aclarar mais uma questão sobre minha própria pesquisa: é evidente que, além de lacunas, essa investigação se confrontou em alguns momentos com informações divergentes. Entretanto, é preciso dizer que, se é importante uma recuperação a mais fidedigna possível de acontecimentos e eventos passados, não é minha intenção produzir uma análise definitiva sobre estes processos; nem os documentos e nem a recuperação das narrativas por parte de meus interlocutores almejam capturar uma verdade absoluta do que aconteceu. Ao invés disso, visou debruçar-me em uma reflexão sobre como essa história é construída a partir da articulação de outras fontes

---

<sup>136</sup> Nina Stavenhagen é na realidade Nina Vargas – nesse período ela era casada com o antropólogo Rodolfo Stavenhagen (apresentado mais adiante). Além disso, Brandão morou na região na década de 1960, depois de formado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e antes de iniciar seu mestrado na Universidade de Brasília, atuando em um centro da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

que possam contribuir com uma historiografia da antropologia. Especialmente em relação à atuação de Cardoso de Oliveira no México há menos consensos, o que é compreensível, já que se trata de um período menos explorado de sua trajetória – seja por outros antropólogos ou por ele mesmo. Isto certamente não impede, de nenhuma maneira, essa reflexão. Mas julgo ser importante pensar sobre os sentidos conferidos à história: desde o que é escolhido como importante para ser lembrado (e tornado arquivo), até as formas como as narrativas históricas são constituídas pelos sujeitos.

Retomando aos projetos desenvolvidos por Cardoso de Oliveira no México, é preciso lembrar que o segundo destes ocorreu junto ao *Programa de Formación Profesional de Etnolingüística*, que era conduzido pelo CIS-INAH, com convênio com o Instituto Nacional Indigenista (INI). Sobre esse projeto, Miguel Alberto Bartolomé<sup>137</sup> discorreu durante a entrevista feita para a pesquisa que:

Sí, este fue un programa de formación de etnolingüístas creado por el CIESAS de Guillermo Bonfil y por el INI de Salomón Nahmad, que en esta época dirigía la institución, que estaba dedicado a formar etnolingüístas, con la condición que los estudiantes fueran indígena y hablantes de lenguas. Era un intento de reemplazar al Instituto Lingüístico de Verano, de los protestantes, con lingüístas indígenas. Entonces esos estudiantes estaban como internados en Pátzcuaro, tenían una sede universitaria y tenían profesores de alta calidad. Incluso mi esposa [Alicia Barabas] y yo tomamos exámenes de graduación a estos estudiantes de licenciatura; yo también tomé solo las tesis doctorales de varios de esos estudiantes. Y allí fue invitado a Roberto para supervisar el programa, dar su opinión del desarrollo de este programa para Guillermo (Depoimento de Miguel Alberto Bartolomé à autora, Oaxaca de Juárez, 4 de fevereiro de 2020).

*Oaxaca de Juárez, 4 de fevereiro de 2020*

*Cheguei por voltas das onze horas no prédio do Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH) e aguardei alguns minutos a chegada de Miguel Alberto Bartolomé. Seguimos para a sala do departamento de antropologia da instituição, um espaço que permitia o trabalho de pelo menos dois professores ao mesmo tempo, além de reuniões. O INAH, diferente de outros lugares que visitei no país, não é uma instituição formativa. Ou seja, os antropólogos não são professores da graduação ou da pós-graduação, mas sim produzem pesquisas vinculadas à instituição, o que acarreta também em uma flexibilidade do tempo dos pesquisadores presencialmente no INAH (o que permitiu que Bartolomé tenha sido professor visitante em várias universidades distintas), além de uma estrutura espacial diferente.*

---

<sup>137</sup> Antropólogo argentino, mas que realizou grande parte de sua carreira no México. Foi professor visitante na Universidade de Brasília.

*Permanecemos conversando na sala por uma hora enquanto o antropólogo fumava seu cachimbo e rememorava a influência de Cardoso de Oliveira em sua vida, que se iniciou antes mesmo dos dois se conhecerem pessoalmente no México, quando Bartolomé ainda atuava na Argentina – seu país de origem. Foi nessa entrevista que passei a entender melhor como a questão do indigenismo mexicano tinha marcado em parte a recepção do trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira no país – ponto que me foi crucial para começar a compreender melhor a parte da história da antropologia mexicana na trajetória do intelectual brasileiro (pelo menos ao que se relaciona às questões étnicas no século XX).*

Além de Guillermo Bonfil Batalla, outro antropólogo que trabalhava no México e que merece ser destacado no contexto da passagem de Cardoso de Oliveira neste país, é Rodolfo Stavenhagen. Os dois se conheceram na década de 1960, quando o antropólogo alemão-mexicano<sup>138</sup> atuou como secretário geral do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) no Rio de Janeiro até o início do golpe militar no Brasil, quando então retorna para o México. Ambos dialogaram com o trabalho um do outro, principalmente pelas temáticas da fricção interétnica, de um, e do colonialismo interno<sup>139</sup>, de outro, segundo Stavenhagen (2009). Esta interlocução está exemplificada na forma como ambos citavam os trabalhos um do outro apenas pouco tempo depois de publicados, demonstrando como estavam em constante contato e atentos ao que produziam naquele momento. É importante reforçar que esse tipo de prática não era tão comum na região, especialmente no contexto da década de 1970, tanto em razão da dificuldade do próprio acesso à uma bibliografia estrangeira, mas principalmente em função do que hoje podemos descrever como uma colonialidade do saber (Cf. GRIMSON, 2017, p. 12) – discussão, esta, que será mais desenvolvida adiante. Apesar de Cardoso de Oliveira ter conhecido Stavenhagen antes de Bonfil Batalla (antes mesmo de ter visitado o México pela primeira vez – Imagem 11), fica claro nas correspondências que o antropólogo brasileiro estreitou seus laços e desenvolveu uma maior parceria com Bonfil Batalla, tendo ele inclusive intermediado projetos desenvolvidos pelos três, como no caso da tentativa de publicação de um livro em conjunto que apresentarei em seguida.

<sup>138</sup> Apesar de ter nascido na Alemanha, Stavenhagen mudou para o México ainda criança em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

<sup>139</sup> Conceito abordado, segundo Oehmichen (2017), por Stavenhagen e Pablo González Casanova para compreender fenômenos latino-americanos relacionados à manutenção de estruturas de desigualdade: “por ‘colonialismo interno’ se entiende la reproducción y renovación de relaciones contemporáneas de inequidad, desigualdad y explotación propios de la época colonial, que son renovados y actualizados de manera constante y permanente en los Estados Nacionales” (OEHMICHEN, 2017, p. 6). González Casanova é um sociólogo mexicano com pesquisas voltadas para a América Latina.

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Rio de Janeiro, 21 de março de 1968

Ilmo. Sr.  
Dr. Rodolfo Stavenhagen  
Apdo. 70-202  
MEXICO 20, D.F.

Meu caro Rodolfo:

Finalmente vou mesmo ao México. Convidado pelo VI Congresso Indigenista Interamericano, na qualidade de assessor técnico, vou passar uma semana em Patzcuaro, entre 15 e 21 do próximo mês de abril. Contudo, devo chegar na cidade do México dia 13, sábado, à noite, para somente no dia seguinte, Domingo, tomar o trem noturno para aquela cidade, onde o congresso se realizará.

É evidente que eu gostaria de estar com você e Nina no Domingo, para matar as saudades e termos uma boa conversa sobre o que temos feito nestes últimos anos. Não tenho notícias de vocês praticamente desde 1966, quando quase os visitei aproveitando a oportunidade de minha ida a Cambridge. Espero que agora seja possível o nosso encontro e para isso torço para que minha chegada não coincida com nenhuma viagem sua ao "campo" ou ao exterior.

Escreva-me dizendo-me da possibilidade de minha visita e confirmando seu endereço pessoal.

Abraços do

Roberto Cardoso de Oliveira

RCO/YB

Imagem 11: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Rodolfo Stavenhagen – 21 de março de 1968.<sup>140</sup>

Rio de Janeiro, 21 de março de 1968

<sup>140</sup> Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 19.

Ilmo. Sr.

Dr. Rodolfo Stavenhagen

Apdo. 70-202

MEXICO 20, D.F.

Meu caro Rodolfo:

Finalmente vou mesmo ao México. Convidado pelo VI Congresso Indigenista Interamericano, na qualidade de assessor técnico vou passar uma semana em Pátzcuaro, entre 15 e 21 do próximo mês de abril. Contudo, devo chegar na cidade do México dia 13, sábado, à noite, para somente o dia seguinte, Domingo, tomar o trem noturno para aquela cidade, onde o congresso se realizará.

É evidente que eu gostaria de estar com você e Nina no Domingo, para matar as saudades e termos uma boa conversa sobre o que temos feito nestes últimos anos. Não tenho notícias de vocês praticamente desde 1966, quando quase os visitei aproveitando a oportunidade de minha ida a Cambridge. Espero que agora seja possível o nosso encontro e para isso torço para que minha chegada não coincida com nenhuma viagem sua ao “campo” ou ao exterior.

Escreva-me dizendo da possibilidade de minha visita e confirmando o endereço pessoal.

Abrços do

Roberto Cardoso de Oliveira

Na carta, Cardoso de Oliveira cita a saudade de Stavenhagen e de Nina Vargas. Vargas, além de ter trabalhado junto a Cardoso de Oliveira no projeto da Meseta Tarasca, ter sido orientada por ele (junto a Bonfil Batalla) e de ter feito intercambio na Universidade de Brasília (impulsionada por um convite do antropólogo brasileiro), foi também casada com Stavenhagen. Este é mais um exemplo de um cruzamento das relações pessoais e profissionais desenvolvidas por Cardoso de Oliveira no México.

Entender o vínculo entre Stavenhagen e o antropólogo brasileiro foi uma das tarefas mais complexas ao longo de minha estadia no México: se, de um lado, havia documentos que indicavam a relação entre ambos (e a correspondência de terceiros que explicitavam essa correlação), de outro lado, meus interlocutores no país não estavam também tão familiarizados sobre a natureza dessa relação. Se era um fato que eles deveriam ter se conhecido, não estava exatamente claro se haviam estabelecido projetos e parcerias, ou se estes eram de fato significativos. Afinal, como mais uma vez nos alerta Heymann (1997), é importante distinguir nos papéis o que de fato foi relevante na trajetória de seus titulares, de aspectos mais pontuais e que foram guardados, muitas vezes sem uma preocupação muito grande de preservação. Ou seja, nem a presença ou ausência de documentos configura uma conclusão definitiva sobre a importância de determinados eventos e parcerias na trajetória de seus titulares.

Entre as correspondências de Bonfil Batalla no arquivo do CIESAS havia uma série de documentos que indicavam um interessante projeto que unia essas três figuras – Bonfil Batalla, Stavenhagen e Cardoso de Oliveira – e que foi um pontapé inicial para compreender essa relação posteriormente (através do cruzamento das entrevistas, textos e depoimentos publicados). A ideia da organização de um livro partiu de Stavenhagen a Bonfil Batalla, mas desde o projeto inicial já fora mencionando um possível interesse e colaboração de Cardoso de Oliveira nessa iniciativa. O tema versaria a respeito de indígenas na América Latina, através de perspectivas históricas e da situação do período. Cardoso de Oliveira não apenas aceitou a colaboração, como desenvolveu um esboço a ser encaminhado para uma série de publicações da região em uma editora norte-americana. Série essa que contava com a colaboração de Stavenhagen (Imagem 12). Mesmo com a resposta de Bonfil Batalla de aprovação do esboço e da promessa de desenvolver alguns títulos que seriam adicionados ao projeto, o livro não foi efetivamente publicado. Seja por quais razões, ainda desconhecidas, sobre a não efetivação dessa iniciativa, ela permite aclarar a rede que se configurou para o início dessa cooperação.

Ainda através do anexo desta carta podemos localizar quem seriam os nomes pertencentes ao “grupo” de Cardoso de Oliveira, ou melhor, quais eram os autores dos textos sugeridos para o livro, vinculados ao Brasil: Florestan Fernandes, Alfred Metraux (1902-1963)<sup>141</sup>, Darcy Ribeiro, Carlos Moreira Neto (1930-2007)<sup>142</sup>, Roque de Barros Laraia, Julio Cezar Melatti, Roberto DaMatta, Maurício Vinhas de Queiroz e o próprio Roberto Cardoso de Oliveira. É interessante notar que apenas dois autores desta proposta de publicação não haviam aparecido na minha dissertação até o momento, o que demonstra essa proximidade entre os nomes sugeridos, tomando a trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, em diversos momentos de sua carreira, como eixo aglutinador.

---

<sup>141</sup> Antropólogo suíço, atuou na UNESCO com a temática das relações raciais e realizou pesquisas na América Latina.

<sup>142</sup> O antropólogo trabalhou no Museu do Índio, foi aluno de Ribeiro no Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural e trabalhou com Eduardo Galvão no Museu Paraense Emilio Goeldi, tendo se dedicado à questão indígena.

HARVARD UNIVERSITY  
DEPARTMENT OF SOCIAL RELATIONS

William James Hall  
Cambridge, Massachusetts 02138  
25/ março/71

Meu caro Guilherme:

Só hoje estou respondendo sua carta porque esperava dar a v. um primeiro esboço de como eu imagino o Índio na América Latina. Pensei muito sobre o esquema preparado por v. e pelo Rodolfo, e, também, repensei bastante o que eu já lhe havia ponderado quando de nossas raras mas agráveis conversas no Rio. Cheguei a conclusão que poderíamos combinar as duas perspectivas de apresentação do Índio e de sua situação na América Latina: histórica e problemática. Em termos históricos equivaleria reduzir o esquema de distribuição dos textos a três amplas faixas: I-A Conquista Europeia; II-A Colonização; III-O Colonialismo Interno. A vantagem, a meu ver, é que essas são momentos históricos nem sempre coincidentes, temporalmente falando, nos diversos países da América Latina. Por outro lado, nós -- como editores -- estaríamos adotando uma perspectiva teórica definida, i.e. não estaríamos esperando que "os fatos falem por si", mas, ao contrário, já abriríamos os olhos do leitor para a persistência da dominação por toda a história, antiga e moderna, das relações interétnicas. A história da conquista (e suas diferentes formas) e das relações interétnicas é uma só. - Dentro de cada uma dessas largas faixas ou etapas do processo de dominação do Índio, selecionaríamos conjuntos de tópicos, formulados em função da problemática mais relevante, ainda que dependente dos textos ou artigos disponíveis. Pelo esquema anexo, tentativamente armado, v. poderá ver que com relação ao Brasil (pois limitei-me a ele) tanto a Conquista Europeia quanto a Colonização estão muito pouco ilustradas com material brasileiro: primeiro, devido a inexistência de textos analíticos, uma vez que não acho conveniente incluir cronistas e/ou historiadores (segui aqui a orientação do Rodolfo no seu excelente *Agrarian Problems & Peasant Movements in Latin America*); segundo, porque gostaria de que esses readings tivessem o mérito de revelar para o leitor anglo-saxônico autores realmente modernos e latino-americanos. Isso explica também porque carreguei tanto com artigos de antropólogos conhecidos como do "meu grupo" (sic): simplesmente pelo fato dos "outros" fazerem uma antropologia "quadrada", sobretudo os norte-americanos (os melhores não trataram de temas suscetíveis de serem incluídos nesse volume). Porém, evidentemente, não espero que todos os textos por mim indicados (inclusive os meus) sejam definitivamente integrados no esquema final. Quanto à Introdução Geral, poderíamos escrevê-la juntos, partindo de um projeto (armado por vocês), mas que conteria (sugiro) reflexões sobre o geral (a dominação) e o específico (a especificidade histórico-estrutural) de cada país, eventualmente representado nesse volume. Nesse sentido, meu caro, seria fazermos algo bem diferente do documento de Barbados (o manifesto), mas isso é outra "estória" que oportunamente discutiremos.

Quanto a minha ida e de Gilda para o México, infelizmente ainda não podemos decidir porque não sabemos quando minha mãe (que ficaria com a garotada) estará aqui conosco. Mas se formos (gostaríamos mesmo de ir), avisarei com antecedência. Preferia, naturalmente, que v. me discesse quais os períodos que vocês estarão certamente aí, pois nesse caso estaríamos mais à vontade para marcar viagem, sabendo que não iríamos alterar planos de vocês. Como deveremos ficar de 5 a 7 dias, sempre teremos oportunidade de papo. Gostaria apenas que v. sugerisse um hotel simpático para ficarmos; o que fiquei quando da minha última ida para aí, pareceu-me bastante bom, mas esqueci o nome; v. se lembraria? -- Receba o abraço amigo, extensivo a Cristina, de

Roberto  
5

Imagem 12: Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Guillermo Bonfil Batalla – 2 de março de 1971.<sup>143</sup>

<sup>143</sup> Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – Fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 35 – fôlio 1986.

Cambridge, 25/março/71

Meu caro Guillermo,

Só hoje estou respondendo sua carta porque esperava dar a v. um primeiro esboço de como eu imagino O Índio na América Latina. Pensei muito sobre o esquema preparado por v. e pelo Rodolfo, e, também, repensei bastante o que eu já lhe havia ponderado quando de nossas raras mas agradáveis conversas no Rio. Cheguei a conclusão que poderíamos combinar as duas perspectivas de apresentação do índio e de sua situação na América Latina: histórica e problemática. Em termos históricos equivaleria reduzir o esquema de distribuição dos textos em três amplas faixas: I-A Conquista Europeia; II-A Colonização; III-O Colonialismo Interno. A vantagem, a meu ver, é que esses são momentos históricos nem sempre coincidentes, temporalmente falando, nos diversos países da América Latina. Por outro lado, nós – como editores – estaríamos adotando uma perspectiva teórica definida, ie. não estaríamos esperando que “os fatos falem por si”, mas, ao contrário, já abríamos os olhos do leitor para a persistência da dominação por toda a história, antiga e moderna, das relações interétnicas. A história da conquista (e suas diferentes formas) e das relações interétnicas é uma só. – Dentro de cada uma dessas largas faixas ou etapas do processo de dominação do índio, selecionaríamos conjuntos de tópicos, formulados em função da problemática mais relevante, ainda que dependente dos textos ou artigos disponíveis. Pelo esquema anexo, tentativamente armado, v. poderá ver que com relação ao Brasil (pois limitei-me a ele) tanto a Conquista Europeia quanto a Colonização estão muito pouco ilustradas com material brasileiro: primeiro, devido a inexistência de textos analíticos, uma vez que não acho conveniente incluir cronistas e/ou historiadores (segui aqui a orientação de Rodolfo no excelente *Agrarian Problems & Peasant Movements in Latin American*); segundo, porque gostaria de que esses readings tivessem o mérito de revelar para o leitor anglo-saxônico autores realmente modernos e latino-americanos. Isso explica também porque carreguei tanto com artigos de antropólogos conhecidos como do “meu grupo” (sic): simplesmente pelo fato dos “outros” fazerem antropologia “quadrada”, sobretudo os norte-americanos (os melhores não trataram de temas suscetíveis de serem incluídos nesse volume). Porém, evidentemente, não espero que todos os textos por mim indicados (inclusive os meus) sejam definitivamente integrados no esquema final. Quanto à Introdução Geral, poderíamos escrevê-la juntos, partindo de um projeto (armado por vocês), mas que conteria (sugiro) reflexões sobre o geral (a dominação) e o específico (a especificidade histórico-estrutural) de cada país, eventualmente representado nesse volume. Nesse sentido, meu caro, seria fazermos algo bem diferente do documento de Barbados (o manifesto), mas isso é outra “estória” que oportunamente discutiremos.

Quanto a minha ida e de Gilda para o México infelizmente ainda não podemos decidir porque não sabemos quando a minha mãe (que ficaria com a garotada) estará aqui conosco. Mas se formos (gostaríamos mesmo de ir), avisarei com antecedência. Preferia, naturalmente, que v. me dissesse quais os períodos que vocês estarão certamente aí, pois nesse caso estaríamos mais à vontade para marcar a viagem, sabendo que não iríamos alterar planos de vocês. Como deveremos ficar de 5 a 7 dias, sempre teremos oportunidades de papos. Gostaria apenas que v. sugerisse um hotel simpático para ficarmos: o que fiquei quando de minha última ida para aí pareceu-me bastante bom, mas esqueci o nome; v. se lembraria? – Receba o abraço amigo, extensivo a Cristina, do Roberto<sup>144</sup>.

Me detenho um pouco mais nessa correspondência porque ela permite acompanhar várias questões que foram ou serão abordadas ao longo desse capítulo e da dissertação. Nesta apresentação do esboço do livro sobre indígenas na América Latina, no projeto de Cardoso de Oliveira há a união das pesquisas desenvolvidas por Bonfil Batalla e pelo antropólogo

---

<sup>144</sup> [Destaque no original].

brasileiro, relacionadas ao indigenismo, e por Stavenhagen, sobre o colonialismo interno. Dessa forma, não é apenas o anexo da carta, mencionado anteriormente, que ressalta as redes de relações de Cardoso de Oliveira, os debates apontados pelo livro também reforçam as afinidades teóricas e os posicionamentos dos antropólogos reunidos em sua construção. Ainda sobre a questão dos nomes sugeridos para compor a publicação, é interessante notar que há uma cutucada do autor em relação à produção de uma antropologia “quadrada”, vindo especialmente de antropólogos norte-americanos que trabalharam sobre a temática do livro; para além da crítica, há ainda mais um aspecto dessa fala: o mérito de levar ao conhecimento textos de antropólogos latino-americanos em um livro que seria publicado nos EUA – de onde residia o comentário anterior. Um outro trecho provocador foi dirigido ao manifesto resultante da Reunião de Barbados – que será melhor apresentada mais adiante, mas cabe antecipar que foi um encontro de discussão sobre a situação indígena na América do Sul. Acredito que essa diferenciação tenha como objetivo assinar os objetivos dos dois textos: a declaração de Barbados é uma denúncia à forma como as políticas indigenistas na região estavam causando a destruição das sociedades indígenas; ao passo que o livro traz uma reflexão acadêmica sobre a situação histórica e atual da questão da dominação indígena na América Latina. Por fim, para além do esboço do livro, essa correspondência trata também da relação mantida entre as famílias de Cardoso de Oliveira e de Bonfil Batalla e retrata o cruzamento entre os laços de amizade e de trabalho desenvolvido pelos dois antropólogos, como já foi ressaltado no primeiro capítulo da dissertação.

Desde meados da década de 1960, Cardoso de Oliveira se dedicou a uma série de eventos junto a outros antropólogos relacionados a disciplina produzida na América Latina, tendendo “sempre a obedecer [a] um único padrão: o de questionarem-se sobre o seu desenvolvimento ou ‘amadurecimento’ – em comparação aos centros mais desenvolvidos –, bem como as possibilidades de sua difusão – i[sto] é, de seu ensino – em nossos países da América Latina” (Cardoso de Oliveira, 1988, p. 143). Sendo que duas dessas iniciativas ocorreram no México: a *IIª Reunión para la Integración de la Enseñanza en las Investigaciones Antropológicas* (1968); e a *Iª Reunión Técnica de Antropólogos e Arqueólogos de América Latina y el Caribe* (1979)<sup>145</sup>. É importante destacar estas iniciativas, pois algumas delas, ao contrário da publicação acima referida, geraram frutos bastante significativos para os fóruns de discussão em antropologia na América Latina. Por exemplo, a partir desse repertório de discussões e experiências, Bonfil Batalla e Cardoso de Oliveira começaram a articular junto a

---

<sup>145</sup> Essa foi uma das primeiras iniciativas nesse sentido e teve Guillermo Bonfil Batalla como seu presidente.

outros antropólogos da região a criação de uma Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA).

Apesar da ALA ter sido criada formalmente em 1990, sua concepção e articulação junto a profissionais de outros países começou pelo menos 10 anos antes, como é possível de acompanhar pela correspondência trocada pelos dois antropólogos na década de 1980 (Imagem 13). Por isso também sua criação efetiva ocorreu em um desses eventos, na XVII Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada em Florianópolis<sup>146</sup>, que, apesar de ser um evento nacional, conseguia reunir profissionais de outros países, além de possuir estrutura que oferecia, por vezes, auxílio financeiro a alguns participantes estrangeiros. Os encontros principais da ALA seguiram o mesmo caminho até o início dos anos 2000 – sempre em importantes reuniões de um dos países da América Latina ou em eventos internacionais na região<sup>147</sup>. Em sua fase de implementação recebeu auxílio financeiro da Universidade Estadual de Campinas e da fundação Wenner-Gren e teve Bonfil Batalla como seu primeiro presidente<sup>148</sup> e Antonio Augusto Arantes como secretário geral (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1992<sup>149</sup>). Inicialmente, haviam três categorias de associado: sócios individuais, institucionais e correspondentes (sendo essa categoria destinada a antropólogos que pesquisavam na região, mas que não eram latino-americanos; e antropólogos latino-americanos com pesquisas de outras temáticas). Atualmente, ela aceita apenas a filiação de outras associações da região. Entre os objetivos da ALA, está aproximar os antropólogos da América Latina, refletir sobre as particularidades da disciplina feita em distintos lugares, mas também entender os problemas em comum e debater a existência de uma identidade regional na antropologia (Cf. VALLADARES DE LA CRUZ, 2016).

---

<sup>146</sup> É justamente nessa RBA, que marca o fim da gestão de Antonio Augusto Arantes como presidente da Associação Brasileira de Antropologia, que este antropólogo começa a atuar como secretário geral da ALA.

<sup>147</sup> Isso muda somente depois dos anos 2000, com a Primeira Reunião Latino-Americana de Antropologia realizada em Rosário, Argentina, em 2005.

<sup>148</sup> Com a morte de Bonfil Batalla em um acidente de carro em 1991, a Associação ficou por dois anos sem um presidente, cabendo a Arantes a organização e as decisões do período (com o aval do Conselho diretivo, composto também por quatro vice-presidentes).

<sup>149</sup> Publicado no Boletim Plural da ALA, em 1992. O Boletim faz parte do arquivo da Associação (Plural: Boletim da Associação Latino-Americana de Antropologia, n. 1. Outubro de 1992 – Arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia – caixa 1 – pasta *boletim plural*).



## Centro de Investigaciones Superiores del INAH

Hidalgo y Matamoros, Tlalpan, México 22, D. F.  
Apdo. Postal 22-048 Tels.: 573-43-18/573-28-77

Abril 29, 1980.

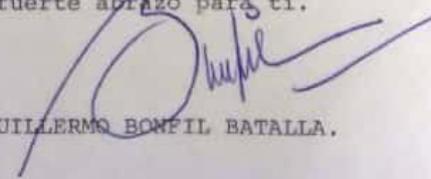
DOCTOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA.  
DEPTO. DE CIENCIAS SOCIALES.  
UNIVERSIDAD DE BRASILIA.  
70.910 - BRASILIA - DF - BRASIL.

Estimado Roberto:

Quiero aceptar formalmente la invitación que me enviaste el pasado 28 de marzo para participar en el Simposio - sobre "La Antropología en América Latina", que se realizará en el marco de la XII Reunión Brasileña de Antropología a celebrarse en Río de Janeiro, del 13 al 16 de julio próximo. Para tal Simposio presentaré una comunicación escrita, de 10 a 15 páginas, sobre el estado actual de los estudios sobre el indigenismo en México, con especial referencia a la expresión del pensamiento político indígena. Oportunamente entraré en contacto con la oficina de la Fundación Ford en México para concretar el financiamiento acordado por ellos para los asistentes mexicanos a ese Simposio.

Por otra parte, en relación con tu carta del 10 de marzo, me parece muy importante que se haya previsto una sesión fuera de la reunión de la Asociación Brasileña de Antropología para discutir, el día 17, las posibilidades de crear la Asociación Latinoamericana de Antropología. Al respecto quiero informarte que se celebró recientemente en Guadalajara la reunión del Comité Directivo de CLACSO, a la que asistió nuestro colega Darío Fajardo, quien actualmente es Presidente de la Asociación Colombiana de Antropología. Hablé con él sobre la idea de crear la Asociación Latinoamericana de Antropología y le informé de la reunión prevista para Río de Janeiro. Convenimos en que él iniciaría alguna gestión ante la Ford en Bogotá con el fin de buscar fondos para asistir a esa reunión. Yo creo que su presencia sería importante, porque la Asociación Colombiana (como la Brasileña) reúne efectivamente a todos los antropólogos profesionales que trabajan en el país. Pienso que ayudaría mucho en este sentido cualquier comunicación de la Fundación Ford en Brasil a la oficina de Bogotá, simplemente informándoles que habrá la reunión del día 17. Ojalá pudieras gestionar algo en ese sentido.

Envío, como siempre, mis mejores saludos para toda la familia y un fuerte abrazo para tí.

  
DR. GUILLERMO BONFIL BATALLA.

/cl.

Imagem 13: Carta de Guillermo Bonfil Batalla a Roberto Cardoso de Oliveira - 29 de abril de 1980. <sup>150</sup>

Abril 29, 1980.

<sup>150</sup> Archivo Edgard Leuenroth - Fundo Roberto Cardoso de Oliveira - pasta 99.

DOCTOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA.  
 DEPTO. DE CIENCIAS SOCIALES.  
 UNIVERSIDADE DE BRASILIA.  
 70.910 – BRASILIA – DF – BRASIL.

Estimado Roberto:

Quiero aceptar formalmente la invitación que me enviaste el pasado 28 de marzo para participar en el Simposio – sobre “La Antropología en América Latina”, que se realizará en el marco de la XII Reunión Brasileña de Antropología a celebrarse en Río de Janeiro, del 13 al 16 de julio próximo. Para tal Simposio presentaré una comunicación escrita, de 10 a 15 páginas, sobre el estado actual de los estudios sobre el indigenismo en México, con especial referencia a la expresión del pensamiento político indígena. Oportunamente entraré en contacto con la oficina de la Fundación Ford en México para concretar el financiamiento acordado por ellos para los asistentes mexicanos a ese Simposio.

Por otra parte, en relación con tu carta del 10 de marzo, me parece muy importante que se haya previsto una sesión fuera de la reunión de la Asociación Brasileña de Antropología para discutir, el día 17, las posibilidades de crear la Asociación Latinoamericana de Antropología. Al respecto quiero informarte que se celebró recientemente en Guadalajara la reunión del Comité Directivo de CLACSO, a la que asistió nuestro colega Darío Fajardo, quien actualmente es Presidente de la Asociación Colombiana de Antropología. Hablé con él sobre la idea de crear la Asociación Latinoamericana de Antropología y le informé de la reunión prevista para Río de Janeiro. Convenimos en que él iniciaría alguna gestión ante la Ford en Bogotá con el fin de buscar fondos para asistir a esa reunión. Yo creo que su presencia sería importante, porque la Asociación Colombiana (como la Brasileña) reúne efectivamente todos los antropólogos – profesionales que trabajan en el país. Pienso que ayudaría mucho en este sentido cualquier comunicación de la Fundación Ford en Brasil a la oficina en Bogotá, simplemente informándoles que habrá la reunión del día 17. Ojalá pudieras gestionar algo en ese sentido.

Envío, como siempre, mis mejores saludos para toda la familia y un fuerte abrazo para ti.

DR. GUILLERMO BONFIL BATALLA<sup>151</sup>

Cardoso de Oliveira atuou ativamente na ALA enquanto foi presidente, entre 1993 e 1997. Não sei as razões que o levaram ao distanciamento da associação depois que saiu do cargo, inclusive porque parte dos interlocutores dessa pesquisa também se afastaram nesse período – como Rojas Rabiela, que havia sido secretária e vice-presidente da região do México e do Caribe, e Myriam Jimeno, que foi vice-presidente da região Andina durante duas eleições – talvez pela dedicação a outros projetos depois de um intenso tempo de trabalho na ALA. Porém, uma dificuldade que é possível perceber através de uma análise dos documentos, tanto a respeito da atuação de Antonio Augusto Arantes, como de Cardoso de Oliveira, e também

---

<sup>151</sup> Nessa carta, além do escritório da Fundação Ford no Brasil, é mencionado o da Cidade do México e de Bogotá – reiterando a importância que a Fundação exerceu no financiamento e no desenvolvimento da antropologia na América Latina, como apresentado no primeiro capítulo. Além disso, a Ford financiou diversas viagens de antropólogos entre os países da região de modo a contribuir com esse diálogo latino-americano.

como nos informa a entrevista feita com Gustavo Lins Ribeiro, é a de realizar uma real integração na região e a de estabelecer uma comunicação mais rápida e eficiente entre os antropólogos associados.

A dificuldade de uma real integração é mais complexa do que a falta de acesso a uma comunicação mais eficiente e a dificuldade na realização de eventos. Esta dificuldade tem raízes mais profundas na real integração, decorrente de uma percepção um tanto difusa de pertencimento de um conjunto de nações à noção de América Latina, bem como às formas como as geopolíticas do conhecimento operam em contextos como este. Segundo Oliveira (2005), a construção dessa categoria geográfica (e política, identitária) se inicia com a conquista da América, a partir de uma oposição à Europa e a um imaginário associado a este continente. Além disso, é preciso refletir sobre a história deste coletivo, tal como proposto por Richard Morse (1988), que afirma que o termo América Latina é cunhado pela primeira vez em 1862, após uma expedição militar francesa ao México durante o governo de Napoleão III, com o duplo objetivo de reagir a uma expansão estadunidense na região e afastar os países da colonização espanhola.

A dificuldade de reconhecer um pertencimento à região, bem como as clivagens e tensões histórias que podem ser analisadas através de uma geopolítica do conhecimento deste contexto, no caso específico do campo antropológico parecem perpetuar um desconhecimento sobre como a disciplina é produzida em outros países da região, apesar das tentativas de internacionalização que tentam estabelecer esses fluxos (Cf. TRAJANO FILHO & TEIXEIRA, 2014). Nessa toada, Lins Ribeiro falou-me, em entrevista, que acredita que uma ação importante é romper com as relações apenas de conhecimento e criar efetivamente investigações em conjunto. Como me afirmou:

Se você não tiver uma agenda de pesquisa em comum, porque aí sim você começa a trocar conhecimento substantivo, se você não tiver isso, nós ficamos em uma fase diplomática, de conhecer, reconhecer, admirar, fazer algumas trocas, etc., mas sem gerar uma dinâmica profunda maior. É muito difícil chegar nessa outra fase porque você precisaria de grupos com interesses comuns coincidentes que gerassem essa dinâmica. Por enquanto, para ser absolutamente sincero, eu não vejo isso, estamos sempre colocando isso, etc., dessa necessidade, mas isso tem que ser feito, não tem que ser dito. Vamos ver! (Depoimento de Gustavo Lins Ribeiro à autora, Cidade do México, 10 de março de 2020).

Essa ideia se aproxima de uma declaração feita por Cardoso de Oliveira em uma carta a Guillermo Bonfil Batalla, em que o antropólogo brasileiro defende a necessidade de acelerar a criação da ALA para mudar a forma como essa cooperação latino-americana ocorria

até aquele momento. Esta colaboração internacional, quando existente, parecia não se dar institucionalmente, de forma mais estruturada, mas era caracterizada por uma vinculação mais pessoal, ou seja, apenas entre pessoas que já tinham alguma parceria intelectual prévia. Como propunha Cardoso de Oliveira:

Com relação à Associação Latino-Americana, que tal se aproveitássemos o Congresso Indigenista Interamericano que se reunirá em Mérida, para novas conversações, agora com um grupo mais ampliado ou, pelo menos que representantes de grupos profissionais ainda não ouvidos? Caso o Oscar Arze<sup>152</sup> ache isso viável, eu teria interesse de ir a Mérida (naturalmente que só poderia ir como observador convidado pelo III [Instituto Indigenista Interamericano], pois a FUNAI jamais me colocaria em sua delegação...). Tenho a impressão que se efetivamente desejamos ter uma Associação Latino-Americana, não devemos demorar muito tempo em constituí-la. A reunião de Morelos e a do Rio de Janeiro estão a revelar a necessidade de um intercâmbio mais organizado, menos pessoal (pois o que tem ocorrido entre nós é basicamente o desdobramento de afinidades pessoais e intelectuais); algo que, criado, ande por si, sem exigir de umas poucas pessoas permanentes articulações, como que “administrando” o intercâmbio (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Guillermo Bonfil Batalla. 16 de agosto de 1980 – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – Fundo Bonfil Batalla – caixa 58 – fólio 44).<sup>153</sup>

Se, como analisei nos primeiros capítulos desta dissertação, Roberto Cardoso de Oliveira estimulava a constituição e manutenção de redes de colaboração calcadas em um investimento transpassado de afetividade e certamente marcado por relações pessoais de maior ou menor intimidade, também é verdade que esta rede era invariavelmente fortalecida por vínculos institucionais sempre endereçados e reconhecidos pelo intelectual. Os convites para publicações, participações em eventos, ou outras atividades acadêmicas, no Brasil ou fora do país, eram costurados por uma reafirmação dos laços afetivos, estendidos às famílias, mas sempre realizados por mecanismos institucionais, inclusive para obtenção de financiamento. É importante lembrar das formas com que Cardoso de Oliveira constituía relações de interlocução no Brasil (e, em menor medida, nos EUA e na Europa), para começar a compreender algumas das preocupações do antropólogo com o contexto latino-americano, ao mesmo tempo mais próximo do que outras parcerias institucionais internacionais que desenvolveu, mas também marcado por uma série de dificuldades de ordem geopolítica, inclusive epistemológica, próprias das diferentes histórias das antropologias desenvolvidas nestes países. É assim, também, que podemos começar a refletir sobre o fato de que o sucesso das colaborações e parcerias em outros

---

<sup>152</sup> Óscar Arze (1931-) é um antropólogo boliviano, mas que realizou sua pós-graduação em antropologia e parte de sua carreira no México. Foi presidente do Instituto Indigenista Interamericano entre 1977 e 1989, instituição que organizou o Congresso mencionado na carta de Cardoso de Oliveira.

<sup>153</sup> Enviada de Brasília e assinada com “Abraços a todos, meus e de Gilda, e a você o abraço amigo do Roberto”.

contextos não parece ter se repetido com a mesma intensidade na América Latina, mesmo que diversos interlocutores mexicanos tenham ressaltado a importância da relação com Roberto Cardoso de Oliveira, bem como de sua obra na antropologia deste país, por exemplo. Entretanto, se considerarmos os desejos de que a interlocução institucional antropológica latino-americana se desenvolvesse autonomamente, a despeito das relações pessoais existentes, é possível especular sobre as razões para as dificuldades de integração regional relatadas. Essas relações, é evidente, são estimuladas por fóruns científicos importantes, como a Reunião de Antropologia do Mercosul, bem como da própria Reunião Brasileira de Antropologia, frequentada por antropólogos e antropólogas vindos de diversos países da América Latina. Mas é preciso pensar tais espaços à luz das tentativas, nas últimas décadas, de tornar a produção antropológica dos vários países mais conhecida para além das fronteiras em que foram desenvolvidas. A própria existência da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira é exemplo da existência de vínculos institucionais entre Brasil e México, mas, como não é possível deixar de apontar, centralizados no nome do antropólogo brasileiro, explicitando a natureza do problema percebido por estes antropólogos analisados nesta dissertação.

Além da tentativa de uma união latino-americana promovida pela ALA, foram também criados dois outros projetos de cooperação, dessa vez impulsionados pelo Brasil e pelo México, que foram diretamente influenciados pelas relações e projetos desenvolvidos por Cardoso de Oliveira junto a Guillermo Bonfil Batalla. A primeira se efetivou através de um acordo de colaboração institucional entre as antropologias mexicana e brasileira, através do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no final da década de 1980 – momento que o antropólogo brasileiro era professor da instituição – de forma a incentivar o intercâmbio de pesquisadores e a troca intelectual de produção científica. Esse acordo contou também com a colaboração de Nina Vargas, que naquele momento era coordenadora de investigação e docente da instituição mexicana. Posteriormente, houve uma retomada desses vínculos em 2008 e uma transformação da natureza da parceria em 2010. Como exemplo da importância da internacionalização da atuação do antropólogo e de forma a aumentar essas colaborações, o convênio se transformou na Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira. Vale assinalar ainda que a retomada desse convênio contou com participação de antropólogos que participaram dos intercâmbios impulsionados por Cardoso de Oliveira: segundo Mariano Báez Landa, em entrevista, a iniciativa teve como precursora Virginia Molina Ludy depois de seu período como professora visitante na instituição brasileira no final da década de 1990; porém só foi de fato

concretizada na década seguinte, durante a diretoria de Virginia García Acosta no CIESAS e da atuação de John Manuel Monteiro (1956-2013) e de Nashieli Rangel Loera, professores da Unicamp.

A segunda iniciativa foi a criação de eventos científicos denominado Encontros Mexicano Brasileiro de Antropologia (EMBRA) em 2011, um projeto que promove reuniões bianuais, intercalando o país sede, desenvolvido por García Acosta e por Gustavo Lins Ribeiro<sup>154</sup>. E mais uma vez Bonfil Batalla e Cardoso de Oliveira figuram como importantes atores para o desenvolvimento dessa iniciativa: mais precisamente foi através do intercâmbio de García Acosta para a Universidade de Brasília, impulsionado pela docência do antropólogo brasileiro no CIESAS, que ela e Lins Ribeiro se conheceram no início da década de 1980. Como García Acosta me contou, em entrevista no CIESAS:

Entonces espero que ese EMBRA, que tiene en sus orígenes a estas dos figuras, a Guillermo Bonfil y a Roberto Cardoso de Oliveira, se mantenga. Y no solo los EMBRA, sino lo que intentaron hacer esos dos, insignes antropólogos, en juntar esas dos antropologías, e ir caminando de la mano y que uno aprenda de la otra, lo que una hace y la otra a lo mejor no hay incursionado y etc. Eso de los EMBRA también ha servido para el intercambio de estudiantes y de investigadores para intensificarlo. Nosotros hicimos una biblioteca mexicano-brasileña de publicaciones, y los primeros libros que hicieron fue la traducción del portugués al español (Depoimento de Virginia García Acosta à autora, Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020).

*Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020*

*Cheguei em um dos edifícios do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) da Cidade do México por volta das 10h30. Ainda que eu já tenha ido a este local algumas vezes (essa é uma parte do CIESAS que abriga a direção da unidade regional, os setores mais administrativos, mas também um auditório e algumas salas dos programas de pós-graduação), eu nunca havia ido para participar de um evento. Virginia García Acosta nesse semestre estava ministrando uma disciplina para a pós-graduação e em algumas aulas foram convidados outros antropólogos para proferir uma espécie de conferência. Nessa semana, o convidado era o professor Bernd Hausberger que falou sobre seu livro “Historia mínima de la globalización temprana”. Havíamos combinado de fazer a entrevista logo após o evento, mas o convite de García Acosta se estendia também para a fala de Hausberger.*

---

<sup>154</sup> Dentre as cinco edições já realizadas do EMBRA, pude participar de duas delas: o quarto encontro organizado na Unicamp em 2017 e o quinto, na *Universidad Autónoma Metropolitana* (UAM) e na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) em 2019.

*Por volta das 13h seguimos para a sala do departamento de antropologia do CIESAS no andar de baixo e iniciamos a entrevista que durou cerca de uma hora. García Acosta me perguntou se podíamos fazer a entrevista em espanhol, já que fazia muito tempo que não falava português, o que eu concordei sem nenhuma objeção. Mas as poucas palavras que a antropóloga me dirigiu em português (assim que começamos a conversar ainda no auditório e em algumas frases durante a entrevista) me mostraram que, apesar de suas ressalvas, ela ainda conseguia se comunicar muito bem – possivelmente por seu contínuo contato com a música brasileira (que afirmou que é uma de suas paixões e que foi um dos motivos de querer ir ao Brasil) e por suas parcerias ainda muito próximas com vários antropólogos brasileiros, nutridas especialmente através de seu projeto de encontros entre a disciplina dos dois países.*

A *Biblioteca de Antropología y Ciencias Sociales Brasil-México*, que conta com a colaboração da UnB, do CIESAS e da embaixada do Brasil e do México, já traduziu cinco livros de antropólogos e antropólogas brasileiros para o espanhol (de Cardoso de Oliveira, Mariza Peirano, Gilberto Velho, Otávio Velho e Michel Misse) e um livro de um antropólogo mexicano para o português (de Bonfil Batalla). O problema de haver poucas traduções de bibliografias importantes dos dois países apareceu em algumas das entrevistas que realizei ao longo da pesquisa, como um fator de dificuldade de um diálogo mais próximo (questão que apresentarei adiante).

\*\*\*\*\*

Acredito ainda que é importante destacar uma questão relacionada à atuação profissional de Roberto Cardoso de Oliveira no Brasil e na América Latina: os problemas políticos enfrentados nas relações Brasil-México. Cabe ressaltar a visão internacional sobre o México, principalmente em cenários políticos autoritários e conservadores do século XX, já que é um país que em vários momentos recebeu muitos estrangeiros exilados desses regimes, e por isso era visto como um país pró-comunista. Segundo Mariano Báez Landa, em entrevista, durante a realização do primeiro Congresso Indigenista Interamericano, realizado em Pátzcuaro

em 1940, o Brasil enviou uma delegação para o evento com Edgard Roquette-Pinto<sup>155</sup> (1884-1954) e Carlos de Lima Cavalcanti<sup>156</sup> (1892-1967):

México y Brasil tuvieron tiempos de muy distanciamiento, principalmente en los años de 1930 y 1940. Más que nada por eso, una visión del cuerpo diplomático y la visión del más alto nivel del gobierno de la época venían a los gobiernos mexicanos como gobiernos procomunistas [...] Y hubo desavenencias graves, como por ejemplo en el momento de la realización del Primer Congreso Indigenista Interamericano, que se llevó a cabo en Pátzcuaro en el año 1938, 1939, o posterior, 1940, en este lapso de años. Hubo una delegación brasileña compuesta por Lima Cavalcanti, que era en ese momento miembro del Consulado Brasileño de la Ciudad de México, y Roquette-Pinto. Ellos encabezaron la delegación brasileña y reportaron en un documento, que tuve la oportunidad de consultar, reportaran más o menos lo siguiente: “es evidente que la delegación norte-americana encabezada por John Collier ha caído en el control de la delegación mexicana y la delegación mexicana quiere imponer su modelo indigenista a toda a América y a toda las luces, y las políticas que están llevando a cabo son de carácter comunista. Entonces alertamos el gobierno brasileño de esa situación para no ir más allá”. Entonces Brasil se negó a formar parte del Instituto Indigenista Interamericano, no participó del apoyo para que esa iniciativa prosperara y se quedaron tensas esas relaciones en la época. Posteriormente, tuve la oportunidad de consultar otro documento mucho más extenso en donde Lima Cavalcanti, ya nombrado embajador en los años de 1940, y la opinión es exactamente igual, él dice, por ejemplo, entre otras cosas, que el hecho de que México recibiera los refugiados españoles, y que la mayoría de los españoles eran comunistas y anarquistas, era un peligro para toda la América Latina, porque seguramente de México irían para Brasil. Como México los adoptaba en América Latina, de aquí era el trampolín para ir a causar problemas a otros países incluyendo Brasil (Depoimento de Mariano Báez Landa à autora, Xalapa, 13 de março de 2020).

É interessante notar que essa perspectiva não apenas distanciou a antropologia e intelectuais interessados em questões referentes aos indígenas na América Latina entre os dois países por muitos anos, mas como também as parcerias políticas do período. Entretanto, é importante entender também o contexto que levou à criação não apenas do Congresso, mas também do Instituto Indigenista Interamericano, que reside em uma aproximação entre os EUA e o México nessa questão, bem como a política brasileira se inseriu nesse debate. Segundo Blanchette (2010), a relação de John Collier (1884-1968) – titular da *Office of Indian Affairs*, uma instituição estadunidense criada para tratar de questões indígenas no país – com o México começa na década de 1930, com destaque para a participação de Manuel Gamio (1883-1960) – antropólogo mexicano, discípulo de Boas e de uma antropologia aplicada, e que cuja contribuição para esta dissertação será melhor explicada adiante. A criação do Instituto Indigenista Interamericano foi resultado das atuações dessa associação, com o objetivo de ser

---

<sup>155</sup> Médico e antropólogo, foi professor e diretor do Museu Nacional, com projetos que envolveram uma preocupação com o desenvolvimento científico e com a nação.

<sup>156</sup> Advogado e político brasileiro, foi também embaixador na Colômbia, no México e em Cuba durante o regime do Estado Novo.

“una ‘distribuidora’ (*clearinghouse*) de datos antropológicos y administrativos, que abarcara a los indígenas del hemisfério” (BLANCHETTE, 2010, p. 42).

O contato com o Brasil se inicia na empreitada de Collier em buscar novas alianças para seus projetos indigenistas durante o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas (1882-1954). Essa aproximação se inicia com a atuação do chanceler brasileiro Oswaldo Aranha (1894-1960) e influencia a criação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios no final da década de 1930. Porém, em seguida, com a realização do Congresso Indigenista Interamericano, e com a avaliação temerosa de Lima Cavalcanti quanto a presença de comunistas do lado mexicano, bem como aos debates que apresentavam esse indigenismo como um caminho a ser seguido por todos os países da América, criou-se um contexto que resultou na não participação do Brasil no Instituto Indigenista Interamericano até 1953. Entretanto, como Blanchette alerta, Lima Cavalcanti parece não ter compreendido que essas recomendações eram também endossadas pelos EUA – que assim como o México tinham as maiores delegações do evento como consequência das relações de Collier e Gamio –, além do fato do governo estadunidense ver nessas iniciativas uma chance de se aproximar dos países da região, galgando o espaço de influência ocupado pela Europa anteriormente.

Além do caso da negativa de uma autorização para Carlos Rodrigues Brandão obter seu afastamento da Universidade Federal de Goiás para participar do projeto de pesquisa na Meseta Tarasca já mencionada, nas correspondências de Bonfil Batalla há dois episódios em que ele externaliza sua preocupação referente às interferências do regime militar brasileiro do período. Em uma delas, atrelada também ao Congresso Indigenista Interamericano, dessa vez realizado em Brasília em 1972: o antropólogo mexicano acreditava que o governo poderia usar o evento para camuflar a real situação da política indigenista do país e que essa iniciativa gerasse a impressão de um falso apoio das entidades participantes a essa política, ou mesmo a algum tipo de censura de outros posicionamentos. A solução sugerida por ele foi a realização de um encontro independente realizado previamente em alguma universidade do país, de maneira a promover um debate acadêmico com mais liberdade.

O segundo caso foi relatado em carta para Rodolfo Stavenhagen<sup>157</sup> meses antes de sua ida para o Museu Nacional: Bonfil Batalla temia que a demora em receber respostas de Cardoso de Oliveira poderia indicar algum problema institucional envolvendo sua ida para a

---

<sup>157</sup> Carta enviada em 8 de junho de 1970, provavelmente da Cidade do México – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – Fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 33 – fólio 811.

instituição brasileira. Além disso, afirmou que não queria ter que se preocupar com o que poderia dizer no Brasil e uma possível represália quanto a isso, mostrando estar ciente de que determinados temas eram considerados politicamente delicados. Mais uma vez a questão da censura devido aos seus posicionamentos é motivo de ressalvas do antropólogo mexicano. Acredito que esse temor tenha como base a atuação política de Bonfil Batalla, que teve uma trajetória marcada pelo reconhecimento de uma sociedade pluriétnica e de um resgate da cultura popular mexicana, além da defesa da autonomia dos povos indígenas da América Latina, temas considerados potencialmente subversivos em regimes autoritários como o brasileiro naquele momento.

### **3.2. A união de dois projetos pessoais**

A experiência de Cardoso de Oliveira na América Latina aglutinou alguns de seus interesses profissionais desenvolvidos ao longo da carreira. Se, de um lado, podemos localizar as reverberações de suas pesquisas de fricção interétnica, especialmente no México, neste contexto; de outro, vemos aplicados suas reflexões sobre as antropologias periféricas através dos debates e parcerias que estabeleceu e desenvolveu na região. Além disso, a participação ativa de Cardoso de Oliveira na criação da ALA é resultado de sua dedicação na construção de espaços de consolidação da disciplina. Por isso, um olhar atento a esses seus esforços, que, em geral, são pouco explorados no Brasil, nos permite acessar a união dos projetos que pôs em prática com as discussões teóricas que propôs para a antropologia.

#### **3.2.1. As relações interétnicas e a antropologia mexicana no final do século XX**

O contato que Roberto Cardoso de Oliveira desenvolveu com o México ocorreu, principalmente, através de sua amizade com Guillermo Bonfil Batalla, como já sugeri ao longo deste capítulo. Esta relação está expressa em uma homenagem escrita pelo antropólogo brasileiro após a morte de seu colega mexicano em uma carta endereçada a Enrique Florescano (1937-), do *Consejo Nacional para la Cultura y las Artes*, que estava organizando testemunhos para serem publicados juntamente com textos de Bonfil Batalla:

Mas, com Guillermo, o que começou como relação entre colegas logo foi se transformando em uma profunda amizade que se prolongaria até o seu falecimento – que até agora me é difícil aceitar como tendo de fato ocorrido. A impressão que ele me causou, como antropólogo e como pessoa, levou-me a convidá-lo pouco tempo depois para participar do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) na qualidade de Professor-Visitante. Portanto, Guillermo foi um dos primeiros professores estrangeiros a se integrar naquele Programa que eu havia criado e que teve início em setembro daquele ano [...] Não preciso dizer que seus cursos no Museu Nacional foram coroados do mais absoluto sucesso e, certamente, foi a primeira oportunidade que estudantes brasileiros tiveram de tomar conhecimento da antropologia que se faz no México. Este é o pioneirismo que devemos atribuir a Guillermo Bonfil [...] Não saberia aqui comentar suas diferentes contribuições à nossa disciplina e ao conhecimento de seu País. Quero apenas mencionar que os estudos sobre relações interétnicas, etnicidade e indigenismo receberam de sua obra um notável impulso [...] E tenho certeza que sua contribuição à antropologia que fazemos na América Latina seria ainda mais ampliada se pudesse ele continuar entre nós. Mas é como amigo que mais sinto a sua morte. E a única expressão que me ocorre neste momento é a palavra saudade, intraduzível noutra língua, mas que diz bem aquilo que sinto [sublinhado no original] (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Enrique Florescano. 7 de março de 1992 – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – pasta 405)<sup>158</sup>.

Essa parceria, além de estar expressa nos projetos já apresentados até aqui neste capítulo, possibilitou a construção de um diálogo com um grupo de investigadores vinculados ao antigo CIS-INAH, atual *Centro de Investigaciones y Estudios en Antropología Social* (CIESAS), instituição na qual Cardoso de Oliveira atuou como professor visitante em 1979 e no início de 1980. Ressalto que esse grupo de pessoas estabeleceram mais que uma rede de amizade e institucional, mas também de afinidades de concepções teóricas e acadêmicas, além de intercâmbios entre os dois países.

Segundo Virginia García Acosta, em entrevista, as ideias desenvolvidas por Cardoso de Oliveira encontraram um campo favorável, bem como um diálogo fecundo no país: “como él era muy afable mucha gente se acercó a él y sus propuestas teóricas creo que cayeron en un campo fértil y se desarrollaron” (Depoimento de Virginia García Acosta à autora, Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020). As investigações sobre as relações interétnicas no México influenciam até os dias de hoje o indigenismo no país. Assim, foi nesse campo que o conceito de fricção interétnica, cunhado por Cardoso de Oliveira, incorporou-se às discussões do período.

Além disso, através desse contato, das viagens, congressos e do projeto na região da Meseta Tarasca, se iniciou o intercâmbio de pesquisadores incentivados por Bonfil Batalla e Cardoso de Oliveira. Do lado mexicano, três antropólogas vinculadas ao CIESAS foram para a Universidade de Brasília e se tornaram discípulas do antropólogo brasileiro – que se ocupava

<sup>158</sup> Carta enviada de São Paulo e assinada “Atenciosamente, Roberto Cardoso de Oliveira”.

inclusive de obter bolsas para que esses intercâmbios fossem possíveis. Vieram então, em momentos distintos, Nina Vargas, Virginia Molina Ludy e Virginia Garcia Acosta. Molina Ludy foi a primeira a chegar em Brasília, em 1973, tendo também colaborado efetivamente no projeto em Meseta Tarasca; anos mais tarde atuou como professora visitante na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Vargas foi a segunda a chegar na UnB, em 1976, tendo participado do projeto mencionado e já tendo Cardoso de Oliveira como coorientador de sua tese de doutorado. O antropólogo brasileiro escreveu a Bonfil Batalla sobre estes intercâmbios e o afeto que nunca podia ser ignorado no desenvolvimento destas relações:

Gostei de receber sua carta, sobretudo quando ela promete uma correspondência contínua – estimulada pelas atividades acadêmicas de nossa querida Nina. Conforme eu já havia dito ao Arturo<sup>159</sup>, estou muito feliz em participar do doutoramento de Nina como também do programa em geral do CIS-INAH. As únicas dificuldades que sempre surgem estão na questão do tempo: do tempo de ir ao México, ainda que eu sempre deseje estar aí com vocês; mas as obrigações que me prendem a Brasília, não me deixam sair por mais de duas ou três semanas – o que vem impedindo que eu dê cursos regulares no CIS-INAH. Portanto, a ideia de minha participação através da vinda de estudantes para a UnB, como nesse caso da Nina, parece-me excelente e eu só espero que isso seja compensador aos estudantes mexicanos e ao programa de doutoramento do CIS-INAH (Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Guillermo Bonfil Batalla. 23 de janeiro de 1976 – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* – fundo Guillermo Bonfil Batalla – caixa 36 – fôlio 2392)<sup>160</sup>.

Apesar de Nina Vargas não ser a primeira aluna a ir à Brasília, o fato de Cardoso de Oliveira já participar de sua tese de doutorado ajudou a aproximar ainda mais as relações com Guillermo Bonfil Batalla e com o México, principalmente como relatado na carta acima, em dar continuidade a uma parceria que era dificultada pela falta de tempo em estar mais próximo neste país.

Já o primeiro contato com Virginia García Acosta ocorreu através das aulas de Roberto Cardoso de Oliveira realizadas como professor visitante no México, tendo a antropóloga estado na UnB em 1980. Sobre isso, comentou em entrevista que:

El curso se llamaba *Sistemas Interétnicos* o algo así, y un día, aquí hay parte de cosas personales, como ocurre en toda la vida, me acerqué a él y le dije “me gustó mucho su curso, soy fan de la música brasileña y me encanta el portugués”, entonces su

<sup>159</sup> Arturo Warman (1937-2003) foi um antropólogo mexicano, com pesquisas na área do folclore e do campesinato, atuou também como secretário de agricultura e de reforma agrária na década de 1990. Foi casado com a antropóloga Teresa Rojas Rabiela, já mencionada anteriormente e que também fazia parte da rede de relações de Cardoso de Oliveira no país.

<sup>160</sup> Carta enviada de Brasília e assinada “Aguardando sua próxima carta e mandando um grande abraço de início de Ano, extensivo a Cristina e filhos, aqui fica o amigo Roberto Cardoso de Oliveira”.

respuesta fue: “pues vente a Brasil”. Le dije “no, pero me encantaría”. Por su vez, él me dijo “vente, vente 6 meses”. Eso era 1980, y le expliqué: “no, estoy recién casada, ¿cómo voy a ir y voy a dejar mi esposo?, pues no”. Entonces Guillermo Bonfil se acercó y me dijo “claro que sí, vete”. Yo estaba haciendo la maestría en antropología aquí en la Universidad Iberoamericana. Entonces Roberto se fue, se regresó a Brasil. Sin embargo, en menos de un mes recibí todos los documentos para que me inscribiera en la maestría de antropología social de la Universidad de Brasilia para que yo cursara dos materias, una con él y otra con Lia Zanotta Machado<sup>161</sup>, y además, también recibí los documentos para que mi esposo se inscribiera a un curso de especialización en América Latina en la propia UnB, en el departamento de relaciones internacionales. Mi esposo estaba estudiando sociología [...] Estuvimos por 6 meses, un semestre académico, el segundo semestre de 1980. Tomé ese curso con Roberto y con Lia Zanotta; con ella era *Sistemas Complejos* y con Roberto era más cosas sobre etnicidad (Depoimento de Virginia García Acosta à autora, Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020).

Anos depois, já no âmbito das parcerias entre o CIESAS e a Unicamp, se concretizam mais dois intercâmbios, já mencionados no segundo capítulo: de Mariano Báez Landa e de Patricia Ponce Jiménez, no doutorado em ciências sociais em 1994. Apesar de não ter havido um contato prévio entre os antropólogos mexicanos e Cardoso de Oliveira, a sugestão do local para este intercâmbio partiu de Teresa Rojas Rabiela, à época secretária da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA) na gestão do antropólogo brasileiro e que conhecia Báez Landa.

No caso de outros países latino-americanos, ele também auspiciou a presença de argentinos e colombianos, principalmente na UnB. Esse foi também o caso da antropóloga colombiana Myriam Jimeno, que conheceu Cardoso de Oliveira em eventos onde se discutia a criação da ALA, a qual depois fez parte como vice-presidente da região Andina por dois mandatos. Ao final desse período, o antropólogo brasileiro convidou Jimeno para realizar seu doutorado em Brasília – já que a essa altura estava de volta à UnB –, com ele próprio como seu orientador. Sobre a vinda de estudantes latino-americanos para o Brasil, Jimeno contou durante a entrevista que me conceceu que “había permanentemente varios estudiantes de esos tres países que constituyeron una red que expande las relaciones y los contactos de un punto de vista muy importante, o sea, de romper esas barreras de las fronteras nacionales, que él estudió y que tiene publicaciones” (Depoimento de Myriam Jimeno à autora, Cidade do México, 25 de fevereiro de 2020).

*Cidade do México, 25 de fevereiro de 2020.*

---

<sup>161</sup> Lia Zanotta Machado é professora colaboradora da Universidade de Brasília e foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia entre 2017 e 2018. Suas pesquisas versam sobre as temáticas da violência, dos estudos de gênero e da relação entre o Estado e os movimentos sociais no Brasil e na América Latina.

*A possibilidade de meu encontro com Myriam Jimeno só foi concretizada com o apoio que recebi de Mauricio Sánchez Álvarez, antropólogo e fotógrafo, que havia assumido recentemente o laboratório audiovisual do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) da Cidade do México. Nosso contato foi intermediado por Mariano Báez Landa pouco antes de minha primeira entrevista no país, de forma que eu pudesse utilizar uma câmera emprestada da instituição. Ainda que o laboratório naquele momento não tivesse condições de me ceder um equipamento, devido ao tempo em que o setor ficou desativado, Sánchez Álvarez prontamente me emprestou uma câmera sua que me acompanhou por quase todas as entrevistas que realizei no país. Além disso, devo a ele também o agradecimento pelo interesse sempre atento por minha pesquisa nas poucas vezes que nos encontramos – ainda que tenham sido poucas, foram sempre muito estimulantes e me renderam o aviso da vinda de Myriam Jimeno para o México (sua amiga pessoal) e seu contato.*

*Jimeno veio ao país para participar do Colóquio internacional “El quehacer antropológico en la búsqueda y construcción de la paz y la justicia”, realizado entre os dias 25 e 26 de fevereiro na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM). A antropóloga colombiana ficou apenas poucos dias no México, mas gentilmente aceitou conversar comigo entre uma conferência e outra do evento. Logo após o horário de almoço nos encontramos na sala Cuicacalli (o nome é uma referência à casa de canto e poesia dos Astecas) e descemos juntas para encontrar um lugar perto dali para conversar. Nos sentamos em uma das mesas localizadas no pátio da universidade, tentando nos proteger do sol forte daquele dia. Ao final da entrevista, que durou cerca de 30 minutos, a antropóloga me presenteou com um documento da Associação Latino-Americana de Antropologia: um folder com os primeiros estatutos da Associação, a qual Jimeno participou desde as discussões de sua criação até seu segundo mandato como vice-presidente da região Andina.*

Além dessa aproximação ir de encontro justamente aos objetivos da criação da ALA e de uma aproximação de Cardoso de Oliveira com os países da região, esses intercâmbios possibilitaram que esses antropólogos, ao retornarem aos seus países de origem, levassem essas novas bibliografias para suas instituições, para suas pesquisas e aulas ministradas.

Retornando para o caso específico do México, entretanto, ao mesmo tempo que Cardoso de Oliveira tinha um profícuo diálogo com um grupo de antropólogos do país, pelos quais seus trabalhos ressoavam, a disciplina no país até os anos de 1990 tinha uma forte influência marxista, o que trazia uma visão particular frente ao indigenismo praticado. Com

isso, o foco recorrente dos trabalhos desse período era voltado para o conceito de classes sociais ao invés de pluralismo cultural. Segundo Miguel Alberto Bartolomé durante entrevista, a obra de Cardoso de Oliveira no México não teve muito impacto nesse momento em que o autor realizou viagens ao país, devido à influência teórica marxista no campo antropológico neste contexto. Ressalto que essa posição sobre a recepção da obra do antropólogo brasileiro no México não é um consenso entre os entrevistados dessa pesquisa. Entretanto, é importante para a compreensão do debate antropológico no país. Como me explicou Bartolomé:

La obra de Roberto no tuvo mucho impacto en la antropología mexicana en los años de 1970, tampoco en los años de 1980, ¿por qué no tuvo impacto? Porque la antropología mexicana en aquella época estaba dominada por un marxismo muy rudimentario, entonces la única categoría existente era la clase social, la categoría étnica no existía. Incluso a veces llegaba a negar la existencia de la categoría étnica o indígena: eran campesinos pobres que hablaban lenguas indígenas. Entonces los trabajos que enfatizaban la cuestión de identidad, o relaciones interétnicas, eran menos valorados, porque odiaban la contradicción de clase, [y ella] era la única contradicción considerada fundamental. Y eso predominó durante toda la década de 1980 y empezó a cambiar recién, con la presencia étnica en la Revolución Sandinista, y definitivamente con la insurgencia de la Frente Zapatista de Liberación Nacional en 1994 en México. Donde ahí la dimensión étnica ya fue imposible de ser ocultada por ese marxismo rudimentario de los años de 1970 y 1980 muy fundamentalista (Depoimento de Miguel Alberto Bartolomé à autora, Oaxaca de Juárez, 4 de fevereiro de 2020).

Essa orientação paradigmática dominante na antropologia mexicana impactou inclusive a aceitação da declaração de Barbados. A declaração foi elaborada durante a reunião ocorrida em Barbados em 1971, e foi organizada por Georg Grünberg<sup>162</sup>, com financiamento do Conselho Mundial de Igrejas e da Universidade de Berna, na Suíça, e tinha como tema a fricção interétnica na América do Sul, aglutinando antropólogos de vários países para discutir e denunciar a situação dos povos indígenas na região, além de firmar um compromisso internacional de sua defesa. Apesar de seu título restringir o foco para a região Sul do continente, suas discussões extrapolavam o recorte regional estabelecido, já que contou com a participação de profissionais de outros países da América Latina. É importante notar que a própria Reunião de Barbados levava o conceito cunhado por Cardoso de Oliveira, “fricção interétnica”, como título. Assim, apesar da ausência do antropólogo na primeira edição deste encontro<sup>163</sup>, havia uma grande ressonância de seu trabalho. Segundo Bartolomé, seus

<sup>162</sup> Antropólogo austríaco, professor na Universidade de Berna, com pesquisas realizadas no Brasil junto aos Kaiabi nos anos de 1960.

<sup>163</sup> Bartolomé não soube me dizer o motivo dessa ausência, mas olhando para a data do evento, final de janeiro de 1971, é possível supor que sua ida para Harvard pode ter alguma relação com isso. Já que o antropólogo brasileiro foi realizar seu pós-doutorado justamente nesse ano, e, inclusive, teve problemas para ir devido a um atraso na autorização do governo brasileiro para sua viagem – esse atraso foi relatado em algumas cartas (Fundo Roberto

desdobramentos foram mais aproveitados na América do Sul do que no México, a partir de uma visão de que a Declaração havia apagado a condição campesina dos indígenas. O antropólogo argentino afirmou ainda que foi somente no final da década 1980, com a Revolução Sandinista na Nicarágua, e, principalmente, com o levante zapatista no México nos anos seguintes, que a disciplina começou a tratar de forma mais geral a questão e situação dos povos indígenas na América Latina.

Bonfil Batalla (2019) conta que, apesar da imagem do índio ser símbolo oficial do nacionalismo mexicano desde a revolução de 1910, sua presença aparece como um “mundo morto”, ou seja, como figuras que adornam os edifícios públicos e não têm correspondência no imaginário nacional da população indígena existente no país, que por sua vez é ignorada ou negada. Sobre o debate deste tema central neste contexto, é preciso destacar, no âmbito da disciplina antropológica, que Manuel Gamio é reconhecido como o pai do indigenismo no México: ele foi o primeiro encarregado do governo mexicano para questões indígenas em 1917, sendo precursor de uma antropologia aplicada. Seu trabalho foi referência no assunto até o final da década de 1970 (Cf. BÁEZ LANDA, 2009), o que explica o fato de ser ainda hoje lembrado na história, além do fato de ter sido discípulo de Franz Boas (1858-1942). Sua concepção relativista caminhava junto com a crença de um maior desenvolvimento da cultura ocidental, o que o fazia reconhecer a diversidade cultural no país mesmo que também acreditasse na necessidade de desenvolvimento de uma sociedade homogênea. A conciliação destas perspectivas ia de encontro à concepção no período sobre um nacionalismo que fosse contrário à imagem de um colonialismo europeu, o que segundo Verdum (2018) recaía em um colonialismo interno. Isto ocorria porque, para alcançar tal realização, o indigenismo mexicano esteve vinculado a políticas estatais que tinham o objetivo de assimilar os indígenas na sociedade nacional, com a imposição de apenas uma língua nacional e a inserção econômica das comunidades no sistema em vigor (Cf. BÁEZ LANDA, 2009; BONFIL BATALLA, 2018; JIMENO, 2005; STAVENHAGEN, 2017; VERDUM, 2018). Essa orientação para uma interpretação sobre a formação nacional também foi difundida em outros países na América Latina, através de eventos como o Congresso realizado em Pátzcuaro em 1940, já citado

---

Cardoso de Oliveira), logo após chegar nos EUA. Apesar de não participar da reunião, Cardoso de Oliveira esteve envolvido nas discussões que precederam o encontro. Além disso, ele esteve presente em Barbados II e na Reunião de San José. A segunda edição da Reunião de Barbados ocorreu em 1977, sob o mesmo título, mas a principal mudança dessa reunião foi a participação de diversas lideranças indígenas. Já a Reunião de San José ocorreu em 1981, patrocinada pela *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* (FLACSO) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o objetivo de denunciar o etnocídio dos povos indígenas da América Latina e incentivar políticas voltadas para uma autodeterminação e autonomia dessas populações.

anteriormente. Mas também pode ser encontrada de maneira específica nas obras de outros antropólogos que sucederam Gamio no campo científico do país, como Gonzalo Aguirre Beltrán (1908-1996)<sup>164</sup>, que também foi presidente do Instituto Indigenista Interamericano. Apesar de algumas mudanças em relação ao teor do debate à época de Gamio, segundo Bonfim Batalla a questão da integração indígena ainda estava em pauta nos períodos posteriores à sua atuação:

O ponto importante aqui é destrinchar o significado da política indigenista em termos do sistema de controle cultural que a Revolução tentou estabelecer. No pensamento de seus mais destacados expoentes (Aguirre Beltrán, Julio de la Fuente, Alejandro Marroquín, Ricardo Pozas e Alfonso Caso, para mencionar somente alguns dos mais conhecidos), apesar de suas divergências de matriz e ênfase em certas questões, fica evidente a convicção de que a integração do índio é um objetivo desejável, porque é o único caminho para alcançar a unidade regional e assegurar o desenvolvimento. A integração é vista como um processo inevitável e natural que, no caso do México, tem sido obstruído por obstáculos históricos de dois tipos. Por um lado, a dominação das cidades incrustadas nas áreas de refúgio exercida regionalmente pelos grupos “mestiços” (não índios) que se beneficiam mantendo o índio marginalizado. Por outro, a resistência ao campo que as próprias culturas índias têm gerado [...] seu idioma, suas crenças, seus hábitos e suas práticas tenderam a isolá-lo dos novos ventos que sopram no mundo (BONFIL BATALLA, 2019, p. 234).

A partir dos anos de 1970, um novo discurso indigenista começou a ser desenvolvido nas esferas governamentais, aumentando a aceitação ao pluralismo étnico do país, ainda que com “contradições e ambiguidades” (BONFIL BATALLA, 2019, p. 236). Até o reconhecimento mais generalizado dessa temática no México por parte dos intelectuais, os indígenas eram vistos como mestiços. Desta forma, este processo foi denominado por Bonfil Batalla como desindianização. É evidente como a força do debate marxista na antropologia mexicana, já referida neste capítulo, também se impunha nesta discussão indigenista: afinal, o processo era visto através da chave da classe social e não da etnia. Para o antropólogo mexicano, a desindianização era diferente da mestiçagem, sendo ela a renúncia forçada de uma identidade particular e um processo histórico.

Ressalto que esse movimento de desenvolvimento de certos debates antropológicos ocorria paralelamente a outros – já mencionados neste capítulo –, com os quais Cardoso de Oliveira mantinha um diálogo. Ou seja, isso não impedia seu trabalho desenvolvido no país,

---

<sup>164</sup> Antropólogo mexicano que apesar de desenvolver o conceito de “Regiões de Refúgio”, que segundo Báez Landa (2009) superava o funcionalismo clássico e adentrava nos debates sobre relações étnicas, ao invés de ir em direção a um enfrentamento entre indígenas e a sociedade nacional (algo semelhante ao que Cardoso de Oliveira desenvolveu em seu conceito de fricção interétnica), recaía na ideia de estratificação social (Cf. STAVENHAGEN, 2017). Além disso, sua teoria ainda ia de encontro com as políticas de integração nacional.

mas pode explicar, em partes, algo referente ao acesso de seus textos no México. Segundo Báez Landa (2009), foi através do movimento indígena, principalmente através da importância da atuação do Exército Zapatista de Libertação Nacional, que as ideias de integração nacional e da assimilação começaram a ser combatidas, através do reconhecimento e convivência dos diferentes grupos de uma sociedade com diversidade étnica e cultural. E, com isso, a imagem de um país mestiço e campesino começou a se transformar em um cenário pluriétnico e multicultural.

Outro ponto levantado em várias das entrevistas que realizei, sobre os limites da interlocução entre os praticantes da antropologia no México e no Brasil, que é importante para ser destacado em uma análise sobre os impactos da obra e da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira no país ao norte, diz respeito à dificuldade causada pela língua, já que apesar da proximidade linguística do português e do espanhol, Virginia García Acosta, Miguel Alberto Bartolomé e Gustavo Lins Ribeiro afirmaram que os mexicanos, principalmente pela distância geográfica e cultural com o Brasil, têm mais dificuldades com a compreensão do português. O mesmo era sentido por Myriam Jimeno na Colômbia, apesar de concordar que o contato mais frequente de seus alunos com textos em português resultava na quebra dessa barreira. Não por acaso, é por esta percepção sobre esta dificuldade que meus interlocutores concordam sobre a importância de se traduzir textos de antropologia, como uma maneira de facilitar esse acesso aos alunos de graduação e pós-graduação e intensificar o intercâmbio teórico entre os dois países. Entretanto, é importante destacar que muitos desses antropólogos me relataram terem feito o esforço de propor a leitura das obras de Cardoso de Oliveira em suas aulas, mesmo em português.

Apesar desse histórico da questão indigenista no México, outro interlocutor da pesquisa não acredita que a recepção do trabalho de Cardoso de Oliveira tenha disso diminuída até a década de 1990 por isso, ou pelo não acesso a suas obras devido à questão linguística. Apesar dessa característica da antropologia mexicana, Mariano Báez Landa acredita que mesmo com estes desafios e dificuldades, através das parcerias com Bonfil Batalla e com o CIESAS o trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira conseguiu alcançar um grupo de antropólogos expressivo naquele momento. Posteriormente, com a mudança de perspectiva no campo científico e no contexto político nacional mais amplo, a questão indígena passou a ser muito importante na produção antropológica mexicana e, principalmente, nas questões desenvolvidas por Cardoso de Oliveira, como as relações étnicas.

A mí me parece que la recepción fue una recepción de muy, muy alto interés. Además porque tuvo la oportunidad de dar aula y eso detona precisamente el interés en los alumnos, que posteriormente se convirtieron en investigadores en México. Insisto, el tema madre de la antropología mexicana fue el indigenismo, fue el tema indígena, la política hacia los indios, las acciones hacia la población indígena. Entonces, las aportaciones de Roberto en ese campo fueron muy importantes, acompaña de alguna manera la necesidad que teníamos en aquella época de los [años de] 1980 de mudar el marco interpretativo básicamente de las relaciones interétnicas. Era contradictorio porque nosotros en los [años de] 1970 abrazamos el paradigma marxista, el sistema marxista de interpretación y de reflexión, y con ello muchas veces fuimos al campo a tratar de probar la teoría marxista, con graves problemas, principalmente cuando nos fuimos, por ejemplo, por el lado de los estudios rurales. Ahí lo que ocurrió fue una influencia extrema de nuestra militancia en el campo del marxismo, se abandonó, o, mejor dicho, se subsumió el tema indígena en el tema rural. A decir, los indígenas pasaron a formar parte del gran contingente de campesinos y por lo tanto nuestras investigaciones, como antropólogos, nos fuimos directo al tema campesino [...] Y con la aportación de Roberto en términos de, ojo, enfoquemos la teoría del conflicto, o sea, incorporemos en conflicto como un elemento que va empezar a dar las explicaciones de este enfrentamiento de los grupos y de las clases sociales de México. Entonces, digamos costó mucho, esto es cierto, porque desde los [años de] 1970 a los 1990, que es cuando se recupera nuevamente el concepto de cultura, nuevamente los indígenas pasan a asumir una postura más étnica, más identificada con su pertenencia étnica, es cuando realmente vemos la importancia que tenía haber modificado esa visión (Depoimento de Mariano Báez Landa à autora, Xalapa, 13 de março de 2020).

Apesar desse histórico do indigenismo no país, identificado com a tendência em substituir um olhar para as questões étnicas para o tema rural, em decorrência da forte influência marxista, acredito que essa característica poderia ter recebido uma ressonância ainda maior do trabalho de Cardoso de Oliveira no que concerne o debate sobre fricção interétnica, já que estas reflexões partiam da percepção crítica sobre as relações entre indígenas e a sociedade nacional e seus conflitos. Sugiro a existência desta ressonância sobretudo porque o próprio trabalho de Gonzalo Aguirre Beltrán, sobre as regiões de refúgio, partia de algumas preocupações semelhantes, ainda que os dois antropólogos chegassem a conclusões diferentes. Quanto ao trabalho do antropólogo brasileiro sobre as situações de contato entre indígenas e a sociedade nacional, Oliveira Filho (1999) ao analisar as investigações etnológicas em duas regiões do Brasil, a Amazônia e o Nordeste, resalta a importância do trabalho de seu professor: já que o trabalho de Cardoso de Oliveira influenciou uma agenda de pesquisa que formulava novos conceitos para o trabalho antropológico, como no caso da fricção interétnica, a partir de uma insatisfação com investigações que analisavam as sociedades indígenas de uma maneira autocontida, sem refletir na atuação da relação (e no embate) desse encontro com a sociedade nacional.

Além disso, em relação à recepção do trabalho de Cardoso de Oliveira no México, o antropólogo também teve uma forte influência marxista em sua formação na Universidade de São Paulo, como tratado no primeiro capítulo, bem como no início de sua carreira na etnologia

– ainda que tenha afirmado em entrevista para Robert Crépeau (2009) que essa influência não interferia em sua atividade acadêmica (mas foi um dos fatores que o impediam de vislumbrar uma carreira na Universidade de São Paulo, como afirmado anteriormente).

Quanto à questão da tradução, Báez Landa não acredita totalmente em uma dificuldade de acesso por causa da língua, tanto a partir de sua experiência como aluno do doutorado em ciências sociais da Universidade Estadual de Campinas (mencionado no segundo capítulo), como também por sua experiência como professor no México e no Brasil. Ao contrário, ele afirma que essa dificuldade advém mais da questão histórica sobre hegemonia, da prevalência de um olhar em direção ao norte, do que de uma incapacidade de compreender a leitura do português. É evidente que o argumento linguístico é complexo, pois podemos sugerir que a própria dificuldade de encontrar traduções é devida a questões de ordem epistemológica e geopolítica, como parece acreditar Báez Landa. A falta de textos em português, seja de autoria de Roberto Cardoso de Oliveira ou de outro intelectual brasileiro, nos cursos de antropologia no México (ou de outro país da América Latina) pode incidir em explicações sobre a dificuldade de compreensão da língua como motivo para a fraca interlocução entre as comunidades antropológicas entre os dois países, mas meu interlocutor insistiu em apontar restrições de outra espécie também.

De qualquer maneira, poucos antropólogos brasileiros têm sua obra mais traduzida para outros idiomas do que Roberto Cardoso de Oliveira, o que é importante notar para pensar sobre os alcances destas interlocuções estabelecidas e o impacto de suas reflexões em outros contextos acadêmicos estrangeiros. Buscando a produção de Cardoso de Oliveira em outros idiomas, é possível perceber que há textos em inglês, espanhol, italiano e francês<sup>165</sup>, sendo o espanhol a língua em que há mais produções traduzidas. Em 1996, o antropólogo publica, em português, seu primeiro texto em um periódico de língua espanhola, o *América Indígena*, periódico do Instituto Indigenista Interamericano; apenas no ano seguinte teve o primeiro texto traduzido, um relatório da *Reunión para la Integración de la Enseñanza en las Investigaciones Antropológicas*, organizado pela Fundação Wenner-Gren. Além de diversos artigos, Cardoso de Oliveira também publicou três capítulos de livros sobre relações interétnicas e antropologias periféricas e quatro livros em espanhol: *Urbanización y Tribalismo*, pelo Instituto Indigenista Interamericano em 1972, *Etnicidad y Estructura Social*, pelo *Centro de Investigaciones y*

---

<sup>165</sup> A maior parte dos dados sobre as publicações foram obtidos em seu currículo de 1994, documento pertencente ao arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia e os mais recentes em seu currículo lattes (ambos já citados anteriormente).

*Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS) em 1992 (republicado em 2007), *El indio y el mundo de los blancos*, pelo CIESAS e pela Universidade de Brasília em 2014, e *El Trabajo del Antropólogo*, pela Universidad Nacional de General Sarmiento em 2017. Ou seja, apesar de ter apenas parte de sua bibliografia traduzida, corresponde a uma boa parcela das discussões teóricas que propôs, o que possibilita um bom alcance de seu trabalho fora das fronteiras de seu próprio país.

Retomando a questão histórica que permeia as dificuldades das leituras em português, Gustavo Lins Ribeiro ressaltou a atuação de Cardoso de Oliveira, e de outros antropólogos dessa mesma geração, que tinham uma preocupação com uma geopolítica do conhecimento e com a importância de se estabelecer outros canais de troca de conhecimento, mais amplas e não restritas às instituições em que se formaram e atuaram. Isso não significa, ou significou nos trabalhos deste último, que seja possível ignorar a produção da disciplina em países considerados centrais, na conceitualização do antropólogo mais velho (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) – o que pode ser percebido por sua estreita parceria com a Universidade de Harvard e com David Maybury-Lewis, para citar uma de suas principais relações já discutidas anteriormente –, mas sim desenvolver outros tipos de troca e de colaboração, não desconhecer o que se faz nos países vizinhos ou em outros lugares do mundo. Nesse sentido, Lins Ribeiro afirmou:

De certa forma, o que nós fazemos hoje tem sua âncora nesses momentos, de perceber que você precisa formar os canais de troca, porque se não nós vamos continuar sempre como – vou falar de maneira irônica – clientes de Nova York, Londres e Paris, quando não precisamos disso. Precisamos de trocas com Nova York, Londres e Paris certamente, mas não de desconhecer o que se faz no México, o que se faz em Brasília, no Rio [de Janeiro], em Campinas, em São Paulo, Porto Alegre, Recife, Montevideu, Buenos Aires, Bogotá, Lima, Equador, um monte de coisa interessante para caramba, sempre foi desses lugares, como se não tivesse inteligência ali, claro que tem. Essa que é a questão, porque se você não cria os mecanismos, isso não vai se dar por força, aquilo que um colega francês<sup>166</sup> chama: força gravitacional da internacionalização acadêmica, que é todo mundo olhando para o norte. Enquanto a gente tem muita coisa para aprender com nossos colegas com situações mais parecidas com a gente (Depoimento de Gustavo Lins Ribeiro à autora, Cidade do México, 10 de março de 2020).

Essa força gravitacional da internalização, ou outros termos que apareceram ao longo desse capítulo, como geopolítica do conhecimento ou colonialidade do saber – apesar de suas diferenças – apontam para esses mecanismos que insistem em perpetuar um olhar voltado para a produção e para projetos junto aos países centrais (retomando o conceito de Cardoso de

---

<sup>166</sup> Nessa fala, Lins Ribeiro se refere ao antropólogo francês Benoît de L'Estoile (1967-).

Oliveira) em detrimento de uma antropologia produzida nos países periféricos. As iniciativas como a Associação Latino-Americana e o projeto de Antropologias do Mundo<sup>167</sup> tentam transformar, e não trocar, esses fluxos de parceria e produção, de forma a produzir novas dinâmicas de articulação entre países e pesquisadores, escapando de uma construção de um Norte global que produz teoria e um Sul que produz apenas dados para essas teorias (Cf. LINS RIBEIRO & ESCOBAR, 2009). Nesse mesmo sentido, é possível recuperar a atuação de Roberto Cardoso de Oliveira no desenvolvimento de fóruns de discussão de antropologia no contexto latino-americano como forma de voltar nosso olhar tanto para o próprio projeto intelectual deste autor, como para questões fundamentais no campo antropológico não metropolitano. Trata-se de questões que foram desenvolvidas a partir do enfrentamento destes mesmos desafios e que parecem assinalar as potencialidades do pensamento produzido em outras tradições antropológicas, sobretudo a partir de uma postura crítica deste olhar epistemologicamente dependente, algo que Lins Ribeiro (em entrevista – Cf. MEJÍAS GUIZA, 2019) e Eduardo Restrepo (Cf. RESTREPO et al, 2018) chamam a atenção em sua reflexão sobre o assunto. Ou seja, para uma mudança na imaginação teórica de forma a dialogar com outros grupos e com outras perspectivas possíveis para a produção de conhecimento.

### **3.2.2. Rede latino-americana e antropologias periféricas**

Cardoso de Oliveira sempre participou de diversos encontros internacionais que tinham como objetivo discutir a produção da antropologia e do indigenismo (latino-)americano, como os Congressos Indigenistas Interamericanos, os Congressos dos Americanistas e as diversas reuniões e fóruns de discussão sobre o ensino de antropologia. A partir desses contatos, de sua relação mais estreita com o México e com Guillermo Bonfil Batalla e da mudança de seus interesses para os estudos mais epistemológicos da disciplina, outros esforços importantes foram produzidos pelo antropólogo brasileiro: a criação da Associação Latino-Americana de Antropologia, os estudos de antropologias periféricas e uma produção mais teórica sobre as bases da disciplina. O empenho de Cardoso de Oliveira foi além da construção de uma

---

<sup>167</sup> Trata-se de um grupo de discussão com antropólogos de vários países do mundo com o objetivo de refletir sobre o sistema mundial de produção antropológica e buscar novos modos de relações entre as diferentes antropologias, de maneira consciente a respeito dos fatores sociais e políticos que permeiam a produção da disciplina (Cf. LINS RIBEIRO & ESCOBAR, 2009).

associação na região, aliando também aos esforços suas próprias pesquisas que refletiam acerca da antropologia produzida nesses países e sobre suas trocas no contexto global.

Esses intentos foram impactados por discussões anteriores iniciadas a partir da década de 1970, momento em que a disciplina passou por uma série de revisões dos marcos de referência, tanto nos países centrais, como nos periféricos. No México, um grupo de antropólogos começou a refletir sobre a produção da antropologia nacional, seu exercício e sua relação com a cidadania. Assim, Arturo Warman, Margarida Nolasco<sup>168</sup> (1932-2008), Bonfil Batalla, Mercedes Oliveira<sup>169</sup> e Enrique Valencia<sup>170</sup> publicam, em 1970, *De eso que llaman antropología mexicana*, um texto que marcou uma nova perspectiva da questão indígena no país, confrontando a política indigenista em vigor (Cf. DAVIS, 1993). Esses antropólogos passaram a ser entendidos como pertencentes a uma geração crítica, que apontava uma vinculação da disciplina com as políticas de Estado e a um projeto nacionalista, que justamente perdia o seu caráter crítico (Cf. AIRES, 2013). Quanto a esse debate, Cardoso de Oliveira afirmou que “este conjunto de questões marcam, a meu ver, o surgimento de um novo patamar de reflexão sobre a antropologia que procurava sua identidade na América” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1992, p. 5)<sup>171</sup>.

Nutrido por essas questões e pelos debates que participou (e muitas vezes empreendeu) nos eventos científicos realizados na América Latina, Cardoso de Oliveira foi em busca de entender como as particularidades sobre cada tradição antropológica se desenvolveram nos países da região especificamente, mas sem perder de vista a vinculação com a produção da antropologia como uma disciplina. De forma análoga ao artigo mexicano, o antropólogo brasileiro propõe uma reflexão a partir do caso brasileiro, como exemplificado no texto *O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?* (1988)<sup>172</sup>, em que ele explora a história e a tradição da disciplina no país junto a dois conceitos importantes, Cultura e Estrutura, e a duas linhas de pesquisa, a etnologia indígena e o estudo da sociedade nacional. A partir dessa

---

<sup>168</sup> Antropóloga mexicana, foi uma das fundadoras do *Colegio de Etnólogos y Antropólogos*, uma das associações nacionais do país, e do Museu Nacional de Antropologia. Com pesquisas sobre a migração indígena e a proteção de minorias étnicas.

<sup>169</sup> Antropóloga mexicana, com interesses de pesquisa em mulheres indígenas, direitos humanos, feminismo e violência.

<sup>170</sup> Antropólogo colombiano, desenvolveu grande parte de sua atuação profissional no México, com pesquisas sobre espaços urbanos, indigenismo e etnicidade.

<sup>171</sup> Publicado no Boletim Plural da ALA, em 1992. O Boletim faz parte do arquivo da Associação (Plural: Boletim da Associação Latino-Americana de Antropologia, n. 1. Outubro de 1992 – Arquivo da Associação Latino-Americana de Antropologia – caixa 1 – pasta *Boletín Plural*).

<sup>172</sup> Publicado originalmente em 1985 no Anuário Antropológico.

publicação, inaugura uma série de outros textos em que busca analisar as bases da produção nacional, o estilo e a epistemologia da disciplina, em contextos centrais e também periféricos.

Em continuidade a essas reflexões, Cardoso de Oliveira dedicou-se a analisar aspectos e desafios do fazer antropológico nos contextos latino-americanos e as diferenças com as antropologias centrais, como já afirmado em alguns momentos desta dissertação. Entre as noções que envolvem as reflexões sobre estas antropologias periféricas está o compromisso de sua produção com as realidades manifestadas em seus próprios territórios. Apesar das evidentes diferenças históricas do processo de formação dos países que constituem esta região continental, muitas das formas de pensar a disciplina partem da mesma direção: a questão da nação. Sobre o interesse das antropologias latino-americanas com o outro interno, Restrepo (2018) afirmou que:

Como lo han argumentado Cardoso de Oliveira, Myriam Jimeno y Esteban Krotz, nosotros, a diferencia de otros antropólogos de otras partes, nos estamos pensando en el marco de nuestro Estado-nación. Aunque parte importante de las antropologías latinoamericanas han estudiado a otros, son los otros de nuestra nación, no son los otros de por allá en Indonesia, África. En palabras de Jimeno es ver la antropología desde una posición de ciudadanía, es una cuestión de tiene que ver con nuestro presente, nuestro pasado y nuestro futuro, y estamos pensando problemas que nos invitan y nos convocan, obviamente de forma diferencial (RESTREPO, 2018, p. 148).

Segundo Stavenhagen (2017), no caso da antropologia mexicana sua própria conformação como disciplina acadêmica ocorreu através de um interesse no tocante à nação, exemplificado sobretudo na questão do indigenismo e de como incorporar o sujeito indígena à sociedade nacional – preocupação de Estado, mas também da ciência, como os estudos feitos por Manuel Gamio no México, ainda nas primeiras décadas do século passado indicam. Porém, é importante destacar que a reflexão sobre a formação da nação continuou presente inclusive nos estudos antropológicos na segunda metade do século XX, já que a pesquisa das relações interétnicas, ou mesmo da fricção interétnica, coloca como central justamente as noções e as práticas do Estado e da nação no entendimento do indigenismo.

No caso brasileiro, o trabalho de Mariza Peirano (1991), já mencionado no segundo capítulo, aponta como os debates sobre os processos de construção da nação, ou o *nation building*, já estavam sendo realizados nas ciências sociais após a década de 1930. É importante assinalar a ressalva feita por Cardoso de Oliveira ao argumento da antropóloga: “ainda que a ideia da construção da nação não estivesse tão clara aos etnólogos brasileiros como a tese de Peirano parece sugerir, a preocupação com a sociedade nacional (menos do que com a questão

da nacionalidade) esteve sempre presente” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 154). Entretanto, com isso o antropólogo mais velho não queria indicar uma ausência desse debate, muito pelo contrário, já que a questão da nação no debate antropológico, especificamente, mas também nas discussões sobre teoria social brasileira, de maneira mais ampla, aparecia também nos eventos em que participava na América Latina. Cardoso de Oliveira apontou, por exemplo, que na Reunião Técnica de Antropólogos e Arqueólogos, ocorrida no México em 1979, e em outros eventos subsequentes, a preocupação com a nação já aparecia como uma característica da disciplina feita na região, assim como no Caribe e em outros países considerados periféricos. O antropólogo acreditava que no caso da América Latina, apesar dessa questão ser central, a discussão sobre *nation building* não era suficiente para explicar completamente os processos históricos específicos que produziam diferentes campos de produção do conhecimento. É por este motivo que o antropólogo propõe uma reflexão sobre os Estilos de antropologia (Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988; 1995), destacando a importância da análise sobre a forma que escrevemos e como nos relacionamos com nossos objetos de investigação, de maneira a melhor compreender estas diferenças nas agendas de debates antropológicos em diferentes contextos históricos e políticos.

Ainda sobre as características das antropologias latino-americanas, Peirano (1999) ao analisar as diferentes formas de alteridade desenvolvidas na antropologia no Brasil, parte justamente da ideia de que no país (mas que pode ser estendido para outras antropologias de configuração periférica) a disciplina esteve voltada para o Outro interno e desenvolveu diferentes tipos e graus de alteridades, a depender da proximidade de certo grupo social no interior de seu próprio território – tendo como parâmetro para tal distância, evidentemente, o antropólogo. Tal processo ocorreu nestes lugares de uma forma bastante diferente em relação ao desenvolvimento das ditas antropologias centrais, cujos representantes cruzaram fronteiras e refletiram sobre a diferença a partir da pesquisa com um Outro distante, cultural e geograficamente.

Uma pista interessante para compreender as ressonâncias desta discussão, é justamente retomar a reflexão sobre as redes formadas por Roberto Cardoso de Oliveira e alguns de seus interlocutores mais próximos, atentando para as formas como as análises sobre estilo de fazer antropologia incidem sobre os debates em torno da questão das particularidades no contexto latino-americano. Influenciada pelo trabalho de Cardoso de Oliveira referente ao estudo destes estilos, Myriam Jimeno buscou desenvolver um questionamento da existência de uma particularidade em uma antropologia latino-americana, vinculada à forma como a

disciplina se relaciona com seus objetos de pesquisa, o que a levou a desenvolver a categoria de *investigador ciudadano*:

Yo me interesé por la noción de estilo en antropología que él trabajó en uno de sus libros y la empecé a utilizar en artículos donde había la pregunta: ¿tenemos algo de peculiar o somos indistinguibles frente a otros quehaceres antropológicos? A mí me sirvió mucho y escribí entonces un conjunto de artículos tratando de preguntarme a través de la noción de estilo. Otra noción que él también usa en esos artículos sobre la antropología en Brasil y América Latina, es de que efectivamente él afirmaba mucho, nosotros como latinoamericanos tenemos una diferencia de relación con nuestros objetos de estudio. Eso Roberto lo explora y mostraba que esa diferencia de la relación es la no exterioridad que tenemos con esos sujetos de estudio, una relación de intimidad. Yo no me acuerdo las nociones exactas, pero el argumento es eso, tenemos una relación próxima, no son ni extraños los sujetos de estudio, porque son nuestros conciudadanos. Yo entonces, con base en esa idea, desarrollé la categoría de investigador ciudadano. Tengo varios artículos donde uso esa idea de lo que nos distingue es esa consciencia social de que somos investigadores, pero somos conciudadanos también y nos atañe los problemas políticos, sociales que tienen nuestros sujetos de estudio, y eso nos genera una particular relación que puede ser problemática en unos sentidos, pero que también es sumamente enriquecedora en otros (Depoimento de Myriam Jimeno à autora, Cidade do México, 25 de fevereiro de 2020).

Uma das reflexões centrais abordadas por Jimeno (2005) nessa temática é o compromisso que a antropologia produzida nos contextos latino-americanos tem com seus interlocutores e com a produção teórica desenvolvida. Os grupos estudados não seriam entendidos como Outros distantes, mas como também participantes da construção da nação nesses contextos. E assim cada geração de antropólogos problematiza a sua relação com o Outro de diferentes formas, o que caracterizaria uma vocação crítica das ciências Sociais na América Latina. Dessa discussão, a autora desenvolveu a categoria de investigador cidadão, uma figura que além de seu trabalho como pesquisador, atua também como um sujeito político em esferas compartilhadas com seus interlocutores. Entretanto, Jimeno ainda alerta que, apesar da reflexão sobre a construção da nação estar presente nas antropologias da região, é necessário perceber que há distintos projetos de nação em disputa, mesmo dentro da antropologia: como no caso mexicano já mencionado anteriormente, a respeito das maneiras como a sociedade nacional lida com a presença dos indígenas em seu território, e como as políticas públicas são acionadas a partir desse contato.

Retomando ao trecho da entrevista de Jimeno, a antropóloga colombiana recupera ainda um elemento importante para minha análise: ela não deixa de lado a relação estabelecida com Cardoso de Oliveira para refletir sobre certas questões teóricas. Da mesma forma, é importante ressaltar, a amizade que começou com as discussões da criação da ALA e se

intensificou depois da vinda da intelectual ao Brasil, nos leva a um outro ponto importante do trabalho desenvolvido pelo antropólogo brasileiro, já abordado anteriormente: a promoção de intercâmbios entre profissionais latino-americanos, principalmente mexicanos, em instituições acadêmicas. É possível pensar sobre a importância da experiência de antropólogos e antropólogas em outros países que não os seus próprios. Esta experiência parece ter possibilitado não apenas a formação desta rede de contatos, como também um descobrimento de novos atores e novos contextos de produção de conhecimento. Este deslocamento, físico, mas também epistemológico, parece ter sido importante para uma perspectiva crítica que Roberto Cardoso de Oliveira e vários de seus contemporâneos nutriam sobre os alcances do debate antropológico nos espaços acadêmicos e não acadêmicos nestes contextos não metropolitanos na América Latina. Esta ênfase seria fundamental para que as antropologias periféricas rompessem com estruturas de desigualdade e hegemonia, de um olhar sempre em direção ao norte, e passassem a compartilhar das pesquisas feitas em contextos mais próximos, interseccionando as parcerias latino-americanas.

Nesse sentido, como Miguel Alberto Bartolomé afirmou em entrevista, a obra de Cardoso de Oliveira era um dos poucos trabalhos antropológicos que se poderia chamar possuidora de uma dimensão latino-americana. Ou seja, de ter a capacidade de influenciar na produção da disciplina de uma geração de antropólogos da região – no Brasil, é importante lembrar, que essa posição era também compartilhada com Darcy Ribeiro. Ribeiro, assim como Cardoso de Oliveira, era muito próximo de Guillermo Bonfil Batalla, esteve diversas vezes no México e no *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social*, e em outros países da América Latina (tendo passado boa parte de seu exílio durante o regime militar brasileiro em países da região), além de ter vários livros traduzidos ao espanhol e de ter, na reflexão sobre a América Latina, um eixo fundamental de preocupações em sua vida (Cf. JIMENO, 2005).

A consciência de um pertencimento à região, por parte de Cardoso de Oliveira, permeou as diversas esferas constituintes de sua atuação profissional, e aglutinou diferentes aspectos de seu projeto de antropologia, mesmo com as dificuldades de uma integração internacional mais permanente, como sugeri neste capítulo, e que pudesse manter-se ao longo do tempo a despeito dos esforços de sujeitos específicos. Como nos relembra Myriam Jimeno:

Roberto fue una persona que creyó institucionalidad en antropología, en el sentido duro de ese término. No solamente por la creación de posgrados, y el impulso que le dio a varios posgrados en Brasil, sino también por la creación de esa red transnacional

que fue muy importante. Es una persona que no se la puede ver de manera anclada solo en su producción intelectual, sino que también hizo una creación institucional que es la que le da base para el ejercicio profesional, y a un ejercicio profesional muy proyectado hacia la conceptualización de América Latina, y con una conciencia de latinoamericanidad, que hoy en día no se comenta mucho, pero que fue muy fuerte en los años de 1960 y 1970, que él ayudó a impulsar (Depoimento de Myriam Jimeno à autora, Cidade do México, 25 de fevereiro de 2020).

Como tentei enunciar ao longo desse capítulo, recuperar a atuação de Cardoso de Oliveira na América Latina permite, em primeiro lugar, vincular suas duas principais temáticas de pesquisa – ou seja, as relações étnicas e as reflexões sobre as antropologias periféricas – e como estas “caminharam” juntas ao longo de sua trajetória. Ressalto a importância desta análise uma vez que, mesmo quando seus interesses estavam voltados para as relações interétnicas, o antropólogo já participava de eventos e de discussões científicas com o objetivo de refletir sobre a produção da disciplina na América Latina. Posteriormente, quando o fazer antropológico passou a pautar suas reflexões teóricas, Cardoso de Oliveira manteve um interesse com as temáticas de pesquisa voltadas para a etnologia, tendo o México e a América Latina um lugar de interesse convergente dessas questões. Entretanto, os trabalhos que desenvolveu na região nem sempre foram devidamente reconhecidos no campo antropológico nacional, sobretudo frente a sua atuação no Brasil e como indicam as diversas homenagens e textos produzidos acerca da trajetória do antropólogo, que ressaltam os impactos de outros tipos de interlocução que desenvolveu.

Busquei argumentar, neste capítulo, que estas áreas de maior opacidade na historiografia produzida sobre a trajetória do antropólogo existiram a despeito desse trabalho na região latino-americana ser também uma continuidade de seu projeto de antropologia mais amplo. Projeto, este, que envolveu uma preocupação em impulsionar o ensino, a pesquisa, as parcerias com diferentes instituições, os projetos colaborativos e a cooperação de antropólogos em torno de uma reflexividade crítica sobre a produção do conhecimento – sendo ainda um dos profissionais da área mais reconhecidos na América Latina. Tais silêncios relativos (em comparação à atenção dada a outras parcerias e projetos empreendidos por Cardoso de Oliveira, é importante destacar) podem em parte ser também explicados por alguns dos problemas relatados ao longo desse capítulo, como a dificuldade de uma real integração da região e o pouco conhecimento de bibliografias produzidas nos países periféricos – ainda que Cardoso de Oliveira tenha contribuído para diminuir alguns desses empecilhos, como também busquei demonstrar em minha análise. Não cabe aqui chegar a conclusões definitivas sobre tais dificuldades, mas sobretudo apontar para a importância de uma reflexão sobre as mesmas como

parte central das preocupações de Roberto Cardoso de Oliveira, exemplificadas nos esforços de interlocução realizados durante toda sua carreira, bem como identificadas nas agendas teóricas de vários de seus colegas.

Espero ter conseguido demonstrar a importância de uma análise da trajetória intelectual de Roberto Cardoso de Oliveira, um dos mais reconhecidos antropólogos brasileiros das últimas décadas, mas cuja obra e atuação no desenvolvimento dos debates científicos, aqui investigadas através de uma etnografia atenta às narrativas sobre as mesmas, em depoimentos ou arquivos, ainda podem ser estudadas, aos interessados em sua figura ou, simplesmente, nos ganhos heurísticos de uma reflexividade crítica do fazer antropológico.

### 3.3. Lista de pessoas e instituições

Tal como fiz nos capítulos anteriores, reservo este espaço no texto para apresentar aqui de forma resumida algumas informações sobre as pessoas citadas ao longo do terceiro capítulo, de maneira a auxiliar na recuperação de informações ao longo do texto – são sujeitos que já foram mencionados anteriormente e que voltam a ser destacados aqui. Ressalto, como já o fiz nos capítulos anteriores que a recuperação desses dados ocorre como uma maneira de resumir sinteticamente a imbricação dessas trajetórias com a de Cardoso de Oliveira, e não tem a pretensão de apresentar a totalidade das informações profissionais desses sujeitos.

#### *Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia (CIS-INAH) / Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS)*

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Guillermo Bonfil Batalla	1935-1991	Um dos antropólogos fundadores da instituição; desenvolveu parcerias de pesquisa, ensino e intercâmbio de pesquisadores com Cardoso de Oliveira
María Eugenia (Nina) Vargas		Aluna de doutorado sob a orientação de Bonfil Batalla e de Cardoso de Oliveira, e professora da instituição; realizou intercâmbio na UnB na década de 1970 e participou do projeto na Meseta Tarasca

Virginia García Acosta	1952-	Professora da instituição, realizou intercâmbio na UnB no início da década de 1980
Mariano Báez Landa		Professor da instituição, realizou seu doutorado na Unicamp e é o responsável mexicano da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira
Ángel Palerm	1917-1980	Um dos antropólogos fundadores da instituição
Teresa Rojas Rabiela		Professora da instituição, participou como secretária da diretoria da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA) que teve Cardoso de Oliveira como presidente
Virginia Molina Ludy		Professora da instituição, realizou intercâmbio na UnB na década de 1970 e na Unicamp no final dos anos de 1990
Fredrik Barth	1928-2016	Antropólogo norueguês que influenciou o trabalho de Cardoso de Oliveira sobre identidade étnica e no projeto da Meseta Tarasca
Henning Siverts	1928-2001	Antropólogo norueguês, participou do projeto da Meseta Tarasca
Martha Patricia Ponce Jiménez		Professora da instituição e aluna do doutorado da Unicamp

### Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Nashieli Rangel Loera		Antropóloga mexicana, professora e a responsável pela instituição na Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira
Antonio Augusto Arantes	1943-	Professor e um dos fundadores do PPGAS da instituição; foi secretário da ALA na presidência de Bonfil Batalla
Carlos Rodrigues Brandão	1940-	Professor da instituição; teve pedido de participar de projeto na Meseta Tarasca negado pelo governo brasileiro
John Manuel Monteiro	1956-2013	Foi professor da instituição e colaborou com a criação da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira

### Outras instituições mexicanas

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Laura Valladares de la Cruz		Professora da <i>Universidad Autónoma Metropolitana (UAM)</i> , foi presidente do <i>Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales (CEAS)</i>
Rodolfo Stavenhagen	1932-2016	Professor do Colégio de México, foi secretário geral do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) no Rio de Janeiro
Miguel Alberto Bartolomé		Antropólogo argentino, professor do <i>Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH)</i> ; foi professor visitante na UnB
Gustavo Lins Ribeiro		Antropólogo brasileiro, professor na UAM, foi orientado por Cardoso de Oliveira no mestrado na UnB
Óscar Arze	1931-	Antropólogo boliviano, foi presidente do Instituto Indigenista Interamericano no México
Manuel Gamio	1883-1960	Foi diretor do Instituto Indigenista Interamericano e é considerado o pai do indigenismo no México
John Collier	1884-1968	Titular do <i>Office of Indian Affairs</i> e um dos articuladores do Instituto Indigenista Interamericano
Gonzalo Aguirre Beltrán	1908-1996	Foi diretor do Instituto Indigenista Interamericano e desenvolveu o conceito de Regiões de Refúgio

### Outras instituições latino-americanas

Nome	Datas de nascimento e morte	Descrição
Myriam Jimeno	1948-	Antropóloga colombiana, foi orientada por Cardoso de Oliveira no doutorado na UnB e foi vice-presidente da região andina da ALA
Darcy Ribeiro	1922-1997	Um dos antropólogos mais conhecidos na América Latina, tendo vivido em distintos

		países durante seu exílio em decorrência da ditadura militar brasileira, realizando pesquisas sobre a região
Florestan Fernandes	1920-1995	Foi professor da USP e orientador do doutorado de Cardoso de Oliveira
Alfred Metraux	1902-1963	Antropólogo suíço, atuou em diversos países latino-americanos, incluindo o México e o Brasil
Carlos Moreira Neto	1930-2007	Trabalhou no Museu do Índio, tendo feito o Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural da instituição
Roque de Barros Laraia	1932-	Professor da UnB; foi aluno de Cardoso de Oliveira no Museu Nacional
Julio Cezar Melatti	1938-	Professor da UnB; foi aluno de Cardoso de Oliveira no Museu Nacional
Roberto DaMatta	1936-	Foi aluno de Cardoso de Oliveira e professor no Museu Nacional
Maurício Vinhas de Queiroz	1921-1996	Sociólogo e fotógrafo; participou de uma expedição aos Ticuna em 1959 com Cardoso de Oliveira
Edgard Roquette-Pinto	1884-1954	Antropólogo, participou da delegação brasileira no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano
Carlos de Lima Cavalcanti	1892-1967	Político e embaixador no México, participou da delegação brasileira no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano
Oswaldo Aranha	1894-1960	Chanceler brasileiro no período do Estado Novo
Georg Grünberg		Antropólogo austríaco, realizou pesquisas no Brasil e organizador da Reunião de Barbados

### Considerações finais: uma trajetória singular?

É por isso que o desaparecimento físico de Roberto Cardoso de Oliveira é uma catástrofe. Um rebuliço que obriga o exercício maior de ultrapassar o mero esquecimento. Porque no caso do Roberto, não basta esquecer-lo; é preciso desesquecê-lo. Para tanto, só existe um meio: canibalizá-lo. Colocá-lo dentro dos nossos corações para que a sua força moral e sua sede de saber sobrevivam e se multipliquem, ao lado do seu amor pela antropologia social e da sua imorredoura energia criativa (Roberto DaMatta).<sup>173</sup>

Ao longo dessa dissertação argumentei, a partir da análise da trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, das relações que ele estabeleceu com outros antropólogos e de algumas temáticas que se sobressaíram na análise dos documentos consultados e das entrevistas realizadas, como seu trabalho na disciplina foi voltado para a construção de um projeto próprio para a antropologia brasileira e latino-americana. Com próprio não quero dizer único, mas sim reforçar a sua dimensão como um grande articulador de instituições, programas, pesquisas e parcerias em um momento específico de desenvolvimento da disciplina em sua história no Brasil. Como já discorri anteriormente, mas é importante recuperar também nesse momento, Cardoso de Oliveira (1998) ao classificar os períodos da história da antropologia no país diferenciou três momentos: o período heroico (correspondente aos anos entre 1920 e 1930), o carismático (décadas de 1940 e 1950) e o burocrático (a partir dos anos de 1960). A partir desta espécie de cartografia da história moderna da antropologia no Brasil, o antropólogo se auto referenciou ocupando uma posição entre o segundo e o terceiro momento, situando-se entre o período carismático e o burocrático. Ou seja, pertencendo a um momento de transição, entre um período marcado por grupos liderados por fortes nomes do processo de constituição da disciplina, como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, e o outro que ficou caracterizado pela

---

<sup>173</sup> DAMATTA, 2009, p. 55. Assim como iniciei a dissertação com o começo da crônica de Roberto DaMatta em homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira, concluo esse texto com seus últimos versos. Nesse trecho, o antropólogo fluminense, de modo afetivo, discorre sobre a importância de manter presente a figura de seu professor mesmo depois de sua morte, não esquecendo os ensinamentos que perpetuou ao longo de sua carreira: uma intensa produção antropológica e o empenho em criar novos projetos para a disciplina.

criação dos programas de pós-graduação e uma vinculação centralizada do desenvolvimento de pesquisas e do ensino de antropologia nas instituições.

Apesar de Cardoso de Oliveira se iniciar na antropologia nesse momento de transição, é no período que denominou de burocrático que seu projeto de antropologia se constrói efetivamente, assim como o reconhecimento de sua atuação no campo da disciplina por seus pares. Dessa forma, foi nas mudanças educacionais do período, com o Parecer Sucupira e a Reforma Universitária (ambos promulgados na década de 1960), que uma das esferas principais de seu trabalho se iniciou: a criação de programas de formação de antropólogos no país, primeiro com a criação do curso de especialização do Museu Nacional e posteriormente com o mestrado da mesma instituição, mas também na Universidade de Brasília e na Universidade Estadual de Campinas, já nos moldes atuais inspirados no modelo norte-americano de ensino superior – ou seja, com cursos de mestrado e doutorado, e com a inserção do ensino na pós-graduação (Cf. Santos, 2003). Além da preocupação com a prática docente, emerge também a necessidade de uma dedicação integral por parte dos antropólogos em formação. Nesse mesmo cenário, Cardoso de Oliveira conseguiu ainda capitanear investimentos de fundações internacionais fundamentais para o financiamento que auxiliou a constituição desta base de um certo modelo de fazer científico, como a Fundação Ford e a Wenner-Gren, assim como de instituições nacionais como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), igualmente importantes para concretizar as parcerias de projetos junto à Universidade de Harvard, as colaborações latino-americanas e a participação em diversos eventos internacionais. Além disso, chamei atenção para os esforços do antropólogo brasileiro em endossar a necessidade de integração dos antropólogos no Brasil e da América Latina.

Esse período foi importante para que Cardoso de Oliveira conseguisse realizar esses projetos, já que foi um momento de expansão da disciplina e de profissionalização dos antropólogos no Brasil, mas também na região latino-americana. Em relação a esse conjunto de fatores e investimentos, Luís Roberto Cardoso de Oliveira destacou a particularidade na trajetória de seu pai:

Meu pai sempre foi muito preocupado não só com a dedicação dele mesmo como pesquisador, mas também com o processo de formação, com o processo de institucionalização da disciplina e o lado mais filosófico, digamos, que também tenha um outro investimento em refletir sobre a produção na antropologia, sobre o saber na antropologia, que é algo que ele desenvolveu mais creio que nos anos [de] 1980, que a partir dos anos [de] 1980 por muitas razões, tem a ver também com o momento histórico. Enfim, ele também teve uma trajetória num momento, assim irreproduzível,

digamos. Eu não acho que é possível ter uma outra trajetória igual à dele. Daqui para a frente pode evidentemente ter trajetórias com muito mais impacto, mais peso sobre qualquer ângulo, mais interessante sobre qualquer ângulo, mas não tem muito lugar para uma trajetória igual à dele, que faça sentido, digamos, um profissional da área que tenha o mesmo tipo de investimento em articular, ter o investimento e a oportunidade. Teve, além do esforço, não sei se a melhor maneira de falar sobre isso seria acasos, mas aconteceram coisas que facilitaram (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira a autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019).

Neste depoimento dado em entrevista, Luís Roberto Cardoso de Oliveira recupera de forma clara e explícita como esse contexto favorável encontrou em seu pai um articulador para promover os projetos necessários e os investimentos disponíveis de forma altamente produtiva – e, ele tem razão, irreproduzíveis. Esse encontro, entre um momento propício e um profissional engajado no desenvolvimento da antropologia, culminou nos resultados que encontramos ao analisarmos a trajetória de Cardoso de Oliveira. Dessa forma, um trabalho irreproduzível que merece ser analisado em termos de seu conjunto, mesmo que, como também atenta Luís Roberto Cardoso de Oliveira, seja evidente que tomar esta trajetória singular como extraordinária não signifique que não possam ter existido, ou que não possam existir, projetos ainda mais impactantes ou importantes para o desenvolvimento da antropologia no Brasil. Parti de uma perspectiva de análise que merece ser ponderada: de um consenso de que sua obra e sua trajetória são cruciais para o desenvolvimento da antropologia brasileira contemporânea institucionalizada, tal como a conhecemos, bem como para o estabelecimento de uma agenda de pesquisa e reflexão que ainda hoje repercute nos fóruns de discussão antropológicos. Como lidar, então, com a ideia desta importância, reafirmada constantemente em diversos depoimentos, bem como encontrada na análise dos documentos? Como já enunciado anteriormente ao longo dessa dissertação, a trajetória de Cardoso de Oliveira é, em si, mas também na forma como é narrada pela própria comunidade científica da qual participou ativamente durante toda a vida, interessante e fundamental para a história da antropologia. Entretanto, se é inevitável percorrer pelas mesmas conclusões sobre tal centralidade desta vida para a história da disciplina, trabalhar com um universo tão rico de material, que parece apontar para uma certa convergência narrativa sobre o lugar de Cardoso de Oliveira no campo, também me permitiu considerar essa importância e a questão de ser irreproduzível desde uma perspectiva por vezes mais distanciada. Ou seja, que torne possível considerar a produção de uma narrativa de uma memória sobre o intelectual, ainda que uma reflexão mais detida sobre o significado deste processo deva ser realizada em outros trabalhos. As mesmas ponderações podem ser feitas, evidentemente, sobre o trabalho de outros antropólogos, muitos dos quais pude conhecer com mais detalhes ao longo da pesquisa. Entretanto, centro minha análise em

sua figura pelo fato do antropólogo ter atuado como um grande articulador ao longo de toda sua vida, além de ter refletido sobre a própria constituição da disciplina (e de sua atuação nesse desenvolvimento) de uma forma exaustiva e incansável.

É justamente entre dois caminhos de entendimento do que significaria uma trajetória irreproduzível que essa pesquisa tentou se atentar: de um lado focando em Cardoso de Oliveira e em sua articulação nesse projeto de antropologia; de outro como diferentes antropólogos e intelectuais atuavam em sua rede de relações e em um contexto mais geral da disciplina produzida no Brasil. Sobre a segunda questão, a análise da trajetória de Cardoso de Oliveira, escrita apenas a partir das contribuições que ele ofereceu, pode causar uma falsa impressão da mesma representar algo isolado em seu campo, assim como a inexistência de conflitos em seus projetos e pesquisas, o que de fato não corresponde à realidade. Dessa forma, além das principais parcerias e interlocuções tentei apresentar também outras trajetórias que por vezes foram concorrentes ou conflitivas e que tiveram um impacto na atuação do antropólogo e nos debates da disciplina do período, como no caso de Luiz de Castro Faria, de Eduardo Galvão e, principalmente, de Darcy Ribeiro.

Quanto à primeira questão, ou seja, a trajetória de Cardoso de Oliveira e a construção de seu projeto de antropologia, é onde se assentou a argumentação da dissertação, em uma reflexão que levou em conta seu contexto de vida, sua atuação profissional, suas parcerias intelectuais e sua visão sobre a produção de conhecimento na disciplina. Seguindo o argumento de uma trajetória irreproduzível, é importante uma atenção sobre alguns outros traços, já levantados ao longo da dissertação, mas que merecem ainda uma análise mais detida, relacionada ao estabelecimento prévio de uma rede de relações, a configuração de seu trabalho e uma inflexão de gênero nem sempre explicitada. Com o seu ingresso na universidade, sua proximidade com Florestan Fernandes (construída sobretudo durante as aulas e a experiência acadêmica) já o permitiu estar próximo de uma rede de intelectuais que tinham Fernandes como seu precursor. O casamento com Gilda Cardoso de Oliveira, irmã de Fernando Henrique Cardoso (que também pertencia a esta mesma rede de colaboradores), não pode deixar de ser também considerado para o estabelecimento destas relações duradouras, que ultrapassaram o âmbito profissional e propiciaram uma forma de interlocução marcada por amizade e afeto. Como visto ao longo da dissertação, essas relações não garantiram um lugar para Cardoso de Oliveira na USP, mas contribuíram em sua formação teórica, em seu doutorado, posteriormente, e também no estabelecimento de redes importantes para o desenvolvimento de seu trabalho subsequente.

Quanto à configuração de seu trabalho, Cardoso de Oliveira teve também uma trajetória bastante singular, ao ter atuado (e contribuído com o desenvolvimento efetivo de programas de antropologia) em três instituições diferentes ao longo de sua vida: o Museu Nacional, a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Campinas. Além, claro, de ter tido sua formação da Universidade de São Paulo, onde também lecionou como professor visitante na década de 1990, e sem esquecer passagens breves, mas também importantes em outras instituições científicas estrangeiras. Segundo Corrêa (2013), Cardoso de Oliveira foi um dos únicos antropólogos a ter participado dos primeiros quatro programas de pós-graduação de antropologia no Brasil. O desenvolvimento de uma carreira nestes moldes, feita em tantas universidades diferentes, se não era norma mesmo à época em que começou a atuar profissionalmente, atualmente parece impossível de ser replicado, e torna-se cada vez mais uma realidade distante, em virtude da própria especialização da disciplina e da centralidade das instituições hoje mais consolidadas.

Sobre a questão de gênero, não é possível deixar de notar, pois é um dado evidente, que a maior parte das parcerias destacadas ao longo dessa dissertação foram estabelecidas com antropólogos homens, certamente um reflexo do próprio campo antropológico no período de institucionalização da disciplina. Ou seja, trata-se de uma questão estrutural, nada surpreendente ou extraordinária nesta história da disciplina no Brasil, mas que nos permite refletir sobre a formação deste mesmo campo sobre o qual pude analisar através da trajetória de Cardoso de Oliveira. Parte das mulheres que aparecem, ou são mencionadas na documentação, são esposas de antropólogos, que muitas vezes atuaram junto a seus maridos e foram parte importante no desenvolvimento das redes de relações que busquei explicitar. Este material é precioso não apenas para compreendermos essa questão da trajetória do antropólogo ser irreproduzível, mas também para traçarmos com mais clareza a composição do campo disciplinar e os vieses nem sempre problematizados sobre as formas como a história do mesmo é contada. Este é o caso, por exemplo, de Gilda Cardoso de Oliveira, que esteve presente na maior parte das viagens do antropólogo, atuou na tradução de livros e textos de Cardoso de Oliveira e é lembrada constantemente em todas as cartas através de um tom mais pessoal, como também aconteceu nas entrevistas que realizei, mas que nem sempre é reconhecida na trajetória deste intelectual da mesma forma que outros interlocutores. Desta forma, concordo com Corrêa (2003a), que realizou uma importante análise de algumas intelectuais no Brasil, e buscou refletir sobre o apagamento da carreira de antropólogas em virtude de uma associação a figura de seus maridos, passando a serem vistas como esposas e não como coautoras ou

auxiliares das pesquisas realizadas junto a seus parceiros, de forma que a invisibilidade dessas mulheres fundamentaria a forma como elas seriam lembradas (ou esquecidas) na historiografia da disciplina, especialmente no início de seu desenvolvimento no país. Sobre este processo, Grossi (2010) nos fornece mais pistas, e reitera que esse cenário começa a se transformar na América Latina apenas a partir da década de 1950, com o aumento na inserção das mulheres no campo antropológico com o início do processo de institucionalização da disciplina. Ainda que essa mudança tenha ocorrido próxima ao momento de ingresso de Cardoso de Oliveira na antropologia, essa transformação teve seu início mais efetivo com a criação dos programas de pós-graduação no país, que foram impulsionados por sua própria atuação na criação de programas, já como professor e um dos principais responsáveis pela formação de uma nova geração de antropólogos e antropólogas. Ainda segundo Grossi (2004), essa transformação já era percebida desde a década de 1990, com um número maior de mulheres nos cursos de pós-graduação na disciplina no Brasil, o que ocorreu também em outros países.

Obviamente que esses fatores não são os únicos responsáveis pelo delineamento de todo o percurso e o trabalho desenvolvido por Cardoso de Oliveira, mas são questões importantes de serem observadas quando consideramos a relação de trajetórias com a produção de conhecimento. Sobretudo, é possível ponderar, quando isso ocorre em um momento em que a disciplina ainda está em desenvolvimento e justamente configurando-se em uma estrutura profissional contemporânea. Nesse caso, não pude deixar de considerar a importância de uma reflexão sobre marcadores sociais na constituição do campo antropológico e também da historiografia do mesmo: raça, gênero e classe social, em intersecção, têm impactos na história da disciplina no Brasil, já que, é preciso lembrar, a “noção de pessoa dominante, de que o cientista é um homem que pertence às elites: branco-ocidental, heterossexual, pai de família” (GROSSI, 2010, p. 5), certamente ainda está em vigor, mesmo que hoje possamos encontrar uma antropologia mais diversa.

Por fim, cabe destacar que a atuação de Roberto Cardoso de Oliveira na América Latina é ainda mais uma característica que especifica sua trajetória, já que as parcerias com os EUA e a Europa (regiões onde também buscou interlocução, é importante lembrar) eram (e são ainda) mais comuns nas dinâmicas transnacionais da antropologia no Brasil. Além disso, essas parcerias e investimentos na região conseguiram sintetizar boa parte das iniciativas de seu projeto maior de antropologia e de seus investimentos teóricos: unindo seus trabalhos sobre as relações interétnicas, os estilos e as antropologias periféricas; além do exercício cuidadoso da

docência, o investimento e a preocupação com a pesquisa de campo e a defesa do fortalecimento das instituições de ensino e da cooperação dos antropólogos da região.

Acredito que a atenção a esses fatores é fundamental para uma análise da historiografia da antropologia, já que seus indícios estão muitas vezes menos visíveis. Por exemplo, o fato das esposas serem mencionadas com frequência nas correspondências, mas não serem majoritariamente as autoras ou as destinatárias destas cartas; ou, por outro lado, estarem mesmo ausentes nestes registros, como atestado pela menor participação de antropólogas em seu fluxo mais próximo de parcerias, ainda que elas estivessem presentes nos intercâmbios impulsionados por Cardoso de Oliveira ou tenham se tornado suas colegas de trabalho, são questões que chamam a atenção e merecem reflexão. Com isso quero afirmar que tentei me manter atenta para esses processos na produção de uma história da antropologia, assim como para as redes de relações que foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho do antropólogo (incluindo as mais esquecidas pela história da disciplina, como no caso da América Latina) e em como todos os esforços de Cardoso de Oliveira convergiram para o desenvolvimento de um projeto considerado completo e compreensivo para a antropologia brasileira. Projeto esse que foi fundamental e que tem influências até os dias de hoje, e, conseqüentemente, em como eu mesma me insiro na disciplina, colhendo frutos de seu trabalho, do trabalho subsequente de seus alunos, dos alunos de alunos, até chegar nas gerações mais atuais em formação na disciplina. O desenvolvimento da pesquisa que resultou nesta dissertação, talvez em consonância com os mais caros anseios de Roberto Cardoso de Oliveira, me permitiu refletir sobre minha própria formação, minha contribuição para o debate antropológico e a maneira como me vejo inserida neste campo acadêmico. No caminho, compreendi melhor que o fazer científico e a produção do conhecimento não são realizados no vácuo, mas frequentemente são desenvolvidos em meio a redes de relações pessoais, compostas por muita amizade. Esta amizade é evidente em várias formas de lembrança sobre este professor de muitos e muitas hoje também professores e professoras – pessoas, algumas das quais, que tive a oportunidade de conhecer e com as quais partilhei formas de contar histórias.

## Referências bibliográficas

### Arquivos consultados:

Acervo particular da Associação Latino-americana de Antropologia – Cidade do México (México).

Fundo Guillermo Bonfil Batalla – Arquivo do *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS) – Cidade do México (México).

Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp) – Campinas (SP).

### Entrevistas:

BÁEZ LANDA, Mariano. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Xalapa, 13 de março de 2020.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Oaxaca de Juárez, 4 de fevereiro de 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Campinas, 16 de maio de 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Brasília, 15 de fevereiro de 2019.

DAMATTA, Roberto Augusto. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Niterói, 25 de junho de 2019.

GARCÍA ACOSTA, Virginia. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Cidade do México, 18 de fevereiro de 2020.

JIMENO, Myriam. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Cidade do México, 25 de fevereiro de 2020.

LARAIA, Roque de Barros. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Brasília, 17 de junho de 2019.

LINS RIBEIRO, Gustavo. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Cidade do México, 10 de março de 2020.

MELATTI, Julio Cezar. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Brasília, 17 de junho de 2019.

ROJAS RABIELA, Teresa. Entrevista concedida a Amanda Gonçalves Serafim. Cidade do México, 24 de janeiro de 2020.

### **Entrevistas realizadas por terceiros:**

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Depoimento concedido durante aula da disciplina de métodos e técnicas em antropologia social, do departamento de antropologia da Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 2003 (73 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_dCvBpRmdc](https://www.youtube.com/watch?v=Z_dCvBpRmdc)>. Acesso em: 15 de dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Iluminando a face escura da lua. Marília: 2004. Entrevista gravada nas IX Jornadas de Ciências Sociais da Unesp de Marília (60 min). Disponível em: <<https://vimeo.com/80487640>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

CRÉPEAU, Robert R. De filosofia e antropologia – Dialogando com o meu *savant* professor. *Anuário Antropológico 2007-2008*, v. 33, n. 1 2009, p. 121-149.

PEIRANO, Mariza. Darcy Ribeiro – Entrevista realizada em 13 de dezembro de 1978. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy\\_ribeiro.html](http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy_ribeiro.html)>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

\_\_\_\_\_. Roberto Cardoso de Oliveira – Entrevista realizada em 6 de dezembro de 1978. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/roberto\\_cardoso\\_de\\_oliveira.html](http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/roberto_cardoso_de_oliveira.html)>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

SAMAIN, Etienne; MENDONÇA, João M. de. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, nº 1, 2000, p. 185-236.

**Livros e Artigos:**

AIRES, Max Maranhão Piorsky. “La crítica es lo más fácil del mundo, el problema es cómo pasar a la acción y tratar de cambiar”: Salomón Nahmad y la antropología en las políticas públicas en México. *Sociedade e Cultura*, v. 16, n. 1, jan./jun. 2013, p. 209-215.

ALVAREZ, Gabriel O. La antropología de Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006). *Desacatos*, n. 33, mayo-agosto 2010, p. 169-174.

AMORIM, Maria Stella de. *Roberto Cardoso de Oliveira: Um artífice da antropologia*. Brasília: Pararelo 15, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2001.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A aventura sociológica de Florestan Fernandes. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 100, 2020, p. 243-257.

BÁEZ LANDA, Mariano. De indígenas a campesinos – miradas antropológicas de un quibre paradigmático. *RURIS – Revista do Centro de Estudos Rurais – UNICAMP*, v. 3, n. 2, 2009, p. 55-74.

BLANCHETTE, Thaddeus. La antropología aplicada y la administración indígena en los Estados Unidos: 1934-1945. *Desacatos*, n. 33, maio-agosto 2010, p. 33-52.

BONFIL BATALLA, Guillermo. *México Profundo: uma civilização negada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 183-191.

BOWEN, E. S. (Laura Bohannon). *Return to Laughter: An Anthropological novel*. Nova York: Anchor Books / Doubleday, 1964.

BROOKE, Nigel. O escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um apanhado histórico. In: BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (orgs.). *Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: Uma parceria para a Mudança Social*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Ford, 2002. P. 13-53.

CANEDO, Leticia Bicalho. Conhecimento de Estado e elites internacionais: A Fundação Ford no Brasil e seus beneficiários. *Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2017.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Preliminares de uma pesquisa sobre a assimilação dos Terêna. *Revista de Antropologia*, v.5 n. 2, p. 173-188, 1957.

\_\_\_\_\_. A situação dos tukuna e a Proteção Oficial. *Anhembi*, v. XLIV, n. 132, 471-477, 1961.

\_\_\_\_\_. Etnia e estrutura de classes: A propósito da identidade e etnicidade no México. *Anuário Antropológico 1979*, v. 4, n. 1, 1980 p. 57-78.

\_\_\_\_\_. Enigmas e Soluções: exercícios de Etnologia e de Crítica. Rio de Janeiro; Fortaleza: Tempo Brasileiro; Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

\_\_\_\_\_. Homenagem a Castro Faria. *Anuário Antropológico 1983*, v. 8, n. 1, 1984, p. 225-226.

\_\_\_\_\_. Sobre o Pensamento Antropológico. Rio de Janeiro; Brasília: Tempo Brasileiro; CNPq, 1988.

\_\_\_\_\_. Universidade e Singularidade da Antropologia – em memória de Guillermo Bonfil Batalla. *Plural – Boletín de la Asociación Latinoamericana de Antropología*, octubre de 1992, p. 4-6.

\_\_\_\_\_. Depoimento: Rememorando um Programa. *Antropologia Social - Comunicações do PPGAS*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ, n. 2, nov. 1992. P. 45-56.

\_\_\_\_\_. Organização do “Campo Antropológico” Latino-Americano. *Plural – Boletín de la Asociación Latinoamericana de Antropología*, abril de 1995, p. 3-5.

\_\_\_\_\_. O trabalho do antropólogo. Brasília; São Paulo: Paralelo 15; Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. *El indio y el mundo de los blancos: Una interpretación sociológica de la situación de los tukuna*. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, 2014.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; RUBEN, Guillermo Raul (orgs.). *Estilos de antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CASTRO FARIA, Luiz. Eduardo Galvão (1921-1976). In: \_\_\_\_\_. *Antropologia – escritos exumados: Espaços circunscritos; tempos soltos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998. P. 187-199.

COOK, Terry. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. P. 17-81.

CORRÊA, Mariza. História da antropologia no Brasil – Projeto da Unicamp. *Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, julho-outubro de 1995, p. 115-118.

\_\_\_\_\_. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.

\_\_\_\_\_. *As reuniões brasileiras de antropologia – Cinquenta anos (1953-1960)*. Campinas; Brasília: Editora da Unicamp; ABA, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Tempo imperfeito: Uma etnografia do arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 2, outubro de 2004, p. 289-322.

\_\_\_\_\_. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36, julho-dezembro de 2005, p. 7-32.

DAMATTA, Roberto. Roberto Cardoso de Oliveira. In: \_\_\_\_\_. *Crônicas da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 55-57.

\_\_\_\_\_. Epílogo – História de duas pesquisas. In: \_\_\_\_\_. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. P. 201-277.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Roberto DaMatta. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, n.8, jan/jul 2011, p. 11-50.

\_\_\_\_\_. Um pequeno tributo para um grande antropólogo. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 9, n. 3, setembro-dezembro de 2014, p. 617-622.

DAVIS, Shelton H. Guillermo Bonfil Batalla e o Movimento Indígena Latino-Americano (1935-1991). *Revista de Antropologia*, v. 36, 1993, p. 271-276.

DEBERT, Guita Grin (org.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Professor Emérito da Unicamp*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1999.

DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. Redes de relações indígenas no Brasil Central: um programa de pesquisa. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 10 n. 2, jul./dez. 2016, p. 96-117.

DIRKS, Nicholas B. Annals of the Archive: Ethnographic Notes on the Sources of History. In: \_\_\_\_\_. *Autobiography of an archive: a scholar's passage to India*. New York: Columbia University Press, 2015. P. 27- 49.

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FIGUEIREDO, Marcus Faria. O financiamento das Ciências Sociais. A Estratégia de Fomento da Fundação Ford e da Finep – 1966-1985. *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*, n. 26, 2º sem. 1988, p. 38-55.

GARCÍA ACOSTA, Virginia. Roberto Cardoso de Oliveira (1925-2006): Un amigo y colega del CIESAS. *Desacatos*, Ciudad de México, nº 23, 2007, p. 7-10.

GARCIA JR, Afrânio. Fundamentos empíricos da razão antropológica: A criação do PPGAS e a seleção das espécies científicas. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 411-447, 2009.

GIRALDIN, Odair; DEMARCHI, André. Memórias de dois etnólogos do Brasil Central: Entrevistas com Roberto DaMatta e Júlio César Melatti. *R@U*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2019, p. 381-395.

GRIMSON, Alejandro. Estudio preliminar. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *El trabajo del antropólogo*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017. P. 9 – 27.

GROSSI, Miriam Pillar. Os egressos dos programas de pós-graduação em antropologia. In: TRAJANO FILHO, Wilson; LINS RIBEIRO, Gustavo (orgs.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Associação Brasileira de Antropologia, 2004. P. 39-68.

\_\_\_\_\_. Antropólogas no século XX: uma história invisível. In: Diálogos Transversais em Antropologia, Florianópolis, 2010.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 41-66.

\_\_\_\_\_. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36, julho-dezembro de 2005, p. 43-58.

\_\_\_\_\_. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 19, n. 1, jan.-mar. 2012, p. 261-282.

\_\_\_\_\_. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (orgs.). *Arquivos pessoais: Reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. P. 67-76.

JIMENO, Myriam. La vocación crítica de la antropología en Latinoamérica. *Antípoda – Revista de Antropología y Arqueología*, n. 1, julio-diciembre de 2005, p. 43-65.

KOFES, Suely. Itinerário, em busca de uma trajetória. In: \_\_\_\_\_. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. P. 17-28.

LARAIA, Roque de Barros. A comunidade de origem. In: CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992. P. 17-24.

\_\_\_\_\_. Eduardo Galvão, vinte anos depois. *Anuário Antropológico 96*, 1997, v. 21, n. 1, p. 189-196.

\_\_\_\_\_. Dossiê – Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, nº 2, 2008a, p. 547-554.

\_\_\_\_\_. Maybury-Lewis e a antropologia brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 67, 2008b, p. 9-14.

\_\_\_\_\_. Roberto Cardoso de Oliveira, antropólogo e educador. *Anuário Antropológico 2007-2008*, v. 33, n.1, 2009, p. 13-26.

LASSALI, Thais F.; SERAFIM, Amanda G.; TAMBASCIA, Christiano K. Do porão à primavera: história da antropologia no Brasil e protagonismo político no acervo da Associação Brasileira de Antropologia. *Maloca: revista de estudos indígenas*, v. 1, n. 1, jul. – dez. 2018, p. 141, 156.

LIMA, Edilene Coffaci de; SMILJANIC, Maria Inês; FERNANDES, Ricardo Cid. Uma Antropologia Engajada: entrevista com Terence Turnes. *Campos*, v. 9, n. 2, 2008, p. 139-157.

LINS RIBEIRO, Gustavo; ESCOBAR, Arturo. Nota a la edición en español; Antropologías del mundo: transformaciones disciplinares dentro de sistemas de poder. In: \_\_\_\_\_. (orgs.).

*Antropologías del mundo: Transformaciones disciplinares dentro de sistemas de poder.* México: The Wenner-Gren International; Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social; Universidad Autónoma Metropolitana; Universidad Iberoamericana, 2009. P. 15-16; 25-54.

MARTINS, Carlos Benedito. Introdução – Notas sobre a formação do sistema nacional de Pós-Graduação. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Para onde vai a Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil.* Bauru: Edusc, 2005. P. 13-50.

MATTOS, André Luís Lopes Borges. Antropologia e Política: Reflexões a partir das trajetórias de Roberto Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro. *Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia*, Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. *Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982).* Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

MEJÍAS GUIZA, Annel. Gustavo Lins Ribeiro: “Hay que liberar la imaginación teórica”. *Plural: Antropologías desde América Latina y el Caribe*, ano 2, n. 4, julho-dezembro 2019, p. 185-200.

MELATTI, Julio Cezar. A Etnologia das Populações Indígenas do Brasil, nas duas últimas décadas. *Anuário Antropológico 1980*, v. 5, n. 1, 1981, p. 253-275.

\_\_\_\_\_. Diálogos Jê: a pesquisa Krahó e o Projeto Harvard-Museu Nacional. *Mana*, v. 8, n. 1, 2002a, p. 181-193.

\_\_\_\_\_. Entrevista – Dos Krahó aos Marubo: a aventura etnográfica. *Mana*, v. 8, n. 1, 2002b, p. 195-211.

\_\_\_\_\_. Capítulo C1: Tocantins-Xingu. In: \_\_\_\_\_. *Áreas Etnográficas da América Indígena.* Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/areas/c1tocxin.pdf>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2020.

MENDONÇA, João Martinho de. *Os movimentos da imagem da etnografia à reflexão antropológica: experimentos a partir do acervo fotográfico do professor Roberto Cardoso de Oliveira.* Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MENEZES BASTOS, Rafael José; RIAL, Carmen. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. *Ilha*, Florianópolis, v. 4, n. 2, dezembro de 2002, p. 113-129.

OEHMICHEN, Cristina. Introducción: “Rodolfo Stavenhagen: um antropólogo universal”. In: STAVENHAGEN, Rodolfo. La antropología mexicana: un proyecto de nación. *Cuadernos de la Coordinación de Humanidades – Universidad Nacional Autónoma de México*, 2017. P. 5-9.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. *Sociologias*, ano 7, n. 14, jul/dez 2005, p. 110-129.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. A problemática dos “índios misturados” e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. P. 99-123.

\_\_\_\_\_. Galvão e os estudos de aculturação no Brasil: ou “Santo de casa também pode fazer milagres”. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de (orgs.). *Conhecimento e Fronteira: História da Ciência Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. P. 205-221.

NORA, Pierre. Entre memória e história – A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28.

PEIRANO, Mariza. The Anthropology of anthropology: The Brazilian case. *Série Antropológica*, n. 110, Brasília, 1991, p. 1-174.

\_\_\_\_\_. Antropologia no Brasil (Alteridade contextualizada). In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo; Brasília: Editora Sumaré; ANPOCS; CAPES, 1999. P.225-266.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais; IDESP, 1989. P. 410-459.

\_\_\_\_\_. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

PORTO, Beatriz Couto. Acervo de Roberto Cardoso de Oliveira. In: CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992. P. 167-174.

RAMOS, Alcida Rita. Castro Faria e a Vocação Etnológica. *Anuário Antropológico 1983*, v. 8, n. 1, 1984, p. 230-232.

\_\_\_\_\_. “Paciência e Ressignificação”. *Anuário Antropológico* 1992, v. 17, n. 1 1994, p. 15-22.

\_\_\_\_\_. Da etnografia ao indigenismo: uma trajetória antropológica. *Anuário Antropológico*, v. 35, n. 1, 2010, p. 43-56.

RESTREPO, Eduardo et al. *Mesa redonda: las ciencias humanas y sociales en el contexto latinoamericano contemporáneo. Actuales condiciones de producción académica-científica*. In: GATTI BALLESTERO, Pablo; SOUZA, Lydia de (org.). *Diálogos con la Antropología Latinoamericana*. Montevideo: Editora Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), 2018. P. 131-154.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo: Global Editora, 2014.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. Contribuições da Fundação Ford à formação e consolidação de campos científicos no Brasil. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, p. 93-117, 2016.

RUBIN, Christina de Rezende. Os Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas. *Horizontes antropológicos*, ano 3, n. 7, nov. 1997, p. 97-128.

\_\_\_\_\_ (org.). *Iluminando a face escura da lua: Homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira*. Marília: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. *Educação e Sociedade*, v. 24, n. 83, Agosto de 2003, p. 627-641.

SANTOS, Silvio Coelho (org.). *Memória da Antropologia no Sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SIGAUD, Lygia. Doxa e crença entre os antropólogos. *Novos Estudos*, n. 77, março de 2007, p. 129-152.

SILVA, Elissandra Barros da; HERBETTA, Alexandre. Entre lugares: das possibilidades da interculturalidade. Entrevista com Mariano Baez Landa. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2018, p. 105-117.

SOBRAL, Luis Felipe. Lady Frazer e seu marido. Gênero e anomalia na história da antropologia. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 54, 2018.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Los nuevos derechos internacionales de los pueblos indígenas. *Anuário Antropológico 2007-2008*, v. 33, n. 1, 2009, p. 61-86.

\_\_\_\_\_. La antropología mexicana: un proyecto de nación. *Cuadernos de la Coordinación de Humanidades – Universidad Nacional Autónoma de México*, 2017.

STOLER, Ann Laura. Colonial Archives and the Arts of Governance. *Archival Science*, n. 2, 2002, p. 87-109.

\_\_\_\_\_. Os arquivos coloniais e a arte da governança. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. P. 207-236.

TAMBASCIA, Christiano Key. *Estrutura e Sentido no Africanismo de Mary Douglas: A Etnografia no Congo Belga e o Campo Acadêmico Britânico*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

TAMBASCIA, Christiano; ROSSI, Gustavo. *Sidetracks: Mariza Corrêa e a história da antropologia no Brasil*. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 54, 2018.

TRAJANO FILHO, Wilson; TEIXEIRA, Carla Costa. Diálogos Brasil-México: a estreitar laços. *Anuário Antropológico 2014*, v. 40, n. 1, 2015, p. 9-22.

TROUILLOT, Michel-Rolph. O poder na estória. In: \_\_\_\_\_. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016. P. 19-62.

VALLADARES DE LA CRUZ, Laura R. Repensar y enlazar las antropologías de América Latina desde la Asociación Latinoamericana de Antropología (1990-2016). *Boletín del Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales, A.C.*, 2016, p. 27-35.

VELHO, Otávio. A terceira margem de RCO. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, nº 2, 2008, p. 555-562.

VERDUM, Ricardo. “Capítulo 1 – O indigenismo integracionista: do nacional ao regional”. In: \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento, utopias e indigenismo latino-americano: um estudo sobre indigenismo e cooperação internacional*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. P. 43-85.

VIANNA, Adriana de Resende Barreto. Cartas de rotina, cartas de compromisso: Considerações sobre administração e relações pessoais na Primeira República. In: PALMEIRA,

Moacir (org.). *Antropologia Social - Comunicações do PPGAS*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ, 1995. P. 1-20.

## Anexos

### **Cronologia de Roberto Cardoso de Oliveira**

- 1928: Nasceu em São Paulo.
- 1948-1953: Cursou filosofia na Universidade de São Paulo (USP).
- 1954: Mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a trabalhar no Museu do Índio.
- 1955-1957: Participa da criação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e compõe a primeira diretoria como tesoureiro, ao lado de Luiz de Castro Faria como presidente e Darcy Ribeiro como secretário.
- 1955: Inicia sua pesquisa junto aos Terena.
- 1955-1958: Auxilia Darcy Ribeiro no Curso de Aprimoramento em Antropologia Cultural do Museu do Índio e no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE).
- 1957: Publica seu primeiro artigo, “Preliminares de uma pesquisa sobre assimilação dos Terena”, na Revista de Antropologia da USP.
- 1958: Se demite do Museu do Índio e inicia seu trabalho do Museu Nacional.
- 1959: Inicia sua pesquisa junto aos Ticuna.
- 1960: Publica seu primeiro livro, “O processo de assimilação dos Têrena”, pela editora do Museu Nacional.
- 1960-1962: Cria o Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Social/Cultural no Museu Nacional; ao total o curso formou três turmas de antropólogos.
- 1962: Início do *Harvard-Central Brazil Research Project*, coordenado por Cardoso de Oliveira e por David Maybury-Lewis.
- 1962-1966: Realizou seu doutorado em sociologia na USP, com a tese “Urbanização e tribalismo: A integração dos Terêna numa sociedade de classes”, sob a orientação de Florestan Fernandes.
- 1963-1966: Participa novamente da diretoria da ABA, dessa vez como secretário, ao lado de Eduardo Galvão como presidente e de Roberto DaMatta como secretário.

- 1968: Cria junto com Maybury-Lewis o mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional e organiza o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da instituição; é ainda nesse ano que visita pela primeira vez o México.
- 1971: Realiza um pós-doutorado na Universidade de Harvard.
- 1972: Se transfere para a Universidade de Brasília (UnB) e cria o mestrado em Antropologia Social da instituição.
- 1976: Cria o Anuário Antropológico, periódico que existe até os dias de hoje na UnB.
- 1978: Ganha o prêmio *International Award for the Promotion of Human Understanding* oferecido pela *International Organization for Elimination of All Forms of Racial Discrimination* (EAFORD).
- 1979: Participa da Primeira Reunião Técnica de Antropólogos e Arqueólogos da América Latina e Caribe e se insere em discussões sobre a necessidade de criar uma associação de antropólogos da região.
- 1979-1980: Atua como professor visitante no *Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia* (CIS-INAH) na Cidade do México.
- 1980: Inicia sua pesquisa sobre as raízes racionalista e empirista da antropologia, com períodos de pesquisa na França e nos EUA.
- 1981: Cria o doutorado em Antropologia Social da UnB.
- 1984-1986: Preside a ABA, em diretoria composta por Pedro Agostinho da Silva como secretário e Mariza Veloso como tesoureira.
- 1985: Se transfere para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), participa da criação do Doutorado interdisciplinar em Ciências Sociais e doa seus documentos para o Projeto História da Antropologia no Brasil desenvolvido na mesma instituição.
- 1988-1993: Se torna um dos vice-presidentes da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES), durante a presidência de Lourdes Arizpe.
- 1989: Se torna professor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 1990: Inicia o projeto colaborativo sobre os Estilos de Antropologia.
- 1991: Recebe o prêmio Anísio Teixeira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

- 1991-1996: Se aposenta na Unicamp e se mantém como professor convidado, lecionando pontualmente nesse período também no Museu Nacional, na USP, na UnB e na Universidade de Barcelona.
- 1993-1997: Preside a Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA), em diretoria com Teresa Rojas Rabiela como secretária.
- 1996: Retorna para a UnB, se vinculando ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre Américas (CEPPAC).
- 1998: Se torna professor emérito da Unicamp.
- 2003: Se torna professor *honoris causa* da UnB e recebe o prêmio Roquette-Pinto da ABA.
- 2006: Falece em Brasília.
- 2010: É criada a Cátedra Internacional Roberto Cardoso de Oliveira (CIESAS/Unicamp).

## Produção bibliográfica de Roberto Cardoso de Oliveira

### Livros:

- *O processo de assimilação dos Têrena* (1ª edição). Rio de Janeiro: Edição Museu Nacional, 1960.
- *O índio e o mundo dos brancos* (1ª edição). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.
- *Urbanização e Tribalismo: A integração dos índios Terena em uma sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- *O índio e o mundo dos brancos* (2ª edição). São Paulo: Editora Pioneira, 1972.
- *A Sociologia do Brasil indígena* (1ª edição). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1972.
- *Urbanización y Tribalismo: La integración de los indios Terêna a una Sociedad de Clases*. Ciudad de México: Instituto Indigenista Interamericano, 1972.
- *O índio e o bugre: O processo de assimilação dos Terena* (2ª edição). Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.
- *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.
- *A Sociologia do Brasil Indígena* (2ª edição ampliada). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978.
- *Marcel Mauss*. São Paulo: Editora Ática, 1979.
- *O índio e o mundo dos brancos* (3ª edição). Brasília: Editora da UnB, 1981.
- *Enigmas e Soluções: Exercícios de Etnologia e de Crítica*. Rio de Janeiro; Fortaleza: Edições Tempo Brasileiro; Editora Universidade Federal do Ceará, 1983.
- *A crise do indigenismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- *Sobre o pensamento antropológico* (1ª edição). Rio de Janeiro; Brasília: Edições Tempo Brasileiro; CNPq, 1988.
- *Razão e afetividade: O pensamento de Lucien Levy-Bruhl* (1ª Edição). Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1991.
- *A antropologia de Rivers*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- *Etnicidad y Estructura Social* (1ª Edição). Ciudad de México: CIESAS, 1992.

- *Estilos de Antropologia* (com Guilherme Raul Ruben). Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- *Ensaio de Antropológicos sobre Moral e Ética* (com Luís Roberto Cardoso de Oliveira). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.
- *O índio e o mundo dos brancos* (4ª edição). Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- *Sobre o pensamento antropológico* (2ª edição). Rio de Janeiro; Brasília: Edições Tempo Brasileiro; CNPq, 1997.
- *O trabalho do antropólogo* (1ª edição). Brasília; São Paulo: Paralelo 15; Editora da Unesp, 1998.
- *O trabalho do antropólogo* (2ª edição revista). Brasília; São Paulo: Paralelo 15; Editora da Unesp, 2000.
- *Os diários e suas margens: Viagens aos territórios Terêna e Tikúna*. Brasília, Editora da UnB, 2002.
- *Razão e afetividade: O pensamento de Lucien Levy-Bruhl* (2ª Edição). Brasília: Editora da UnB e Paralelo 15
- *Sobre o pensamento antropológico* (3ª edição). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2003.
- *Nacionalidade e Etnicidade em Fronteiras* (com Stephen Baines). Brasília: Editora da UnB, 2005.
- *Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo; Brasília: Editora as Unesp; Paralelo 15, 2006.
- *Etnicidad y Estructura Social* (2ª Edição). Ciudad de México: CIESAS; Universidad Autónoma Metropolitana; Universidad Iberoamericana, 2007.
- *El trabajo del antropólogo*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017

### **Capítulos de livros:**

- Totemismo Tukúna? *Mito e linguagem*. Rio de Janeiro: Edição Tempo Brasileiro, 1970. P. 52-64.

- Interethnic contact and the study of populations (com Luiz de Castro Faria). *The Ongoing evolution of Latin American populations*. EUA: Ch. Thomas Publ, 1971.
- Acomodação regional dos Terêna no regime de classes. *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1972. P. 35-45.
- Indigenous peoples and socio-cultural change in the Amazon Basin. *Man in the Amazon*. Gainesville: Florida University Press, 1974. P. 111-135.
- Dualismo Terêna. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976. P. 186-192.
- O papel dos postos indígenas no processo de assimilação. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976. P. 448-454.
- Articulación interétnica en Brasil. *Procesos de articulación social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1977. P. 282-304.
- Teses sobre o indigenismo. *Cultura Brasileira: Temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 1987. P. 191-198.
- A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia. *Pós-Modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987. P. 13-31.
- Identidade e diferença entre antropologias periféricas. *A antropologia na América Latina*. Ciudad de México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1990. P. 15-30.
- Un nuevo modelo de las relaciones interétnicas en Brasil. *Identidad cultural y modernidad: Nuevos modelos de relaciones culturales*. Barcelona, 1990.
- La politización de la identidad y el movimiento indígena. *Indianismo e Indigenismo en América*. Barcelona, 1990.
- Práticas interétnicas e moralidade. *Desenvolvimento e direitos humanos: A responsabilidade do antropólogo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. P. 55-66.
- Un nuevo modelo de las relaciones interétnicas en Brasil. *Hacia nuevos modelos de relaciones interculturales*. Ciudad de México: Consejo General para la Cultura y las Artes, 1993. P. 72-82.
- Ethnicity: What chance global ethics? *The cultural dimensions of global change: An anthropological approach*. Paris: UNESCO, 1996. P. 45-61.

- Discurso de Agradecimento. *Professor emérito da UNICAMP*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1999. P. 17-24.
- Antropologias periféricas “versus” antropologias centrais. *Professor emérito da UNICAMP*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1999. P. 25-50.
- Fronteras, naciones e identidades – Comentarios. *Fronteras, naciones e identidades – La periferia como centro*. Buenos Aires: Ediciones CICCUS; La Crujia, 2000. P. 321-332.
- Da comparação: A propósito de Carnavais, malandros e Heróis. *Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. P. 29-42.
- Sur le dialogue intolérant. *Chemins de la pensée: vers de nouveaux langages*. Paris : Éditions UNESCO, 2000. P. 241-248.
- Vicisitudes del "concepto" en América Latina. *Motivos de la antropología americanista: indagaciones en la diferencia*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2001. P. 73-84.
- Sobre o diálogo intolerante. *Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: Edusp; UNESCO; Fundação Alexandre Gusmão, 2001. P. 245-252.
- On intolerant dialogue. *Thinking at crossroads: in search of new languages*. Paris: UNESCO, 2002. P. 229-236.
- O mal-estar da antropologia prática. *Antropologia e ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. P. 21-32.
- El movimiento de los conceptos en la antropología. *La antropología brasileña contemporánea: Contribuciones para un diálogo latinoamericano*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2004. P. 35-52.

#### **Artigos:**

- Preliminares de uma pesquisa sobre assimilação dos Terena. *Revista de Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 173-188, 1957.
- A política indigenista brasileira e o Serviço de Proteção aos Índios. *Revista Brasiliense*, n. 9, p. 72-87, 1957

- Aspectos demográficos e ecológicos de uma comunidade Terena. *Boletim do Museu Nacional*, n. 18, p. 1-22, 1958.
- Urbanização sem assimilação. *Ciência e Cultura*, v. X, n. 3, p. 130-132, 1958.
- A situação atual dos Tapirapé. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, n. 3, p. 1-11, 1959.
- Matrimônio e solidariedade tribal Terena: Uma tentativa de análise estrutural. *Revista de Antropologia*, v. 7, n.1-2, p. 31-48, 1959.
- The role of indian posts in process of assimilation: Two case studies. *América Indígena*, v. XX, p. 89-95, 1960.
- Marriage and Terena tribal solidarity. *América Indígena*, v. XXI, n. 3, p. 233-252, 1961.
- Grupo doméstico, família e parentesco: Ideias para uma pesquisa em antropologia. *Boletim do Museu Nacional*, n. 19, p. 1-14, 1961.
- Bases para uma política indigenista. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 10, p. 130-159, 1961.
- Aliança inter-clânica na sociedade Tukúna. *Revista de Antropologia*, v. 9, n. 1-2, p. 15-35, 1961.
- A situação dos Tukúna e a proteção oficial. *Anhembi*, v. XLIV, n. 132, p. 471-477, 1961.
- Pós-graduação em antropologia no Museu Nacional. *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, p. 237-350, 1962.
- Estudos de áreas de fricção interétnica no Brasil. *América Latina*, v. V, n. 3, p. 85-90, 1962.
- Aculturação e fricção interétnica. *América Latina*, v. 5, n. 2, p. 33-46, 1963.
- Combinatory Analysis. *Current Anthropology*, v. 5, n. 2, p. 104-105, 1964.
- Totemismo Tukuna. *Beitragen zur Volkerkunde Sudamerikas*, v. 10, n. 1, p. 231-248, 1964.
- Totemismo Tukuna? *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, v. 11, n. 1, p. 5-22, 1965.
- O índio na consciência nacional. *Comentário*, v. 6, n. 2, p. 126-131, 1965.
- A noção de colonialismo interno na etnologia. *Tempo Brasileiro*, v. 4, n. 8, p. 105-112, 1966.
- O dualismo Terena. *Revista do Museu Paulista*, v. XVI, p. 255-262, 1966.
- O índio na consciência nacional. *América Indígena*, v. XXVI, n. 1, p. 45-52, 1966

- Informe sobre a integração do ensino nas pesquisas antropológicas. *Anuário Indigenista*, v. XXVII, p. 47-53, 1967.
- Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: Sugestões para uma metodologia. *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, v. IV, n. 1, p. 41-91, 1967.
- Estruturalismo e estruturalistas na antropologia social. *Tempo Brasileiro*, n. 15-16, p. 82-86, 1967.
- Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica. *América Indígena*, v. 28, n. 2, p. 339-388, 1968.
- O desenvolvimento dos grupos silvícolas no Brasil. *Anuário Indigenista*, v. 28, n. 2, p. 339-388, 1968.
- L'indio nella coscienza nazionale. *Aut-Aut*, v. 5 n. 190-110, p. 55-65, 1969.
- Aculturação. *Enciclopédia Delta-Larousse*, v. 1, p. 85-86, 1970.
- Genetic aspects of the demography of brazilian Terêna indians (com Francisco M. Salzano). *Social Biology*, v. 17, n. 3, p. 217-223, 1970.
- Por uma sociologia do campesinato indígena no Brasil. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 32, n. 3, p. 217-223, 1970.
- Identidad étnica, identificación y manipulación. *América Indígena*, v. 31, n. 4, p. 923-953, 1971.
- Por uma sociologia do campesinato indígena no Brasil. *Universitas – Universidade Federal da Bahia*, n. 6-7, 1971.
- O contacto interétnico e o estudo de populações (com Luiz de Castro Faria). *Revista de Antropologia*, v. 17-20, n. 1, p. 31-48, 1972.
- Indigenismo ou colonialismo. *Revista di...Fusão – Escola de Sociologia e Política de São Paulo*, 1972.
- Um conceito antropológico de identidade. *ALTER- Jornal de estudos psicodinâmicos*, v. 3, n. 4, p. 208-219, 1973.
- Povos indígenas e mudança sócio-cultural na Amazônia. *Debate & Crítica – Revista semestral de Ciências Sociais*, n. 2, p. 133-160, 1974.

- Possibilidades de uma antropologia da ação entre os “Tukuna”. *Trabalhos de Ciências Sociais*, n. 11, 1975.
- Reconsiderando etnia. *Trabalhos de Ciências Sociais*, n. 12, 1975.
- Antropologia e filosofia. *Anuário Antropológico*, v. 76, n. 1, p. 250-206. 1977.
- Leach e Lévi-Strauss. *Anuário Antropológico*, v. 76, n. 1, p. 243-259, 1977.
- Posibilidad de una antropología de acción entre los Tukuna. *América Indígena*, v. 37, n. 1, p. 145-169, 1977.
- Leitura de Mauss. *Trabalhos de Ciências Sociais*, n. 19, 1977.
- Positivismo e construção de modelos na antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 77, n. 1, p. 173-182, 1978.
- Terena: A poor example of the emancipatable indian. *Brazil – Special Report*, v. 1, n. 1, p. 40-42, 1979.
- Identidade e estrutura social. *Anuário Antropológico*, v. 78, n. 1, p. 243-263, 1980.
- Teses sobre o indigenismo brasileiro. *Anuário Antropológico*, v. 79, n. 1, p. 121-178, 1981.
- Deve o Summer permanecer no Brasil? *Religião & Sociedade*, p. 66-67, 1981.
- Indian movements and indianism in Brazil. *Newsletter*, v. 5, n. 1, p. 12-13, 1981.
- Etnia e estrutura de classes. *Anuário Antropológico*, v. 79, n. 1, p. 57-78, 1981.
- Movimientos indígenas e indigenismo en Brasil. *América Indígena*, v. XLI, n. 3, p. 399-405, 1981.
- O enigma das máscaras. *Anuário Antropológico*, v. 80, n. 1, p. 281-288, 1982.
- Introdução – Simpósio: Os rumos da antropologia na América Latina. *Anuário Antropológico*, v. 80, n. 1, p. 187-190, 1982.
- Sociedade plural e pluralismo cultural no Brasil. *Tempo Brasileiro*, n. 71, p. 7-17, 1983.
- As categorias do entendimento na formação da antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 81, n. 3, p. 125-146, 1983.
- Entre o estruturalismo e a hermenêutica, *Anuário Antropológico*, v. 82, n. 1, p. 289-294, 1984.
- Tiempo y tradición: Interpretando la antropología. *RUNA*, v. XIV, n. 3, p. 11-22, 1984.

- A categoria de causalidade na formação da antropologia. *Trabalhos de Ciências Sociais*, n. 42, 1984.
- A categoria de causalidade na formação da antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 83, n. 1, p. 11-52, 1985.
- Tempo e tradição: Interpretando a antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 84, n. 1, p. 191-203, 1985.
- O que é isso que chamamos de antropologia brasileira? *Anuário Antropológico*, v. 85, n. 1, p. 227-246, 1986.
- Mining and indianism in Brazil. *Cultural Survival*, v. 10, n.1, p. 27-28, 1986.
- Leitura de uma perspectiva antropológica. *Tempo Brasileiro*, n. 90, p. 95-108, 1987.
- A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 86, n. 3, p. 57-73, 1988.
- Prácticas interétnicas y moralidad: Por un indigenismo (auto)crítico. *América Indígena*, v. L, n. 4, p. 9-26, 1990
- O saber, a ética e a ação social. *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia*, v. XIII, n. 2, p. 7-22, 1990.
- Universalidade e singularidade da antropologia. *ALA Quarterly Newsletter*, v. 1, n. 1, p. 4-6, 1992.
- Rememorando um programa. *Antropologia Social – Comunicações do PPGAS*, n. 2, p. 45-46, 1992.
- O movimento dos conceitos na antropologia. *Revista de Antropologia*, v. 36, p. 13-31, 1993.
- Etnicidad y las posibilidades de una ética planetaria. *Antropológicas – Revista de difusión del Instituto de Investigaciones Antropológicas*, n. 8, p. 18-23, 1993.
- Cultural relativism and philosophy: North and Latin American perspective. *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia*, v. XVI, n. 1, p. 207-2016, 1993.
- A honra acadêmica (ou da condição de emérito). *Anuário Antropológico*, v. 92, p. 33-48, 1994.
- Antropologia e moralidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 9, n. 24, p. 110-121, 1994.

- Antropologia e a crise dos modelos explicativos. *Estudos Avançados*, v. 9, n. 25, p. 228-313, 1995.
- Identidade catalã e ideologia étnica. *Mana*, v. 1, n. 1, p. 9-47, 1995.
- A dupla interpretação na antropologia. *Anuário Antropológico*, v. 94, p. 9-20, 1995.
- Etnicitat i les possibilitats d'una ètica planetària. *Revista d'etnologia de Catalunya*, v. 8, p. 78-94, 1996.
- O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.
- O ensino antropológico de Florestan Fernandes: Recordações de um ex-aluno. *Revista USP*, v. 29, p. 66-71, 1996.
- La antropología latino-americana y la crisis de los modelos explicativos: Paradigmas y teorías. *Maguare – Revista del Departamento de Antropología*, v. 11-12, p. 9-23, 1996.
- Sobre o diálogo intolerante. *Tempo Brasileiro*, v. 130-131, p. 31-38, 1997.
- O lugar (e em lugar) do método. *Ideias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp*, v. 1-2, p. 174-178, 1997.
- Identidade, etnicidade e nacionalidade no Mercosul. *Política Comparada – Revista Brasiliense de Políticas Comparadas*, v. 1, n. 2, p. 9-20, 1997.
- El trabajo del antropólogo: Mirar, escuchar, escribir. *Etnostoria del Centro Internazionale di Etnostoria*, v. 2, p. 67-83, 1998.
- Tükúna, 1959: Excertos de um diário de campo. *Amazônia em Cadernos*, v. 5, p. 1-12, 1999.
- Ação indigenista, etnicidade e o diálogo interétnico. *Estudos Avançados*, v. 14, n. 40, p. 213-230, 2000.
- Peripheral anthropologies versus central anthropologies. *Journal of Latin American Anthropology*, v. 4, n. 5, p. 10-30, 2000.
- Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 42, p. 7-21, 2000.
- Los (des)caminos de la identidad. *Apuntes de Investigación de Cecyn*, ano 5, n. 7, p. 9-29, 2001.
- O eu, suas identidades e o mundo moral. *Anuário Antropológico*, v. 99, n. 1, p. 11-25, 2002.

- Ética, pesquisa e política indigenista. *Tempo Brasileiro*, v. 151, p. 135-146, 2002.
- Reconsiderando etnia. *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2, p. 133-148, 2003.
- Identidade étnica, identificação e manipulação. *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2m p. 117-132.
- Cinco décadas de reuniões e a consolidação do campo antropológico. *Anuário Antropológico*, v. 2003, n. 1, p. 9-25, 2004.
- El trabajo del antropólogo: Mirar, escuchar, escribir. *Avá*, v. 5, n. 1, p. 55-68, 2004.
- Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral. *Revista Antropológicas*, v. 16, n. 2, p. 4-40, 2005.
- El indio en la conciencia nacional. *Bricolaje*, v. 3, n. 8, p. 88-94, 2005.